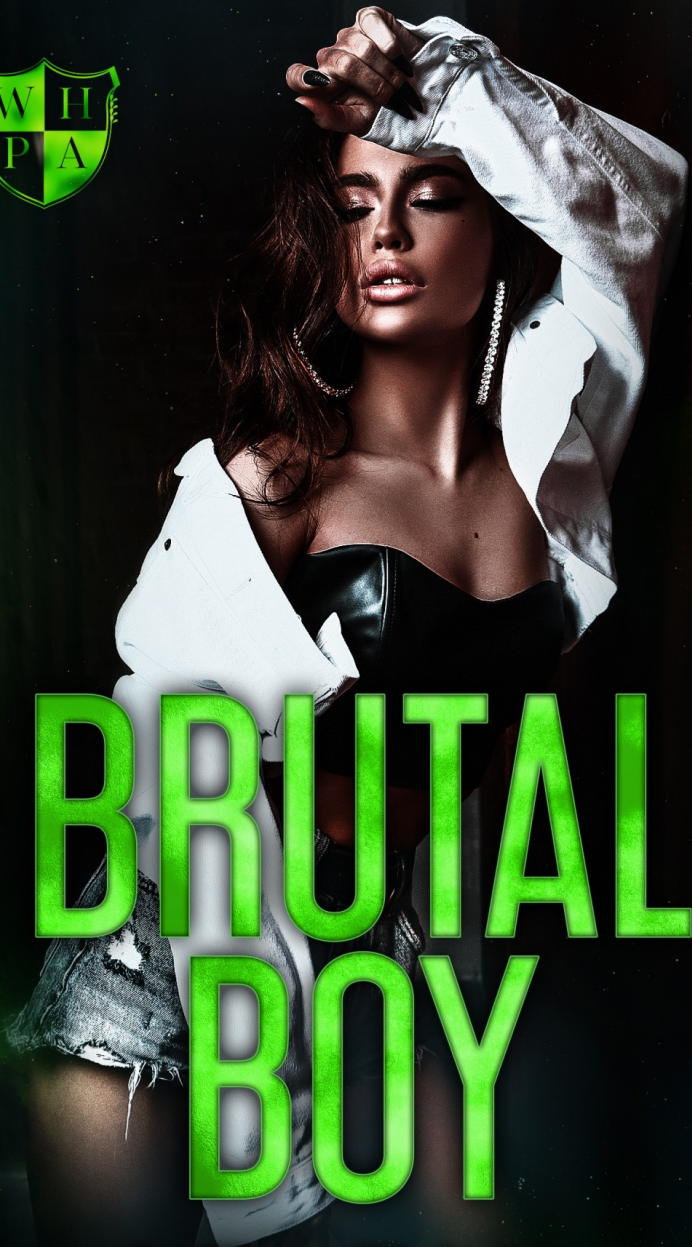


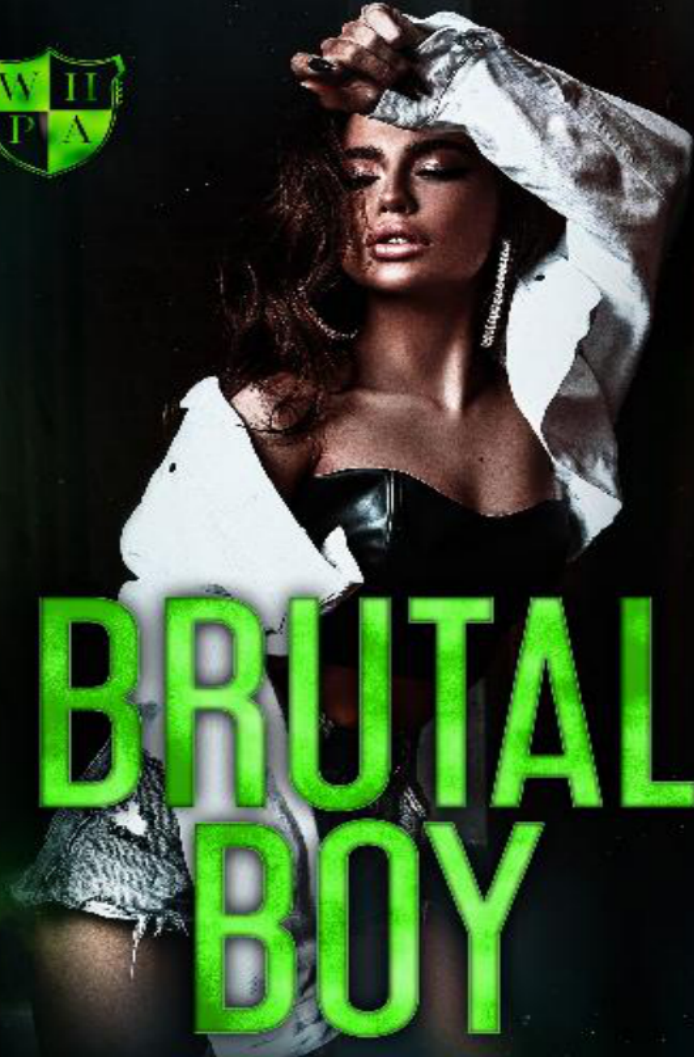


BRUTAL BOY

SELENA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

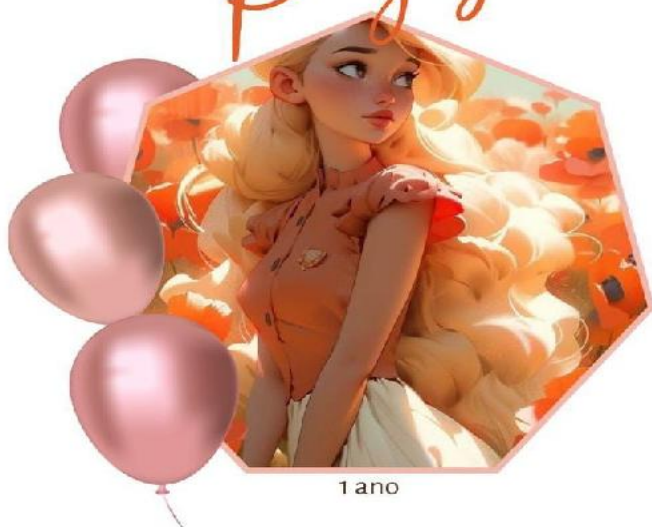
A photograph of Selena Gomez. She is wearing a white, torn-up button-down shirt over a black corset. She has long, dark, wavy hair and is looking directly at the camera with a slight smile. Her right hand is raised, holding the collar of her white shirt. The background is dark and textured.

BRUTAL BOY

SELENA

ENCHANTED

Pages



1 ano

↪ Tradução: Livia

↪ Revisão: Camila

↪ Conferência: Allib

↪ Formatação: Thame

AVISO

Essa presente tradução é de autoria pelo grupo Enchanted Pages. Nosso grupo não possui fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado. Traduzimos livros com o objetivo de acessibilizar a leitura para aqueles que não sabem ler em inglês.

Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

- ↻ Não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais;
- ↻ Não comente com o autor que leu este livro traduzido;
- ↻ Não distribua este livro como se fosse autoria sua;
- ↻ Não faça montagens do livro com trechos em português;
- ↻ Não poste – em nenhuma rede social – capturas de tela ou trechos dessa tradução.

Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido desse grupo.

Caso esse livro tenha seus direitos adquiridos por uma editora brasileira, iremos excluí-lo do nosso acervo.

Em caso de denúncias, fecharemos o canal permanentemente.

Meu nome é Harper Apple, e as pessoas dizem que sou podre até a medula.

Eu não sou a única.

Os meninos Dolce não são apenas alphaholes perigosos, privilegiados e ricos. Eles são uma gangue de três psicopatas apoiados por um bando de facilitadores e adorados por suas fangirls.

E eu quero entrar.

Quando testemunhei sua violência chocante e desequilibrada em primeira mão, sei que não posso deixá-los continuar a arruinar vidas como fizeram nos últimos anos. Eu tenho que pará-los. Se eles são poderosos demais para serem derrubados pelos fundadores da cidade, como pode uma garota do lado errado dos trilhos ter uma chance?

A resposta é fácil.

Tem que ser um trabalho interno.

Eles não estão prestes a abrir seu círculo exclusivo para pessoas como eu, mas se eu jogar minhas cartas da maneira certa, posso entrar com os meninos Dolce. Mas o que uma garota sem nada a perder pode oferecer a um garoto que tem tudo?

E quando eu descobrir, estarei disposta a pagar o preço do ingresso?

Este é o livro 2 de uma série e não pode ser lido sozinho. Ele contém material de gatilho e é recomendado para leitores maiores de 18 anos

Aviso de gatilho: O mundo de Faulkner é sombrio, sombrio e às vezes fodido. Os livros colocados aqui podem conter qualquer um dos seguintes gatilhos: trapaça, dub-con, non-con, abuso, agressão, estupro, coerção, compartilhamento, suicídio, feminismo sem remorso, negligência, adultos usando crianças para seus próprios ganhos, crianças ricas sem consequências, crianças pobres sem nada a perder e pessoas vivendo em extrema pobreza, fazendo coisas para sobreviver e escapar que podem deixar os leitores sensíveis desconfortáveis.

Se você não gosta da ideia de adolescentes participando de atos questionáveis, como sexo desprotegido, violência, violência sexual, drogas, pornografia, jogos de azar, bullying e outros atos de devassidão e desespero, esta série não é para você. Além disso, se você se sentir ofendido por pessoas usando o nome do Senhor em vão ou a palavra *boceta*, por favor, devolva este livro para um reembolso. Esta autora provavelmente não é para você.

Por fim, esta é uma obra de FICÇÃO. Não retrata um relacionamento saudável nem se destina a isso. Se é isso que você está procurando, romance sombrio pode não ser para você.

Basta entrar, digo a mim mesma. Não é grande coisa. Você fez isso ontem. Qualquer um que tenha algo a dizer pode se foder.

Estou ao lado do bicicletário do lado de fora do imponente prédio de pedra da Willow Heights Preparatory Academy, ironicamente chamado porque não há um lugar em Faulkner, Arkansas, que possa ser chamado de ponto alto de qualquer coisa que não seja degradação. Eu aperto minhas mãos em punhos, lembrando a mim mesma que sou mais forte do que qualquer um nesta porra de lugar. Eu quero sair desta cidade, e esta é a minha passagem, e eu serei amaldiçoada se permitir um bando de idiotas tirarem isso de mim.

Ainda assim, não consigo mover meus pés, mesmo quando o trovão ressoa nas nuvens escuras acima, ameaçando soltar uma garoa fria em resposta à minha covardia. Estou congelada ao lado da bicicleta cara que um daqueles idiotas me deu, e ainda estou andando porque foda-se se não vou conseguir algo com o que eles fizeram comigo. Como não consegui impedir que o vídeo vazasse, uma bicicleta é tudo o que tenho.

Eu posso fazer isso. Eu sei que sou forte o suficiente.

Eu entrei no outro dia, depois que Royal Dolce, o babaca real, fodeu meu rosto enquanto seus irmãos me despiram e me seguraram de joelhos no chão de pedra do porão. Entrei no dia seguinte, sem saber que todo mundo tinha visto o vídeo comigo chupando meu antigo professor de matemática. Entrei no dia seguinte, pensando que começaria a diminuir. Mas está piorando a cada dia, e agora é sexta-feira, quando todos os jogadores de futebol serão tratados ainda mais como deuses do que o normal, e suas garotas, Dolce, todas usam camisetas com seus números como se aqueles garotos não fossem fazer exatamente a mesma coisa com elas, como fizeram comigo, e eu simplesmente... Não posso.

O sino toca, um carrilhão suave que soa tão doce que você nunca saberia que monstros espreitam nos corredores de Willow Heights.

Sim, sou forte o suficiente. Eu poderia entrar.

Eu só não quero. Eu quero virar e ir embora.

Não, eu quero correr.

Eu quero me virar e fugir dessa porra de lugar e de todas as vadias nele – as garotas que fizeram questão de tornar minha vida um inferno desde que cheguei

vestindo todas as roupas erradas, os psicopatas perigosos que dizem aos professores o que fazer e tratam as meninas como cachorras, e a administração idiota que não faz nada para mudar isso porque os pais desses idiotas pagam os salários de todos neste lugar.

Quero correr de volta para Faulkner High, onde ser coagida a chupar um professor foi a pior coisa que me aconteceu. Onde eu posso não ter amigos, mas pelo menos a escola inteira não estava cheia de inimigos.

Não importa o que eu quero, no entanto.

Como Gloria me lembrou, não sou uma corredora. Eu sou uma lutadora.

Mas toda a luta parece ter sido sugada para fora de mim esta semana, e não há nenhuma líder de torcida para me dar uma conversa estimulante hoje. Pego a bicicleta que tranquei quando ainda achava que poderia enfrentar a multidão cautelosa.

— Mas já faltando à escola? — se arrasta uma voz masculina atrás de mim.

Eu quase pulo para fora da minha pele, meu coração batendo forte e meus punhos levantando automaticamente enquanto eu giro, leve nas pontas dos meus pés.

Colt Darling — o menino rebelde tatuado e a coisa mais próxima de um amigo que eu tenho — para na calçada, sobrelanceada enquanto ele reconhece minha posição de luta. À primeira vista, você pensaria que ele se encaixa perfeitamente no mundo de riqueza e privilégio dentro desses salões. Óculos de grife empoleirados em cima de seu cabelo loiro comprido, sua camisa provavelmente custa mais do que todas as roupas que possuo, e sua mão esquerda descansa casualmente no bolso de seu jeans Diesel.

Um olho crítico capta todas as coisas que você não vê quando passa por cima dele, supondo que ele se encaixe. Acima da gola de sua camisa cara, seu pescoço está tatuado até o queixo. A mão escondida em seu bolso também tatuada, a tinta cobrindo cicatrizes de queimadura que se estendem pela mão e pelo pulso até o antebraço. Falta um dedo. Os dois primeiros dedos da mão direita estão tingidos de manchas de tabaco.

— Foda-se, — eu estalo quando vejo seu sorriso levemente divertido. — Se você quer ir embora com suas bolas intactas, não se aproxime de uma garota assim.

— Cuidado com a companhia? — ele fala arrastadamente com aquele sotaque sulista refinado que é tão elegante que você pensaria que ele saiu de um

filme Antebellum¹. Colt fala devagar, anda devagar enquanto se move em minha direção, sobranceira levantada com indiferença entediada. Mas sob o exterior blasé cuidadosamente cultivado, sei que ele se importa com alguma coisa. Só não tenho certeza de que sou eu.

— O que você tem em mente? — Eu pergunto, soltando meus punhos e jogando meu cabelo para trás. Eu o encaro bem nos olhos, desafiando-o a dizer algo sobre o vídeo que os Dolces lançaram.

— Eu disse que te daria algumas roupas, — diz ele, deixando seu olhar fazer uma varredura preguiçosa sobre mim. — Você pode ir à minha casa, e eu vou te dar um banho de roupas.

Eu não posso deixar de rir da imagem do bad boy, coordenador de ringue de luta Dynamo me dando um banho de roupas como uma garota em um filme ruim dos anos 90. — Vamos trançar o cabelo uma da outra também? — Eu pergunto. — E pintar nossas unhas?

— Talvez, — ele diz com um pequeno encolher de ombros, abrindo um sorriso de volta para mim. — Nós vamos ter uma guerra de travesseiros pelados?

— Eu não acho que lutas de travesseiro aconteçam enquanto se está nu, — eu aponto. — Muito disso é apenas blefe.

— Sinto que deveria estar ofendido, — diz ele. — Mas vou me contentar com calcinha e camiseta, sem sutiã.

Eu gesticulo para o meu peito. — De novo, flopando.

— Essas pequenas coisas não vão fracassar, — diz ele. — Elas saltam. Eu vou te mostrar.

— Sem promessas.

— Então você não pode trançar meu cabelo, — diz ele, balançando a cabeça solenemente.

— Uma verdadeira tragédia.

Um trovão baixo e distante soa em algum lugar ao longe, e Colt aponta o queixo em direção ao estacionamento. — Então, que tal, Appleteeny? Você vem? Meus pais não estão em casa.

Ele mexe as sobranceiras, como se isso devesse me atrair. Às vezes eu esqueço que as pessoas têm pais funcionais e realmente me preocupo com essas

coisas. Eu só me importo com a minha mãe estando em casa é se ela e um dos seus namorados forem bater a cabeceira da cama contra a parede. Mas então, não é como se eu levasse amigos, de qualquer maneira.

Dou mais uma olhada no prédio e depois me viro, enfiando os polegares nas alças da mochila. Uma coisa era voltar depois de chupar Royal. Sim, os Dolce se certificaram de que todos os vissem me arrastar até lá, para que eu fosse humilhada publicamente quando saísse. Eles queriam que o público me mostrasse que ninguém os impediria ou mostrasse a todos que ninguém está isento do tratamento real, como Duke o chamava. Mesmo assim, se metade do que ouvi é para ser acreditada, quase todas as garotas de Willow Heights já tiveram um pinto Dolce na boca em algum momento. Inferno, a maioria das garotas cairia de joelhos e se abriria se tivessem a chance de fazer isso de novo.

Mas entrar em uma escola onde todo mundo me viu chupando um pau velho e enrugado? Isso é diferente. Não há nenhuma maneira de eu ser invisível agora. Esta semana provou isso. Eu sempre serei a puta da escola, o escândalo, uma aberração nojenta. É uma coisa estranha de sexo, então todo mundo está obsessivamente fascinado com isso. É um milagre que eu tenha durado até sexta-feira, já que o vídeo vazou na terça.

Não, não *vazou*. Isso faz parecer que ninguém é responsável.

O Dolce vazou. De propósito.

Quando chegamos ao estacionamento, estou chateada de novo. Gotas gordas e frias de chuva começam a cair em nossos ombros enquanto corremos.

— Ei, espera, — eu digo, agarrando o cotovelo de Colt. Eu arranco as chaves de sua mão e faço um pequeno desvio em direção aos lugares de estacionamento primos na frente do estacionamento onde três carros pretos estão - um Tesla pequeno e elegante, um Range Rover e um Hummer gigante que eu diria que compensava para algo se eu já não tivesse visto o pau de Duke e pudesse testemunhar que ele não tem nada para compensar.

— Que diabos... — Colt protesta, mas eu já estou tirando uma das chaves do seu anel. Eu tomo o caminho entre o Rover e o Tesla, uma emoção imprudente subindo no meu peito enquanto eu enfio as chaves na pintura de cada lado de mim e caminho pelo comprimento dos carros. Eu fecho meus olhos por um segundo, segurando a pura satisfação do momento. Isso é uma merda de nível ASMR2 ali.

Passo pelos carros, enrolo a chave extra de volta no chaveiro de Colt e as jogo de volta para ele.

— Opa, — eu digo, com uma mola no meu passo que não estava lá um minuto atrás. Subo no Denali de Colt, mal registrando as gotas frias de chuva escorrendo pelo meu couro cabeludo, e jogo minha bolsa no banco de trás.

— Você é louca pra caralho, Teeny, — ele diz, pulando no lado do motorista. Os limpadores continuam, e meu coração dá um pulo quando vejo alguém do lado de fora da escola. Mas é apenas alguém chegando atrasado, não um Dolce vindo me matar.

Ligo o rádio, passando as músicas até ouvir o “November Rain” bem cronometrado. Eu ligo, mas Colt aperta o botão, desligando-o completamente. Ele franze a testa para mim, descansando um braço ao longo do volante. — Harper, os Dolces são perigosos. Não de um jeito fofo, isso é um jogo.

— Você acha que eu não sei disso? — Eu pergunto, olhando para ele. — O que eu devo fazer, Colt? Ficar de joelhos e chupa-los toda vez que eles perguntarem? Rolar e morrer? Olhe para mim. Eu não tenho nada. Eu não *soo* nada. Luto sujo não porque é a única maneira de vencer, mas porque é a única maneira de revidar, e ponto final.

— Você não pode lutar contra eles, — diz ele calmamente. — Acredite em mim, eu sei. Você é uma garota. Eles derrubaram toda a minha família — a família mais poderosa da cidade. E também não era uma família pequena. O que você acha que eles vão fazer com uma pessoa?

— Aqui está a coisa, no entanto, — eu digo. — Você acha que estou jogando para ganhar. Eu não me importo em ganhar. Eu me importo em sobreviver.

— Se você sabe que vai perder de qualquer maneira, por que piorar as coisas retaliando? — ele pergunta. — Se você fizer o que eles querem, sim, eles vão se divertir com você, mas vão ficar entediados se você não revidar, e vão te deixar em paz.

— Como você? — Eu pergunto.

Ele apenas me encara, sua mandíbula dura, seus lábios selados.

— Depois que eles tiraram tudo de você, eles deixaram você em paz, — eu digo. — Depois que eles tiraram sua carreira no futebol, seu dedo, sua namorada, seus amigos...

— Ainda estou aqui, não estou? — Sua voz é dura, e eu sei que estou irritando ele.

— Diga-me que vale a pena.

Olhamos um para o outro por um longo momento, e então ele muda de direção, e saímos do estacionamento, os limpadores de para-brisa jorrando água do pára-brisa a cada golpe.

— Você está piorando as coisas para si mesma, — diz ele depois de um minuto.

— E você está tornando isso muito fácil para eles, — eu digo. — Se eles vão me matar de qualquer maneira, por que não dar a eles um gosto de seu próprio veneno antes de eu ir?

Ele balança a cabeça e não diz nada. Ligo o rádio novamente, aumentando o volume e cantando junto. Depois de algumas linhas, Colt balança a cabeça e sorri para as minhas travessuras. Então, ele se junta, cantando o hino dramático comigo. Uma onda de euforia cresce dentro de mim enquanto compartilhamos este momento, mesmo sabendo que ele está certo. Eles vão me fazer pagar por isso. Mas por que eu não deveria fazê-los pagar pelo que fizeram comigo? Eles merecem isso. Não estou apenas me vingando. Estou comprando a briga por Gloria, suas irmãs, Quinn e todas as outras garotas que eles machucaram.

Neste momento, não quero pensar nas consequências. Não quero pensar em nada. Quero fazer o que fiz na noite de Halloween, quando saí de uma festa com Royal. Eu entendo minha mãe muito bem neste momento.

Eu entendo o canto da sereia de uma garrafa, como estar na beira de um penhasco e de repente ser preenchida com uma onda de ousadia, uma vontade irresistível de pular. Eu sei que ceder me deixaria exatamente onde mamãe está, presa nesta cidade infernal com uma filha que ela não quer. Mas Deus, o que eu não daria para ficar chapada e foder meus miolos só para esquecer por um momento, uma hora, um dia, como uma garota que não se importa.

Nós dirigimos para o norte, saindo da cidade, além do bairro dos Dolces, por uma estrada sinuosa de duas pistas e depois por um trecho de cascalho, até que finalmente paramos em uma área de estacionamento de cascalho ao lado de uma casa. Eu posso ver o deck de trás daqui, completo com o que parece ser um bar ao ar livre, e a varanda da frente. Enquanto olhamos pelo para-brisa para a chuva, uma estranha sensação de *déjà vous* me percorre como um arrepio.

— Podemos ficar sentados aqui até a chuva passar, — diz Colt. — Posso pensar em algumas maneiras de ocupar nosso tempo.

— Como fumar um baseado?

— Claro, — diz ele, levantando os quadris para procurar no bolso da calça jeans, o que me deixa olhando diretamente para sua virilha. — Ou você poderia me dar um BJ³.

Eu olho para ele. Eu ouvi essa merda a semana toda, um desfile incessante e exaustivo de caras me olhando de soslaio e pedindo boquete. — Por favor, me diga que isso não tem nada a ver com esse vídeo.

— Ah, eu vi o vídeo, — diz ele. — Todo mundo viu o vídeo, Teeny. Mas não. Eu já queria que você chupasse meu pau bem antes de eu ver isso.

Eu balanço minha cabeça, mas não posso deixar de sorrir. Tenho que amar sua honestidade.

Ele acende um e inala antes de entregá-lo para mim. — Fume—, diz ele, com fumaça saindo de sua boca enquanto ele fala. — Talvez você fique com tosse e mude de ideia.

— Nunca vai acontecer, — eu digo, tomando um golpe e passando de volta.

Ele recarrega, e nós fumamos em um silêncio amigável por um tempo. Ainda está chovendo quando saímos, mas estamos chapados demais para nos importarmos com as gotas de gelo caindo do céu cinza. Pego minha bolsa e corremos pelo cascalho até a varanda da frente, onde Colt destranca a porta e me puxa para dentro. Nós dois estamos sem fôlego e rindo um pouco, e os olhos azuis cintilantes de Colt são tão convidativos, eu quero pular. Eu quero ser minha mãe, fazer algo estúpido, algo fácil e descomplicado, algo que não significaria nada para nenhum dos dois.

— Vamos, — diz Colt, pegando minha mão e me puxando pelas escadas. — Eu vou te mostrar as coisas da minha irmã. Você pode pegar o que quiser.

A casa é grande e muito mais nova que a minha, mas não é ultrajante, como algo saído de um programa de TV sobre celebridades ostentando sua riqueza.

— Tem certeza que ela não vai se importar que você dê as roupas dela? — Eu pergunto quando chegamos ao topo das escadas.

— Ela nunca vem para casa, — diz ele, abrindo uma porta e me puxando para dentro do quarto. Tem um cheiro estéril, como se ninguém estivesse aqui há meses. Parece um quarto de hóspedes, com tudo arrumado e sem uso. Não há quadro de avisos com fotos de Mabel Darling e seus amigos e familiares, nem troféus ou prêmios, embora Dixie tenha me dito que ela era inteligente e envolvida em muitas atividades escolares. Um porta-retratos digital está deitado

sobre a cômoda, como se tivesse sido retirado antes mesmo de as pilhas acabarem. Nenhum pôster de estrelas de cinema ou atletas ou *apenas 5 caras* adornam as paredes. Parece o quarto de uma garota que foi embora, nunca planejando voltar.

— Sinto muito, — eu digo a Colt, mas ele já passou por mim no quarto. Ele abre as portas duplas do armário, e meu primeiro pensamento é menos do que grato - por que diabos ele pensaria que eu quero essas roupas?

Não é que elas não sejam novas ou legais, é que elas não são *eu*.

Mas então, eu acho que esse é o ponto. Não me encaixo em Willow Heights. Ele está tentando me ajudar. É por isso que ele chamou para o banho de roupa. Ele não está apenas me dando algumas roupas novas que eu escolheria para mim. Ele está me dando um novo visual, a chance de começar de novo. Ser uma garota que não faz boquetes em velhos no banco de trás dos carros.

As roupas estão penduradas em ordem ordenadamente organizada e codificada por cores. Eu penso na minha própria cômoda com as gavetas puxadas em ângulos estranhos, camisetas derramando delas; meu armário com camisas penduradas na metade dos cabides e sapatos velhos chutados no canto de trás para esconder meu estoque de dinheiro.

Eu alcanço a seção de calças, que contém vários pares de calças brancas, um punhado de calças cáqui, depois alguns bege, dois tons de marrom, um punhado de azul marinho e um punhado de preto. Fale sobre um guarda-roupa de neutros – ou personalidade zero. Puxando uma calça cáqui, eu as seguro contra mim e luto contra a vontade de rir. Ou essas roupas são de muito tempo atrás, ou Mabel Darling é pequena como uma criança. Não tem como minha bunda gorda se encaixar nisso.

Eu coloco a calça cáqui de volta e tiro uma calça preta. O mesmo corte reto.

— Eu não acho que estes vão caber em mim, — eu admito. — Sua irmã era muito mais magra do que eu.

— Ela gostava de reclamar sobre sua falta de bunda, — Colt reflete. — E você tem isso de sobra. Mas eu aposto que algo aí vai caber em você. Experimente um top.

Ele passa por mim, sua outra mão descansando na parte inferior das minhas costas, seu corpo roçando o meu enquanto ele estica um braço para pegar uma camisa. Eu me assusto com o contato, e ele ri antes de segurar a camisa contra a minha frente, ainda de pé tão perto que posso sentir o calor de seu corpo nas

minhas costas. Não me deixa louca do jeito que o toque de Royal faz, mas também não é indesejável. Eu gosto de Colt, talvez não do jeito que eu gosto de Royal, mas ele é sexy e fácil e eu não sinto que estou me afogando toda vez que ele está perto de mim. É bom se sentir desejada, se sentir sexy, em vez de ser dito que sou uma puta inútil pelo cara que me toca.

Eu pego a camisa de sua mão e vou até o espelho, segurando-a e ignorando o que ele acabou de fazer. Minha cabeça está embaçada por causa do baseado, e sei que estou tomando decisões terríveis hoje, mas não consigo parar. De sair da escola, riscar os carros dos Dolces, estar aqui sozinha com um garoto que mal conheço... Não Estou muito bem hoje.

— Talvez, — eu digo em dúvida. Não porque não vai caber — eu não tenho peitos para falar, então isso não é um problema — mas porque parece exatamente o oposto de algo que eu usaria. Ela tem mais algumas cores de camisas para escolher — pastel, bem como as cores neutras de suas calças — mas todas são camisas sociais de botão, com algumas blusas simples no final.

— Experimente, — diz Colt, sorrindo para mim.

— Com você aqui? — Eu pergunto, arqueando uma sobrancelha para ele.

— Cara, eu já vi peitos antes.

— Uh-hum.

— Sério, — diz ele. — Nós costumávamos ser como os Dolces. Eu vi cerca de noventa por cento dos peitos na classe sênior.

Eu mordo de volta um sorriso. — Eu não estou na classe sênior.

— Eu vi noventa por cento dos peitos juniores, também, — diz ele. — Confie em mim, Teeny, o seu difícilmente é algo para se escrever.

— Não significa que eu quero mostrá-los para você.

— Você está vestindo um sutiã, não está? Não é diferente de eu ver você de maiô. Eu até me sento na cama como um bom menino se você tem medo de que eu não consiga manter minhas mãos para mim. Você precisa de uma segunda opinião sobre o que parece ser bom.

Eu olho para ele e ele vai até a cama e cai com um sorriso, colocando as mãos atrás da cabeça. — Hora do show, baby, — diz ele, ajustando os quadris na cama como se quisesse ter certeza de que notei que ele está de pau duro.

— Eu não vou ficar com você, — eu digo, engolindo e tirando meus olhos de sua virilha.

— Ok, — diz ele, um sorriso presunçoso no rosto.

— Eu quero dizer isso, — eu aviso. — Se é por isso que você me trouxe aqui, apenas me leve de volta para a escola e esqueça.

— Eu sei que você tem uma ereção feminina para o idiota do Royal, — diz ele. — Mas ele conseguiu o que queria de você, e agora você é um jogo justo para todos os outros.

— Maneira de fazer uma garota se sentir especial — digo, revirando os olhos.

Eu me viro e tiro minha camisa, deixando-a cair no chão, mantendo minhas costas para Colt. A verdade é que não quero ser especial para Colt. Isso não seria justo. Eu gosto dele, mas não desse jeito, e se ele gostasse de mim desse jeito, as coisas seriam estranhas. Eu não quero machucá-lo. Eu gosto que seus sentimentos não sejam mais profundos do que amizade e luxúria.

— Você tem mais tinta do que eu imaginava.

— Sim, — eu digo, puxando meu cabelo sobre meu ombro e virando para o outro lado para mostrar a Colt a tinta correndo pelo meu lado e nas minhas costas, sobre meu ombro e costas. Eu lhe dou um sorriso por cima do ombro, e ele geme e agarra seu pau.

— Porra, Teeny, você é uma provocação.

— Eu te disse lá na frente que não haveria sexo, — eu digo. — Você é o único que queria ver me despir.

— Não consigo decidir se a tortura vale a pena.

— Oh, vale a pena, — eu digo, sorrindo onde ele não pode ver desta vez. Eu puxo uma camisa do armário de Mabel e começo a abotoá-la.

— Ei, eu só estou dizendo, — Colt fala arrastado. — Estou a seu serviço caso aquela erva te deixe com tesão, Rainha Teeny. Pequena Rainha? Vou ter que pensar nisso.

— Você está tão chapado agora, — eu digo, rindo enquanto eu alcanço a seção da saia, já que eles são um pouco mais indulgentes do que calças.

— Quer saber o nome do irmão mais velho de Royal? — ele pergunta. — King. O nome dele é a porra do King.

Eu bufo para isso. — Sério? A família com certeza tinha em alta conta os filhos. Provavelmente era uma droga ser a única garota naquela família. Surpresa que ela não foi nomeada Rainha ou Princesa ou algo igualmente infeliz.

Eu encontro uma saia, desfaço meu jeans e tiro-o. Colt geme atrás de mim. Mordo o lábio para não sorrir. Eu não sou do tipo que normalmente se importa com o que os caras pensam de mim de uma forma ou de outra, eu não estou me vestindo para eles. Mas ainda é lisonjeiro quando alguém me nota ou pensa que sou gostosa, especialmente quando ele se parece com Colt Darling.

Quando me viro, ele sorri e passa um dedo lentamente ao longo do cume em suas calças. — Quer cavalgar, vaqueira?

Eu sorrio de volta e abro meus braços. — Eu pareço com sua irmã?

— Cara, isso é tão errado, — diz ele, apertando os olhos e pressionando as palmas das mãos neles. — Você acabou de matar minha ereção. Está morrendo enquanto falamos. Uma morte lenta e dolorosa, devo acrescentar.

— É sua própria culpa. Foi sua ideia assistir. Tentei avisá-lo. Você trouxe isso para si mesmo, *caubói*.

Ele finge enfiar uma faca em seu peito e torcer. — Sua crueldade não conhece limites? — ele pergunta dramaticamente, jogando um braço sobre os olhos.

Eu não posso deixar de rir. — Vou experimentar mais alguns, se estiver tudo bem. Você pode ir para outro quarto se for demais.

— Me masturbar é demais?

Eu afundo na cama ao lado dele e puxo meu joelho para cima. — Colt...

Ele olha para o meu joelho, então se senta e agarra minha perna, puxando-a para cima da cama. — Meu Deus, mulher, você nunca depila as pernas? — ele pergunta, passando a mão pelas cerdas da minha canela.

— É inverno, — eu protesto, batendo na mão dele. — E eu tive um monte de merda acontecendo esta semana. Manter minhas pernas macias e sedosas estava no final da minha lista de prioridades.

— Ok, Sasquatch⁴, — diz ele, me dando um pequeno empurrão. — Vá

buscar mais algumas roupas. Se eu começar a ficar de pau duro, vou apenas imaginar o desastre natural que provavelmente está crescendo na sua Bacia do Congo agora, e ficarei bem.

Estou rindo demais para ficar envergonhada quando volto para o armário de Mabel, pronta para desenterrar alguns esqueletos. Colt já está me dando tanto, mas não posso ir embora sem conseguir o que posso dele. Ele é uma das únicas pessoas que conheço que estava lá o tempo todo, quando tudo aconteceu, depois que os Dolce chegaram a Faulkner. Ele sabe merda, de informações privilegiadas que podem ser exatamente o que o Sr. D precisa para derrubar os Dolces. E não é apenas o Sr. D que quer derrubá-los. Por um tempo, eu estava dividida, me sentindo como uma delatora por arejar sua roupa suja para quem está do outro lado do aplicativo de mensagens. Não me sinto mais culpada.

Quem quer que seja o Sr. D, estou com ele cem por cento. É hora dos Dolces provarem seu próprio remédio.

A realeza

A realeza espera

No topo de seu trono

Para o seu Brutus mostrar a cara

Para sua corte virar suas adagas nele

Mas ele não tem medo

Nem eles nem seus punhais

Pode derrotar o monstro

Que se esconde sob seu disfarce

Ou perfurar um coração

Isso é mais difícil do que suas lâminas de aço.

— Então, onde está sua irmã, afinal? — Eu pergunto enquanto vasculho as roupas em busca de outra coisa que se ajuste às minhas curvas.

— Eu não sei, — diz Colt, sua voz séria enquanto ele se deita nos travesseiros novamente, um braço cruzado atrás da cabeça. — Ela mudou de nome e desapareceu após a formatura no ano passado.

Eu me pergunto se esta é a primeira vez que alguém está em seu quarto desde então. Se, por seis meses, ninguém entrou no quarto para pensar nela e se perguntar onde ela está. Por alguma razão, isso me deixa triste, embora eu tenha certeza que no segundo em que eu for embora, mamãe vai colocar uma mesa de sinuca no meu quarto e transformá-lo em um bar. Eu não me importo. Não será mais meu quarto. Será apenas uma coisa.

Mas de alguma forma, o vazio do quarto de Mabel parece abandonado.

— Ela não lhe disse para onde estava indo?

— Não, — diz Colt. — Nós não éramos próximos. Ela odiava ser uma Darling, e eu estava envolvido nisso. Eu me importava com a minha imagem, com a forma como a cidade me via. Ela odiava isso.

— Ela parece legal para mim, — eu digo, deixando de lado outra camisa que se encaixa.

— Mabel é minha meia-irmã, mesmo pai. Dev era meu meio-irmão, mesma mãe. Eu sempre fui mais próximo dele e Preston do que dela, mesmo tendo sido criados juntos. Tudo é mais fácil para os caras, eu acho. A cidade nos amava. Nós éramos os garotos de ouro.

Ele soa melancólico, e meu coração dói por ele. Em uma cidade pequena como esta, há muitos velhos pais do futebol que ainda falam sobre o ensino médio como os dias de glória. Mas Colt ainda não terminou o ensino médio. Os melhores anos de sua vida não deveriam ficar para trás.

— Sua irmã não era uma garota de ouro? — Eu pergunto, sem saber se deveria estar vasculhando o armário de uma garota que explodiu como um fantasma.

— Nah, — ele diz. — Ela provavelmente poderia ter sido. A irmã de Preston que é a realza na Faulkner High. Mas ela não queria nada disso. Os

Darlings eram a espinha dorsal de Faulkner, e ela odiava esta cidade mais do que qualquer um que você já conheceu.

— Eu não contaria com isso, — murmuro enquanto coloco uma calça de linho com um cordão que realmente se encaixa.

— Mesmo antes dos Dolces, ela não aguentava, — continua Colt. — Para ela, o nome Darling era uma armadilha. E uma vez que o Dolces começou, ela descobriu o quanto estava certa.

— Eles a atacaram apenas por causa de um nome que ela nem queria?

— Essa é a parte fodida, — diz ele. — Eles não se importavam com o tipo de pessoa que você era. Mabel nem queria *ser* uma Darling. Ela provavelmente os teria ajudado a derrubar nosso avô se eles a deixassem. Mas não. Se você fosse um Darling, eles tinham que ter certeza de que você desejaria estar morto antes que eles terminassem com você.

Solto um assobio baixo. — Droga. Tão ruim, hein?

Eu tento imaginar uma versão feminina magra, nerd e tatuada do Dynamo, mas não consigo imaginá-la. Tudo o que vejo é um recorte sem rosto de uma garota que odiava tanto seu nome que o mudou ao sair da cidade, sem nunca olhar para trás para o inferno que estava deixando para trás. Embora nunca a tenha conhecido, sinto uma estranha afinidade por ela, e o instinto me diz que é exatamente assim que ela gostaria que eu a imaginasse.

A pobreza não é a única armadilha nesta cidade.

— Pareço um disco quebrado avisando sobre eles repetidamente, — diz Colt, flexionando a mão com as cicatrizes no ar acima do rosto enquanto fala. — Mas sim, eles são tão ruins. Eles a torturaram, física e mentalmente, até que ela estalou.

Eu sempre gostei de descobrir as pessoas, ver o que elas são, e sim, o que as motiva. Não é apenas curiosidade mórbida. Crescer, era sobrevivência.

Foi saber que Safe Mom era a bêbada detestavelmente afetuosa que chegou em casa às duas da manhã respirando sua fumaça de vodca na minha cara enquanto ela insistia em aconchegar que invariavelmente a levava a adormecer na minha cama de solteiro, me deixando pressionada contra a parede fria e incapaz de puxar o cobertor em volta de mim porque ela estava deitada em cima dele.

Mamãe insegura era o dragão cruel que acordava de manhã respirando chamas de ódio, me lembrando que eu arruinei a vida dela, então eu devia a ela

algun maldito respeito, e se eu não descobrisse bem rápido o que ela queria dizer com isso, eu teria meus dedos esmagados com uma panela ou meus dedos batidos com uma colher de pau ou passaria o dia trancada em um armário para pensar sobre isso.

— Estalou... Como? — Eu pergunto, minha voz pouco mais que um sussurro. Eu poderia ter perguntado o que eles fizeram com ela, mas não vou fazê-lo dizer essas coisas em voz alta. Mesmo que não fossem próximos, ela era sua irmã. E ontem à noite eu acordei suando frio, o medo me segurando tão forte que eu não conseguia me mover, a dor do chão de pedra dura sob meus joelhos nus tão real que eu não conseguia respirar. Eu sei o que eles fizeram com ela.

Só não sei o que vem a seguir.

— Eu não estava lá, — diz Colt. — Acho que ninguém realmente sabe além dela e Royal.

De repente, eu gostaria de nunca ter perguntado. Chega um ponto em que o desejo de descobrir algo sobre alguém se torna simplesmente masoquista.

Mesmo reconhecendo que cheguei a esse ponto, também sei que não sou uma vadia burra que se afasta das respostas porque a ignorância é uma benção. Sim, a verdade dói. Eu sou uma garota grande. Eu posso pegar. Prefiro suportar a dor do que ficar sentada no escuro como uma idiota porque tenho muito medo de acender a luz e ver o monstro debaixo da cama.

— Foi Royal, — eu digo sem rodeios, puxando meu jeans de volta. — Não os gêmeos.

Colt se senta na cama, balançando as pernas para o lado. — Eu só sei o que ela disse, mas até então, eles a foderam tanto que eu não sei se ela sabia o que era real e o que não era. E não fazia sentido para mim, depois de tudo que fizeram com ela, que Royal a tenha tirado.

— Tirado?

— Ela disse que pulou no rio e ele a puxou para fora, — diz ele. — Mas ele disse que não.

— O que ele disse que aconteceu?

Colt ri sombriamente. — Você já tentou obter uma resposta direta sobre qualquer coisa de Royal Dolce?

— Ponto justo, — eu admito.

— Ele nunca vai expor tudo para você, — diz Colt, virando-se de lado e dando um tapinha na cama na frente dele. — Mas eu vou. Hora da história e carinho na *minha casa* a qualquer hora, Darling. O que você diz?

— Eu digo que essa oferta é difícil de resistir.

Quando me sento na cama ao lado dele, ele se levanta de joelhos e me puxa para a cama completamente, arrumando minhas pernas e colocando um travesseiro embaixo da minha cabeça antes de deslizar para o meu lado. Ele se apoia em um cotovelo e sorri para mim, e meu coração quebra um pouco. Este é o tipo de garoto com quem eu deveria estar, o tipo que toda garota quer, que poderia dar a uma garota o mundo.

Mas não é o meu mundo.

— Colt, — eu digo, minha voz baixa com advertência.

Ele traça seus dedos em um círculo lento na minha barriga. — Sim, Teeny?

— Eu ainda não estou fodendo você.

— Como você se sente sobre trabalhos manuais?

Eu rio e balanço a cabeça. — Eu sinto que você é sem vergonha pra caralho, isso é certo.

— Vamos, baby, — diz ele, empurrando sua ereção contra meu quadril. — Estou morrendo aqui.

Minhas coxas apertam do jeito que sempre fazem quando sinto um pau duro. Talvez eu seja a prostituta que todos dizem que sou, a filha da minha mãe por completo. Ou talvez seja apenas que ainda sou relativamente inexperiente, e senti poucos pênis para ser puramente sexual quando sinto.

Colt toma minha indecisão como uma abertura e se inclina e me beija. Seus lábios são quentes, macios e convidativos. Beijá-lo é bom, assim como sua excitação é boa. Eu gosto de Colt, e gostaria de continuar sendo sua amiga, e não quero ferir seu orgulho por derrubá-lo, especialmente no meio de seu ato de bondade. Mas só porque ele foi legal comigo, isso não significa que eu devo a ele acesso ao meu corpo.

Ainda. Não estou beijando ele porque devo a ele ou porque ele me deu roupas bonitas. Eu gosto de beijá-lo. É bom ser tratada como ele me trata. Não

como alguém com quem ele se importa, mas como se eu fosse igual, como se fosse legal sairmos juntos novamente. Não seria estranho, e ele não espalharia rumores sobre mim. Fumariamos um baseado e talvez ficássemos de novo em algum momento, se fosse a hora certa e não tivéssemos nada melhor para fazer. Se um de nós trouxesse outro cara ou garota, o outro respeitaria isso e seria legal e não causaria drama.

Mas eu tenho andado por esse caminho. Eu tenho a tinta para provar isso.

Eu o empurro suavemente, quase com relutância. Porque eu não sou minha mãe. Sou inteligente demais para cometer os mesmos erros que cometi antes. Não me arrependo de Maverick, mas também não quero repetir. Esse não é mais meu estilo.

— Colt...

— Vamos, Teeny, — ele diz, acariciando meu pescoço. Ele puxa meu corpo em direção a ele, empurrando sua coxa entre minhas pernas. — Estou tão duro que dói. Minha irmã também desapareceu. Isso não justifica uma foda de pena?

— Você acha que eu me respeito tão pouco que trocaria meu corpo por algumas roupas velhas?

— Elas são Ralph Lauren, — ele diz, balançando seus quadris contra os meus, seus dedos enganchados no meu cinto. Eu rio, e ele sorri e belisca minha orelha. — Os lençóis também. Vamos ficar debaixo das cobertas e você pode senti-los por si mesma.

— Estamos no quarto da sua irmã.

— Nós podemos ir para o meu quarto, — diz ele, ainda se esfregando em mim. — Apenas me deixe entrar em você. Inferno, apenas deslize essa boceta para baixo sobre a cabeça do meu pau, e eu vou gozar.

— Uau, você está realmente vendendo isso, — eu digo, mas minha voz sai um pouco ofegante. Ele está empurrando contra mim de todas as maneiras certas. Gostaria de saber se seria tão bom quanto Maverick. Eu me pergunto se o pau dele seria tão magnífico quanto o de Royal. E, acima de tudo, me pergunto o quanto isso irritaria Royal. Será que ele se importaria? Ele me disse que não queria que eu falasse com Colt. Ele perderia a cabeça se me visse agora, com Colt entre minhas pernas, moendo seu pau contra mim? Ou ele está com medo do que Colt vai me dizer, o quanto ele sabe, coisas que Royal não quer que eu descubra?

Talvez isso seja tudo com que ele se importe. Ele disse que não queria que eu falasse com outros caras, mas ele me ignorou desde que o vídeo vazou e ele me sufocou no corredor e basicamente me disse que eu nunca poderia confiar nele. Ele jogou comigo mesmo depois que eu obedeci. Ele tinha munição e ia usá-la de qualquer maneira. Me fazer ajoelhar e chupar seu pau foi apenas um bônus para tornar o pote muito mais doce quando ele me derrotou.

Mas não estou derrotada.

Ele pode ter vencido a batalha, ele pode ter acabado comigo, mas eu não terminei com ele.

— Estou tão perto, — diz Colt, moendo sua dureza entre minhas coxas. Ele nos rola, então estou montando seus quadris. Ele agarra meus quadris e empurra com força contra mim, sua cabeça caindo para trás e seus olhos se fechando. — Diga-me o quão molhada sua boceta está, baby.

Sinto-me culpada pelo que estou fazendo, mas o pobre coitado está nervoso, então dou a ele o que ele quer. Quero dizer, eu estaria mentindo se dissesse que tê-lo esfregando contra meu clitóris por dez minutos não foi bom. Mas não estou nem perto de onde ele está. — Estou tão molhada, — eu digo, fazendo minha voz ofegante para ele e balançando meus quadris sobre seu comprimento. — Mas você se sente tão grande, eu não acho que você se encaixaria.

Bingo.

Ele agarra minha bunda com as duas mãos, seus quadris empurrando sob os meus, seus dentes mordendo seu lábio inferior enquanto seus olhos se fecham firmemente. Assistir a um cara gozando sempre me faz sentir um pouco poderosa, mas também estranhamente distante, como se não fosse realmente minha culpa. Afinal, não faço parte deste orgasmo. Na verdade, nunca fiz parte do orgasmo. Mas eu gosto da parte anterior, e gosto da sensação de realização quando ele chega lá, como se eu tivesse feito meu trabalho.

Eu me pergunto se é assim que Royal se sente. Talvez ele nunca goze porque também não pode. Mas eu duvido seriamente. Tenho a sensação de que é mais sobre ele ser um maníaco por controle. Ele quer controlar tudo e todos, até seu próprio corpo.

E não é como se eu *não pudesse chegar ao orgasmo*. Os caras geralmente não tentam porque estão muito ocupados perseguindo seu próprio orgasmo, ou acham que dá muito trabalho. Para seu crédito, Mav tentou, mas eu me cansei dele tentando descobrir e fingi uma vez, e então ele pensou que aquele movimento fez o truque, e ele continuou fazendo isso todas as vezes. Então, eu

continuei fingindo. Era mais fácil deixá-lo pegar o dele e cuidar de mim depois. Além disso, era fofo como ele estava orgulhoso de si mesmo.

— Foda-me, isso foi quente, — geme Colt, rolando-nos para que ele fique em cima de mim. — Você me fez fazer uma bagunça de mim mesmo.

— Acho que você fez tudo sozinho.

— Eu tive ajuda, — diz ele, movendo seus quadris em um círculo lento para que eu possa sentir que ele ainda tem uma semi. — Quer que eu coma você? Já me disseram que sou bom nisso.

— Eu estou bem, — eu digo rapidamente, não querendo entrar em toda a explicação de como isso parece mais pessoal para mim do que sexo, e eu não quero qualquer cara entrando lá embaixo, chegando perto e pessoal com meu arrebatamento.

— Ah, sim, você tem uma situação na selva, — diz Colt. — Ei, eu tenho uma navalha que você pode pegar emprestado. O que você acha de levarmos isso para o chuveiro e limparmos, e então eu retribuirei o favor quando você terminar de cortar?

— Estamos realmente aderindo a essa metáfora? — Eu pergunto, empurrando-o. — E eu estou bem. Sério. Eu já gozei. Antes de você.

Colt estreita os olhos e me dá um olhar que diz que sabe que estou cheia de merda, mas ele não insiste. Ele dá de ombros e pula para cima, ajustando seu jeans. — Bem, eu vou me limpar. Pegue as roupas que você quer e espere por mim na cozinha, ok? Vou fazer um almoço para nós.

Meu jeans ainda está seco, graças à posição em que estávamos quando ele chegou, então enfio todas as roupas que couberam na minha mochila e desço as escadas. Parece um pouco estranho que ele não me tenha esperando em seu quarto, mas tanto faz. Talvez o cara seja privado, ou talvez ele só deixe as garotas entrarem em seu quarto se ele estiver transando com elas. Ele se ofereceu para me levar lá para foder, afinal. Ainda assim, quase assim que entro na cozinha, ouço pneus no cascalho do lado de fora, e gostaria de ter pedido para esperar em seu quarto. Embora eu não conheça a casa o suficiente para saber onde seus pais irão quando eles entrarem, eu tenho o desejo absurdo de correr e me esconder mesmo assim.

Eu não sou o tipo de garota que os caras trazem para casa para conhecer suas mães. Eu sou do tipo que eles levam para fora da cidade e estacionam ao lado de pontes. O tipo que faz boquetes em carros nos trilhos atrás da fábrica de absorventes internos. Eu normalmente não tenho que me esconder porque os

caras *me escondem*. E tudo bem por mim. É uma cidade pequena, e as pessoas fofocam, e eu não quero ser o assunto disso mais do que eles querem que a cidade saiba que está vivendo com uma garota como eu.

Um homem de ombros largos sai do SUV que acabou de parar. Ele tira uma pasta de couro do carro com uma mão e segura uma bengala com a outra enquanto começa a atravessar o cascalho. Ele parece jovem demais para andar com uma bengala, seu cabelo ainda é loiro escuro, seu corpo sólido vestindo um terno como se ele estivesse trabalhando em um bom emprego e não que fosse se aposentar.

Minha mente corre com desculpas por que estou aqui, por que Colt está em casa no meio do dia. Eu não tenho uma quando o cara entra. Eu rezo para que ele vá para um escritório ou algo assim, mas ele vem direto para a cozinha grande e chique.

Ele coloca sua bolsa na ilha e tira seu casaco esportivo, me olhando como se eu devesse dizer alguma coisa.

— Hum, oi, — eu digo finalmente, enganchando meus polegares nos bolsos da minha calça jeans. — Senhor. Darling?

Minha mente pisca para o aplicativo de mensagens de texto que me levou a este momento. Este é o Sr. D? Há muitos Darlings nesta cidade. Como eu saberia qual deles está me mandando mensagem? Ele se parece com o tipo de cara que perverte adolescentes online?

— Sim, sou eu, — diz ele, dando-me um sorriso indiferente. Seus olhos são como os de Colt — frios, azuis, cautelosos. — Acho que você é uma razão melhor do que algumas que ele dá para faltar à escola.

— Oh - Colt está lá em cima, — eu digo, como se isso explicasse alguma coisa. — Estávamos prestes a almoçar.

— Almoço, hein? — Ele diz as palavras como se fossem um código para o sexo. Estou tentada a cheirar o ar e ver se de alguma forma preenchi a sala com o cheiro do que estivemos fazendo. Ou talvez eu esteja lendo demais porque tenho uma consciência culpada, ou muita experiência com homens crescidos que foderam minha mãe a noite toda olhando de soslaio para minhas pernas enquanto corro do meu quarto para o banheiro pela manhã.

Ele poderia ser totalmente o perverso. Sim, ele parece normal, mas o que eu sei sobre o cara? Ele tem dinheiro - talvez não uma quantia ímpia, mas o suficiente para oferecer uma bolsa extra na WHPA. Além disso, eu sei que carro ele dirige, que ele anda de bengala por causa de alguma lesão ou deficiência e não

da idade, que sua filha deserdou sua família, e que seu filho é lindo e quebrado e divertido e maravilhoso.

— Ei, papai, — diz Colt, entrando na cozinha com uma toalha ainda pendurada no pescoço. Seu cabelo loiro gruda em suas orelhas e pescoço, e suas tatuagens estão à mostra abaixo das mangas de uma camiseta branca simples, que ele usa com um par de Levi's de cintura baixa e...

— Aquelas são... botas de caubói? — Eu pergunto.

Ele me dá um sorriso de merda e apoia um cotovelo na ilha, derrubando um chapéu imaginário. — Ora, sim, senhora, elas com certeza são, — diz ele, colocando o acento no espesso.

Eu balanço minha cabeça para ele. — Bem, quem diria, — eu digo, exagerando meu sotaque também. — Nosso menino rebelde tatuado é um criador de cabras de coração.

Ele sorri e empurra o balcão. — Acho que vocês se conheceram, — diz ele, pegando sanduíches na geladeira.

— Não oficialmente, — diz o Sr. Darling, estendendo a mão. Eu engulo em seco, tentando não vomitar quando pego sua mão e aperto. Ele está faltando um dedo, também.

— Cara, ela não está aqui hoje, — diz Duke, dando uma cotovelada no meu braço e me fazendo derrubar meu sanduíche, que cai em pedaços no meu prato.

— Que porra é essa, — eu digo, me afastando da mesa.

— Quer que eu pegue outro sanduíche para você? — pergunta a caloura que trouxe o meu primeiro.

— Claro, tanto faz, — eu digo, mal dando a ela um olhar antes que ela saia correndo para me servir como se eu fosse a porra de um rei. Eu nem me lembro do nome dela. Eu nunca me importei com nenhuma delas. Baron escolhe as meninas. Tenho certeza de que meus irmãos vão fodê-la se ainda não o fizeram. Ela é bonita e loira e não usa maquiagem, mas eu não me importaria se ela fosse a porra de uma Kardashian.

Eu olho para a cadeira vazia na mesa onde as cadelas intrometidas se sentam. Se ela estiver conversando com Colt debaixo das arquibancadas de novo...

— Você está acertando isso no DL ou o quê? — Cotton pergunta.

Eu me viro para ele, satisfeito com a forma como ele endurece, mesmo que ele finja que não tem medo de mim. — Quem?

— Você não está exatamente sendo sutil, — diz Gloria. — Você ficou olhando para a mesa dela como se quisesse matar todas elas durante todo o intervalo do almoço.

Todos os outros na mesa param para ouvir. Estou tão farto de todos eles assistindo, esperando, como se estivessem aqui apenas para ver o que farei a seguir. Esperando por mim para estalar. Estou farto de ser o rapaz que foi raptado, o rapaz que pode castrá-lo se o contrariar. O menino que matou sua irmã. Todo mundo tem uma opinião. Como diz o Baron, você não pode impedi-los de falar. Você só pode virar a conversa a seu favor se for esperto.

— Bem, onde diabos ela está? — Exijo de Lo, como se fosse culpa dela que Harper não estivesse aqui. Como se ela fosse a única que garantiu que Harper nunca sentisse nada além de ódio por mim novamente, e não a garota que foi ver como ela estava quando eu não consegui fazer isso sem estragar tudo.

— A verdadeira questão é: por que isso importa? — Baron pergunta.

— Sim, — diz DeShaun⁵. — Você sabe, cara, mas não nos deixe no escuro.

Certo. Estão todos olhando para mim, esperando que eu dê a palavra final sobre Harper. Eles esperaram a semana toda pelo QB1 para chamar a jogada. Se eu disser que ela está fora dos limites, ninguém vai encostar um dedo nela. Se eu disser que ela é a inimiga, eles a destruirão. Se eu disser que ela foi cancelada, ninguém nunca mais falará com ela.

É ridículo. Às vezes eu quero dizer a todos eles para pular da ponte só para ver se eles são realmente um bando de malditos lemingues.

Mas eles são meus meninos, e eu estou sendo um idiota. Eu preciso dar-lhes algo.

Fiz o que fiz e não posso me arrepender. Se eu não a fizesse me odiar, ficaria tentado a fazer algo que nunca poderei fazer, ou nunca desfazer, não tenho certeza. Talvez ambos. Quando ela está na minha cabeça, nada faz sentido. Tudo que eu sei é que eu tinha que tirá-la de lá, e se eu não pudesse, eu tinha que fazê-la me odiar o suficiente para sair de cena.

— Ela terminou, — eu digo. — Nós terminamos com ela. Ela não é nada.

— Então você não vai se importar com isso, — diz Lo, deslizando o telefone sobre a mesa para mim.

Na tela está uma das contas de mídia social da cadela intrometida e adoradora de Darling, Dixie Powell. Não seu blog, mas *Rumor Has It*, um onde ela publica pequenas fofocas ao longo do dia para abutres como as Waltons pegarem e espalharem como uma doença. Se Baron não me lembrasse regularmente de sua utilidade como um instrumento que nos ajuda a ficar onde estamos, eu destruiria sua vida com mais prazer do que um Darling. Eu odeio Dixie e tudo o que ela representa.

Rumor Has It ... um menino solitário notório e uma menina que ganhou notoriedade repentina esta semana foram vistos saindo do campus juntos antes da escola. Essas duas almas solitárias encontraram um amigo um no outro, ou é algo mais?

Meu sangue ferve ao ler o post. Foi postado apenas dois minutos atrás, mas vejo pessoas debruçadas sobre seus telefones, comendo sua fofoca como se fosse sorvete e não merda de cachorro. Eu a vejo se aquecendo no brilho da admiração em sua mesa, comendo essa merda tão ansiosamente quanto todos ao seu redor estão comendo suas palavras idiotas e sem criatividade.

Em algumas semanas, ninguém vai se importar com o que Harper está

fazendo. Mas esta semana, ela está no centro das atenções, e Dixie seria amaldiçoada antes que ela perdesse a oportunidade de se inserir no drama. Ela é uma mestra em pegar as manchetes, mantendo o dedo no pulso da escola e usando isso a seu favor. A única pessoa melhor nisso do que Dixie Powell é meu irmão.

Não é por isso que eu a odeio, no entanto. Eu a odeio porque ela se inseriu na vida da minha família, porque ela usou sua amizade com Crystal a seu favor. Eu a odeio porque ela encorajou minha irmã a perseguir as coisas com um Darling, porque ela a ajudou a se esgueirar, e então minha irmã acabou morta enquanto Dixie interpretava a melhor amiga de luto. Eu a odeio porque ela usou a simpatia para construir uma plataforma para si mesma, porque agora ela é popular por associação com a tragédia que é a porra da minha família.

E eu a odeio porque ela trairia o cara que ela supostamente ama e a garota cuja cadeira vazia está dois lugares abaixo em sua própria mesa apenas por cinco minutos de atenção.

Quando ela se levanta para ir à reunião de sexta-feira, eu a sigo. Ela está correndo pelo corredor quando saio do café, mas meu passo é duas vezes mais longo que o dela, e não levo tempo para alcançá-la. Eu agarro seu ombro e a giro, batendo-a contra os armários.

Seus olhos se arregalam, correndo ao redor enquanto ela lambe os lábios, e por um segundo, ela se parece com aquela caloura sardenta que eu julguei inofensiva naquela época. Eu deveria tê-la visto pela cobra que ela é. — Ei, Royal, — diz ela, com um tremor em sua voz.

Eu apoio minhas mãos no armário de cada lado dela, prendendo-a. — Onde você conseguiu essa merda que você acabou de postar?

— Não é besteira, — diz ela. — E não posso revelar minhas fontes. As pessoas parariam de me procurar com informações se eu as denunciasse.

Passos ecoam no corredor atrás de mim. Não preciso me virar para saber quem a seguiu.

— Você é um rato. Você construiu seu pequeno império de merda nele. — Falo devagar, para que seu pequeno cérebro possa compreender. — Você pode cobrir com glitter e se chamar de fofoqueira, mas ainda é uma merda, e você ainda é um rato. Então desabafe ou admita que você inventou a coisa toda para chamar a atenção.

— Eu não inventei isso, — ela insiste, seus olhos se arregalando quando ela observa meu grupo atrás de mim. Eles não estão todos aqui, mas o suficiente

deles me seguiu para ameaçar sua reputação se eu disser algo na frente deles.

Eu sei que eu tenho ela. Eu tenho mais poder nesta escola do que ela, embora eu seja um monstro parcialmente criado por ela. Mas ela sabe que posso destruí-la com uma única palavra. Posso dizer a todos que seus posts não são autênticos, que ela está inventando merda, e a confiança deles nela vai evaporar da noite para o dia. No final das contas, ela está mais preocupada com sua reputação, sobre eu expô-la como uma fraude, do que em proteger suas fontes.

— Você já sabe que vai contar a ele, — diz Duke, inclinando-se no armário ao lado dela com uma expressão entediada no rosto.

— Ok, ok, — diz ela, levantando a mão para nos impedir de continuar. — Vou te mandar o nome dele. Eu não quero dizer isso na frente de todas essas pessoas.

Eu me inclino até que estou quase cara a cara com a cadela. Eu posso ver seu pulso acelerado na lateral de seu pescoço. Eu quero envolver minhas mãos e apertar até que seus olhos saiam de sua cabeça. — Corte o fingimento e acabe com isso antes que isso se torne mais desagradável para nós dois. Você sabe que seu rosto me deixa doente.

— Um aluno do segundo ano chegando atrasado os viu saindo no Denali de Colt, — ela diz com pressa.

— Quando?

— Tipo, cinco minutos no primeiro período. Isso é tudo que eu sei. Juro.

Eu me afasto dela, mas Baron se inclina para dar a última palavra. — Você acha que está no topo da cadeia alimentar, mas é uma necrófaga, — ele diz a ela. — Você tem sorte que o ecossistema precisa de catadores para sobreviver, ou os predadores comeriam sua bunda no café da manhã.

Ela balança a cabeça em silêncio, então corre pelo corredor, olhando por cima do ombro como se achasse que poderíamos segui-la. Ela deveria saber que não perseguimos cobras. Se quiséssemos mais, já teríamos conseguido.

Quando ela se vai, volto-me para meu time. — Por que diabos ela está com Colt? — Eu exijo.

— Talvez porque você foi um idiota imperdoável para ela, e ele não é? — Lo diz voluntariamente.

Eu a encaro até que ela encolhe os ombros e abaixa o olhar. Ela não está

errada. É exatamente por isso. Não foi esse o propósito do que fizemos com ela? Ela precisa saber quem somos, que ela não pode foder conosco, que ela precisa ficar fora do nosso caminho. Mas ela também precisa obedecer, e eu disse a ela para ficar longe de Colt Darling.

— É só porque ela está com Colt? — Baron pergunta, estreitando os olhos para mim. — Ou porque ela está com alguém?

— Você acabou de dizer a todos que ela não era nada, — ressalta Duke. — Eu entendo porque você está chateado com Colt, mas se ela não é nada, você não se importaria se eu transasse com ela, certo?

Eu me viro e olho para ele. — Não. Toque. Nela.

— Entendi, — diz ele. — Mas você pode querer contar aos caras porque eles estão todos lá atrás falando sobre pegar um trem com ela na próxima festa.

Meus punhos cerram involuntariamente, e eu olho para o meu irmão. Por alguma razão, Harper é meu desafio. Ela fodeu com o cara errado, e agora é pessoal. Agora, é meu trabalho quebrá-la. Talvez eu finalmente tenha feito, e ela não virá valsando pelas portas na segunda-feira de manhã como se nada disso a afetasse porque ela está acima de tudo. Talvez ela não vá andar o dia todo como se não se importasse de se ajoelhar para mim depois de toda aquela conversa sobre como ela nunca faria, como se ela não se importasse que a escola inteira saiba que ela é um lixo que chupa velhos em carros de merda em estacionamentos.

Mas eu não acho. Eu acho que ela está com Colt porque ela sabe que isso me irrita. Porque ela está me mostrando que, apesar do que fizemos, nunca podemos controlá-la. Que ela fará o que quiser, não importa o que façamos com ela.

Ela não tem ideia do que está pedindo.

Eu poderia deixar meus irmãos com ela. Às vezes, eles são tão psicopatas que até me assustam. Mas não. Ela não é deles para destruir. Nem meus irmãos pegam Harper. Eles tiveram Mabel. Esta é minha. Desta vez, farei o trabalho sujo. Vou fazê-la sofrer e saborear cada momento. E quando ela quebrar, quando aquelas paredes ao redor dela quebrarem como vidro, eu vou rastejar para dentro e devorar sua alma como se ela pudesse substituir a que eu perdi dois anos atrás.

Colt entra no pequeno estacionamento da escola e para ao lado do bicicletário, assobiando — De volta a vida — baixinho. A chuva cedeu no momento, mas pequenas gotas gordas ainda caem aleatoriamente. — Bem, isso foi divertido, — diz ele, desligando os limpadores. — Da próxima vez que você quiser fazer um cara gozar nas calças dele, lembre-se, eu sou seu cara.

Eu rio e pego minha mochila do assoalho. — Obrigada pelas roupas. Pelo baseado, e o sanduíche... Droga, estou começando a pensar que realmente te devo um BJ. Pelo menos um trabalho manual.

— Quero dizer... eu não vou discutir com essa lógica, — diz ele com um sorriso.

Um motor de carro ruge atrás de nós, e seu sorriso desaparece, substituído por um lampejo de medo.

Eu me viro para ver um Range Rover preto vindo em nossa direção.

— Saia, — eu grito, puxando a maçaneta e literalmente mergulhando para fora da porta do carro. Minha mochila cai do meu colo, rolando até parar contra as barras do bicicletário enquanto dou uma cambalhota pela passarela de concreto e rolo para ficar de pé. Eu tiro meu cabelo dos meus olhos assim que o Rover bate na traseira da caminhonete de Colt sem diminuir a velocidade.

Um som me escapa, mas é abafado pelo ranger de metal e estilhaçar de vidro. A parte de trás do Denali de Colt cede, as rodas estão tortas para que ele não possa ir embora. Devem ter arreventado o eixo traseiro. Fumaça preta sobe dos pneus e, por um segundo, me lembro da corrida de arrancada. Mas isso não é uma corrida. É um ataque.

Comecei a trazer uma faca para a escola nos últimos dias, mas meus punhos ainda são minha melhor arma, então não a pego. Estou mais preocupada com Colt do que comigo mesma, de qualquer maneira. Eu corro para a cabine de sua caminhonete, abrindo a porta do passageiro assim que Royal abre a porta do motorista. Por um segundo, nossos olhos se encontram, e não vejo os olhos escuros e mortos que encontram os meus quando ele está me machucando, mas uma raiva tão profunda e crua que faz minha alma tremer.

— Você a tocou porra? — Royal pergunta, sua voz baixa e letal. — Porque se você fez, eu vou cortar cada um de seus malditos dedos desta vez.

— Ela ficou sozinha a semana toda, — Colt protesta, lutando para se libertar do cinto de segurança e do airbag, que disparou quando ele foi atingido. — Achei que você tinha acabado com ela.

— Eu decido quando termino, — rosna Royal, arrancando Colt do carro pela frente de sua camisa e jogando-o no chão. Por um segundo, não consigo ver nada além da porra do airbag. Coração correndo freneticamente no meu peito, eu corro pela frente do veículo de Colt, amaldiçoando esses caras com suas caminhonetes grandes que tornam tão difícil de ver. Quando chego ao outro lado, Colt está de costas e Royal está em cima dele, socando-o no rosto enquanto Duke e Baron ficam para trás e observam.

— Você a tocou porra? — Royal exige, seus punhos pousando em rápida sucessão.

— Deixe-o em paz, — eu grito, mergulhando para eles. Mas Duke me corta, me agarrando pelo meio e prendendo meus braços. Eu bato o pé dele, me debatendo para me libertar. Sob o comando de Royal, Colt grita alguma coisa, mas suas palavras são interrompidas por um som arrepiante quando os ossos de seu rosto cedem. Sangue jorra de seu nariz, voando para os braços de Royal.

Baron se aproxima, enquanto observa seu irmão demolir o rosto de Colt. — Veja, Cherry Pie, — diz ele, sua voz uma provocação condescendente, como se ele não fosse completamente afetado pela brutalidade que se desenrola na nossa frente. — Isso é o que acontece quando você continua pressionando. Eventualmente, algo tem que ceder. Você não pode escolher o que é essa coisa.

— Você está louco pra caralho? — Eu grito. — Você está matando ele! — Eu jogo minha cabeça para trás, batendo no queixo de Duke. Eu ouço dentes batendo juntos, e ele amaldiçoa selvagememente e me empurra para frente com tanta força que eu caio de joelhos.

— Você tocou na porra da minha garota? — Royal pergunta a Colt, sua voz saindo em rajadas curtas entre os golpes, como se Colt pudesse responder. Tudo o que posso ver onde seu rosto costumava ser é sangue. Baron entra e o chuta enquanto Royal monta nele, seus joelhos prendendo o corpo de Colt, seus punhos chovendo em seu rosto. Eles vão matá-lo.

Eles vão matá-lo porque fui à casa dele, porque me atrevi a falar com ele depois que me disseram para não fazer isso. E ele não merece nada disso.

Baron disse que algo tem que ceder, e esse algo sou eu. Eu não tenho frio. Nenhum plano. Apenas desespero e ódio puro e cru. Eu me levanto de joelhos, e desta vez é *minha* raiva que faz minhas entranhas tremerem. Um grito queima meu peito como uma bola de fogo, e eu mergulho para frente, colocando tudo o

que tenho para trás. Meu punho acerta a lateral da cabeça de Royal com tanta força que a cegueira varre minha visão e, por um segundo, não sei o que aconteceu. Por um segundo, acho que alguém me bateu.

Eu recuo, e Royal recua, e ninguém se move.

A dor corre pelo meu braço, atingindo meu cérebro como uma parede de tijolos. Ninguém me bateu. Eu apenas bati nele com tanta força que a dor me deixou sem sentido. Meu punho é um feixe latejante de agonia.

— Vamos, — diz Duke, agarrando meu braço e me arrastando para os meus pés. Começo a lutar com ele, mas Baron aparece do meu outro lado, e eles me levantam do chão e me jogam na traseira do Range Rover. Eu teria pensado que eles amavam muito seu carro para deixar lixo como eu enfeitar os assentos, mas isso parece esquecido. Baron pula ao meu lado e agarra meu joelho em um aperto de morte.

— Continue lutando contra isso e você sabe o que vai acontecer com Colt, — diz ele. Isso é tudo que ele tem a dizer. Eu não quero me deitar e rolar para esses idiotas, o que quer que eles tenham em mente. Mas também não quero que meu amigo seja assassinado e, neste momento, revidar parece uma boa maneira de fazer isso acontecer. Pelo menos eu posso tirá-los daqui, e se ele ainda estiver vivo e seu crânio não foi esmagado, ele pode pedir ajuda. Apalpo meus bolsos, pensando que posso discar 911 às escondidas quando eles vão embora, apenas para perceber que meu telefone ainda está na minha mochila, onde estive o dia todo.

Porra.

Eu não nocauteei Royal, mas ele deve estar com uma dor de cabeça infernal agora. Ele não mostra isso, no entanto. Ele desliza para o banco do motorista, e Duke corre para o outro lado e pula no lado do passageiro.

— Pegue minha bolsa, — eu digo, correndo para a porta. Não posso deixar Colt lá sem nem mesmo pedir ajuda.

— Não se preocupe com sua bolsa, — diz Duke enquanto Royal recua, metal batendo em metal enquanto o Rover se separa do caminhão.

— Tem meu laptop, — digo, puxando freneticamente a maçaneta da porta. — Vai ficar molhado.

Baron me agarra pelo meio e passa por mim para bater a porta, quase esmagando minhas mãos quando eu as jogo para bloqueá-la. Royal aciona a trava e a maçaneta não se move. Eu não posso dizer a eles o que eu realmente estou

procurando é o meu telefone. Eles vão pensar que estou tentando chamar a polícia para eles em vez de uma ambulância para Colt.

— Esqueça a porra do seu laptop, — diz Royal. — Vamos comprar um novo para você.

De repente, tenho certeza de que ele vai atropelar o corpo de Colt, que está esparramado no chão do lado de fora da porta aberta de sua caminhonete. A luz da cabine brilha fracamente dentro da caminhonete na noite azul, espalhando-se apenas o suficiente para refletir na poça de sangue que se espalha pelo asfalto molhado. Acho que vou ficar doente.

Já vi muitas lutas, e soquei muitas pessoas, mas isso não foi uma luta. Foi uma surra, o tipo de coisa que as gangues fazem com seus rivais. Há uma razão para eu ficar longe das gangues em Faulkner, apesar da proteção, comunidade e emprego que elas oferecem.

Eu gosto de usar meus punhos tanto quanto qualquer outra garota, mas para mim, é um esporte, uma corrida e um pagamento. Quase nunca é pessoal. Não quero lutar com alguém que jogou sombra e insultou meu orgulho. O orgulho já é superestimado. Prefiro colocar comida na boca. E eu não dou a mínima para território ou armas ou drogas ou qualquer uma de suas operações comerciais. Sair da cidade é mais importante.

E ao contrário desses idiotas, eu não luto para machucar as pessoas. Eu não sou uma sociopata. Não tenho prazer na dor dos outros.

Quando Royal sai do estacionamento e ruge pela estrada, meu estômago começa a se acalmar, e estou feliz por tê-los distraído com balbucios sobre minha mochila, para que eles não tenham nenhuma ideia sobre atropelar o corpo de Colt enquanto ele estava deitado ali inconsciente na estrada ao lado de sua caminhonete. Mas agora que o choque está passando, a raiva toma seu lugar.

— O que diabos está errado com você? — Eu exijo. — Você poderia tê-lo matado! Você o deixou em uma vala para morrer.

— Acalme-se, — retruca Royal, tocando sua cabeça com as pontas dos dedos. — Você me deu uma dor de cabeça, e seus gritos não estão ajudando.

— Ele não vai morrer, — diz Baron, dando um tapinha no meu joelho e, em seguida, deixando a mão lá. — Temos um acordo com Colt. Ele se curva e leva na bunda como uma cadela, e ele consegue viver. Ele até consegue ficar em Willow Heights. Ele está bem. Inferno, nós nem pegamos o casaco dele.

Eu fico boquiaberta para ele, uma risada histérica borbulhando dentro de

mim. Eles o deixaram ficar com a porra da jaqueta de letterman? Como se isso importasse depois que eles levaram sua família, seus amigos, sua vida. Eles acham que uma blusa de time é importante para ele? Esses caras não são apenas monstros. Eles estão tão distantes da humanidade que não têm ideia do que fizeram com Colt, como suas ações afetam as pessoas.

— O que há de errado com vocês? — Eu pergunto, minha voz atada com descrença. — O que aconteceu com você?

Os limpadores continuam quando a garoa começa a cair, e o único som no carro é o zunido mecânico deles se movendo para frente e para trás pelo pára-brisa. Ninguém diz nada por um longo minuto. Eu realmente penso sobre a minha pergunta, sobre o que eu sei. Sim, eles são ricos como o pecado, mas ainda têm problemas. O pai deles talvez esteja na máfia, ninguém parece saber ao certo. A mãe deles os abandonou de alguma forma. A irmã deles morreu.

Mas é suficiente para explicar isso?

A maioria das crianças em Faulkner tinha histórias assim. Nenhum dos meus amigos tinha dois pais biológicos. As únicas pessoas que eu conhecia que tinham boas famílias, pelo menos de fora, eram pessoas da minha periferia, do alto escalão da ordem social de Faulkner, como Lindsey Darling ou mesmo Maisy Gunn. E ninguém na FHS era assim.

— Você não pode fazer perguntas, — diz Royal, quebrando o silêncio pesado em sua voz baixa e com sotaque que me lembra mais uma vez que há tanta coisa sobre esta família que eu não sei, que eu não posso começar, para entender. — Você responde a perguntas. Essa merda não vai para os dois lados. Entende?

— Entendido, — eu grito. — Deixe-me adivinhar. Em seguida, você vai me dizer que as mulheres devem ser vistas e não ouvidas?

— Não, — diz Royal, parando em um sinal vermelho. — Eu quero ouvir o que você tem a dizer por si mesma. Por que você estava com Colt Darling depois que eu disse especificamente para você não falar com ele?

— De que você tem tanto medo? — Eu pergunto. — Que ele derramou todos os seus segredinhos sujos?

— Sem perguntas, — Royal me lembra.

— Tudo bem, — eu digo, sentando e cruzando os braços. — Eu estava com ele porque ele é meu amigo. Eu não sabia que isso carregava uma sentença de morte.

— Eu avisei para deixar aquele cara em paz, — diz Royal categoricamente.
— Você desobedeceu.

— Sim, — diz Duke, girando no banco com um sorriso alegre enquanto deslizamos pelas ruas molhadas de Faulkner. — Nós lhe dissemos o que aconteceria se você falasse com ele, e você falou com ele. Então, isso aconteceu. Não podemos simplesmente deixar você se safar disso.

— Porque então outra pessoa poderia ousar desobedecer aos reis? — eu provoco.

— Exatamente, — diz Baron, apertando meu joelho. — Você não é tão burra quanto parece. Então deve ser fácil para você descobrir isso. O que dizemos vale. O que você diz não importa. E quando você age como se as regras não se aplicassem, você vê exatamente o quão errada você está. Foi o que aconteceu lá atrás. Considere isso um lembrete amigável.

— Sim, mas aqui está a coisa, — eu digo, batendo em sua mão. — Eu tentei toda a coisa da obediência, e veja onde isso me levou. Lugar algum. Então, qual é o sentido em obedecer, se no final, estou fodida de qualquer maneira?

— Você nunca jogou por nossas regras, — rosna Royal, soando igualmente frustrado e ferido por essa afronta.

— Exceto que eu fiz, — eu digo. — Eu me ajoelhei e chupei seu pau, assim como todo mundo.

— Não como todo mundo, — murmura Royal. Mas estou muito chateada e cheia de adrenalina para me importar se ele está tentando me insultar ou me elogiar. Eu não posso acreditar que eu já me importei, que eu sempre sonhei em ser um desses psicopatas. Eles cruzaram uma linha, e não há como voltar atrás. Eu odeio esses garotos. Espero que queimem no inferno por toda a eternidade.

Mas não vou mostrar a eles o quanto eles me afetaram. Eles não conseguem ganhar tudo.

— Você disse que queria que eu chupasse seu pau, então eu fiz isso, — eu digo sem rodeios. — E você se esforçou para ter certeza de que eu não gostava disso também. Para me lembrar que era um castigo. Mas eu aguentei até o fim - ok, talvez não até o fim, porque aparentemente você tem algum problema com a ejaculação, mas até terminar. Fiquei de joelhos enquanto você me quis lá, como uma serva obediente. E o que eu ganhei por entrar na fila e obedecer você? Nada, é isso. Não consegui desaparecer na massa de outras garotas que você estuprou no porão. Você ainda lançou o vídeo. Então me lembre novamente, qual é o sentido em obedecer?

No banco da frente, Duke vira-se para a janela, os ombros tremendo. Levo um segundo para perceber que ele está segurando o riso. Acho que minha fúria o diverte.

— Ah, agora eu violei seu rosto? — Royal pergunta, empurrando o volante enquanto nos desviamos para uma estrada lateral fora da cidade. — Do jeito que eu me lembro, você estava lambendo meu pau como uma porra de uma casquinha de sorvete.

— Oh, me desculpe, eu deveria morder como um Tootsie Pop⁶? — Eu pergunto.

Duke perde o controle, jogando a cabeça para trás e uivando de tanto rir, caindo contra a porta em seu ataque de alegria.

Royal lhe lança um olhar irritado. — Quando uma garota está babando no meu pau como um buldogue, tenho certeza que ela está se divertindo.

— E você simplesmente não poderia ter isso, — eu digo. — É por isso que você fez o mais feio possível? Para ter certeza de que eu não tinha nenhum prazer com isso? Ou você estava mais preocupado com o prazer *que* estava obtendo com isso?

Baron está me observando com aquele foco intenso que ele tinha no porão quando Royal disse que me queria só para ele, como se ele mal estivesse se segurando para não me atacar. Eu me afasto dele o mais sutilmente que posso.

— Eu não dou a mínima para o seu prazer, — Royal estala do banco do motorista. — Eu estava preocupado com você mordendo meu pau.

Eu dou de ombros e me viro para a janela, observando o borrão cinza de lágrimas deslizando. — Você me chama de vagabunda porque me atrevo a desfrutar do sexo. É por isso que te irrita tanto? Porque eu tenho a coragem de desfrutar do sexo quando você não pode?

— Meu pau estava na sua boca, — rosna Royal, soando além de irritado. — Eu tinha você de joelhos como uma prostituta, exatamente onde você pertence. Confie em mim, eu estava gostando.

— Mas você estava realmente desfrutando do boquete? — Eu pergunto. — Você estava gostando do jeito que minha língua se movia, ou do jeito que minha boca sugava seu pau? Você gostou quando meus dentes roçaram sua pele? Você ao menos sentiu o que eu estava fazendo?

— Cara, encosta, — diz Duke. — Eu quero no banco de trás com ela.

Estou ficando duro só de ouvi-la.

Royal ajusta o espelho retrovisor para que possa me ver. — O que diabos você está querendo dizer, Jailbird7?

A verdade é que não tenho certeza. Eu me sinto quase trêmula com o poder que tenho agora. Eu posso sentir isso correndo dentro de mim, a certeza de que estou tão perto de algo, alguma verdade profundamente enterrada.

— Você realmente gosta de sexo? — pergunto novamente. — Quero dizer, ainda é divertido, mesmo que você não goze, mas esse não é o objetivo final para a maioria das pessoas?

— Apenas cale a boca, — Royal retruca. — Seu balbucio ridículo faz minha cabeça doer ainda mais.

— Eu atingi um nervo? — Eu provoço, me sentindo imprudente, excitada com a emoção de desvendar o misterioso Royal Dolce. Eu gosto de descobrir as pessoas. É uma doença, realmente. Ou talvez eu esteja cutucando a fera porque tenho a sensação de que ele será minha ruína de qualquer maneira, então por que não descobrir o porquê antes que ele me coma viva? — Se você não gosta de sexo, então o que você está ganhando com isso? É apenas uma viagem de poder para você? É por isso que você gostou que eu chupasse seu pau, certo? Não porque eu seja boa, porque então você teria me deixado fazer minhas coisas. Você só gostou de me ver de joelhos, sabendo que eu era impotente, que você poderia fazer o que quisesse comigo, e eu não poderia impedi-lo. Você se sentiu um grande homem ao me ver de joelhos por você, Royal?

— Eu disse, cale a boca, — diz ele, sua voz baixa e oca. Posso ver uma mão no volante, os nós dos dedos brancos sob os arranhões e sangue neles.

— Eu vou calá-la, — Baron diz com um encolher de ombros, pegando seu cinto. — Eu pensei que você não queria meu pau nela, mas se você for bom com isso...

Eu me inclino sobre o assento e dou a ele um sorriso de lobo. — Você não tem medo que eu chupe seus segredos através do seu pau também?

— Ok, psicopata, — diz ele, seus olhos escuros positivamente ferozes por trás de seus óculos, embora suas palavras sejam frias. — Lição de anatomia — existem apenas duas coisas que saem do pênis de um homem, e a verdade não é uma delas.

Duke ri novamente.

— Só estou curiosa, — digo, — como é possível que os homens se sintam poderosos em uma situação como essa. Você está realmente tão preso em seu ego que não consegue ver o quão pequeno isso realmente o torna? Quero dizer, claro, você tirou todas as minhas roupas e minha dignidade. Você me colocou de joelhos. Mas eu não me ajoelhei para te adorar. Foram necessários três homens com o dobro do meu tamanho para me forçar fisicamente a uma postura de submissão e colocar um pau na minha boca. E você ainda estava com tanto medo de mim que teve que me imobilizar enquanto afirmava seu domínio. Digame, como isso faz você se sentir poderoso, não pequeno e fraco e envergonhado de si mesmo?

— Coloque seu pau na boca dela ou eu vou, — diz Duke, sua voz afiada com pedra. — Ela obviamente precisa de uma chupeta para chupar.

— Sim, Baron, — eu digo, passando minhas unhas em seu bíceps. — É melhor você proteger seus irmãos. Eles estão ficando muito nervosos, e você pode culpá-los? Afinal, não há nada mais assustador do que uma garota que fala a verdade.

— Onde diabos você está indo? — Baron late.

Eu recuo, confusa por um segundo quando acho que ele está falando comigo. Mas então vejo que seu olhar se fixou na ponte à frente. É uma ponte de pista única, a mesma onde Royal me levou na noite de Halloween, quando começamos a nos encontrar antes que ele freasse abruptamente.

— Eu estava apenas dirigindo, — murmura Royal. Ele ainda está olhando para frente, ainda segurando o volante com os nós dos dedos brancos.

— E você acabou de dirigir até *aqui*? — Duke pergunta incrédulo.

Quero perguntar o que há de errado aqui, já que parece um bom lugar para estuprar uma garota e jogar seu corpo no rio, mas o instinto me impede. Eu posso incitá-los como uma pirralha quando tenho um ponto a fazer, mas aqui está a coisa. Eu não sou uma pirralha. Eu sei quando ficar de boca fechada. Você aprende a ler o quarto bem jovem quando sua mãe é um pêssego como a minha. E o que quer que estivesse acontecendo no carro um minuto atrás, acabou. Algo mais está acontecendo agora, algo que sugou o ar do carro e baixou a temperatura dez graus, como um fantasma espremido no banco entre Baron e eu. Os pelos dos meus braços se arrepiam.

Royal não responde. Achei que era aqui que ele trazia suas conexões, mas não pode ser isso. Os outros não se importariam se ele nos estacionasse em um local para amassos. Eles deixaram bem claro que querem me foder.

— Você vem muito aqui? — Baron pergunta.

— Não, — retruca Royal. — Vou virar depois da ponte. Acalme seus seios.

O grande carro se arrasta até a ponte e, por um longo e tenso momento, o único som são os pneus nas tábuas de madeira da ponte. Do outro lado, os pneus afundam no acostamento molhado quando ele começa a girar o carro. Posso ver sulcos profundos mais abaixo na margem, cobertos de grama agora, como se alguém em um caminhão tivesse saído da estrada aqui há algum tempo.

— Você vem aqui... Nunca? — Baron insiste.

— Não, — retruca Royal. — Você?

— Mas cara, — Duke diz baixinho. — Por que você veio aqui por acidente?

— Eu fiz uma curva errada, e eu não estava prestando atenção porque alguma cadela estava falando pela boca dela, — Royal diz com os dentes cerrados. — Agora eu disse para você largar isso.

Ninguém fala enquanto ele endireita o carro e pisa no acelerador, o Rover avança e ruge pela ponte tão rápido que faz toda a estrutura tremer. O silêncio é pesado e cinzento, como um inverno no Arkansas.

Lembro-me de alguém me dizendo que empurrou Mabel Darling de uma ponte. Lembro-me de alguém dizendo que ela pulou. Colt não disse que havia uma ponte. Ele disse que ela entrou no rio, e Royal a puxou para fora. Foi aqui? É por isso que eles não querem que ele volte?

Também me lembro da história da irmã deles sendo arrastada por uma enchente, mas não pode ser esse lugar. Não havia ponte nessa história. E Royal não me levaria ao local onde sua irmã se afogou quando ele queria ficar. Nem ele está tão doente.

Quando voltamos do outro lado da ponte, do lado de Faulkner, os gêmeos soltam um suspiro, embora não falem.

Quando eu acho que Royal vai continuar como se isso nunca tivesse acontecido, ele pisa no freio. As rodas do lado do motorista afundam no acostamento quando ele sai da estrada.

— Fique no carro, — diz ele, desligando o motor.

— O que você está fazendo? — Duque pergunta.

— Apenas fique na porra do carro, — diz Royal, e ele sai e bate a porta.

— Aonde ele está indo? — Duke pergunta, se virando enquanto Royal caminha atrás do carro. Por um segundo, acho que ele vai fazer algo revelador, algum tipo de penitência. Mas ele dá a volta e abre minha porta.

— Vamos, — diz ele, sua mandíbula apertada, suas palavras cortadas.

Olho para os gêmeos, mas eles parecem mais confusos do que eu. Eu estava supondo que eles iriam me machucar aqui. Por que mais me levar para fora da cidade, onde não há testemunhas?

Eu só tenho que ficar viva. Se me deixarem presa aqui, posso voltar a pé. Só estive aqui uma vez, no escuro, e posso não conhecer as estradas, mas sei que Faulkner fica ao sul. Eu poderia encontrar meu caminho.

Royal está ali esperando, com a mão estendida, a chuva fina molhando seu cabelo escuro e os ombros de sua camisa. Eles ainda estão vestidos para a escola, como se estivessem esperando que eu voltasse com Colt. A camisa branca de botões de Royal está enrolada até os cotovelos e desabotoada na gola, seus ombros largos enchendo-a até as costuras. Se ele não estivesse respingado no sangue do meu amigo, eu ainda poderia achá-lo irresistível.

Eu sei que não adianta lutar quando são três, então eu saio do carro, ignorando sua mão oferecida, embora eu tenha que lutar contra a gravidade para sair do banco, já que o carro está em uma ladeira. Meus pés batem no asfalto molhado da estrada, e Royal usa sua mão para me firmar, desconsiderando o fato de que eu o deixei pendurado, recusando-me a aceitar sua ajuda.

Ele deixa a porta do carro se fechar e, por um segundo, ficamos ali sozinhos na estrada, avaliando um ao outro. — Precisamos conversar, — diz ele, sua voz sem emoção.

— Você está terminando comigo? — Eu pergunto sarcasticamente.

— Não.

Meu coração bate de forma irregular quando ele agarra meu pulso e me arrasta em direção à ponte. Não tenho certeza se é medo do jeito estranho e distante que ele está agindo de repente ou o pensamento do que ele está prestes a fazer comigo. Eu corro pelos resultados possíveis.

Se ele me empurrar da ponte, acho que vou sobreviver. A água está marrom e flui mais rápido do que da última vez que estive aqui, mas não está se agitando como durante uma enchente. Não há galhos de árvores flutuando para serem pegos. É profundo o suficiente para que eu possa pular sem bater no fundo, e embora fosse assustador pra caralho pular de uma ponte tão alta, não é alto o suficiente para fazer a superfície da água parecer concreto para um corpo caindo. É novembro, e tenho certeza de que a água está fria como o inferno, mas esta é a região central do Arkansas, e mesmo nesta época do ano, a água não estará mortalmente fria, do tipo que faz seus membros se contraírem para que você não possa nadar.

Todos esses pensamentos passam pela minha mente enquanto Royal me puxa pela ponte até chegarmos no meio. Ele me puxa para uma parada e se vira para mim. Seus olhos são escuros e intensos, seu cabelo molhado grudando em sua testa enquanto gotas de chuva escorrem por seu rosto esculpido.

Ele parece estar esperando que eu diga alguma coisa. — Foi aqui que sua irmã morreu? — Eu pergunto, incapaz de evitar apertar apenas mais um botão.

— Sem perguntas, — diz ele. — Esse era o acordo, lembra?

— Ou é onde Mabel tentou se matar? — Eu pergunto. — Seus irmãos estavam obviamente chateados por você vir aqui, então deve ser um ou outro. Talvez ambos? Por que você a puxou para fora, Royal? É isso que eu quero saber. Essa deveria ter sido sua vitória final. Você nem precisava fazer o trabalho sujo. Bastou empurrá-la tão longe que ela fez isso por você.

— Você transou com ele?

Eu não posso deixar de soltar um pequeno bufo. — É disso que se trata?

Sua expressão não muda. — Você fez?

— O que isso importa? — Eu pergunto. — Ele tem razão. Você não fez nada além de me dizer que sou inútil, uma prostituta e um lixo, desde o dia em que nos conhecemos. Tenho todo o direito de presumir, assim como ele, que você não está interessado em nada além de me torturar.

— Vou perguntar mais uma vez, — diz ele lentamente. — Você transou com ele?

Eu abro minha boca para dizer que ele pode perguntar uma centena de vezes, e ainda não é da porra da conta dele. Mas então me lembro de Colt deitado no chão, amassado como trapos velhos em uma vala enquanto nos afastávamos, e como eu não aguentava olhar para ele, então me concentrei na minha mochila porque se não...

— Não, — eu sussurro, minha garganta de repente tão grossa com frustração que acho que vou chorar. Eu poderia dizer ao Royal para ir se foder, que eu posso foder quem eu escolher e não é da conta dele. Mas se eu fizesse, e ele voltasse para terminar o trabalho, isso seria por minha conta.

— Bom, — diz ele, um pequeno sorriso indulgente em seus lábios. Ele estende a mão e coloca uma mecha de cabelo molhado atrás da minha orelha, seu gesto casual e vagaroso, como se estivesse se certificando de que eu entendi a mensagem. Ele tem o direito de me tocar se e quando quiser. — Isso não foi tão difícil, foi?

Eu luto contra a vontade de dar um tapa na mão dele. — Não.

— Bom, — diz ele novamente, acariciando minha bochecha. — Vou

facilitar as coisas para você também. Eu sei que você gosta de espionar as pessoas, cavar em suas vidas e tentar colocar suas garras em seus segredos para poder apertar seus botões. Então vamos deixar isso claro, onde você não vai poder fingir que não sabia. Você é minha, Harper.

Eu pisco para ele, querendo rir mesmo que minhas entranhas estejam tremendo. — O que?

— Você é minha, — diz ele lentamente, como se estivesse falando com alguém muito burro para compreender, o que eu acho que sou. Afinal, o que isso quer dizer?

— Eu sou? — Eu pergunto, tentando manter a incredulidade da minha voz, mas não conseguindo. — Então, o que, porque eu chupei seu pau, você acha que estamos namorando ou algo assim? Que você é meu namorado?

Ele balança a cabeça, um pequeno sorriso nos lábios. — Não, não, — diz ele. — Eu não disse que era seu. Se eu quiser sentar na praça da cidade e deixar toda a porra do desfile passar e pular no meu pau, eu posso fazer isso. Mas se um cara tocar em você...

— Você vai cortar o dedo dele, — eu digo, lembrando do pai de Colt compartilhando a mesma desfiguração que seu filho. Quem eles tocaram?

— Ele vai perder mais de um dedo, — diz Royal.

Ele pega meu pulso novamente e caminha em direção à borda da ponte, subindo pelas vigas de madeira que sustentam a estrutura. Começo a protestar, com o coração acelerado enquanto o vejo pisar na borda estreita que se estende além da grade. Há apenas cerca de 30 centímetros de tábuas se estendendo, e elas estão molhadas e escorregadias. Se um carro cruzasse a ponte, a vibração por si só o faria mergulhar na água se ele não se segurasse nas vigas de suporte.

— Veja, eu sou um bastardo ciumento, Cherry Pie, — diz ele, sua voz subindo um pouco enquanto trovões retumbam e a chuva aumenta. — Eu não gosto que as pessoas toquem nas minhas coisas. E eu decidi que você é meu brinquedo. Eu não sou seu namorado. Eu não te amo, nem me importo com você, nem quero te foder. Eu quero possuir você. Você entende?

— Não, — eu digo simplesmente. Porque eu não entendo.

— Eu possuo você. — Ele me agarra pela cintura e me levanta através das vigas para o seu lado dos suportes. Eu luto para ficar do lado seguro, mas isso só o empurra para trás, caindo em direção à água, e ele ainda está no controle do meu peso. Por um segundo, sinto a sensação aterrorizante e vertiginosa dele

alcançando o ponto de equilíbrio. Eu chupo uma respiração, pronta para mergulhar para o lado. Em algum movimento que desafia a gravidade, ele volta a tempo de me colocar na borda ao lado dele, e eu me lembro da primeira vez que nos encontramos, quando ele pulou na frente daquele trem tão tarde que parecia impossível que ele não tivesse morrido. Ele se arrisca assim porque não se importa, porque não importa para ele se ele vive ou morre. Eu o vi naquela noite, e o vejo novamente agora. Ele poderia ter morrido naquela noite, ou caído agora, e isso não faria diferença para ele.

É por isso que ele sempre vence. Porque a vida é importante para mim. Eu me importo com ela.

— Que porra é essa, — eu digo, agarrando os suportes, meu coração batendo no meu peito. — Você poderia simplesmente ter nos matado.

Ele sorri, aquele sorrisinho de olhos mortos. — Agora você está começando a entender, — diz ele. — Sua vida, seu corpo, sua alma. Elas são minhas. Se eu quiser te matar, eu te mato. Se eu quiser te foder, eu vou te foder. Se eu quiser que você se ajoelhe, você se ajoelhará. Se eu quiser mostrar ao mundo que você gosta de chupar pau na parte de trás de um Corolla, eu vou mostrar a eles. É tudo meu. Toda a sua vida é minha, Harper Apple.

— Não me lembro de concordar com isso.

— Diga-me quem vai me parar, — ele provoca. — Você? Sua mãe? A polícia? Quem, Harper?

Meu aperto aumenta enquanto eu fervo. Ele tem razão. Ninguém nesta cidade pode ou vai detê-lo. Ele é o dono da cidade em que moro, e até eu sair dessa cidade, ele pode me possuir. — Eu te odeio, — eu digo baixinho.

— Eu sabia que você era inteligente, — diz ele. — Você teria que ser muito estúpida para amar um homem como eu, Cherry Pie.

— Você não é um homem, — eu digo, grata pela chuva escorrendo pelo meu rosto como lágrimas, escondendo a coisa real, a raiva impotente vazando dos meus olhos como ácido. — Você é um monstro.

— E você, meu lindo brinquedo, é minha, — diz ele. — Você viu o que acontece quando alguém toca nos meus brinquedos. Você gosta de pressionar, e eu quero que você saiba exatamente onde estão os meus botões para que possa fazer isso sempre que quiser me ver perder a cabeça por você novamente. Se você sente que não é importante para mim, lembre-se disso.

Ele arranca uma das minhas mãos das vigas de suporte e dá um passo ao

meu redor, me forçando a virar. Mais uma vez, sinto seu equilíbrio se equilibrar e tenho certeza de que ele vai mergulhar na água abaixo. Em vez disso, ele me pressiona de volta contra a ponte, meu rosto contra seu peito agora. Agarro os suportes atrás de mim, sentindo-me completamente vulnerável com a frente do meu corpo aberta para ele. Ele fica com um pé de cada lado do meu, sem segurar nada. Ele levanta meu queixo e gentilmente empurra meu cabelo molhado para trás do meu rosto.

— Agora você sabe todos os meus segredos, — diz ele, inclinando-se para escovar os lábios sobre os meus. — Você sabe exatamente como me deixar com ciúmes. Você sabe o quão louco você me deixa, minha querida cereja preta.— Ele me beija, seus lábios frios e molhados da chuva. Eu não o beijo de volta, mas também não o impeço. Algo em mim parece congelado, tão desesperada quanto eu me sentia em Faulkner, antes de começar a lutar e jogar, antes de ter alguma saída desta cidade.

Não sei o que significa ser o brinquedo da Royal Dolce, mas sei que vou descobrir e sei que não vou gostar.

Ele se afasta, segurando meu rosto entre as mãos. — Quais são seus segredos? — ele sussurra contra meus lábios. — Você já tinha me entendido, Harper Apple? É por isso que você me desafiou hoje? Ficou excitada ao me ver dar uma surra naquele idiota? Te deixa excitada saber que eu vou tão longe para destruir a competição quando o prêmio é você?

— Você é nojento, — eu rosno. — Isso não me deixa quente, me deixa furiosa. Eu te odeio pra caralho, Royal Dolce. A única coisa que me excita agora é o pensamento de você cair desta ponte.

Ele me beija novamente. Desta vez, luto contra ele o melhor que posso sem soltar a ponte. Quando meu corpo bate contra ele, ele estende a mão e envolve uma mão enorme suavemente ao redor da minha garganta. Meu pescoço ainda está machucado de quando ele me sufocou no corredor depois que eu o esbofetei, mas isso não é um ato de violência. Seu toque é quase terno, como se quisesse me assegurar que ele não quer danos a nada que ele possui.

É também sua única âncora na ponte. Seu peso está nas pontas dos pés, já que seus pés estão pendurados na borda. Abaixo, a água marrom flui, a superfície salpicada de gotas de chuva. Royal inclina seu rosto para aprofundar o beijo, água pingando de seu rosto na minha pele, sua boca ordenando que a minha se abra. Quando eu não obedeço, ele força sua língua entre meus dentes, me empurrando de volta contra a ponte com mais força, seu corpo balançando para frente para encontrar o meu.

Não é um beijo apaixonado, no entanto. É um exame, como um homem

que acabou de comprar um imóvel e está explorando seu novo lugar para ter certeza de que atende aos seus padrões. Sua língua se move contra a minha, lenta e arrogante, antes de deslizar sobre meus dentes e provocar o céu da minha boca. Ele está quase me desafiando a mordê-lo.

Eu não. Concentro-me em minhas mãos segurando a ponte. Posso soltar o tempo suficiente para empurrá-lo para trás na água? Quais são minhas chances de escapar se eu empurrá-lo? E se eu não fizer?

Aparentemente satisfeito com a minha falta de desafio, Royal recua lentamente, um sorriso puxando seus lábios molhados enquanto ele os desliza para frente e para trás sobre os meus. Ele acaricia minha garganta com o polegar, sua mão ainda em volta do meu pescoço. — Eu poderia te matar agora, Darling, — diz ele, essa palavra soando como uma ameaça toda vez que ele a usa. — Sua vida me pertence agora. Posso decidir terminar a qualquer momento. Você precisa se lembrar disso quando estiver comigo. Lembre-se de que toda vez que eu coloco minha mão em seu pescoço, posso escolher te matar ou te beijar. E o que eu faço depende de mim, não de você. Eu decido por você, respondo por você. Você entende isso?

Eu olho para ele. — Você entende que é você quem está de pé em uma borda, e a única coisa que impede você de mergulhar no rio é o seu domínio sobre mim?

Espero que ele corrija isso, para agarrar os trilhos atrás de mim, talvez bater minha cabeça nele por ameaçá-lo, mas ele apenas ergue uma sobrancelha. — Você vai me empurrar?

Eu libero o corrimão e descanso as duas mãos em seu peito. Em uma fração de segundo, a surpresa surge em seu rosto cruelmente bonito. Então ele agarra minha cabeça com as duas mãos e bate sua boca na minha. O beijo me assusta tanto que agarro o corrimão novamente, lutando por um segundo antes que ele me domine. Ele me empurra de volta contra os suportes, quase me dobrando para trás. Desta vez, não há distanciamento clínico em seu beijo. É duro e faminto, o golpe de sua língua áspero e exigente contra a minha.

Minha boca responde, minha língua lutando contra a dele, lutando contra a posse em seu beijo. Não é possessivo como um homem que pensa que me possui, é possessivo como um demônio, como se ele quisesse rastejar dentro do meu corpo e possuir minha própria alma. Seu peito esmaga o meu com cada respiração rápida e afiada que ele dá, e suas mãos embalam minha cabeça com um comando inflexível. E embora isso não fosse algo que eu procurasse ou mesmo saudasse, a masculinidade alfa do beijo faz meus joelhos ficarem fracos e minha boca responder por conta própria. Se eu não fizer isso, ele vai me invadir, me tomar. Minha única escolha é revidar, ceder à exigência de retribuir o beijo.

Nós nos beijamos, e nos beijamos, e nos beijamos, até minhas bochechas doerem e meus lábios ficarem machucados, até que eu possa sentir o gosto do meu sangue e o dele, ambos se misturando na minha língua enquanto ele desliza a sua contra a minha, como se tentasse lamber cada gota dele da minha boca antes que eu possa engoli-lo em minha barriga, como se ele estivesse com medo de que eu pegue um pedaço de sua alma com seu sangue. Eu agarro o corrimão com uma mão, e agarro sua camisa com a outra, e quando isso não é suficiente, eu deslizo uma mão em volta de seu pescoço, puxando-o para baixo, arqueando meu corpo no dele. Cravo minhas unhas, sentindo-as morder sua pele, saboreando o rosnado que sinto crescer em seu peito quando o machuco.

O beijo é tudo — uma batalha de vontades, um abraço apaixonado, uma luta pelo controle. E mais do que isso, é uma saída para a nossa raiva que se choca e forma um inferno entre nós, como se cada um de nós quisesse queimar o outro no chão, mas não há mais nada para queimar, porque nosso próprio incêndio já consumiu qualquer terreno que há para ser ganho.

Quando ele se afasta, seus olhos estão nebulosos e selvagens, ardendo de luxúria. Isso me faz tremer de calor. Sem hesitar, abro minhas pernas quando ele muda de posição, empurrando uma coxa entre as minhas e agarrando os suportes atrás de mim para alavancar. Ele balança contra mim, sua respiração irregular e áspera, sua ereção mordendo meu abdômen, o calor dela queimando em mim apesar das roupas frias e molhadas entre nós.

— Harper, — ele diz, sua voz distorcida em algo quase desumano. — Você precisa que eu te foda?

Um arrepio de desejo cru rasteja suas garras pela minha espinha, e eu quero dizer sim tanto que dói na minha garganta como um punho. Sim, eu preciso que ele me foda com tanta força que me parte em um milhão de pedaços. Meu corpo inteiro está em chamas sob minha pele gelada, e estou tão molhada que, se não estivesse chovendo, tenho certeza que meu jeans ainda estaria encharcado.

Mas eu sou mais do que meu corpo. Eu sou feita de um cérebro que diz que eu odeio esse garoto, que eu quero que ele pague por tudo que ele já fez comigo, e sexo com ele não é o tipo de vingança que ele tem em mente. Eu sou composta dos pesadelos que me atormentam e da dor nas costas da faca de sua traição. A lembrança dele quase matando meu único amigo porque ousei me divertir com ele. Um coração que conhece esse garoto com toda sua escuridão assombrada vai me destruir se eu deixar, e talvez até mesmo se eu não o fizer.

— Não, — eu digo, desejando que meu corpo traidor parasse de dizer sim tão alto.

— Tem certeza? — A angústia em sua voz me agarra como dentes, e eu

sinto a escuridão dentro dele chamando a minha, me atraindo até que eu saiba o que ele está dizendo sob as palavras que saem de seus lábios. Eu sei que ele está me pedindo para precisar dele. Eu sei que o que ele realmente quer dizer é que ele precisa me foder, mas ele não pode dizer isso. E eu sei que se eu deixar, tudo vai mudar. Mas ele já pensa que é meu dono, e se eu transar com ele, ele não estará errado.

Eu nunca senti nada parecido com isso com mais ninguém, mas só porque eu não experimentei, isso não significa que eu não o reconheça pelo que é. Eu me conheço bem o suficiente para saber que com Royal não haveria casualidade. Não é como com Colt ou Maverick. Isso é algo completamente diferente, algo que não acontece duas vezes ou mesmo uma vez na vida da maioria das pessoas. E se eu ceder a Royal agora, nem mesmo eu serei capaz de me salvar.

Royal desliza uma mão no meu cabelo, agarrando um punhado bagunçado e pressionando sua testa contra a minha, sua respiração tão quente contra meus lábios inchados que faz minha cabeça girar, e eu quase esqueço todas as razões pelas quais eu não posso desistir. — Vou deixar você decidir isso uma vez, — ele diz, sua outra mão segurando meu quadril. — Da próxima vez, eu escolho por você.

Fecho os olhos, sentindo o formigamento das lágrimas atrás das pálpebras e a pulsação trêmula e acelerada no meu peito. — Sinto muito, — eu sussurro.

E então eu solto o corrimão e o empurro o mais forte que posso.

Eu deveria saber que ela me empurraria. Eu deveria saber que ela tinha algo na manga quando ela me deixou beijá-la, quando ela me beijou de volta como se ela precisasse disso. Eu deveria ter visto isso chegando. Depois de tudo que eu fiz, tudo que eu disse, eu sabia que ela me odiava. É por isso que eu disse essas coisas, afinal. É por isso que eu os fiz. Eu deveria saber, porra.

Não me agarro à ponte nem tento recuperar o equilíbrio. Eu não giro e mergulho na água para garantir o mínimo impacto. Se eu realmente me importasse em cair, eu faria isso. Em vez disso, eu envolvo meus braços em torno de Harper, porque se eu vou cair, ela vem comigo.

Eu a sinto avançar, e então seu aperto cede, e ela é arrancada da borda pelo meu peso. Eu a sinto lutando em meus braços, mas eu só seguro mais forte, como se ela fosse a última coisa no mundo que eu tivesse que segurar.

Eu tive uma irmã uma vez, mas eu a perdi.

Eu tive um irmão que me protegeu uma vez, mas eu o perdi.

Eu tenho dois irmãos sobrando, e se eles são capazes disso, eles ainda se importam. Eles são exigidos pelas leis da irmandade de sangue. Mas eu não os protegi, do jeito que prometi a King que faria. Eles estão em pior situação do que Crystal, pior do que se eu tivesse desaparecido naquela noite. Não posso fazer nada sobre isso agora. Graças a mim, eles são quem são. Mas eles vão continuar sendo isso sem mim.

Harper, porém... Ela não vai continuar sendo nada sem mim.

A água nos atinge como um tapa, e então estamos sob a superfície. Ela está se debatendo em meus braços, mas eu não a solto. Eu a seguro como um último suspiro, e juntos afundamos no frio e escuro esquecimento do rio.

Ele vai me matar.

É tudo o que consigo pensar enquanto a corrente nos puxa, impedindo-nos de afundar no fundo das margens lamacentas. Eu o empurrei com as duas mãos, mas consegui agarrar a ponte imediatamente. Tudo estava indo melhor do que eu poderia esperar - por cerca de meio segundo. Achei que se ele caísse, os outros correriam para pegá-lo, e quando ele nadasse até a margem, trocasse de roupa e voltasse para o carro, eu já estaria longe.

Claro que me preparei para a possibilidade de cair também. Que ele me puxaria para fora do parapeito, ou que eu deslizaria para o corrimão, mas perderia o equilíbrio antes de consegui-lo. A água não está correndo e se agitando, mas está se movendo a um bom ritmo, e eu sabia que, mesmo que eu caísse, ele teria atingido a água e seria arrastado pelo menos o suficiente para que eu não caísse sobre ele e matasse um de nós.

Mas não. Ele é quem vai nos matar. Ele não apenas me agarrou e me puxou, então chutou seu caminho pelo ar como uma pessoa normal caindo. Nenhum instinto de autopreservação o fez tentar acertar a água com vantagem. Em vez disso, ele passou os braços em volta de mim e segurou como uma porra de uma prisão, prendendo meus braços. Nós não batemos bem na água, mas eu consegui respirar bem antes de afundar na superfície gelada, e obrigada por isso.

Caso contrário, eu já estaria morta em vez de lutar o máximo que puder contra seu aperto de ferro. A água é como caramelo congelado. Eu mal posso chutar nele, e qualquer contato que faço com suas canelas é embotado pela água. Somos puxados para baixo da superfície, torcidos pela corrente até que eu não consigo distinguir o alto do baixo. E eu não consigo respirar, porra.

Meus pulmões doem. Meu corpo inteiro dói de frio, muito mais frio do que eu esperava. Minha cabeça lateja.

E então, embora ele deva ter pulmões maiores e seja um atleta que deveria ser capaz de prender a respiração até eu morrer e então provavelmente nadar até a superfície, eu o sinto soltar o ar. Seus braços pulsam apertados ao meu redor por um segundo, como se ele estivesse me dando um abraço final, antes de finalmente se soltar.

Eu não perco um segundo. Eu o agarro e chuto o mais forte que posso, usando meu outro braço para acariciar a água. Eu me movo com a corrente, deixando-a me levar e fazer a maior parte do trabalho, deixando o ar em meus

pulmões me levantar para me mostrar qual é o caminho para cima. Estou quase engasgando com a falta de oxigênio. Em meu peito parece que um elefante está de pé sobre ele. Minha cabeça lateja, a escuridão comendo as bordas da minha consciência enquanto eu chuto e remo freneticamente com uma mão, sem ter certeza de que vou chegar à superfície a tempo. O peso morto de Royal ameaça me puxar de volta para o fundo faminto do rio.

Quero largá-lo, mas sei que nunca o encontrarei se o deixar ir. A corrente vai levá-lo, e quando eu mergulhar de volta, ele terá ido embora. Justo quando penso que vou ter que respirar fundo, minha cabeça vem à tona. Eu sugo uma respiração, o alívio me fazendo quase soluçar quando o instinto toma conta. Então eu sou puxada para baixo novamente, quase antes que eu possa fechar minha boca. Eu chuto forte, rompendo novamente. Desta vez, não luto e me debato como um animal em pânico.

Eu me forço a deixar meu corpo descansar na água, respirar devagar, apenas chutar as pernas para não afundar novamente. Eu me concentro em nada além de respirar o ar que eu tanto preciso. Depois de respirar fundo várias vezes, estou calma o suficiente para pensar direito, e aponto para a margem mais próxima, coloco meu rosto na água e nado forte com a corrente. Parece levar uma eternidade, como se eu não estivesse me movendo em direção à margem, mas apenas rio abaixo. Tenho certeza de que é tarde demais para Royal, que eu deveria deixá-lo se juntar a sua irmã como outra vítima do rio.

Mas eu não consigo soltar meus dedos do ombro de sua camisa, onde eu o agarrei antes de começar. Por fim, estou perto o suficiente para tocar o fundo com os dedos dos pés, mas ainda não consigo sair da água. A corrente me puxa quando tento ficar de pé. Frustração e pânico me atacam, e começo a nadar novamente.

Uma voz corta meu foco singular, e eu inclino minha cabeça nessa direção. Duke e Baron estão correndo ao lado, acenando para mim e chamando. Quando coloco meus pés no chão novamente, sou capaz de pelo menos ficar de pé sem ser derrubada. No momento em que paro de me mover, Duke entra na água. Seu rosto está marcado pelo medo enquanto ele se afasta, estendendo a mão para mim quando ainda está no meio do caminho, como se o querer pudesse diminuir a distância entre nós.

Por alguma razão, uma visão de Mabel Darling enche minha cabeça. Foi assim que Royal a puxou para fora, a razão pela qual ele não queria admitir? Duke não está me tirando por causa de qualquer lealdade ou sentimento. Ele está fazendo isso porque ele é um fodido ser humano, e isso é algo que Royal nunca gostaria de admitir. Prejudicaria sua reputação admitir que ele é como o resto de nós, não um deus vingativo empoleirado em um trono acima de tudo.

— Onde está Royal? — Duke chama, sua mão finalmente conectando com a minha. Eu nunca senti alívio como no momento em que sua mão incrivelmente forte aperta a minha, nem mesmo quando eu recuperei o fôlego. Eu estava com muito medo então. Agora, eu quase desmaiei com a força do alívio. Estou tão presa no momento que meu aperto na camisa de Royal relaxa e eu tenho que puxar minha mão da de Duke e agarrar Royal novamente, desta vez pegando sua mão.

— Eu tenho ele, — eu digo.

E então eu começo a chorar como uma porra de um bebê.

Tudo acontece ao meu redor depois disso, e eu sei que deveria entrar em ação e ajudar, mas não consigo me colocar de volta no momento. Eu estava completamente absorta em cada momento no rio, mas quando eles me puxam para fora, é como se uma parte de mim tivesse ficado na água.

Estou acostumada a me entregar ao momento em uma luta. Gosto de como isso desliga meu cérebro e não preciso pensar em nada além do gol, da vitória, da luz no fim do túnel de visão que me domina nesses momentos. E mesmo que a prática de aprimorar minha habilidade provavelmente tenha me salvado hoje, não consigo voltar à realidade quando acabar.

Em vez disso, sento-me na margem enquanto Duke e Baron rolam Royal em seu rosto e tentam tirar a água de seus pulmões. Então Baron começa o boca a boca, e Duke vem e envolve a jaqueta de Baron em volta de mim. Está úmido da garoa ainda caindo, mas quando ele envolve seus braços em volta de mim e me puxa para seu colo, ele está quente e forte, e eu estou tão aliviada que por apenas um momento na minha vida, alguém está assumindo o controle, que eu não tenho que ser forte, que eu posso desmoronar e meu mundo não vai desmoronar comigo.

— Você fez bem, Apple, — diz ele, pressionando seus lábios quentes na minha testa. Estou com tanto frio que mal consigo sentir.

— Eu o empurrei, — eu sufoco, cansada demais para me importar com o que ele vai fazer comigo por essa confissão. Se ele me jogar de volta no rio, vou desistir do jeito que Royal fez e deixar que ele me pegue.

— Eu sei, — ele diz baixinho. — Nós vimos.

— Eu não sabia... — eu começo, mas um arrepio destrói meu corpo com tanta força que sufoca as palavras.

— Eu sei, — diz Duke novamente, e em vez de me jogar de volta na água,

ele me abraça mais forte. — Meu irmão é uma fera complicada.

— Ele nem tentou, — eu digo, enxugando as lágrimas irritantes dos meus olhos. Elas se recusam a parar, mesmo quando eu termino com elas, quando eu quero dizer isso para Duke, quando eu quero fazê-lo ver que eu não queria matar seu irmão.

— Você tem que entender, — diz Duke calmamente. — Royal não é suicida. Ele não vai pular da ponte. Mas se alguém o empurrar...

— Ele não vai tentar se salvar, — eu digo, outro soluço destruindo meu corpo.

Duke beija minha testa novamente, me apertando contra seu peito e deixando minhas lágrimas molharem sua camisa acima da linha d'água quando ele entrou para nos pegar. — Ele simplesmente não se importa se ele morrer.

Como se fosse uma resposta, Royal começa a engasgar. Baron o arrasta, rolando sua forma maciça como o gigante que é. Royal cambaleia na posição de mãos e joelhos e vomita uma torrente de água marrom, como se ainda estivesse no rio também. Ou talvez o rio seja sempre uma parte dele, um rio que nunca sai, não importa o quanto ele vomite de volta, não importa o quanto seu corpo queira livrá-lo dele.

— Por que? — Eu sussurro. — O que aconteceu com ele?

— Você não entende, Harp, — diz Duke, sua voz baixa, para apenas eu ouvir. — Perdemos nossa irmã, mas Royal, ele perdeu sua gêmea.

Baron está falando com Royal no mesmo tom baixo a poucos metros de distância, duas conversas particulares acontecendo tão próximas, mas separadas por anos e quilômetros que não podem ser cruzados. Royal ainda está de joelhos, mas ele se abaixa até os cotovelos, pressionando a testa no cascalho lamacento na margem do rio, sua respiração irregular como um soluço. E eu acho que naquele momento que Duke está errado sobre ele. Ele perdeu algo mais do que uma irmã, mais do que uma gêmea. Ele perdeu sua alma.

— Foda-se, — ele resmunga, suas mãos fechadas em punhos. Ele soca a terra molhada com a parte inferior do punho cerrado. — Porra. Porra. Porra. — Ele pontua cada palavra com outro golpe, até que ele revolve a lama do cascalho, até que sua pele esteja cortada e sangrando, seu sangue vermelho ensopando a sujeira marrom-avermelhada da margem.

— Ouça, quer ele goste ou não, você salvou a vida do meu irmão hoje, — diz Duke. — Mas nunca faça essa merda de novo, Harper. Você não pode

empurrar meu irmão. Apenas... Pare de empurrá-lo, ok?

Eu sei que ele está falando mais do que empurrá-lo da ponte. Eu aceno e limpo minhas bochechas.

— Bom, — diz Duke. — Nosso trabalho é ajudá-lo a viver, o que quer que isso signifique a qualquer momento. Lembre-se disso. É o seu trabalho agora também.

Não digo nada, mas penso a mesma coisa que pensei naquela ponte quando Royal me disse que eu era seu brinquedo. Eu não me inscrevi para essa merda. Eu não pedi isso. Eu não quero a atenção. Eu não quero a responsabilidade. Eu não quero o perigo.

Mas, na verdade, eu me inscrevi para isso. Eu pedi isso.

Não chupando o Sr. Behr na traseira de seu carro ou fazendo com que eles nos pegassem. Não por ter um vídeo do incidente divulgado. Nem mesmo indo para Willow Heights.

Eu me inscrevi quando concordei com as condições do Sr. D. Eu pedi isso quando persegui os meninos, quando tentei me aproximar deles. Eu me coloquei no meio disso. Eu queria a atenção deles, mesmo sabendo que isso vinha com um perigo para o qual eu não estava preparada.

Então eu aceno, e Baron diz que precisamos levar Royal para algum lugar quente. Duke se levanta e puxa a jaqueta de Baron apertada em volta de mim, e meus olhos caem em um anel em sua mão esquerda. É uma coisa desajeitada, menor que um anel de classe e mais simples, mas grande o suficiente para chamar minha atenção. Grande o suficiente para eu ler o D claramente em relevo no centro.

Mais uma vez me pergunto para quem estou realmente trabalhando. Talvez não seja um velho assustador. Baron é supostamente um hacker genial, afinal. Não tenho dúvidas de que foi ele quem invadiu o blog de Dixie e colocou aquele vídeo, seja por vontade própria ou por ordem de Royal.

Mas pensar que ele é o Sr. D é estúpido. Por que ele iria querer que eu o espionasse?

Afasto o pensamento e volto para o carro com os outros. Minhas pernas estão tremendo, meus dentes batendo, meu corpo inteiro tremendo de frio. Embora Royal continue empurrando Baron para longe quando ele tenta ajudar e dizendo que está bem, ele vomita novamente no meio do caminho de volta para o carro e tem que parar e descansar três vezes, inclinando-se com as mãos nos

joelhos, apenas respirando.

Quando finalmente chegamos ao carro, estou tão exausta que acho que não conseguiria dar outro passo se tentasse. Eu deslizo para o banco de trás. Royal não protesta quando Baron pega as chaves e abre a porta malas. Ele se arrasta para o banco de trás, parecendo tão esgotado quanto eu. Baron liga o carro e aumenta o calor, e Duke se vira no banco do passageiro para olhar para nós.

— Há um cobertor lá atrás, se você precisar dele, — diz ele, me vendo tremendo no meu lugar. Estou desajeitada de frio, mas consigo me ajoelhar e chegar atrás do banco de trás para pegar um cobertor de lã dourado e preto com o logotipo WHPA Knights. Eu o enrolo em volta de mim e deslizo de volta no banco, lançando um olhar culpado para Royal. Ele está caído contra o outro lado do assento, a testa apoiada no vidro.

— Você sabe que se você quer se aquecer, você deve ficar nua, — diz Duke, piscando seu sorriso para mim. Mas eu sei que há um menino de verdade sob a boca suja e o riso, mesmo que eu só o visse por cinco minutos quando ele achava que seu irmão estava morrendo.

— Cara engraçado, — eu murmuro.

— Ele está certo, — Baron entra na conversa. — Isso é sobrevivência 101. Vocês dois devem jogar suas roupas e ficar debaixo do cobertor.

— Não vai acontecer, — eu digo, olhando para ele.

— Então, pelo menos, aconchegue-se para compartilhar o calor do corpo, — diz Baron, mudando de marcha. Ele puxa o carro para a estrada, e eu sou grata por sua atenção ter se desviado de nós.

— Quer um pouco disso? — Eu pergunto a Royal, puxando o cobertor debaixo de mim para que eu possa colocá-lo sobre nós dois, se ele chegar mais perto.

Ele não se move. Eu me pergunto o que está acontecendo na cabeça dele agora. Ele está chateado que eu o tirei do rio? Ele queria morrer lá atrás? Ou apenas chateado que eu o empurrei?

Ele com certeza não fez um esforço para viver.

Minha garganta aperta, e eu me arrasto pelo banco, sabendo que ele não vai fazer isso. Que ele nunca vai chegar. Ele nunca vai me dar nada. Ele está trancado em sua cabeça, em seu coração vazio, e ele não poderia me dar o que eu preciso, mesmo que ele quisesse. Ainda assim, não sou um monstro. Posso ter

feito coisas para sobreviver que nem todos entendem ou concordam, mas ainda sou uma garota, ainda humana. Eu cubro Royal com o cobertor, e quando ele ainda não se move, eu me aproximo, até que nossos corpos estão pressionados juntos no assento. Eu envolvo meus braços ao redor dele e deito minha cabeça em seu peito, ainda vestindo a camisa que usei para tirá-lo das profundezas do rio.

Ele não se move. Se não fosse pelo baque pesado de seu coração contra minha bochecha, eu poderia pensar que ele estava morto. Sua pele está fria sob as roupas molhadas e, por um segundo, considero desabotoar sua camisa, mas isso parece assustador, então apenas me aperto contra ele, esperando que o calor se acumule entre nossos dois corpos frios. O carro se move pela noite cinzenta e encharcada, passa pelo lado bom da cidade, pelas ruas molhadas brilhando com o reflexo dos semáforos na seção de negócios e depois sobre os trilhos.

Embora eles devam saber onde eu moro, já que um deles entregou minha bicicleta, eu não estava com eles dessa vez. Agora, vejo as casas pequenas e decrépitas do jeito que eles devem vê-las. Elas parecem deprimente e sem esperança. Quando viramos na Mill Street, um carro está parado na beira da estrada do lado de fora da casa de Zephyr, duas rodas em cima de blocos de concreto, as janelas abaixadas apesar da chuva. Em outra entrada, um saco de lixo é colado na janela de um carro, e bicicletas e brinquedos de crianças estão espalhados pelo gramado marrom.

Baron estaciona ao lado do meio-fio em frente à minha casa. Embora eu nunca tenha tido vergonha do meu bairro, e eu realmente gosto de Blue e Olive mais do que a maioria das pessoas, a pequena piscina infantil de plástico cheia de areia e cadeiras de plástico desbotadas no quintal de Blue parecem tão inúteis quanto qualquer outra pessoa quando vistas pelos olhos de um estranho. Blue está em sua varanda na escuridão crescente, a luz da varanda queimada, fumando um cigarro. Uma lata de café velha e enferrujada está nos degraus, esperando por suas pontas de cigarro e aumentando o lixo.

Não é à toa que esses garotos, esses malditos príncipes de Faulkner, me chamam de lixo de trailer. Isso é exatamente o que eu sou.

Estou rígida com a autoconsciência enquanto me tiro debaixo do cobertor fumegante espalhado sobre mim e Royal.

— Merda, — murmuro, deslizando pelo assento para fazer uma fuga rápida. — Eu molhei seus assentos.

De alguma forma, até este momento, eu não tive tempo para me maravilhar ou mesmo notar que os bancos são macios como manteiga e o interior cheira a couro novo, que o carro se move tão suavemente e silenciosamente que eu podia

ouvir o batimento cardíaco de Royal o tempo todo, no caminho de casa. Eu estive no carro de corrida de Royal, mas este... Droga. Eu não sei nada sobre carros, mas este é um carro muito legal.

— Confie em mim, um pouco de água do rio é a coisa mais limpa que o banco de trás já viu, — diz Duke, virando-se para me dar um sorriso.

Tento não pensar nisso enquanto desço do carro. Aceno para Blue e corro pela passarela e entro na minha casa. Eu deveria checar com o Sr. D, como é nosso acordo de sexta-feira, mas mamãe está em casa e eu não quero usar o computador na sala de estar. Como meu laptop está na escola, assim como minha bicicleta, também não posso usá-lo. Não consigo nem usar o aplicativo *OnlyWords* no meu telefone, pois também está na escola.

Estou honestamente aliviada por ter uma desculpa para não mandar uma mensagem para ele. Hoje foi um dia muito longo, e eu só quero rastejar na cama e empilhar cobertores sobre mim e não pensar em nada disso – Colt deitado na estrada na chuva até que alguém passasse e o encontrasse; a diversão fácil que tivemos juntos e quanto custou a nós dois; o ódio impotente que sinto por Royal Dolce e a atração enfurecedora que o acompanha; a maneira como sua alma torturada chama a minha e a maneira como a minha responde quer eu queira admitir ou não.

Eu quero estar acima de tudo, não me importar com o que pensam de mim, não me importar que eu seja pobre e que me chamem de puta e que todos tenham me visto chupando o pau de um professor. Às vezes, eu consigo, e geralmente, eu posso fingir até chegar à terra feliz de não dar a mínima. Mas os garotos Dolce me irritam. Eles me fazem sentir vergonha de quem eu sou e, ao mesmo tempo, me fazem pensar que posso ser outra pessoa. Eles me puxam sob seu feitiço e me fazem querer mudar, ser melhor, ser boa o suficiente para eles. Implícito nesse desejo está a maneira sorrateira com que me fazem sentir que já não sou boa o suficiente.

Quanto mais aprendo sobre os Dolces, menos acho que os conheço, menos descubro. O que mais me assusta é que quanto mais os conheço, menos me conheço. Eu definitivamente nunca pensei que eu fosse o tipo de garota que pudesse se importar com um garoto que me trata do jeito que Royal trata. Mas mesmo que ele não se importe se ele vive – talvez *porque* ele não se importe – eu me importo.

Um amor de mãe

O que você estava pensando?

Você está apenas tentando me assustar

Depois de tudo que essa família passou

Já não sofri o suficiente?

Isso é algum tipo de grito por atenção

Porque eu tentei

Se você ao menos se der ao trabalho de pegar o telefone

Me ligue de volta de vez em quando

Mas você me excluiu

Você sabe como isso me faz sentir?

Você sabe?

E agora isso

Você espera que eu largue tudo?

Há uma abertura esta semana

Maria Giancursio tem uma peça na galeria

Uma aula de arte e de repente ela se imagina uma artista

Você pode imaginar?

On seu pai colocou você nisso?

Tão típico

Ele acha que eu vou pular em um avião toda vez que ele estalar os dedos

Você diz ao seu pai

Que Eu não posso vir correndo toda vez que você engole um pouco de água

Eu fiz isso no Cabo um verão

E olhe para mim

É o sangue Valenti

Você é duro

Apenas como eu.

Vai acontecer de novo

Eu sei como vocês são meninos

Tão imprudente

Assim como ele.

No momento em que passo pelas portas de Willow Heights na segunda-feira de manhã, todas as cabeças se voltam para mim. Estou tão farta desta merda que poderia vomitar. Se eles estão tentando me levar de volta para Faulkner High, isso com certeza está me tentando pra caralho. A única coisa que me mantém em movimento é o conhecimento de que aguentar isso por dois anos garantirá que eu nunca tenha que ver um único desses idiotas novamente na minha vida.

Eu gostaria de poder me virar e sair, que eu pudesse correr para a casa de Colt e fumar maconha, dar uns amassos e comer sanduíches na ilha da cozinha com a luz entrando pelas janelas panorâmicas.

Mas eu não posso fazer isso de novo porque se eu fizer, eles vão matá-lo.

Eu corro minha mão sutilmente pela parte de trás da minha saia, me certificando de que ela não está enfiada na minha calcinha. No sábado de manhã, encontrei minha bicicleta e minha mochila trancadas no corrimão da minha varanda e, surpreendentemente, ninguém havia invadido a bolsa e roubado nada. As roupas estavam molhadas e o laptop estava úmido, mas ainda vivo, já que a chuva não estava super forte. Uma ida à lavanderia mais tarde, estou entrando na escola parecendo mais ou menos normal pela primeira vez. Bem, não é normal para mim, mas pelo menos eu me encaixo com as outras cadelas ricas, se eu sou um pouco conservadora, formal. O estilo de Mabel era mais J. Crew do que a galera popular, mas por mim tudo bem. Eu não sou o tipo de estiletes de qualquer maneira.

Uma voz maliciosa corta minha determinação de ignorar os olhares. — Oh meu Deus, o que ela está vestindo agora?

— Oh, Deus abençoe o coração dela, — grita a voz em resposta. — Ela realmente acha que isso vai nos fazer esquecer que ela está em um vídeo pornô literal?

— Vamos, meninas, — diz Gloria. — Todo mundo merece uma chance de começar de novo e tentar de novo.

Eu tento olhar nos olhos dela, para agradecê-la silenciosamente, mas ela ignora minha tentativa de reconhecer seu pedaço de bondade.

— Foda-se essa merda, — murmuro baixinho. Estou prestes a dar-lhes a bunda se continuarem com isso. Mas prefiro não ser suspensa, então não reajo.

Em vez disso, sigo em frente e não paro até chegar ao meu armário. Elas me seguem como mosquitos sugadores de sangue, seus saltos estalando no corredor atrás de nós.

Quando termino de pegar meus livros, aquelas vadias ainda estão lá, me observando e rindo, provavelmente esperando que eu perca a cabeça. — Vocês não têm algo melhor para fazer do que me seguir de boca aberta? — Eu pergunto. — Eu juro que vocês são piores do que os caras me pedindo boquetes.

Everleigh zomba e troca um olhar com uma das outras garotas do Bitch Pack. — Você é um show de horrores.

— Então o que é? — Eu pergunto. — Você quer uma chupada, ou você quer uma lição sobre como dar isso?

— Oh meu Deus, — Eleanor grita, seu rosto torcido em desgosto. — Ela está dando em cima de você?

— Eca, — Everleigh grita, agarrando Gloria como se ela estivesse com medo de que eu vá atacar sua boceta e começar a comê-la no meio do corredor.

Eu levanto uma sobancelha para ela. — Não bata até tentar.

— Você é realmente uma prostituta que nem se importa se está com um cara ou uma garota? — pergunta uma de suas ajudantes, boquiaberta para mim. — Você, tipo, faria um animal?

Eu não posso deixar de rir. — Vocês realmente precisam de hobbies se não tiverem nada melhor para fazer do que ficar obcecadas com minha vida sexual. Ei, talvez você poderia tentar obter um de seus próprios. Uma boa trepada pode abrandar você.

— Ugh, — Eleanor bufa, jogando o cabelo por cima do ombro e me dando uma olhada. — As roupas não podem mudar quem você é. Você ainda é uma vadia por baixo.

— Mais uma vez, por que você está tão obcecada com minhas roupas e o que está por baixo delas? — Eu pergunto. — Considerando sua busca pelo pau do Dolce, eu te considerei uma garota heterossexual. Foi mal. Mas só para você saber, você não é meu tipo.

— Oh meu Deus, eca, — Eleanor diz. — Nós não estamos tentando entrar em suas calças, aberração.

— Poderia ter me enganado, — digo com um encolher de ombros,

fechando meu armário.

— Vamos, meninas, — diz Gloria, dando um braço a cada uma de suas irmãs. — Eu preciso falar com Dixie antes do ensaio. Você não acreditaria no que aconteceu com Royal neste fim de semana.

— Sim, — eu digo. — Foi selvagem. — E então eu me viro e vou embora, só para negar a elas a satisfação de fazer isso primeiro. Sim, eu posso ser tão mesquinha quanto a próxima cadela, e eu sei que ela está me provocando, tentando me interessar em suas fofocas sobre Royal. Mas foda-se se eu vou persegui-la pelo corredor como elas fizeram comigo.

Ainda assim, odeio saber que ela falou com Royal, que ele contou a ela o que aconteceu.

Deslizo para o meu lugar na sala de aula, verificando a mesa de trás onde Duke Dolce geralmente se senta com seus amigos. Cotton e DeShaun estão lá, inclinados sobre um laptop.

Eu me viro para a frente e começo a pegar minhas coisas, sintonizando as vozes ao meu redor.

— Você ouviu...

— ... não posso acreditar...

— ... Foi aleatório?

— Você viu...

— Tão triste.

Eu me endireito e coloco meu laptop na mesa na minha frente. Antes que eu possa abri-lo, Dixie vem marchando para a sala em suas botas de arrasar, Quinn pairando como um planeta orbitando sua prima mais legal.

— Ei, Harper, — diz Dixie, deslizando em seu assento à minha frente. Quinn toma outro assento na mesa, como de costume. A professora limpa a garganta e Dixie abaixa a voz para um sussurro. — Eu sei que você não gosta de fofoca, mas você pode querer dar uma olhada no blog.

Everleigh vem saltitando assim que o sino toca suavemente. Estou aqui há apenas alguns meses, mas já estou acostumada com o sino elegante. Eu provavelmente pularia para fora da minha pele se o tilintar áspero do sino Faulkner soasse em vez disso.

— Eu não estou atrasada, — diz Everleigh, um desafio em sua voz.

A professora suspira e acena para Everleigh em seu lugar. Ela é uma garota Dolce, então nem os professores vão dar muita bola pra ela.

— Estávamos procurando por você esta manhã, — diz Everleigh, parando em nossa mesa para falar com Dixie. — Glória tem chá.

— Derrame.

— Eu não posso, — Everleigh diz, revirando os olhos para a professora, que pigarreia alto. — Glória vai te contar no ensaio. É sobre Royal.

Ela volta para a mesa com os outros populares, embora Duke esteja desaparecido. Eu me pergunto se Royal estava pior do que imaginávamos. Quero dizer, o cara parou de respirar. Ele não disse uma palavra quando entramos no carro. De repente, meu estômago dá um nó. Talvez não tenha sido ele quem ligou para Gloria. Talvez Duke ou Baron tenham ligado para dizer que estava no hospital. Ele poderia ter contraído pneumonia ou alguma infecção por inalar toda aquela água suja. Inferno, ele poderia ter danos cerebrais ou... eu não sei nada sobre afogamento, mas eu sei que não pode ser saudável chegar tão perto de morrer quanto ele.

Eu não deveria me importar. Eu deveria estar feliz pra caralho. Eu o empurrei daquela ponte de propósito. Ele mereceu.

Mas meu coração aperta com o pensamento de algo acontecendo com ele. Eu não me permiti pensar muito sobre isso neste fim de semana. Depois da provação angustiante, dormi durante a luta de sexta à noite, então tive que jogar pôquer a noite toda no sábado para compensar. Então eu dormi o dia todo no domingo e fiz o dever de casa na lavanderia à noite. O que significa que passei o mínimo de tempo possível acordada em meus pensamentos ou considerando o que teria acontecido se Royal tivesse me segurado por mais alguns segundos. Nós dois estaríamos mortos agora.

O que teria acontecido se eu não tivesse agarrado sua camisa? Se eu não fosse forte o suficiente para segurá-lo e puxá-lo para cima? Se eu tivesse que escolher entre deixá-lo ir e chegar viva à margem do rio, ou segurar e morrer? O que teria acontecido se o Baron não soubesse como ressuscitá-lo? Se eu o levasse até a margem do rio e tivéssemos que esperar os paramédicos chegarem, seria tarde demais quando eles chegaram lá e desceram a margem com uma maca por quatrocentos metros? Teríamos que ficar sentados ali e esperar impotentes, vendo-o morrer?

Eu tremo com o pensamento, envolvendo meus braços em volta de mim e

tentando me concentrar. Pensar no que poderia ter sido é inútil. Eu não sou do tipo que insiste em coisas que não posso controlar. Mesmo assim... não sou uma assassina. Eu sei exatamente como a vida é preciosa. Sim, eu odeio Royal, e ele fez e disse algumas merdas para mim, e eu estava chateada com ele. Mas nada que ele fez foi tão ruim quanto o que eu fiz. Eu poderia tê-lo matado.

Eu quase fiz.

Lembro-me de Colt me dizendo que ataquei tudo com força bruta em vez de ser paciente e deixar as coisas se resolverem. Isso é exatamente o que eu fiz. Eu queria me vingar de Royal, então fiz algo imprudente e perigoso, e ele quase morreu. Eu poderia ter planejado a vingança e levado meu tempo, esperando até o momento certo e dando um golpe esmagador, como os Dolces fazem. Eles mantiveram esse vídeo por meses.

Em vez disso, entrei com toda a discrição de uma marreta. Eu queria escapar, e sabia que nós dois poderíamos nadar até a margem, então pulei de uma porra de uma ponte.

Estou assustada com o pequeno aplicativo *OnlyWords* aparecendo no canto da minha tela, a caixa preta com letras verdes piscando para mim.

WHGossipGrrl: Você leu o blog?

BadApple: não verifiquei

WHGossipGrrl: me desculpe :(

BadApple: Por quê?

WHGossipGrrl: Me envie uma mensagem depois de ler

Bad Apple: Ok

Certifico-me de que o professor não está vagando pela sala antes de procurar sorrateiramente pelo blog. Meu estômago está embrulhado de pavor agora que ela se desculpou. A última coisa que eu preciso é mais besteira vindo em minha direção. Mas eu pareço ser o alvo de muitos de seus blogs, e é por isso que evito a coisa em primeiro lugar. Certamente ela tem coisas melhores para escrever no blog do que uma mudança dramática de guarda-roupa, mesmo que envolva seu ímã favorito para fofocas. Não tenho feito nada digno de nota ultimamente, a não ser...

Meu coração dá um pulo, e quase engasgo quando olho para ela. Ela sabe o que eu fiz com Royal?

A escola inteira vai me amarrar e me crucificar se descobrirem que quase matei o rei deles. Tenho sorte que os gêmeos estavam lá e aliviados o suficiente por ter salvado a vida dele para me punir por ser a pessoa que arriscou para começar.

Minhas mãos tremem quando clico no link para seu último blog.

Willow Heights Gossip Grrl

Aluno atacado

Normalmente tento focar nos pontos positivos, mas esta semana venho trazendo notícias trágicas. Se você é uma pessoa normal que deixa — Local News with Jackie — para seus pais, provavelmente viu isso em todas as mídias sociais no fim de semana. Se não, você perdeu uma história trágica, e embora eu odeie ser o portador de más notícias, isso não pode ser ignorado. Tenho certeza de que estamos todos igualmente chocados com a notícia de um ataque brutal a um dos nossos.

Em algum momento depois da escola na sexta-feira, Colt Darling foi violentamente agredido do lado de fora de Willow Heights, no estacionamento leste da escola. Um membro da equipe de custódia o encontrou no chão, sem responder, quando ela chegou para o trabalho por volta das 19h. Ela ligou para o 911, e o oficial Gunn chegou ao local logo depois. Colt foi então transportado de avião para a Regional de Faulkner, onde permanece em condição estável, mas crítica, na manhã de segunda-feira. Sua família pede suas orações neste momento doloroso, mas também pede que você respeite a privacidade deles e não os contate sobre sua condição, detalhes dos quais eles compartilharão à medida que novos desenvolvimentos ocorrerem. Colt não frequentou a escola na sexta-feira, mas foi visto saindo do campus naquela manhã com Harper Apple. Sua razão para estar no campus depois da escola é desconhecida.

The Scoop: Embora o(s) perpetrador(es) permaneça(m) foragido(s), a polícia não acredita que mais ninguém esteja em perigo imediato. Fontes dizem que o ataque parece ter começado por causa de um acidente no estacionamento e se transformou em uma briga física. Se você tiver alguma informação sobre este ataque, entre em contato com o departamento de polícia ou ligue para a linha de denúncia anônima.

Item obrigatório da semana: Uma vela para o culto de oração à luz de velas que será realizado na terça-feira à noite às 19h no estacionamento leste onde ocorreu o ataque. O Pastor Burton do Primeiro Batista de Faulkner presidirá. Os Darlings pedem que todos os cartões, flores, etc sejam deixados lá ou doados ao First Baptist, onde Colt atende.

Sento-me lá lendo repetidamente, querendo vomitar. Fragmentos de conversas que tive sobre os garotos Dolce circulam pela minha mente, intercalados com linhas do post do blog.

Eles não são como os caras que você está acostumada... Orações neste tempo de partir o

coração... Com a máfia... Perpetradores continuam foragidos... Eles são criminosos... Ataque brutal... Eles arruinam vidas... Contate a polícia... Eles são perigosos... Sem resposta... Transportado por via aérea... Estado crítico...

Eu bato meu laptop e saio do meu assento, certa de que vou vomitar. Todo mundo se vira com a minha interrupção repentina, mas eu mal ouço a professora me dizendo para me sentar enquanto passo por ela, abro a porta e tropeço no corredor. Meus pés me levam para fora da porta antes que eu possa detê-los. Eu sei que estou fodendo para a direita e para a esquerda. Eu deveria sentar durante a aula e prestar atenção, não voltar aos meus velhos hábitos de matar aula e fumar embaixo das arquibancadas. Mas foda-se isso.

Foda-se tudo.

Não tenho nada para fumar, então me sento na arquibancada sozinha, sem fazer nada. O dia está claro, ensolarado e alegre, embora por dentro eu esteja sendo dilacerada por um maldito furacão. É por isso que não tenho amigos.

Sempre haverá psicopatas no mundo. Eu não posso controlar isso. Eu só posso controlar como eles me afetam, se eu lhes dou acesso ao meu coração.

Amigos são perigosos. Amigos são um meio para eles chegarem até mim.

Não há mais amigos. Esse é o meu primeiro sacrifício.

Porque isso é minha culpa. Eu simplesmente não os deixei chegar até mim. Eu os levei direto para Colt. Eles me avisaram várias vezes para ficar longe dele. Eles me avisaram que o machucariam se eu não o fizesse. E eu ainda tinha que fazer do meu jeito. Eles não dão a mínima para quem deveria ter sido punido por essa indiscrição. Eles poderiam ter me machucado. Eu posso pegar. Eu prefiro que eles me machuquem do que Colt.

Mas eles sabiam. Eles sabiam que me afetaria mais profundamente se fossem atrás de Colt. E sim, eu poderia culpá-los por serem sociopatas, pelo ataque em si, mas eles nunca esconderam quem são. Eu sei. Eles me avisaram. Todos me avisaram. Posso culpar um escorpião por ter veneno? Ou a mim mesma por chegar para acariciá-lo?

Não importa por que eles são do jeito que são. Eu tenho que parar de tentar entendê-los e inventar desculpas para eles. Eles são escorpiões, e eles picam, e eu sempre soube disso. Eles não se importam com quem é a vítima, desde que obtenham o resultado que desejam. Não mais. Não vou arriscar ninguém com quem me importo. Não pegando emprestado o carro de Blue, ou falando com Maverick quando me deparo com ele, ou mesmo sussurrando o nome Darling.

Um passo reverbera ao longo das arquibancadas de metal, e eu me assusto, meu coração na garganta por um segundo antes que meu cérebro racional me alcance e me lembre que Colt não vai se juntar a mim hoje.

Em vez disso, olho para cima para ver Dixie marchando ao longo da fileira de bancos em minha direção.

— Você não deveria estar indo ensaiar agora? — Eu pergunto, ressentida com a intrusão. Ela escreveu esse blog. Ela colocou meu nome nele. A única razão pela qual os policiais não apareceram para me fazer perguntas é que os Dolces já haviam recolhido minha bicicleta e minha mochila quando os policiais apareceram, então ninguém poderia me colocar no local.

De repente, minha cabeça gira e meu estômago se revira. Se eles realmente voltaram e pegaram minhas coisas antes dos policiais aparecerem, isso significa que eles viram Colt. Eles viram que ele não tinha se levantado, que ele estava deitado na chuva fria, espancado até ficar inconsciente, e eles pegaram minhas coisas e o deixaram lá sem sequer pedir ajuda.

Eu tenho que engolir bile ao pensar que beijei o garoto que fez isso com ele, depois que ele fez isso. Sim, parte disso era para distraí-lo antes de eu empurrá-lo de uma ponte, mas eu o beijei logo depois que ele bateu tanto no meu amigo que ele poderia não sobreviver a isso. Eu não apenas o beijei, também. Eu aproveitei cada segundo disso, muito mais do que deveria. Senti o parentesco de nossas almas.

Talvez essa seja a parte mais fodida de todas. Eu ainda sinto por Royal. Ainda vejo o menino humano atrás do monstro. Ainda sinto uma conexão, não importa o que ele faça, e não sei como quebrá-la.

Dixie se senta ao meu lado sem falar, os ombros caídos, a cabeça baixa. Por um tempo, nenhuma de nós disse nada. Imagino como deve ter sido para ela escrever aquele blog sobre Colt, para soar toda profissional, quando sei que ela tem sentimentos por ele.

— Eu tenho ensaio, — ela diz depois de um longo tempo. Ela funga e limpa o nariz, e percebo que ela está sentada lá chorando silenciosamente pelo menino que só nós choramos. — Eu simplesmente não podia entrar lá fingindo que estava tudo bem e ouvir as bobagens triviais de Lo sobre Royal Dolce e como ele ligou para ela no fim de semana, ou o que ela quer que eu espalhe pela escola para que todos pensem que ele largou sua namorada mais velha e agora ele está dentro dela. Novamente.

— Ele esta?

— Quem sabe porra, — ela diz, a palavra soando chocante em seu doce sotaque sulista. — Ouvi dizer que ele gosta de mulheres mais velhas, que as pessoas o viram em restaurantes chiques com sua amante secreta ou quem quer que seja. Mas toda vez que ele enfia o pau em Glória, ela ouve sinos de casamento. — Ela ri, mas o som é oco e cansado. — E aqui estou eu julgando quando faço a mesma coisa há dois longos anos.

— Com Colt?

— Sim, — diz ela, enxugando as lágrimas de seus olhos. — Eu sei que você se importa com ele também, Harper. É por isso que eu vim aqui. Eu só queria sentar com outra pessoa que se importasse com ele. Mesmo que não seja do jeito que eu fiz.

— Ele não está morto, Dixie.

— Ele está na UTI desde sexta à noite, — diz ela. — Seus pais disseram que tiveram que colocar uma placa de metal em parte de seu crânio. Isso é o quão ruim eles bagunçaram ele.

Eu engulo a bile novamente. Eu não quero pensar sobre isso, sobre quanto tempo Royal estava ajoelhado sobre ele, socando-o no rosto. Devo ter entrado em algum tipo de choque. Não pareceu muito tempo. Eu tenho que contar a alguém, e não apenas ao Sr. D. Eu tenho que contar à polícia. — Você tem alguma ideia de quem fez isso? — Eu pergunto com cuidado.

Ela zomba e enxuga os olhos. — É claro que eu sei quem fez isso, — diz ela. — Todo mundo que estudou aqui no ano passado sabe quem fez isso. Todos nós estávamos esperando por isso, de certa forma. Quero dizer, eles arruinaram Preston e Mabel. Por que eles deixariam Colt ficar, relativamente ileso, para sempre?

Eu penso em sua mão, no jeito que sua pele está tão apertada que ele não consegue estender seus dedos — os que permanecem. Eu penso na tristeza em seus olhos quando ele falou sobre sua irmã e até mesmo a irmã Dolce. Eu não o chamaria de ileso.

— Você sabe por que eles fizeram isso? — Eu pergunto.

— Sim, — diz ela, entrelaçando os dedos entre os joelhos grossos. — Tudo começou há cerca de dois anos.

— Tudo começou quando os Dolces apareceram, — eu digo. Colt me contou essa história.

— Não, — diz Dixie, balançando a cabeça. — Na noite do baile. Que, ironicamente, é a primeira noite em que dormi com Colt. - Ela funga e enxuga as lágrimas frescas. — Royal foi sequestrado. Eles disseram que eram os Darlings, mas aqui está a coisa. Antes de Crystal morrer, ela enviou uma carta para a polícia – Oficial Gunn. Ele era amigo dos Darlings. Não sei exatamente o que dizia, mas por um tempo, ele estava tentando investigar o Sr. Dolce por causa de algo que ela disse. Tipo, talvez eles tenham falsificado a coisa toda.

— Por que eles fingiriam um sequestro?

— Para enquadrar os Darlings, — diz ela. — Eles os incriminaram por muitas coisas desde então. Mas de qualquer forma, o oficial Gunn acabou desistindo, eu acho. Eu realmente não acredito nisso, de qualquer maneira. Não há como Royal fingir o que aconteceu com ele. Quero dizer, claro, o pai dele poderia tê-lo espancado e colocado no porão da escola, mas isso não era o grande problema. Royal não costumava ser assim. Eles o encontraram, mas é como... se realmente não fosse ele?

— O que você quer dizer?

— Eles encontraram alguém. Alguém no corpo de Royal. Mas ele não era a mesma pessoa depois disso.

Meu coração está batendo forte no meu peito. Lembro-me de um garoto rico ter perdido seu primeiro ano, mas eu não frequentei muita a escola naquele ano, então perdi a maioria das fofocas. Mesmo assim, lembro-me de uma ou duas conversas sobre isso no dia ou dias em que estive na escola durante esse período. Lembro-me de Zephyr dizendo que se ele desaparecesse, os policiais não estariam nem procurando. Eles diriam boa viagem e ficariam felizes com a diminuição dos grafites. Todos nós rimos porque ele não estava errado, e a verdade seria muito dolorosa se você não risse disso.

— A irmã deles escreveu uma carta para a polícia entregando o pai dela? — Eu pergunto, porque essa é a parte que é nova em tudo isso. Eu já sabia que Royal foi sequestrado, embora eu provavelmente devesse pesquisar alguns artigos de notícias locais de dois anos atrás para obter todos os detalhes.

— Esse foi o boato, de qualquer maneira, — diz Dixie. — E se você

conhecesse Crystal, você saberia que é o tipo de coisa que ela faria. Ela sempre quis fazer a coisa certa, sabe? Mesmo quando ela não sabia o que era, ela tentou.

— Você a conhecia?

Dixie ri baixinho. — Sim. Ela foi minha primeira amiga em Willow Heights. A minha melhor amiga.

— Uau, eu não sabia, — eu digo, mais uma vez impressionada com o quanto a história aconteceu nos últimos dois anos.

— Sim, — ela diz. — Se não fosse por ela, eu nunca teria coragem de sair para dançar ou começar meu blog. Ela costumava blogar também. Eles encontraram seu login e outras coisas quando estavam procurando por ela. Eu ainda checo às vezes, para o caso de ela postar de novo. — Ela dá uma pequena risada autodepreciativa.

— Você acha que ela ainda está viva?

— Não, — ela diz. — Na verdade, não. Quer dizer, se ela estivesse viva, ela teria contatado sua família. Ela os amava tanto. Especialmente Royal.

— Todo mundo fala sobre ela como se ela fosse uma santa, — eu digo. — Eles mal mencionam o cara.

— Sério? — ela pergunta. — Com quem você estava falando? Devlin era, tipo, o queridinho de Faulkner. A cidade inteira o adorava. Quando ele caiu, toda Faulkner caiu com ele. As pessoas se lembram dele como se ele fosse um Deus.

— Como Royal, — eu digo, lembrando de Colt dizendo que eles costumavam ser como os Dolces.

— Nada como Royal, — diz Dixie, seu rosto escurecendo. — Quero dizer, sim, ele mantinha as pessoas na fila na escola. Mas os Darlings eram, tipo, deuses normais do futebol de cidade pequena. Eles tinham muitas garotas e dinheiro. Antes de começar aqui, quando Devlin era talvez um calouro, lembro-me de encontrá-lo em um restaurante e meu pai honestamente pediu seu autógrafo. — Ela balança a cabeça. — Eles eram amados. Os Dolces são temidos.

— Alguém já verificou se algo aconteceu com ela por causa daquela carta?

— Sim, eles investigaram os Dolces e os Darlings, — diz ela. — Senhor Dolce é torto como a perna de um cachorro, mas ele ama seus filhos. Ele é um pai solteiro. Eles são tudo o que ele tem. E os Darlings amavam Devlin, tipo, uma quantidade louca. No final, ninguém poderia acreditar que qualquer um

deles sacrificaria seu filho para se livrar do outro garoto, então...

— Parece estranho que ela tenha escrito uma carta incriminando o pai e depois desapareceu misteriosamente. Se ele é da máfia, talvez a máfia tenha ficado chateada por ela delatar.

Quando as palavras saem da minha boca, eu tremo apesar do sol quente. Eu denuncio os Dolces toda porra de semana. Se eles descobrirem...

— Na verdade, eu não acho que eles receberam a carta até que ela já tivesse desaparecida. Então, tipo, não tinha vazado que ela acusou seu pai. As pessoas ainda gostam de separá-lo, e muitas pessoas têm teorias de que ainda estão vivas, como se fossem Tupac ou Elvis ou algo assim. Mas no final, eu apenas aceitei o que era. Uma tragédia horrível que levou minha melhor amiga e destruiu a cidade.

— Parece que realmente acabou com os Darlings.

— Mesma coisa, — diz Dixie com um encolher de ombros. — Quero dizer, não estou dizendo que eles são santos e os Dolces são o diabo. Os Darlings são um saco misto. E é fácil dizer que Devlin era bom e Preston era mau. Mas todo mundo tem seu lado sombrio, sabe? Se alguém soubesse metade das coisas que Colt fez comigo, eles diriam que eu era louca por amá-lo. Mas eu sabia o que ele estava passando e o perdoei.

— Você ama ele? — Eu pergunto, me sentindo ainda mais culpada por aquela última tarde que tive com ele.

— Bem, sim, — diz ela, como se eu devesse saber disso. — Desde o primeiro momento que nos conhecemos. Um dia, eu sempre pensei que ele me amaria de volta. Agora, eu não sei.

— Eu sinto muito.

— Está tudo bem, — disse ela. — Depois do Halloween, ele disse que terminamos. Ele já disse isso antes, então eu apenas respeitei isso. Mas agora acho que talvez ele soubesse que isso aconteceria, e ele não queria que eu me envolvesse nisso.

— Isso é o que eu quis dizer antes, — eu admito, engolindo um nó na garganta. — Quando perguntei se você sabia por que eles fizeram isso. Eu quis dizer desta vez. Porque eu sei. Eles fizeram isso porque nós saímos naquele dia.

Ela balança a cabeça, parecendo tão triste que parte meu coração. — Eu imaginei isso.

Ela é uma garota inteligente, então não estou surpresa. Estou surpresa que ela me procurou. Eu saí com o cara dela. E então eu o espanquei.

— Sinto muito, — eu digo novamente. — Se eu soubesse... quero dizer, eu deveria saber. Só não achei que eles iriam tão longe.

— Colt é um menino grande, — diz ela. — Talvez você devesse saber, mas ele com certeza *sabia*. Se ele queria brincar com fogo de novo, é com ele.

Foi o que ele me disse quando perguntei sobre sua mão — que algumas pessoas gostavam de brincar com fogo. Talvez uma vez antes, ele tenha lutado à sua maneira, e eles não gostaram.

— Bem... Obrigada por ser legal, eu acho, — eu digo. — A maioria das garotas na sua posição não faria isso por mim.

— Talvez eu não seja a maioria das garotas, — ela diz.

— Eu sei.

— As pessoas me subestimam o tempo todo, — diz ela. — Tipo porque sou gorda e tenho uma voz suave, devo ser esse ratinho tímido. Isso costumava me incomodar, mas não tanto mais. Há muitas maneiras de ser forte. Crystal me ensinou isso.

Penso na abelha-rainha líder de torcida, que usa estiletes, corre nas ruas e me encontra prestes a sair da escola e me desafia a ficar.

— Eu pensei que era forte, — eu digo. — Mas agora não tenho tanta certeza. Eles realmente me pegaram.

Ela assente solenemente. — Isso é o que eles fazem. Eles não começam com uma surra como deram a Colt. Eles começam pequenos e, lento, mas sistematicamente, destroem você. O que eles fizeram com Colt foi o grande final para ele. Eu pensei que era o dedo dele, mas acho que eles tinham mais reservado. Desta vez, aposto dinheiro que nunca mais o incomodarão.

— A menos que ele brinque com fogo de novo, — eu digo com um estremecimento, lembrando o som do punho de Royal conectando com o rosto de Colt, como ele não estalou mais como osso. Eu tenho que apertar minhas mãos em punhos para evitar que elas tremem. Eu *era* forte quando comecei aqui, mas eles estão me derrubando. Eles estão me fazendo duvidar de mim mesma, questionar se eu já fui forte para começar. Mas eu sei que fui. Eu ainda sou. Eu estou perdendo, porém, e isso me assusta mais do que qualquer coisa que eles fizeram.

Dixie está certa, no entanto. Tudo se soma e me desgasta, esgotando minha energia.

O bullying, piorou porque eles colocaram todos a bordo com isso.

O boquete, piorou porque foi tudo por nada quando eles quebraram sua promessa de me dar algo em troca.

O vídeo, agravado pelas consequências e pela constante enxurrada de assédio sexual quando ando pelo corredor.

E testemunhar o horror do que fizeram com Colt, agravado pela culpa e pela ameaça de que farão de novo se eu ousar falar com outro cara.

— Você não deveria estar aqui, — eu digo para Dixie. — Os Dolces têm isso para mim. Se eles vão me destruir, não vou derrubar mais ninguém comigo.

Dixie me dá um olhar longo e calculista. — Já ofereci, mas só queria dizer de novo, que estou aqui se precisar de alguma coisa. Eu sei que sou uma vadia fofqueira e algumas pessoas não gostam do blog, embora a maioria ainda o leia. Mas eu sei das coisas, Harper. Eu estive aqui o tempo todo.

Eu concordo. — Obrigada, Dixie.

Ela solta um suspiro, estufando as bochechas, e então se levanta. — Sabe, eles disseram para você ficar longe dos caras, — diz ela. — Nós ainda podemos ser amigas, Harper. Você vai precisar delas. Ninguém pode sobreviver a um alvo Dolce sozinha. Ter amigos não te torna fraca. Isso te faz mais forte.

Pode não me tornar fraca, mas me torna vulnerável, e isso pode ser a mesma coisa. Mas não vou convencê-la, então apenas dou de ombros. — Olha o que aconteceu quando eu fiz um amigo.

— Você fez amizade com o inimigo deles, — diz ela. — Com o único Darling restante nesta escola. A única pessoa que iria irritá-los mais.

Ela está certa, claro. Eu não fiz isso intencionalmente, não no começo. Mas eu continuei depois que eles me disseram para parar, quando o tempo todo, Dixie estava bem aqui, oferecendo a mesma informação que Colt tinha. Eu poderia ter me afastado dele, mas aparentemente eu tenho um fraquinho por garotos rebeldes solitários, e lá estava ele. Ou talvez sejam as almas torturadas que me puxam, e é por isso que sou tão atraída por Royal mesmo quando o desprezo.

Eu me levanto para entrar com ela. Não vou faltar às aulas o dia todo.

Tenho sorte de ainda estar aqui, mas tenho certeza de que, eventualmente, até o administrador descobrirá sobre esse vídeo e provavelmente me expulsará por manchar sua reputação. Até lá, vou aproveitar ao máximo esta oportunidade.

— Ei, Dixie, — eu digo enquanto vamos em direção ao edifício principal. — Eu sei que é um pouco tarde para dizer 'off the record'⁸, mas você pode manter essa conversa fora do blog?

— Claro, — diz ela, parecendo magoada. — Eu não sou uma cadela total, você sabe.

— Eu sei. Eu só... pareço acabar lá muito.

— Olha, do jeito que eu imagino, as pessoas vão falar. Se for algo que as pessoas viram, vai se espalhar pela escola. Prefiro obter contas em primeira mão e esclarecer tudo antes que a fofoca fique toda distorcida. Se alguém duvidar de algo, eles vão consultar o blog. Isso ajuda os rumores a saírem do controle. Isso não significa que eu não tenha minha própria vida privada. Eu não sou um reality show.

— Desculpe. — É verdade que uma parte de mim não gosta de todo o blog que Dixie tem, mesmo que seja útil pra caralho para um estranho como eu. Posso imaginar como é útil para as pessoas que entram na escola como calouras, que querem subir na escala social ou até mesmo sobreviver. Eu provavelmente deveria ter escaneado mais do que o fiz, apenas pulando qualquer coisa sobre mim, mas é engraçado para mim.

Eu sei que isso me torna uma completa hipócrita. Eu derramo a porra do chá toda semana para o Sr. D, incluindo este fim de semana depois que eu peguei meu laptop de volta. Isso não é diferente do que Dixie está fazendo. Claro, eu tenho uma razão para isso. Eu preciso desta bolsa de estudos, e é assim que estou pagando por ela. Mas talvez isso piore. Dixie não esconde o que está fazendo. Ela está compartilhando fofocas com toda a escola, tornando-as de conhecimento público, ajudando novatos que de repente se encontram navegando nas águas perigosas da WHPA.

Estou compartilhando informações pessoais com uma pessoa que quer arruinar os Dolces. Faça-o em segredo como um rato.

Quando penso no que aconteceu com a última pessoa que denunciou os Dolces, minha pele fica fria novamente. Os policiais não fizeram nada. Colt diz que eles são pagos. O que significa que mesmo que descubram quem atacou Colt, provavelmente não farão nada. Isso não é uma surpresa para mim. Ninguém do meu lado da cidade chama a polícia. Sabemos que não devemos esperar que eles nos sirvam e nos protejam. A única coisa que eles servem no

meu bairro são mandados, e as únicas pessoas que eles protegem são aqueles deste lado da cidade de pessoas como nós.

As gangues fazem justiça no meu bairro. Se você não se juntar a uma gangue, você está sozinho. Ninguém tem suas costas.

Mas isso não significa que eu não possa lutar contra a injustiça em meus próprios termos. Só porque não posso ter amigos, não significa que não posso ter aliados. Colt me disse que havia pessoas nesta cidade que ainda apoiavam os Darlings. E uma vez, eu pensei que Dixie não poderia me ajudar só porque ela não podia me proteger dos Dolces. Eu não preciso de proteção, no entanto. Preciso de aliados que já tenham cultivado sua própria proteção, que não sejam um risco e que não sejam prejudicados por sua associação comigo.

Ela pode conhecer mais aliados queridos também. Na verdade, eu já tenho um. Um cara que tem um monte de dinheiro e o mesmo objetivo que eu: derrubar os Dolces.

Talvez seja hora de eu me tornar mais do que uma espiã para ele. Talvez seja hora de me tornar um soldado.

O monstro

O monstro debaixo da cama

E se escondendo nas sombras do porão

Assistindo no chuveiro do hotel

Agachado nos cantos do armário

Não é a besta que o fazem parecer.

Ele não pretendia invadir os corredores do palácio

E aterrorizar o reino.

Ele veio para proteger

A Pequena Realeza.

BadApple: Acho que é hora de nos encontrarmos

MrD: Você acha, hein?

Bad Apple: Sim

MrD: E por que isso?

BadApple: Nós dois queremos a mesma coisa.

MrD: Eu sabia que você gostava de homens mais velhos.

Barf. Eu luto contra a vontade de escrever algo sarcástico ou perguntar se ele viu o vídeo. Provavelmente já deixou os limites de Willow Heights.

BadApple: Os homens só pensam em sexo 24 horas por dia, 7 dias por semana?

MrD: Mais perto de 23/7.

BadApple: Bom saber.

MrD: E você, Harper? Você pensa muito em sexo?

BadApple: Tanto quanto a próxima garota

MrD: Você se toca quando pensa nisso?

Minha pele fica arrepiada, e eu sacudo minhas mãos, tentando não engasgar enquanto imagino um cara velho como o Sr. Behr olhando de soslaio para a tela do telefone com uma mão dentro da calça. Mas eu chupo e mergulho.

BadApple: Tanto quanto a próxima garota

MrD: Você pensa em mim enquanto se toca?

BadApple: Eu não estou tendo sexo por chat agora

MrD: Mas você vai mais tarde?

Bad Apple: Depende

MrD: Em quê?

BadApple: você me disse que gosta de negociações. O que há?

MrD: Se pudéssemos enviar fotos neste aplicativo, eu mostraria a você.

Ele realmente acha que eu quero uma foto de pau? Bruto. Mas eu tenho que jogar minhas cartas direito, e flertar com um creeper online não é o pior que eu fiz para conseguir o que quero.

BadApple: E se você me mostrasse pessoalmente?

MrD: Coisinha gananciosa, não é?

BadApple: Corte o flerte. Você quer derrubar o Dolces. Eu quero derrubar o Dolces. Vamos trabalhar juntos e fazer isso em vez de jogar.

MrD: Eu gosto de como você coloca tudo para fora, Harper. Não é uma grande jogada em uma negociação comercial, mas respeito a abordagem direta em uma mulher que sabe o que quer e fará o que for necessário para obtê-lo.

BadApple: Então...?

MrD: Você fará o que eu quiser se eu concordar em conhecê-la?

BadApple: apenas uma vez.

MrD: Você me deixaria te foder como eu quiser?

Eu nunca me senti mais enojada comigo mesma. Eu realmente vou me prostituir por um aliado? Isso não me torna melhor do que Royal disse que sou o tempo todo. Acho que ele estava certo sobre mim.

Mas talvez não seja tão ruim. O Sr. D não é um aliado qualquer. Ele tem dinheiro. Poder. Coisas que me excitam de qualquer maneira. Talvez ele não seja velho e nojento.

Eu gostaria de ter perguntado a Dixie sobre os Darlings que permanecem em Faulkner para que eu pudesse reduzir, mas é um pouco tarde para isso agora.

BadApple: Não uma reunião. Só se vc concordar com a ajuda.

MrD: E qual é exatamente o seu plano para derrubar os Dolces?

BadApple: Qual é o seu plano? Além de seus pequenos atos de voyeurismo através de mim. O que você está fazendo com a informação que eu te dou?

MrD: Todas as coisas em seu devido tempo.

BadApple: você não vai trabalhar comigo mesmo se eu deixar você me foder?

MrD: Os jogos são muito mais divertidos, você não acha?

BadApple: Eu não gosto de jogos. Estou fazendo isso com ou sem sua ajuda. Apenas pensei que você queria entrar.

MrD: Eu quero em você.

Eu olho para a tela, engolindo várias vezes para manter meu desgosto baixo. Acho que não sou a única a colocar tudo lá fora hoje.

BadApple: Então você vai me ajudar ou não?

MrD: Paciência, minha querida. Se eu posso esperar por você, você pode esperar por mim. Isso torna a recompensa muito mais doce.

BadApple: Eu estou basicamente oferecendo me prostituir para sair e você está dizendo não?

Estou tão frustrada que poderia gritar. Meu corpo é minha única moeda. Não tenho mais nada a oferecer.

MrD: Não desanime. Nós dois vamos conseguir o que queremos.

BadApple: Como você sabe?

MrD: Você quer sair. Eu quero entrar. É inevitável.

BadApple: Quando? Não tenho todo o tempo do mundo.

MrD: Você tem mais um ano e meio antes de se formar. Não apresse isso. Por enquanto, continue me dando o que eu quero, e eu continuarei dando a você o que você quer. Quando for a hora certa, nos encontraremos. Eu vou foder você, meu pequeno deleite. Eu prometo.

BadApple: eu quero o conhecer e fazer um plano sobre isso

MrD: Você quer muito. Eu te dei uma bolsa de estudos. Foi isso que você pediu. Você não pagou essa dívida. Não peça mais.

Bad Apple: k

Eu bato meu laptop e pulo para andar no meu quarto. Isso não foi tão bem quanto eu esperava. Eu pensei que o velho pervertido estaria babando em si mesmo por uma chance de me foder. Acho que até meu corpo não é tão valioso.

Mas claro que não. Caras ricos conseguem todas as bocetas que quiserem.

Eu quero muito? Pedir demais?

Claro que sim, porra. Eu não tenho nada, afinal. Estou começando quilômetros atrás. Eu tenho que trabalhar para cada porra de pista, e tudo o que tenho a oferecer é minha única posse, ainda mais preciosa para mim porque é tudo o que tenho. Mas meu corpo não é precioso para ele ou para qualquer cara que pode transar quando quiser.

Então, o que é precioso para ele? Com o que eu tenho que negociar?

Nada. Agora não.

Ele tem tudo o que quer, exceto uma coisa: informações sobre os garotos Dolce. Essa é a chave. Essa é a única coisa que posso fornecer que ele não pode conseguir para si mesmo. E eu já prometi a ele por outra coisa.

Está bem então. Se movendo. Eu dei um passo errado, mas isso não significa que eu tenho que desistir. Estou acostumada a lutar minhas próprias batalhas. Eu ainda posso derrubar os Dolces, o tempo todo pegando as informações do Sr. D enquanto vou e mantendo minha bolsa de estudos. Ele pode fazer o que quiser com os petiscos inúteis que eu dou a ele. Se isso o mantiver feliz por enquanto, continuarei fornecendo. Enquanto isso, eu mesma vou encontrar a chave.

Não posso me dar ao luxo de recrutar amigos para nada perigoso. Mas posso me alistar. Ninguém fica tão poderoso sem fazer inimigos. Ninguém pode ser tão sujo sem deixar um rastro. Eu só tenho que encontrá-lo. Não a pequena informação que mantém o Sr. D satisfeito, mas algo grande. Um escândalo. Um segredo que eles não querem que a cidade saiba, algo grande o suficiente para deixá-los de joelhos. Algo como a carta que a irmã Dolce escreveu, mas com provas. Ou que a mataram para calá-la.

Esse é o tipo de coisa que pode derrubar uma família como os Dolces. Tem que ser um escândalo, não apenas ilegal, mas chocante e lascivo.

E eu sei como encontrá-la. Pode levar tempo, mas eu posso ter isso agora. Eu posso até ter uma maneira de entrar. Eu não sei como Royal se sente sobre mim agora que eu o empurrei de uma ponte, mas eu sei que não devo presumir que ele terminou comigo até que ele me diga que terminou. Eu cometi esse erro antes.

Eu não vou cometer de novo. Presumo que o que ele disse naquela ponte ainda está em vigor. Não posso mudar o fato de que ele é psicótico e me tem na

mira. Tudo o que posso fazer é trabalhar isso a meu favor. Ser seu brinquedo não é exatamente prestigioso, mas me aproxima deles. E é exatamente isso que eu quero. Eu quero me tornar um deles, alguém em quem eles confiam. E eu vou fazer o que for preciso para chegar lá, para conseguir esse segredo, algo tão bom que o Sr. D não pode simplesmente sentar nele. Juntos, vamos expô-los pelos monstros que são, e suas coroas rolarão.

Qual é o meu plano? É simples, realmente. Obediência é o meu plano. Não posso mudar da noite para o dia, de uma forma que os torne suspeitos. Mas vou deixá-los vencer todas as batalhas depois de um pouco de luta para torná-las críveis. Se Royal me quer de joelhos, eu me ajoelho. Se ele quiser me possuir, eu vou amarrar uma porra de um laço em volta de mim e me entregar à sua porta. Se ele quiser me foder... Bem, eu já ofereci meu corpo para um predador online assustador. Por que eu não daria para Royal?

Se esse é o preço do ingresso, me inscreve pra caralho. Custe o que custar, vou entrar. Não quero ser apenas uma garota Dolce. Eu quero ser um deles. Para ser sua contraparte feminina, a peça que eles nem sabiam que precisavam até perceberem tarde demais que não podem viver sem mim. De um jeito ou de outro, estou entrando. Nada pode me parar. Afinal, sou uma lutadora, e não vou desistir até ter entrado no mundo deles, ser engolida pela barriga da fera e tocar o coração pulsante do monstro Dolce. Então, eu vou destruí-los.

Garota Darling

Simples Jane

Maçã vermelha

Na mesa do professor

cabelo loiro até os ombros...

Comprimento adequado...

Tudo em seu lugar.

Uma coluna de A em uma página

Um livro na mão,

O outro escondido atrás de suas costas.

Mas eu sei o seu segredo.

Na mão eles não podem ver,

Um laço.

Entre as páginas do livro,

O Marquês de Sade.

Menos do que uma pontuação perfeita merece uma surra...

Será que ele vai gostar tanto quanto você?

Seu devido lugar,

Curvado sobre a mesa do professor,

Uma mão apertando seus fios emaranhados

Levante sua cabeça e deixe-os ver

Não há Jane aqui

Apenas

Mabel.

No momento em que estaciono minha bicicleta no rack na quarta-feira, sei que os Dolces estão de volta. Posso sentir no ar, uma corrente de excitação nervosa. Os reis voltaram para o castelo.

Eu pulei a vigília na terça à noite, em parte porque eu não queria ver um bando de falsos fingindo se importar quando eles nunca se importaram com ele enquanto ele estava em Willow Heights, e em parte porque eu estava com medo do que os Dolces fariam. Eles fariam se eu mostrasse que ainda me importava. Nada nesta escola passa despercebido por aqueles meninos, e eu não deixaria passar, para eles encontrarem Colt no hospital e terminar o trabalho.

Farei algo melhor do que acender uma vela para ele ou ir visitá-lo. Eu vou vingar ele e todas as outras meninas e meninos nesta escola que eles arruinaram. Estou pronta para desempenhar meu papel como o humilde camponês que serve à realeza, não uma princesa ou mesmo uma dama que possa enfeitar o trono ao lado deles, mas uma prostituta que eles visitarão algumas vezes ao lado. Estou segura o suficiente em meu valor para desempenhar o papel e sei que estou apenas interpretando. São eles que não conseguem ver o valor de uma garota sem pedigree, ou, como disse Royal, uma boceta de ouro.

Não me incomoda. Eu preciso de uma maneira de entrar, e se é isso, que seja. Passei os últimos dias fazendo minha lição de casa, e não apenas as coisas para a aula. Estudei sobre os Dolces, lendo tudo o que pude encontrar neles online, a maioria artigos de notícias chatos que não contavam nem um quarto do que sei que deve ter acontecido nos últimos dois anos. Ainda assim, sei um pouco mais do que antes. Estou me educando e não tenho planos de parar. Vou encontrar o que o Sr. D está perdendo, a chave que ele precisa para derrubá-los. Então ele pode trabalhar nos pais. Os meninos são meus.

Estou tão envolvida em intrigas que quase esqueço a realidade. Quando entro pela porta, sou rapidamente lembrada.

— Chupa, chupa, cinco dólares, — um cara chama, fazendo um gesto lascivo para mim enquanto seus amigos riem.

— Fique com seus cinco dólares, — eu atiro de volta. — Você não poderia começar a me pagar.

Eles me seguem pelo corredor como uma nuvem de spray corporal ruim. — Ei, — um deles diz, agarrando meu braço. — Nós sabemos que você é uma prostituta. Queremos entrar nisso. Diga seu preço.

Eu dou um golpe rápido em seu nariz, não o suficiente para quebrá-lo, mas o suficiente para fazê-lo sangrar. Ele solta o meu braço, tropeçando para trás, parecendo tão chocado que é cômico enquanto ele pisca pela dor. Adrenalina e doce satisfação passam por mim. Eu perdi a luta na sexta-feira, e caramba, eu *perdi*. Fico o tempo suficiente para vê-lo tocar o nariz e ver seus dedos saírem ensanguentados. Eu sou uma vadia sanguinária às vezes.

— Esse é o preço de me tocar sem permissão, — eu digo, então me viro e vou embora.

Abro meu armário e pego meus livros, ignorando os outros comentários e risadinhas enquanto as pessoas correm pelo corredor passando por mim. Voltei a usar as roupas da Mabel ontem e hoje, apesar das garotas me zoarem. Depois do vídeo, fico feliz por ter algo para esconder. Eu tenho caras suficientes cobijando meu corpo como ele é. Praticamente os únicos caras que me deixaram em paz, para seu crédito, são aqueles no círculo íntimo dos garotos Dolce – DeShaun, Dawson e Cotton.

Quando fecho meu armário, um carinha de óculos que deve ser calouro se aproxima, segurando seus livros contra o peito. — Então, é verdade? — ele pergunta, lambendo os lábios nervosamente.

— Seja o que for, tenho certeza que não é, — eu digo com um suspiro.

— É realmente você naquele vídeo? — ele pergunta. — É difícil dizer por causa do ângulo, mas se você pausar no momento certo, há uma foto de perfil muito boa com apenas um pouco de cabelo cobrindo seu rosto.

— Parece que você tem tudo planejado, — eu digo, imaginando esse idiota em seu porão repetindo o vídeo várias vezes, assistindo o pau do Sr. Behr entrando na minha boca um milhão de vezes.

— Sai daqui, idiota, — diz um cara grande e musculoso, empurrando o garoto para o lado e jogando um braço em volta dos meus ombros. — Então, aqui está o negócio, vadia. Você vai vir atender a mim e meus meninos depois da escola hoje, ou vamos enviar o vídeo para sua mãe.

Eu bufo e saio de debaixo do braço dele, parando na porta da minha primeira aula. Todos os dias, a mesma merda. É um alívio sair do corredor e entrar na sala de aula, onde o bombardeio se reduz a alguns comentários obscenos por hora. — Vá em frente, — eu digo com meu sorriso mais vitorioso. — Depois que ela der uma boa risada, ela provavelmente vai convidar vocês e servir você ela mesma.

De repente, as vozes no salão se calam, e vejo os três reis ladeados por seus

três duques vindo em nossa direção, seus olhos fixos em mim como predadores que escolheram o antílope mais fraco do rebanho. Eu suspiro. Jesus foda-se, isso nunca acaba.

Meus olhos encontram o olhar escuro de Royal, e a tensão crepita entre nós por um momento antes de eu desviar os olhos.

— Bem, se não é o grande George Tanner, — Cotton fala lentamente, caminhando até o cara que me abordou.

George Tanner parece confuso e um pouco assustado quando olha para trás e vê o Esquadrão do Medo bloqueando sua retirada.

DeShaun o coloca do outro lado, então ele não pode escapar rapidamente. — Ou devemos chamá-lo de Pequeno George, — diz ele, esfregando os nós dos dedos contra o couro cabeludo do grandalhão como se ele fosse uma criança. Suas palavras são provocantes, mas o olhar em seus olhos é pura maldade. — Todos nós sabemos que seu cérebro não é a única coisa do tamanho de um amendoim por aqui.

— Você está fodendo com o meu brinquedo? — Royal pergunta a George, sua voz baixa e tão incrédula que soa como uma ameaça de morte.

— N-ão, — George consegue, seu pescoço hammy⁹ ainda agarrado no braço musculoso de DeShaun. — Quero dizer, eu não sabia! Eu nunca te desrespeitaria, mano. Eu tenho suas costas no campo toda semana. Você sabe disso. Eu sou seu garoto.

— Não, nós somos seus garotos, — diz DeShaun. — Você é um pedaço de carne que leva uma surra como uma cadela toda sexta à noite. Se você fosse o garoto dele, você não teria suas mãos na garota dele.

Royal não reage à descaracterização da situação, a DeShaun me chamando de sua garota. Ele não parece notar que seu menino está lá. Ele está encarando George como uma cobra se preparando para atacar. — Tenho certeza que você ouviu desde sexta-feira o que eu faço com as pessoas que tocam nas minhas coisas, — diz ele calmamente.

Começo a recuar para a sala de aula enquanto o pobre George implora por misericórdia, mas os olhos de Baron se fixam em mim, e ele dá a volta em Cotton para me agarrar e me puxar de volta para o corredor. — Que porra você está vestindo? — ele exige, agarrando um punhado da minha blusa.

— Você também? — Eu pergunto, revirando os olhos. — Uma coisa é o Bitch Pack obcecadas por moda me dar merda, mas por que você se importaria?

Ou até mesmo percebe?

— Porque é perceptível, — Baron estala, seus olhos queimando em mim.

Duke se aproxima de nós, me olhando de cima a baixo. Ele engole, seus olhos se arregalando. — Você está vestindo as roupas de Mabel? — ele pergunta, sua voz baixa.

Royal pode estar fazendo uma cena para fazer uma questão, mas seus irmãos não estão.

— Com o que você se importa? — Eu pergunto novamente, lançando-lhes um sorriso desafiador. — Elas mal se encaixam em mim. Não há como você enfiarem suas bundas neles.

— Tira. Elas. Fora. — Baron solta as palavras, seu punho torcendo o tecido até que ele se estica ao redor das minhas costelas. O movimento nos aproxima, até que estou quase encostada nele, apenas seu punho mantendo nossos corpos separados. Eu olho em seus olhos ardentes, e algo se encaixa no lugar.

Os caras podem notar que eu mudei meu visual, mas não é isso. Olho para Duke, parado ali me olhando como um cachorrinho ferido que acabou de ver um fantasma, ou alguma mistura de emoção. É disso que se trata. Não o que estou vestindo, mas seus sentimentos sobre isso.

— Você se importava com ela, — eu digo, minha voz pouco acima de um sussurro.

— Do que diabos você está falando? Baron exige.

— Mabel Darling, — eu digo. — Você não acabou de arruinar a vida dela. Você gostava dela.

Eu sei que Colt está do outro lado na guerra entre famílias, e só ouvi a perspectiva dele, mas ainda me choca perceber que foi mais do que eles intimidando-a ao ponto do suicídio. Há muito mais nessa história do que ele me contou.

— Mabel Darling era uma porra de uma lixeira, — Duke retruca. — Assim como você.

Mas eles estão errados sobre ela, assim como estão errados sobre mim. Eles podem não admitir que têm sentimentos, mas eles não pirariam sobre eu usar as roupas dela se eles não se importassem. Inferno, eles provavelmente nem reconheceriam suas roupas.

— Entenda isso, — Baron rosna, me arrastando ainda mais para perto, inclinando-se para que fiquemos nariz com nariz. — Nós não 'gostamos' de garotas Darling. Elas não são mais memoráveis do que um preservativo usado. Uma vez que você gozou dentro delas, elas são inúteis. Nós a jogamos fora como o lixo que ela era. Você não é diferente, então não pense que você é especial só porque Royal quer destruir sua bunda antes que ele te jogue na lixeira para sempre.

Seus olhos brilham com uma malícia distorcida, e me pergunto se talvez ele seja o mais perigoso. Eu vi o lado sombrio de Royal, vi seus olhos ficarem furiosos ou vazios, e eu o entendi. Eu entendo a raiva assassina. Eu entendo o desaparego do seu corpo para você não enlouquecer. Passei tempo suficiente trancada em armários para fazer uma auto-reflexão.

Esse brilho maníaco e sádico nos olhos do Baron está além do meu alcance, no entanto.

Eu engulo em seco e forço minha voz a sair leve. — Nunca na minha vida pensei que eu fosse especial para você.

Mas ela era. Mabel Darling, uma garota cujo guarda-roupa sem cor parece uma tentativa de desaparecer muito antes de se formar. Ela se formou, no entanto, e deixou para trás mais do que seus algozes. Ela deixou três meninos quebrados que ainda estão ligados a ela de alguma forma. Royal a tirou do rio porque a amava? É por isso que ele não namora mais garotas do ensino médio? Não tenho certeza se é melhor ou pior se eles a amavam, se o amor deles era tão tóxico que ela queria morrer em vez de suportá-lo.

Mas eu entendo por que ela mudou de nome e desapareceu.

— Por que suas mãos estão no meu pequeno brinquedo? — Royal pergunta, aproximando-se ao lado de Baron. Ele não parece que vai matá-lo nos próximos dez segundos, mas seu apelido para mim soa forçado, como se ele estivesse se esforçando para esconder seu aborrecimento. O sinal já tocou, e os outros caras entraram na aula, deixando-me com os três meninos Dolce. Nossa professora de inglês irritada fecha a porta, nos dando um olhar azedo enquanto nos deixa no corredor.

— Minhas mãos não estão em Harper, — Baron diz a seu irmão. — Elas estão nas roupas dela — as roupas de Mabel.

Royal olha para mim como se estivesse apenas percebendo que mudei meu visual. Hoje escolhi uma calça de linho bege que provavelmente está fora de moda para quem se importa com essas coisas, e uma blusa azul-clara com flores bege e babados demais, que agora está nas garras mortais de Baron.

— Essas são as roupas da Mabel? — Royal pergunta, parecendo genuinamente curioso pela primeira vez, como se ele fosse realmente acreditar na minha palavra.

— E o que quanto a isso? — Eu pergunto, tentando jogar com calma.

— Você está tentando irritar meus irmãos, ou você é tão estúpida? — Mais uma vez, ele parece genuinamente aberto para ouvir minha resposta.

— Eu não sabia, — digo baixinho, sem tirar meu olhar do dele. — Então eu acho que eu não sou tão estúpida.

Eu realmente devo estar também, porque não consigo invocar a raiva e o ódio que senti por eles enquanto eles estavam fora. Agora que eles estão aqui, em carne e osso, olhando para mim com emoção real, eles são apenas garotos de novo, não monstros. Eu nem me importo que eles estão me dizendo o que eu posso e não posso vestir. Não é como se eles estivessem me dizendo como me vestir. Estou andando em um lembrete doloroso do que eles perderam, e me sinto envergonhada e com raiva de Colt por não me contar toda a história. Eu poderia muito bem ter aparecido na escola com as roupas da irmã morta deles.

— Vá se trocar, — Royal ordena.

Eu envolvo meus dedos suavemente ao redor do pulso de Baron, já que ele ainda está segurando minha camisa. — Ninguém me disse. Eu sinto muito.

Ele me empurra de volta contra a parede, mas Duke levanta a mão. — Espere, — diz ele, estreitando os olhos para mim. — Onde você as comprou?

Eu olho de um menino para o outro, minha mente correndo. Eu posso estar chateada com Colt, mas de jeito nenhum eu estou piorando as coisas para ele, mesmo que Dixie esteja certa e ele sabia o que estava por vir se ele fodeu comigo.

— Não quero dizer.

— Eu não perguntei o que você queria porra, — Duke estala, dando um passo à frente e pairando sobre mim, seus olhos tempestuosos e escuros. — Diga-me onde você conseguiu essas roupas.

— Do brechó. — Faz sentido. Ela foi embora e nunca mais vai voltar. Por que eles não doaram suas roupas, transformaram seu quarto no quarto de hóspedes que parece, como se ninguém nunca tivesse morado lá?

— Qual deles? — Suas mãos estão fechadas em punhos, e a veia na lateral

de seu pescoço está estourando.

Abro a boca para fazer algum comentário espertinho sobre ele se dignar a colocar os pés em um brechó, mas então decido que gosto dos meus dentes onde estão, então dou de ombros e respondo. Dou a eles o nome de uma lojinha de revenda bonitinha chamada *Lexi Lands It*, onde as roupas são um pouco mais sofisticadas do que onde eu realmente compro. Roupas de grife usadas são mais fáceis de encontrar lá do que em qualquer outro lugar da cidade.

Os gêmeos trocam um olhar. — Acho que temos nossa tarde cortada para nós, — diz Baron antes de se voltar para mim. — É melhor você torcer para não estar mentindo.

Ele se vira e vai embora, e Royal balança a cabeça para mim como se eu fosse patética demais para palavras.

— Vou levá-la para se trocar, — diz Duke. — Eu tenho aula com ela, de qualquer maneira.

— Porra, não, — diz Royal categoricamente antes que eu possa sequer dizer uma palavra de protesto.

— Ah, vamos lá, eu já a vi nua, — diz Duke.

— Lembre-me disso de novo e eu vou arrancar seus olhos da sua cabeça e estrangulá-lo com seu nervo óptico.

— Você vai jogá-la para nós quando terminar com ela, de qualquer maneira.

— E até então, você não a toca, — Royal resmunga. — Você nem *pensa* nela.

— Acalme-se, ela é apenas um pedaço de bunda, — diz Duke, levantando as duas mãos em rendição. — Eu vi um milhão deles. Eu nem me lembro como ela é.

— Ela é *minha* bunda, — Royal rosna, olhando para seu irmão.

Eu limpo minha garganta. — Por mais que eu goste de ser disputada como se eu fosse um osso entre dois cachorros, eu provavelmente deveria interromper essa pequena exibição de alfa para que você saiba que eu realmente não tenho uma muda de roupa.

— Eu tenho, tipo, dez pares de calcinhas no meu armário, — diz Duke. — E provavelmente algumas outras peças de roupa.

Começo a dizer a ele que não vou usar as roupas que suas parceiras usavam, mas como já estou fazendo exatamente isso, não tenho muito motivo para argumentar.

— Eu não estou usando a calcinha dela, — eu digo, olhando para ele.

— Tem certeza? — ele pergunta. — Porque você não saberia que elas eram dela, certo? Quando você estava vasculhando as lixeiras, as dela teriam sido as mais bonitas.

— Eu não peguei minha calcinha lá, — eu grito. Não que eu esteja acima dessas coisas. Quando você tem quatorze anos e ninguém lhe dá um emprego, a menos que você queira se prostituir para caminhoneiros, e sua mãe não sai da cama há dois meses, você come em lixeiras e usa roupas íntimas de segunda mão ou fica sem. Mas não vou dizer nada a esses caras para fazê-los pensar que sou mais nojenta do que eles já pensam. O que eles sabem sobre desespero?

Royal diz a Duke para voltar para a aula e depois me arrasta pelo corredor e sai por uma porta lateral. Outro prédio fica ao lado, uma academia que eu nunca entrei, já que não tenho educação física nem jogo bola. Olho para a parede, pensando que seria uma tela fabulosa para uma das obras-primas de Zephyr. Eu me pergunto se ele sabe que está aqui.

— Você estava no hospital? Eu pergunto enquanto Royal me puxa por um trecho de grama morta. — É por isso que você desapareceu nos últimos dois dias?

— Não, — diz ele. — Mas eu perdi o jogo na sexta-feira, graças a você.

Eu reviro os olhos. — Eu me lembro de você me enfiando em seu carro e me levando até lá. Eu tenho o direito de me defender.

— Você tentou me matar, porra.

— Então acho que estamos quites.

Ele abre a porta do ginásio e me empurra para dentro. — Eu digo quando estamos quites.

— Bem, obrigada por me trazer minhas coisas.

— Eu não trouxe merda nenhuma para você, — ele retruca. O que provavelmente é verdade. Se ele estava no hospital, seus irmãos levaram.

Entramos no prédio cavernoso onde um grupo de garotas de basquete está

praticando, o rangido de seus sapatos e o som da bola batendo no chão e quicando nos aros ecoando nos tetos altos.

— O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto, puxando meu pulso livre do aperto de Royal. Sem responder, ele atravessa a sala, bem no meio da quadra onde elas estão jogando. Ele sabe que vão largar tudo por ele. Claro que sim. Todas ficam boquiabertas com expressões que variam de exultante a cautelosa. Mas estão todas assistindo. Ele é a porra do Royal Dolce. Eu me pergunto se ele se cansa disso.

Com um suspiro, eu o sigo. Ele destranca uma porta de madeira ao lado do ginásio, e não posso deixar de me perguntar como ele tem as chaves de tudo. Mas não me incomodo em perguntar. Neste ponto, não estou surpresa com o que eles têm acesso.

Ele entra no que parece ser um depósito e abre algumas caixas, vasculhando o que deve ser uniformes de ginástica. — Você está usando um sutiã? — ele pergunta sem olhar para cima de sua busca, como se ele tivesse todo o direito de saber disso.

— Você está vestindo boxers ou cuecas? — Eu atiro de volta.

Ele olha para cima, franzindo a testa. O idiota nem sabe que está sendo invasivo. Ele avalia meu peito. — É difícil dizer, — diz ele, examinando-me. — Seus seios são tão pequenos que você provavelmente não precisa de um.

— Meus seios não são tão pequenos, — protesto antes de me pegar comprando em sua besteira. — Não que isso importe. Da última vez que olhei, eu era muito mais do que o tamanho do meu peito.

— É melhor você estar, — diz ele, piscando-me um sorriso. — Caso contrário, você caberia na palma de uma mão.

— Idiota.

— Pequena.

Nós nos encaramos por um segundo, e então nós dois rimos. Acho que é a primeira vez que o ouço rir, e mesmo que seja pouco mais do que uma risada, faz meu peito se encher como uma porra de um balão de hélio.

— Apenas me diga se você está usando sutiã, — diz ele, voltando para as caixas. — Porque se você não estiver, eu não vou te dar uma camiseta branca. Eu não preciso de todos os caras nesta escola estourando uma meia porque eles podem ver seus mamilos através dela.

— Estou usando um sutiã, — eu digo, revirando os olhos. — E é engraçado que você se importe com eles vendo meus mamilos, mas você não se importa com eles vendo meu vídeo pornô assustador de mim dando boquete.

Ele me joga uma camiseta branca com o escudo da WHPA na frente. — Você quer que eles vejam seus mamilos também?

— Não, — eu digo, cruzando os braços sobre o peito e fazendo uma careta.

Ele pega uma calça de moletom cinza e a segura até meus quadris antes de voltar para as caixas. Encontrando outro tamanho, ele os entrega para mim e apoia o cotovelo na caixa de cima da pilha. Não posso deixar de me maravilhar com a extravagância de cada coisa em seu mundo. Deve haver vinte caixas de roupas novas aqui, apenas esperando para serem distribuídas como uniformes de educação física no próximo semestre. Não consigo me lembrar da última vez que usei algo que não pertencia a pelo menos uma pessoa antes de mim.

— Olha, Harper, — ele diz, então lambe os lábios e olha para a porta atrás de mim. — Eu... — Ele balança a cabeça, como se tivesse decidido contra o que quer que fosse dizer.

— O que?

— Vá trocar de roupa, — diz ele. — O vestiário feminino é a porta ao lado à sua direita.

— Você não vai me ver trocar como um pervertido?

— Você quer que eu veja você se trocar?

Sou levada de volta àquele dia no quarto de Mabel, que parece semanas atrás, embora fossem apenas alguns dias. Como foi ter Colt me observando, provocá-lo um pouco e saber que ele gostou. Mas Royal não é Colt. Só de pensar em seus olhos em mim me faz ter que engolir as borboletas no meu peito.

— Não.

— Eu disse que não tenho interesse em sua boceta suja, — diz ele, sua voz endurecendo. — Por que eu iria querer ver?

— Ceerto, — eu digo. — Você gosta dos secos, duros, feitos de ouro maciço. Eu sou muito mole e molhada para você.

Ele engole, mas seus olhos permanecem duros. — Pare de falar como uma

prostituta.

— Ah, mas como mais eu poderia falar? — Eu pergunto, piscando meus olhos para ele e deslizando meus polegares no topo da minha calça, como se eu fosse puxá-la para baixo e me trocar aqui. — De acordo com você, isso é tudo que eu sou.

Ele atravessa o armário e agarra meu braço, me girando e me arrastando para fora da porta aberta. As garotas do basquete o observam me levar para o vestiário. — Saia de cima do meu pau e vá colocar algumas roupas, — ele rosna, abrindo a porta e me empurrando para dentro.

Ele não me segue.

Meu coração está batendo no meu peito enquanto eu mudo, e fodida como estou, não posso deixar de imaginá-lo me observando o tempo todo, mesmo que ele não esteja aqui. Toda vez que eu chego perto dele, eu sinto que estou me equilibrando em um precipício, e se eu cair, eu vou voar como uma porra de uma fênix em uma chuva de faíscas que iluminam o céu como fogos de artifício e faça com que cada pessoa na terra olhe maravilhada, ou eu vou cair direto para as profundezas do inferno.

Quando me troco, dobro as roupas de Mabel, mas mesmo vê-las não me traz à realidade. Estou chapada, intoxicada pelo poder de Royal, seu perigo. Minhas entranhas estão cheias de borboletas trêmulas, e minha boca não para de sorrir, embora eu esteja tão assustada quanto animada.

Minhas mãos estão tremendo e meu estômago está estranho, como quando eu era criança e peguei um prato da mesa de centro, e pensei que minha mãe e seu namorado tinham comido algo com açúcar de confeitiro, então eu lambi. Mamãe e o cara vieram correndo quando eu gritei, e eles riram pra caramba pelos próximos quinze minutos enquanto eu surtei porque eu não conseguia sentir minha garganta e pensei que estava sufocando.

Por mais perturbadora que essa situação tenha sido em retrospecto, esta parece igualmente fodida.

Eu saio do vestiário e encontro Royal cercado por quatro garotas em uniformes de basquete, todas olhando para ele como se ele fosse o filho de um sorvete e Brody Villines. Todas elas explodem em uma gargalhada vertiginosa de algo que ele diz, embora sua expressão esteja em algum lugar entre entediado e irritado. Eu engulo meus pensamentos feios e vou em direção a ele, determinada a me manter sob controle.

Eu não sou uma fangirl de olhos estrelados que vai ficar por aí rindo de

cada palavra dele, embora eu entenda a pressa que elas devem sentir quando ele lhes dá atenção, e eu tenho que admitir, é um pouco tentador me juntar a elas. Em vez disso, coloco as roupas em suas mãos e sigo para a porta. Eu não preciso de uma porra de uma escolta, e eu não gosto muito de mim agora. Muitos sentimentos indesejáveis borbulhando dentro de mim.

— Harper, — ele chama atrás de mim, mas eu não me viro.

Foda-se ele. Eu fiz o que ele queria.

Ele me pega no meio da porta do ginásio e me gira para encará-lo. — Por mais que eu goste de olhar para sua bunda, não se afaste de mim quando estou falando com você.

— Certo. Então diga o que você precisa dizer. Estou perdendo aula.

Ele examina meu rosto por um segundo, então sorri para mim. — Você está com ciúmes.

— Nem um pouco.

Nós nos encaramos por um longo momento, meu pé já fora da porta, o ar úmido varrendo o ginásio onde todas as garotas estão ao redor apenas nos observando, como se não tivessem nada melhor para fazer do que ficar boquiabertas com a garota no vídeo de boquete e o cara que todas elas adoram. Até o final do dia, os rumores provavelmente dirão que ele me fez mudar porque eu tinha esperma nas minhas roupas.

— Você disse que estava usando um sutiã, — diz ele finalmente.

— Eu estou.

— Eu posso ver seus mamilos.

Eu olho para baixo. — Sim, é inverno e estou de camiseta, — digo. — Ainda bem que tenho meus próprios termômetros no peito para me lembrar quando está frio.

O sutiã esconde a cor dos meus mamilos para que eles não apareçam através da camiseta branca, mas não há muito que eu possa fazer sobre o resto. Você pensaria que os caras superariam o fato de que as garotas têm mamilos, já que eles também os têm, mas eu acho que é um grande negócio.

Royal considera por um minuto e então assente. — Não lute contra isso, e eu vou pegar leve com você esta semana, — diz ele, encolhendo os ombros fora

de sua jaqueta. Instintos gêmeos para aceitar e recuar puxam meu corpo em direções opostas. Ele a balança em volta dos meus ombros, e o cheiro dele me envolve como uma mistura de grama quente ao sol e seu aperto de ferro me puxando para as profundezas do rio gelado.

Eu ouço os sussurros no ginásio atrás dele, o silvo ecoando no teto acima. Algo sobre o momento parece tão surreal, eu me afasto do meu corpo por um segundo.

— O que você está fazendo? — Eu rosno com os dentes cerrados. Por um segundo, tudo o que consigo pensar é em como eles disseram que deixaram Colt ficar com sua jaqueta. Eu me pergunto onde está agora, se ele o queimou como eu teria feito se tivesse um lembrete constante de que fiz parte de um time, algo que amei, e que nunca mais poderia jogar.

Um sorriso irônico puxa o canto dos lábios de Royal, não chegando aos olhos. — Você não sabia que tudo que eu faço e digo é examinado e psicanalisado até que todos tenham certeza de que estou fazendo questão de querer ou não.

— Eu me perguntei se isso te incomodava.

— Por que isso me incomodaria? — ele pergunta. — Eu adoro isso. Olha, é aquele cara que foi sequestrado e ressuscitou da sepultura como um demônio para governar toda a cidadezinha de merda, como se isso fosse uma realização real. Eu me pergunto o que ele vai fazer a seguir. Vamos prendê-lo, não na cadeia, mas em uma jaula no zoológico para que possamos passar por aqui e olhar quando quisermos. Talvez enfiar uma agulha no cérebro dele e fuçar lá também. Aposto que ele está super fodido.

— Você está? — Eu pergunto, deslizando meus braços nas mangas de sua jaqueta. — Ou você só faz toda essa merda para chocar as pessoas porque você está chateado que elas te tratam dessa maneira?

— Todo mundo quer um ingresso para o show do Royal, — diz ele, abrindo a porta e me conduzindo para fora com uma mão na parte inferior das minhas costas. — Tenho que dar aos fãs o que eles querem, mantê-los voltando para mais. Assentos vazios não enchem os bolsos, e os bolsos sem forro não engraxam as rodas.

Eu ouço o toque suave do sino, e Royal me lança um sorriso. Não é um sorriso amargo ou autêntico, mas um tipo de sorriso desequilibrado que me lembra um de seus irmãos. — Observe isto.

Royal empurra as roupas de Mabel de volta para mim e abre a porta do prédio principal, segurando-a enquanto ele me cutuca com aquele toque possessivo nas minhas costas. Entramos no corredor enquanto todos estão saindo de suas aulas. Não sei o que estou observando. Eu começo a descer o corredor, sentindo a tensão inebriante da presença de Royal atrás de mim. Alguém me chama, e Royal se aproxima e bate no cara. Ele cai como uma tonelada de tijolos.

— Que porra é essa, — eu pergunto, girando sobre ele. Estou bem a tempo de ver um cara fazendo um gesto lascivo para mim, e Royal enfeitando esse cara também.

— Continue andando, Darling, — diz Royal. — Estou apenas me aquecendo.

Todo mundo se aglomera em volta dos caras que caíram, e continuamos andando, até chegarmos ao próximo grupo que não sabe o que aconteceu, e alguém belisca minha bunda. Royal reserva um minuto para agarrar o cara pelo colarinho e socá-lo na cara quatro ou cinco vezes antes de eu agarrá-lo. Ele me deixa arrastá-lo e me dá um sorriso torto. — A propósito, você parece absolutamente gostosa na minha jaqueta. Nunca tire isso.

— Você está louco pra caralho? — Eu estalo. — Eu não preciso que você faça essa merda, especialmente porque você é quem causou isso para começar. A sério, Royal. Pare.

Ele se aproxima de mim, suas mãos pousando em meus quadris enquanto ele me leva para trás pelo corredor. — São eles que precisam parar, — diz ele. — O tempo de jogo deles acabou. Você é minha agora, e eles precisam saber disso.

— Confie em mim, eles saberão. Apenas deixe a palavra circular. Eu posso lidar com alguns dias de vaías. Estou tão acostumada com isso que nem ouço na maioria das vezes. Não me incomoda.

— Ei, Royal, — alguém chama. — Você vai testá-la e ver se ela é tão boa quanto parece no vídeo?

Royal me libera tempo suficiente para socar o cara, que tropeça para trás e bate contra os armários.

— Sim, bem, isso me incomoda, — diz ele, passando a mão pelo cabelo

escuro e ajustando as mangas antes de me dar um sorriso que é positivamente diabólico.

Maldito seja. Minha calcinha está molhada em um segundo quando ele me olha assim, mas meu coração também está partido. Seus olhos estão vivos e brilhando, do jeito que eu só os vi depois da corrida de carros. Eu gostaria de ter conhecido o menino que ele era há dois anos atrás, o menino que provavelmente sempre sorria assim.

— É por isso que você luta, não é? — Eu digo, a meio caminho para mim. — Não pelo dinheiro. Você gosta. Você precisa disso. Faz você se sentir vivo.

— Você me faz me sentir vivo, — diz ele, deslizando um braço possessivo em volta da minha cintura e puxando meu corpo contra o dele. Ele achata uma mão enorme contra a parte inferior das minhas costas, deslizando a outra sob a frente de sua jaqueta para apertar meu peito. — É por isso que eles chamam você de Appleteeny, não é? Seus seios são como duas pequenas maçãs.

Eu olho para ele, meu coração batendo forte enquanto estamos no meio do salão lotado e barulhento, confessando que sabemos isso um do outro. Ele está admitindo que luta. Ele sabe que eu luto.

Ele tira a mão da minha jaqueta e a passa grosseiramente pela parte de trás da minha cabeça, fazendo uma bagunça no meu cabelo enquanto ele pega um punhado e pressiona a testa na minha. — Eu quero te prender contra os armários e te foder agora, — diz ele, me dobrando para trás enquanto ele esmaga meu corpo contra o dele com uma mão e se inclina como se fosse me beijar, a outra mão ainda embalando minha cabeça. — Deixe-me sentir essa boceta molhada que você gosta tanto de se gabar.

— Royal, que porra é essa, — eu digo, minha voz sem fôlego. — O que você está fazendo comigo? Você disse que eu era seu brinquedo e que ia me arruinar.

— Então seja minha boneca Darling e deixe-me me divertir um pouco enquanto eu brinco com você, — diz ele, sua voz rouca de desejo. — Eu quero te foder tanto que você não possa parar de gemer por mais.

— Eu não posso fazer isso, — eu digo, tentando manter meus pés debaixo de mim e minha cabeça em meus ombros. É tudo demais. Eu me pergunto com quem ele fode depois de suas lutas no sábado, porque se bater em alguns caras o deixou com tanto tesão, é melhor ele ter alguém de prontidão no Slaughterpen.

— Você não é virgem, — ele sussurra contra meus lábios. — Você pode me levar.

Calor ondula através de mim, e eu agarro seus ombros. — Estamos no meio do corredor.

Seus olhos se abrem, e ele se endireita, sua mão enorme engolindo a minha enquanto ele me puxa pelo corredor e para a biblioteca escura. Não foi isso que eu quis dizer. Eu queria entrar, mas é muito rápido, do jeito que ele está tentando me consumir como o demônio que ele chama de si mesmo. Eu recuo, tentando me soltar, mas ele me arrasta pela sala e abre a prateleira que esconde a porta do porão. Meu sangue gela e minhas pernas tremem por um motivo totalmente novo.

— Pare, — eu digo, minha voz tão alta que ecoa pela sala vazia.

Ele me empurra contra o interior da porta do porão, seus quadris prendendo os meus. — Eu não posso parar, — ele sussurra, escovando meu cabelo para trás e beijando minha testa. — Você me faz perder a cabeça, Harper Apple.

— Eu pensei que você tinha nojo de mim, — eu digo. — Há menos de meia hora, você disse que eu cheirava mal e você não queria nada comigo.

Ele descansa sua testa contra a minha, seus olhos fechados, seus cílios escuros lançando sombras sobre suas bochechas esculpidas. Ele é tão lindo que eu poderia chorar.

— Você não pode dizer quando um homem está mentindo descaradamente? — ele pergunta, sua voz áspera de desejo, sua mão segurando meu quadril dolorosamente mesmo enquanto seu rosto permanece tão gentil.

— Não, — eu admito, um tremor na minha voz. — Apesar de sua vergonha constante, sei muito pouco sobre homens e nada sobre pessoas como você.

— Então saiba disso, — diz ele, virando o rosto para que sua pele roça a minha, enviando uma onda de energia erótica correndo sobre mim. — Quando descermos essas escadas, não vou fazer você me foder. Mas eu vou fazer você desejar que eu tivesse.

Antes que eu possa perguntar o que diabos isso significa, ele fecha a porta e me pega em seus braços.

— Você vai cair, — eu choro, jogando minha mão para fora.

— Não antes de você, baby, — diz ele, seus pés raspando nos degraus de pedra enquanto ele dá passos cuidadosos para baixo no breu, onde ele me forçou

a ficar de joelhos. Eu engulo em seco, meu coração acelera tão rápido que acho que estou sendo privada de oxigênio e não consigo pensar direito. Minha mão tateia as pedras sujas da parede ao lado da escada, certa de que ele vai nos derrubar a qualquer momento. Mas ele oscila até parar quando chegamos ao fundo, então se atrapalha para a frente.

Sua respiração é irregular, e de repente estou com medo de mais do que ele se forçando em mim. Ele está se desenrolando, desequilibrado, e eu me lembro de como ele estava com os olhos mortos quando estava batendo em Colt. Será que ele sabia quem ele estava batendo?

Eu acho que não. Mas acho que ele o teria matado se eu não o tivesse parado. Se ele ficar chateado o suficiente, ele me bateria até a morte aqui?

Ele tropeça em algo e então me abaixa em uma poltrona. — Eu só quero fazer você se sentir bem, — ele murmura contra a minha boca. Então ele afunda no chão na frente da cadeira, me puxando para que minhas costas fiquem retas na almofada, e minhas pernas estejam de cada lado dele. Eu me esforço para sentar, mas ele empurra sua boca entre minhas coxas, inalando o cheiro da minha excitação, sua respiração quente me aquecendo através da minha calça de moletom quando ele exala.

— Royal, — eu digo, pressionando a palma da mão contra sua testa, minha voz forte. — Eu não quero que você faça isso.

— Você cheira tão bem, — diz ele, esfregando o rosto contra mim, em seguida, empurrando-o sobre a frente da minha calça e na minha barriga, suas mãos segurando meus quadris.

— É muito... Íntimo, — eu digo, meu coração disparado na minha garganta. Eu odeio a escuridão aqui, o jeito que ela me faz sentir presa e separada do meu corpo, como eu fiz naqueles armários em que minha mãe me empurrou.

Espero que ele ria ou faça algum comentário irônico. Em vez disso, ele desliza seu corpo para cima da cadeira em cima de mim e me beija. — Deixe-me fazer você gozar, — ele murmura contra meus lábios. — Eu quero sentir sua boceta apertando meu dedo quando você fizer uma bagunça na minha mão.

Ele me beija novamente, deslizando a mão pela frente da minha calça. Eu me esforço para me posicionar melhor na cadeira, e ele aceita isso como um convite e afunda os dedos na minha fenda escorregadia. Ele geme quando me encontra molhada, enfiando sua língua na minha boca com movimentos lentos e dolorosos enquanto ele empurra sua mão mais fundo, lentamente empurrando um dedo em mim. Meu núcleo aperta, e eu suspiro quando o prazer de seu toque me oprime. Eu tento respirar, mas o cheiro dele está em toda parte, e o cheiro da

minha excitação, e Deus, estou quente por toda parte...

— Foda-se, — ele geme, quebrando o beijo e deixando cair a testa no meu peito enquanto ele se abaixa na cadeira. — Você se sente tão bem, baby, você está me matando. Diga-me que é bom para você. Diga-me que você gosta. Diga-me que você quer isso.

— Eu quero, mas...

Ele me beija de novo, pequenos beijos distraídos, e eu sei que ele não está aqui, que se eu acendesse as luzes, eu veria que não é real, mas aquela versão de boneca de olhos mortos dele.

— Diga-me novamente, — diz ele. — Diga que você quer, Harper.

— Royal, — eu digo, empurrando seu peito. Deus, ele é tão duro, tão largo, é como empurrar contra o teto. — Você pode acender a luz, ou... Desacelerar ou... Algo. Eu não consigo respirar, porra. Você está me afogando.

— Afogue-se comigo, — ele sussurra contra meus lábios, acariciando meu cabelo suavemente para trás da minha testa com o polegar. Eu posso senti-lo a apenas alguns centímetros dos meus lábios, como se ele estivesse olhando nos meus olhos, mas está muito escuro para ver uma maldita coisa. Eu me pergunto quem ele está vendo por trás desses olhos cegos. Seu dedo se move dentro de mim, lento e forte, seu polegar acariciando meu clitóris. Seus lábios pressionam suavemente nos meus, e ele descansa seu peso em seu cotovelo, então ele não está me esmagando. Mas sei que ele não vai parar agora, que está em outro lugar, onde não pode parar.

— Deixe ir, — diz ele, sua voz este murmúrio hipnótico e calmante. — Apenas pare de lutar, abra a boca e deixe a água entrar. É fácil. Tão fácil quanto respirar o ar. Afunde até o fundo comigo. É frio no início, mas não tenha medo. Estou aqui com você, Darling. Nada pode machucá-la no escuro. Deixe ir e deixe entrar. Deixe-me entrar. Seu dedo continua acariciando do jeito certo, e eu sei que vou ter que deixar ir porque não posso evitar, apesar das palavras perturbadoras que ele está respirando na minha boca, apimentando os sentimentos com beijos. Ele pressiona seus quadris contra mim, e eu posso sentir seu comprimento grosso e duro contra meu quadril enquanto ele afunda seu dedo em mim em um ritmo lento e enlouquecedor.

— Está tão escuro, — ele sussurra, seus lábios roçando minha orelha e enviando arrepios de prazer através de mim. — Não dói mais.

Ele pressiona seus quadris contra mim novamente, e a sensação de seu pau duro contra mim e seu dedo dentro de mim e seu polegar no meu clitóris me

empurra para o limite. Seu nome sai dos meus lábios, e eu pressiono meus quadris para cima, abrindo minhas coxas para ele empurrar tão fundo quanto seu dedo alcança. Minhas paredes apertam em torno dele, e ele geme, massageando lentamente meu clitóris enquanto meu núcleo pulsa em torno de seu dedo. Ele espera até o último tremor latejar em mim antes de deslizar o dedo para fora e puxar a mão da minha calça.

Sua cabeça está tão pesada no meu ombro que eu quase posso acreditar que ele adormeceu se sua mão ainda não estivesse se movendo.

— Você está realmente fodido, você sabe disso? — Eu pergunto.

— Shhh, — diz ele, colocando o dedo nos meus lábios. Está molhado com meu gozo e cheira a boceta. Ele desliza ao longo do meu lábio inferior, cobrindo-o com umidade. — Experimente isso.

Eu aperto meus olhos fechados, de repente grata que as luzes estão apagadas, e deixo ele empurrar o dedo entre meus lábios. No momento em que minha língua toca seu dedo, ele ganha vida, rolando sobre mim e pressionando sua boca na minha, sua língua lutando contra a minha pela umidade que cobre seu dedo. Um gemido escapa dele, vibrando em minha boca e garganta abaixo, inflamando meu núcleo. Estou tão excitada e vidrada e enojada e excitada que nem sei o que está para cima ou para baixo.

Quando sua mão está limpa, ele finalmente a puxa de entre nossas bocas e acaricia meu cabelo para trás, sua boca assumindo o comando da minha, sua língua se movendo contra a minha do jeito que eu conheço e desejo, o ritmo dominante de seu beijo habitual e faminto. Ele me beija por tanto tempo que estou tonta, e esqueci por que eu sempre quis ele longe de mim. Tudo o que posso sentir é seu corpo no meu, e que não está perto o suficiente. Seu pau pulsa contra meu abdômen a cada poucos minutos, e toda vez, meu clitóris pulsa forte em resposta. Acho que vou gozar de novo só de beijá-lo.

Eu alcanço suas calças, meus dedos envolvendo o cume grosso que posso sentir através delas. Ele geme em minha boca, e o calor brilha através do meu núcleo. Alcançando seu zíper, deslizo-o para baixo e mergulho a mão dentro. Sua boxer está úmida, e sob ela, seu pênis nu está tão duro, sua pele tão macia, que mal consigo respirar. Felicidade me envolve enquanto corro minha mão por todo o seu comprimento.

Ele quebra o beijo, seus lábios molhados roçando minha bochecha e acariciando meu pescoço enquanto ele me beija ali, sua respiração difícil e quente contra minha pele. Eu deixo cair minha cabeça para trás, fechando meus olhos e cedendo a cada pedaço do prazer que está me afogando. Usando minha mão livre, empurro para baixo a parte superior do meu moletom, em seguida, arrasto

a cabeça grossa de seu pau através da minha umidade do meu clitóris para minha abertura e costas. Meu núcleo treme com o calor, e acho que vou gozar de novo antes mesmo que ele esteja dentro.

Sua respiração é tão áspera que ele quase engasga no meu pescoço.

— Coloque, — eu sussurro em seu ouvido.

De repente, sua cabeça se levanta, e seus dedos se espalham pelo meu rosto, sentindo rudemente minhas feições como se ele estivesse tentando lembrar quem eu sou. — Você é estúpida pra caralho por estar fazendo o que está fazendo agora, — ele retruca, e desliza para fora de mim, para o chão de concreto na frente da cadeira.

Por um minuto, fico ali deitada recuperando o fôlego, o suor no meu corpo parecendo subitamente pegajoso e sujo. Eu desço da lateral da cadeira e tropeço, batendo minhas canelas nas coisas e correndo minha mão pela parede até que finalmente encontro um interruptor. O tempo todo, eu posso ouvir Royal sentado lá apenas respirando daquele jeito soluçante que me faz pensar se ele está chorando. Por fim, acendo a luz. Ele está sentado lá com os cotovelos nos joelhos e a cabeça pendurada entre eles, sem se mover.

Eu não tenho certeza do que fazer. Eu forço meus pés a se moverem enquanto atravesso a sala e me afundo ao lado dele. — Você está bem?

— Você deveria ir, — diz ele, sua voz fria.

Eu coloco uma mão hesitante em seu ombro. — Não quero deixar você aqui.

Seus músculos ficam tensos sob minha mão, e eu me afasto. Eu sei quando me mandam se foder. Mas também sei quando alguém está sofrendo tanto que também dói em mim, como se ele não pudesse conter tudo, não importa o quão grande e forte ele se torne. Eu posso sentir isso se infiltrando no ar entre nós como a umidade no porão.

— Royal, — eu digo, sabendo que tenho que tentar, mesmo que isso parta meu coração. — Você pode me deixar entrar também, você sabe.

— Eu disse vá.

— Ok, — eu digo. — Se é o que você realmente quer, eu vou.

Eu me levanto e vou até o final da escada, tentando entender o que acabou de acontecer entre nós. Eu não consigo me afastar. Se eu não tinha certeza se

estou com eles antes, agora tenho certeza que estou. Royal vai me usar até que não haja mais nada para usar se eu deixar. O que significa que eu tenho que descobrir algo bom o suficiente para quebrá-lo e então dar o fora enquanto posso.

Mas agora, estar dentro não é se vingar ou jogar. É sobre ter que testemunhar quaisquer pedaços bagunçados, frágeis e fodidos de sua alma torturada que restam. Então eu sento no último degrau e apenas espero. Depois de um longo tempo, ele se levanta e, sem sequer olhar para mim, caminha até a porta do outro lado da sala, abre-a e desaparece, batendo a porta atrás de si. Só então subo as escadas e volto para a aula. Eu também posso não me incomodar. Minha mente está atordoada e não ouço uma palavra que qualquer pessoa me diz o dia todo.

Eu paro atrás dos três carros de polícia na garagem, meus dedos apertados ao redor do volante.

— Que porra eles querem agora? — Duque pergunta.

— Eu não acho que eles estão aqui para o papai— , diz Baron, acenando para a casa.

Duke xinga e salta para fora. Como ele perdeu o vandalismo, eu nunca saberei. A mente desse cara é uma coisa estranha. Baron e eu descemos também. Há policiais de pé, alguém tirando fotos, mais alguns preenchendo um relatório. Um casal está conversando com papai e o gerente da casa, que vai perder o emprego por causa disso. Ele deveria estar aqui o dia todo. Para perder isso, ele devia estar fora de casa, desmaiado bêbado ou fodendo a cozinheira em algum armário.

Isso, ou no bolso dos Darlings.

Ignorando-os, começo a atravessar o gramado. A raiva dentro de mim ferve silenciosamente, friamente. Não preciso falar com a polícia. Eu sei quem fez isso. Podemos ter derrotado a maré Darling, mas ela nunca acaba. Não enquanto um único Darling ainda respirar o ar nesta cidade.

Tinta vermelha escorre pelas duas escadas curvas na frente da casa que Crystal disse que parecem braços. Ele deve ter ficado lá em cima e derrubado uma lata de tinta no topo de cada uma. A tinta não acompanha toda a curva, mas é o suficiente. Ela escorre pelos degraus como sangue, salpicando o cascalho branco abaixo.

Ele deixou o nível inferior em paz, ou porque era onde a equipe estava trabalhando ou porque queria transmitir sua mensagem. Ao longo do último andar, suas palavras estão pintadas com dois metros e meio de altura, como um outdoor para todos os carros que passam pelo bairro. A nossa é apenas a terceira casa abaixo, o que significa que todos os outros no condomínio fechado passam por nossa casa a caminho da sua casa. Sem dúvida, alguns deles vão tirar fotos, e isso estará em toda a internet esta noite.

Eu pego meu telefone.

— Tem que ser Preston, — Baron diz baixinho enquanto ele e Duke se aproximam de mim. — Só porque alguém desaparece, isso não significa que eles

se foram.

As palavras ficam pesadas no ar. Mesmo Duke não aparece com um retorno esperto.

— Estou verificando com Gloria agora, — eu digo, atirando-lhe uma mensagem.

Royal: tudo bem?

ThatsLo: sim, por quê?

Royal: onde você está?

ThatsLo: em casa

Royal: pare na minha casa 1º

ThatsLo: Ok

— Preston, — eu digo baixinho, olhando para as palavras.

DINHEIRO SUJO.

Eles são confusos, um único traço para cada linha, mas ainda levaria um tempo para ele fazer isso, considerando o tamanho deles.

— Pense nisso, — diz Baron. — Nós fodemos com o Colt e, uma semana depois, eles fodem com a nossa casa.

— Mas qualquer um deles poderia fazer isso, — diz Duke.

— Algum dos adultos faria isso? — Baron pergunta, gesticulando. — Ou risca nossos carros como uma putinha?

— Se eles querem morrer, — eu digo, pensando no que fiz com os homens Darling que escolheram ficar em Faulkner. Nem meus irmãos sabem disso. Só eu e papai sabemos desse segredinho sujo. Bem, nós e os Darlings sem pau andando pela cidade. Dá-me um pequeno momento de orgulho quando vejo um deles e sei. E então a vergonha se instala.

Claro, alguns deles se espalharam como baratas, e como baratas, eles poderiam ter retornado.

Os pais de Devlin, por exemplo. Eu franzo a testa para a casa vazia ao lado. Eu mantenho um olhar atento sobre isso, e até agora, nenhum sinal de que eles

pretendem voltar e acabar com a monstruosidade.

— Vamos queimar a casa de Preston, — diz Duke, pulando para cima e para baixo como um menino prestes a pegar sua primeira caixa de fósforos. Ele deve ter visto onde minha atenção estava focada.

— Essa é uma maneira de expulsar os ratos, — eu digo, voltando para nossa casa.

— Preston não mora lá, — Baron aponta. — Temos que pensar nisso logicamente. Tenha uma estratégia. Dirigir e jogar uma garrafa de gasolina em chamas é óbvio demais.

Confie em Baron para ser o sensato.

— Então deixe-me acabar com a casa de Devlin, — diz Duke. — Isso vai deixá-los saber que estamos atrás deles, mas nos dá tempo para descobrir onde ele mora, o que ele dirige, toda essa merda.

— Você estará fazendo um favor à vizinhança, — eu concordo. Os filhos da puta adoram esfregar merda na nossa cara. Essa casca queimada não só diminui o valor do bairro, como papai gosta de apontar, mas temos que olhar para ela o dia todo.

Duke esfrega as mãos em antecipação e dá uma risada maligna, imitando algum vilão de desenho animado que ele viu. Ele pode estar fazendo palhaçadas, mas vejo a verdade por trás disso. Ele está prestes a gozar nas calças só de imaginar o incêndio.

Eu os deixo quando o Mustang de Lo estaciona no final do caminho. Eu corro e a encontro.

— Oh meu Deus, — diz Everleigh, abaixando a janela. — O que aconteceu?

— Provavelmente alguns punks que fugiram da escola, — eu digo com um encolher de ombros, como se isso não importasse.

— Do nosso bairro? — Eleanor pergunta. — Você acha que nossa casa está bem?

Eu poderia beijar a idiota por me dar uma abertura tão boa.

— Vou passar e verificar, — eu digo, abrindo a porta do passageiro.

Everleigh desliza para fora, fingindo tropeçar e cair em mim. Lo revira os olhos e sorri. Eu ajudo sua irmã a sentar no banco de trás e depois deslizo para o banco do passageiro. — Você realmente acha que eles atingiram mais de uma casa? — ela pergunta.

— Provavelmente não, — eu admito. — Eu só quero estar lá quando você chegar em casa e garantir que está tudo certo.

— Obrigada, — diz ela. — Mas você sabe que temos Dawson.

Eu dou de ombros. Eu não posso dizer a verdade a ela, que Dawson é muito mole para lidar com Preston Darling, se isso realmente foi obra dele. Nenhum deles tem ideia de quão perto ele chegou de Lo no ano passado. Eu não vou dar a ela mais uma coisa para se preocupar, então eu não explico. Não há muito o que dizer. Troquei sua segurança por uma chance de pegar Preston uma vez no ano passado, e farei isso novamente em um piscar de olhos. Fim da história.

Lo é... Rara.

Sua coragem, tenacidade e força me lembram outra garota que conheço, outra garota que me mostrou que é possível sentir algo além de ódio por alguém que não carrega meu sangue. Mas isso é diferente. Lo é uma Dolce honorária, leal, corajosa e feroz, do jeito que imagino que Crys seria se tivesse sobrevivido aos Darlings e saído do outro lado.

Harper é a inimiga.

Se não fosse pelo fato de estarmos de olho nela o dia todo, ela estaria em primeiro lugar na minha lista de suspeitos. Ela adora pintar, afinal, e ela nos odeia.

De repente, tudo o que posso pensar é em seu sussurro ofegante no escuro esta manhã, e meu pau lateja dentro da minha calça.

— *Coloque dentro.*

Cristo.

Eu queria. Eu queria ver se meu pau caberia naquela boceta apertada que apertou meu dedo como um vício, como se não pudesse aguentar nada maior. Eu me perguntei se toda a sua grande conversa sobre foder aquele tatuador era apenas uma fachada para fazê-la parecer durona porque ela não queria admitir que ela é virgem. Ela era apertada o suficiente para ser uma. Não foi isso que me parou. Eu queria fodê-la de qualquer maneira, forçar meu pau através daquela

pequena abertura, rasgá-la e fazê-la gritar. Eu queria fazê-la gozar tão forte que ela desmaiaria, e então foder seu corpo inconsciente até que ela se afogaria no meu gozo.

Mas não lá.

Não onde eu possa sentir o fantasma, o monstro, olhando por cima do meu ombro. Ele é muito forte lá. Eu não sei o que eu poderia fazer com ela se eu me permitisse.

A mão de Gloria cai no meu antebraço, suas unhas malvadas roçando minha pele. — A casa parece bem —, diz ela, me dando um aperto, me trazendo de volta.

— Eu vou entrar e verificar com você, — eu digo. — Só pra ter certeza.

Ela revira os olhos, e eu sei que ela pensa que estou sendo arrogante e toda essa merda. Se ela conhecesse Preston, e ela soubesse que estava no radar dele, ela pararia com a atitude. Mas eu posso lidar com a atitude melhor do que ela poderia lidar com o perigo, então eu dou de ombros e entro com elas, notando que o sistema de alarme estava ligado o dia todo e tudo parece bem antes de eu ficar satisfeito. As gêmeas Walton estão olhando para mim desmaiadas quando saio, e ouço Everleigh sussurrar: — Como ela consegue que ele fique todo protetor homem das cavernas desse jeito?

Eu balanço minha cabeça e seguro a porta para Lo, que sai debaixo do meu braço. Ela vestiu o equipamento de treino enquanto eu verificava a casa, e agora ela enganchou a mão no meu cotovelo, balançando o cabelo enquanto descemos a entrada.

— Você já terminou? — Eu pergunto.

— Não quando há pessoas assistindo, — diz ela, olhando por cima do ombro. — Sim, elas estão na janela agora.

— É uma merda que você não possa ser real em sua própria casa.

— É por isso que eu tenho você, — diz ela, sorrindo para mim enquanto começamos a voltar para minha casa a pé. — Agora, eu sei que você tem um baseado com você, então acenda antes que alguém me veja.

Balanço a cabeça e tiro minha caixinha de madeira do bolso, pegando um baseado e acendendo. Lo olha em volta para todas as casas, virando-se para mim para sorrateiramente dar um tapa antes de empurrá-lo de volta na palma da minha mão.

— Tudo certo? — ela pergunta. — Você parecia um pouco... de desligado hoje.

— Não faça isso, Lo.

— Ok, — ela diz. — Você sabe que eu estou aqui, no entanto.

— Sei.

Eu bati no baseado e o devolvi. Ela se esconde atrás do meu braço para inalar, então sopra fumaça na minha camisa.

— Obrigado, — eu digo. — Vou para casa falar com os policiais cheirando a maconha.

— Você não tem medo dos policiais, — diz ela, batendo no meu braço.

Eu sorrio para ela. — Porque eu teria?

— Então, — diz ela. — Nada está errado? Você conversou com sua mãe sobre o que aconteceu na sexta-feira?

Eu levanto uma sobrancelha para ela. — Você falou com seu pai ultimamente?

— Touché, — diz ela, sorrindo. — Justo. Você vai me deixar correr sozinha hoje?

— Sem chance.

— Perfeito. Todos precisam pensar que estamos juntos se quisermos ganhar o baile. É melhor começar agora.

— Sua ambição é perturbadora pra caralho, você sabe disso?

— Você realmente quer ir para aí?

— Não realmente, — eu admito quando chegamos à nossa casa e viramos na entrada. Apenas um policial ainda está aqui, provavelmente tomando uma bebida com papai. Em uma cidade tão pequena, você tem que vencer todos eles.

— Vá se trocar, — diz Lo. — Vista algo sem mangas. Você sabe que todas as vizinhas gostam de ver você correr.

Eu balanço minha cabeça em seu nervo. — Você não deveria ser contra a objetificação das pessoas? Isso não faz parte de toda a sua agenda feminista?

— Eh, os homens têm feito isso por séculos. Acho que é a nossa vez. E você sabe que estou brincando. Você é tão gostoso de gravata quanto de regata. — Ela me dá uma piscadela.

— Vá se foder, Lo.

Ela olha para a estrada antes de se inclinar para mim, ficando na ponta dos pés como se estivesse prestes a me beijar quando o jipe de Cotton aparece no portão. — Eu só quero que eles saibam que nos exercitamos juntos, — diz ela, deslizando a mão atrás do meu pescoço e piscando os olhos para mim. — Isso é tão errado? Você nunca sabe quando alguém da escola ou um parente do bairro está olhando pela janela.

Minha cabeça fodida vai direto para Harper. Isso vai voltar para a escola e, embora não seja nada empolgante, é mais um fio na tapeçaria de mentiras que Lo está tecendo sobre sua vida, um pequeno pedaço que torna o todo mais crível. Se Harper souber disso, ela pensará que significa alguma coisa? Ela vai ficar com ciúmes?

Quando ela vai para casa à noite, ela pensa em mim? Ela está em casa agora, lembrando hoje, como eu a toquei, como me senti quando a fiz gozar? Ela está se tocando, empurrando seu próprio dedo em sua boceta e desejando que fosse o meu?

A melhor pergunta é, por que diabos eu me importo? Não importa o quão bem eu a fiz se sentir, o quão duro ela gozou. Tudo o que importa é que *ela* saiba que é minha agora, que eu controlo seu corpo, seu prazer, sua dor.

E que *eu* sei que ela não passa de um nome para adicionar a uma lista, um trabalho a fazer, um brinquedo para me divertir até que tudo se esgote. Aproveitar o processo é opcional. Terminará da mesma forma de qualquer maneira.

Royal: Vc estará no jogo de futebol na sexta?

BadApple: Isso seria um não !

Royal: É um não ?

BadApple: Você tem uma resposta

Royal: Você estará lá.

BadApple: Já tenho planos

Royal: Não me faça rir

BadApple: Não estou tentando. Serio já tenho planos.

Royal: Qual?

BadApple: Você sabe o quê

Royal: Você pode pular uma.

BadApple: Já ignorei na semana passada.

Royal: Não haverá luta. Eu vou me certificar disso.

Meu coração gagueja no meu peito. O Slaughterpen é, obviamente, um ringue de luta clandestino, considerando que praticamente não há regras ou responsabilidade. Sim, existem regras, mas basicamente você luta até que alguém não consiga continuar. Um nocaute rápido pode ser uma coisa boa em outros lugares, mas lá, é uma boa maneira de ser vaiado fora do ringue. O público não está lá para ver habilidade. Eles estão lá para ver sangue. Quanto mais você luta e quanto mais sangrento você fica, mais dinheiro muda de mãos. O que, novamente, não é exatamente um jogo legal.

BadApple: Você não faria

Royal: Experimente, torta de cereja

BadApple: Não deveria ser uma torta de maçã?

Royal: Só se você estiver se referindo aquela cena em American Pie

BadApple: Acho que entrei nessa

Eu me mexo na cama, reorganizando meus dois travesseiros planos para me dar mais amortecimento contra a parede onde estou inclinando minhas costas. Mordo o lábio para não sorrir. Não quero sentir a força do poder dos garotos Dolce, mas sinto. Eu não sou especial. Eu sou como qualquer outra cadela em Willow Heights, babando em seus paus e sonhando em ser uma garota Dolce. Não como se eu fosse mostrar isso, no entanto.

Royal: Eu quero você vestida como minha puta e torcendo por mim. E que todos vejam

BadApple: Não me importe com o que todo mundo quer

Royal: Você deveria se importar com o que eu quero

BadApple: Serio, eu não estou apenas sendo difícil. Eu preciso do \$

Royal: Quanto?

BadApple: Tanto quanto eu posso conseguir.

Royal: Para que você precisa de dinheiro?

Bad Apple: lol

Real: Serio

BadApple: Contas e merda. Você não vai conseguir fechar o matadouro. Vc também precisa dele.

Royal: Você vai ficar no meu jogo ou nunca mais vai lutar.

BadApple: Esta me ameaçando?.

Royal: Não.

BadApple: Parece que sim. Não é isso que a máfia faz? Quebrar joelhos e essas merdas?

Royal: Eu não preciso machucar você. Eu possuo aquele lugar. Vc acha que não posso te banir? Você me obedece ou não vai ganhar um centavo de lá na sexta à noite. Ou nunca mais.

Eu cerro os dentes, fervendo de ódio. Não há vitória aqui, apenas ácido na minha língua enquanto digito a odiosa palavra da bandeira branca.

Royal: Você é chata, então estou fora. Te vejo sexta-feira. Se vista como a puta que você é.

BadApple: Como eu posso me parecer com qualquer outra coisa?

Por mais irritada que eu esteja, essa parte é verdade. Graças a seus irmãos, estou de volta às minhas roupas velhas, que Royal despreza. Depois da escola, eu tinha que correr para casa na minha bicicleta, pegar qualquer coisa que pudesse ser identificada como Mabel, e voar pela cidade até *Lexi Lands It*. Espero que eles apreciem. Pelo que sei, eles nem vão. Mas se eles fizeram, e eles não conseguirem encontrar uma única peça de suas roupas e decidiram que eu estava mentindo... eu realmente não quero pensar no drama que eles vão causar.

Guardei roupas suficientes para passar a semana na escola — calças cáqui e camisas brancas simples não podem ser rastreadas até ela — mas não vou a um jogo de futebol parecendo uma nerd. Na sexta-feira à tarde, volto para casa na minha bicicleta. Penso em ir até a casa ao lado e pedir a Blue para ir comigo, mas decido que não. Não quero arrastá-la para essa bagunça feia, e sou mais do que capaz de entrar no jogo de futebol sozinha.

Mas então penso em Jolene, em como ela ficaria animada para ir a um jogo em Willow Heights. Foi ela quem me contou sobre os garotos Dolce quando eu não sabia quem eles eram. Não falo com ela há meses, desde que saí de Faulkner, mas ela é o tipo de amiga que posso ligar do nada, e é como se nada tivesse mudado. Não estou ligando para pedir um favor, afinal.

Eu mando uma mensagem para Jolene, e dois segundos depois, meu telefone toca. — Oh meu Deus, — ela grita. — Estou a caminho agora. Esteja lá em cinco. Já estamos no carro. Você ainda mora em Mill?

— Sim, — eu digo, sentindo-me simultaneamente culpada e animada. Eu deveria ter mantido contato melhor, mesmo que eu não seja a mesma garota que cresceu com ela no estacionamento de trailers. Ainda assim, ouvir sua excitação me anima, como se fosse contagioso, ou pelo menos me faz sentir como se o longo e escuro inverno do reinado de Dolce pudesse não me congelar no chão como um cadáver.

Cinco minutos depois, ouço um motor engasgando e saio para ver um Ford Lariat marrom de dois tons na estrada, as janelas abaixadas e os bancos cheias de meninos caipiras.

— Ei, é o Clube da Luta, — um deles grita, acenando para mim.

— Que tal essas maçãs! — outro diz, gritando e levantando um coozy¹⁰ que está definitivamente escondendo uma cerveja, não um refrigerante.

Skeeter Bite fica para fora da janela do lado do motorista e grita: — De quem é o pau que você está chupando nesse vídeo?

— Não é seu, com certeza, — eu chamo de volta, ignorando-o.

Os caras na parte de trás do carro caem na gargalhada, mas não é o mesmo tipo de merda que recebo em Willow Heights. Esses meninos são detestáveis, e eu enjoaria disso nos corredores, mas é apenas uma provocação. Há algo mais sombrio, mais insidioso, na forma como sou tratada na escola preparatória.

— Sim, porque o meu é maior, — Skeeter Bite grita sobre o riso.

— Espere, você não se chama Skeeter Bite porque esse é o tamanho do seu pau? — Eu pergunto, fingindo confusão.

Os caras na parte de trás do caminhão estão rolando de tanto rir agora. Jolene pula para fora do carro, então fica na porta traseira flertando com os meninos por um minuto antes de pular para os aplausos dos meninos, que estou assumindo que estão apreciando a falta de apoio fornecido por seu sutiã barato. Eu sorrio e balanço minha cabeça enquanto ela pula a passarela e me abraça.

— Eu meio que esqueci que você existia até que você me mandou uma mensagem do nada, — ela admite com uma risadinha, acenando para os meninos e conseguindo parecer tímida e arrogante ao mesmo tempo. Eles afastam vaiando e gritando.

— Como você faz isso? — Eu pergunto, balançando a cabeça.

— Fazer o que? — ela pergunta, como se ela não tivesse ideia. — Ei, você tem um cigarro?

— Não, — eu admito. — Mas Blue mora na casa ao lado.

— Oh meu Deus, vamos visitá-la, — diz ela, agarrando meu braço e me arrastando para a minha vizinha antes que eu possa responder.

— Vocês são tão sortudas, — diz ela. — Gostaria de morar aqui. Então, como é em Willow Heights? Você conheceu os meninos Dolce?

Eu estremeço com a memória de quão perto chegamos no outro dia, a suavidade sedosa de sua pele quando envolvi meus dedos ao redor de sua ereção. Meu clitóris pulsa, e eu empurro o pensamento para longe. Eu estava estúpida,

ardendo de febre Dolce, e me empolguei. Esta noite terei que agradecê-lo por me salvar do maior erro da minha vida.

— Eu os conheci, — eu digo com um encolher de ombros.

Jolene grita e agarra meu braço. — Conte-me tudo.

Olive abre a porta, me salvando do apetite de Jolene por fofocas. — Ei, pessoal, — ela fala lentamente, sorrindo para nós através da porta de tela. — Perdi um dente. Olha! — Ela inclina a cabeça para cima e puxa o lábio para cima, revelando a lacuna em seus dentes.

— Legal, — eu digo. — Coloque debaixo do travesseiro hoje à noite e a Fada do Dente pode trazer um pedaço de doce para você.

— Blue está aqui? — Jolene pergunta. — Precisamos fumar um cigarro.

— Ela está trabalhando, — diz Olive. — Mas eu sei onde estão os cigarros. Eu não tenho que entrar no quarto dela para isso.

— Obrigada, — eu digo. — Nós podemos compartilhar um.

— Comigo? — Olive pergunta.

— Não com você, idiota, — Jolene diz. — Você é uma criança.

— Então? — diz Olive. — Fumei uma vez. Eu quero parecer sexy como você.

Eu lanço um olhar para Jolene, e ela sorri. — Ah, vamos lá, garota, — diz ela. — Você pode vir conosco. Mas não exagere no fumo. Nós, adultos, temos algo para conversar. — Ela mexe as sobrancelhas para mim.

Olive volta um minuto depois com as maços esmagadas de Pall Malls¹¹ e um isqueiro. Ela enfia um cigarro no canto da boca, com os lábios completamente enrolados, e tenta com as duas mãos acender a chama do isqueiro. Depois de vê-la lutar por um minuto, Jolene estende a mão.

— Ok, garota, minha vez, — diz ela, pegando o cigarro e colocando-o entre os lábios. — Nojento, você molhou tudo.

Ela acende e dá uma tragada mesmo assim, depois passa para Olive, que inala e depois tosse fumaça pelo nariz e pela boca. Eu não posso deixar de rir com Jolene porque nós éramos essa criança na idade dela.

— Não ria, — diz Olive, batendo o pé e fazendo beicinho.

— Todos nós já estivemos lá, — eu digo. — É isso.

— Eu não sou apenas uma criança, — Olive resmunga. — Eu sei sobre fumar e sexo e tudo mais.

Jolene joga a cabeça para trás e uiva de tanto rir. Eu coloquei um braço em volta de Olive. — Vamos, vamos fazer um pôster para um jogo de futebol. Quer ajudar?

Isso a anima pra caralho. — Eu tenho marcadores e glitter, — diz ela, sorrindo para mim.

— Bem, o que você está esperando? — Eu pergunto. — Vá buscar, menina!

Meia hora depois, estamos todas sentadas no chão do meu quarto cercados por marcadores, tinta, glitter e cola. Eu me pergunto se outras garotas fazem essa merda, se é assim que é ser fã de futebol. Dixie e Quinn fazem pôsteres para o jogo? Glória e as Waltons?

— O que é uma prostituta Royal? — Olive pergunta, afastando-se e lendo o cartaz, uma carranca vincando sua testa.

Jolene rola de costas, rindo histericamente.

— Não, diz Vadia de Royal, — eu corrijo a garota. — Royal é um menino na escola.

— E você é a vadia dele? — ela pergunta.

— Ele com certeza pensa que eu sou, — eu digo, recolocando a tampa em sua cola.

— Isso significa que você faz sexo? — ela pergunta.

— Isso significa que você se *diverte*, — sussurra Jolene no chão.

— Então minha irmã é uma vadia também, — pronuncia Olive.

— Você tem que dizer isso a ela, — diz Jolene, enxugando as lágrimas.

Recolho os suprimentos e os coloco de volta na sacola de compras de Olive. Uma batida alta e frenética soa na porta da frente. Meu coração gagueja, e eu dou um pulo, minhas mãos se fechando em punhos, certo de que vai ser um daqueles idiotas vindo para ter certeza de que estou obedecendo ao comando deles. Quando abro a porta, porém, Blue está parada ali, o cabelo emaranhado,

os olhos selvagens.

— Você viu Olive? — ela pergunta antes mesmo de eu abrir a porta completamente.

— Ela está bem aqui, — eu digo. — Nós estávamos apenas fazendo um cartaz.

— Oh, obrigada porra, — diz Blue, passando por mim e se curvando para agarrar sua irmã em um abraço.

— Elas disseram que você é uma..., — diz Olive.

Blue se endireita e me encara.

— Isso não é...

— Você é uma idiota, — diz ela. — Deixe minha irmã em paz.

Eu levanto uma mão. — Desculpe. Não vai acontecer de novo.

Ela fica lá por um longo minuto e depois assente. — Legal. Também sinto muito. Se eu precisar que você cuide de Olive, eu vou pedir.

— Feliz para isso, — eu digo. — Além disso, ela deu uma tragada em um cigarro, só para você saber.

Ela balança a cabeça e leva Olive até a porta. — Essa garota vai ser a minha morte.

— O que? — Olive exige enquanto elas desaparecem pela porta da frente.

— Ok, agora que ela se foi, você é realmente a vadia de Royal? — Jolene pergunta. — Quero dizer, eu seria sua prostituta. Não que eu não ame Earnhart, porque eu amo, mas eu o trocaria totalmente por um Dolce.

Eu rio e balanço a cabeça. — E você se arrependeria cinco minutos depois,

— Você fodeu totalmente com ele! — Jolene grita.

Um flash de memória me atinge – a sensação do pau grosso e nu de Royal deslizando pela minha umidade – e eu tenho que fechar meus olhos e respirar para me controlar. Mas então estou bem. Eu sou mais forte que essa merda.

— Eu não transei com ele, — eu digo. — Ele é realmente um idiota completo, e isso é uma piada. No entanto, se você pudesse me fazer parecer a

prostituta mais desprezível que você já viu, seria legal.

Uma hora depois, estamos saindo da parte de trás do Lariat. Todas as cabeças se voltam para nós, e não é porque eu estou parecendo com em um pornô gratuito que eles estão mandando mensagens pela escola. Deixe-os olhar. Estou obedecendo ao Royal como o bom cachorrinho que ele quer que eu seja. Espero que ele goste.

Há alguns jogadores de futebol se misturando com os pais, líderes de torcida e outros alunos do lado de fora, sem mencionar todo o caminhonete cheia de meninos de Jolene sentados lá assobiando para nós enquanto caminhamos em direção à entrada. Eu me viro e dou a eles um pequeno aceno atrevido... E corro contra uma parede sólida de músculos. Eu me viro para encontrar Duke Dolce parado na minha frente. Meus seios estão praticamente tocando seu abdômen, e considerando o tamanho dos meus seios, isso nos deixa muito próximos. Ele está com suas calças de futebol e uma camiseta, e caramba, ele está bem. Eu nunca estive tão perto dele, e pela primeira vez, noto que seus olhos não são tão escuros quanto os de Royal, que pequenas manchas douradas estão salpicadas em suas íris de chocolate escuro.

— Quem diabos são esses caras? — ele pergunta, balançando o queixo para eles, sem dar um passo para trás.

— Ah, você não ouviu? — Eu pergunto, enganchando um dedo no topo de sua calça. — Eu sou uma prostituta. Obviamente, preciso de clientes.

Ele geme e puxa minha mão. — Você simplesmente não sabe quando parar, não é?

— Claro que não, — eu digo, batendo meus cílios para ele.

— Baby, eu comeria essa torta de cereja como se fosse uma porra de um concurso de comer torta se eu não achasse que iria pagar minhas bolas por isso, — ele diz. — Mas entre você e meu irmão, eu não sei quem é mais louco, e eu gosto das minhas bolas do jeito que elas são. — Ele se agarra como se quisesse demonstrar, e Jolene solta um guincho como um rato.

— E aí? — ele diz, ainda segurando-se e empurra o queixo para ela.

Talvez pela primeira vez em sua vida, Jolene está sem palavras, com a boca aberta.

Duke sorri e lhe dá uma piscadela. — Encontre-me na festa depois, e eu vou esvaziar esses meninos entre esses peitos.

— Vamos, — eu digo, agarrando seu braço e puxando-a em direção à fila de ingressos.

— Você viu o tamanho daquela coisa? — ela pergunta, segurando meu braço como se estivesse prestes a desmaiar.

— É uma cup12, — eu digo, revirando os olhos.

— Eu ouvi isso, — Duke chama enquanto ele passa.

— Ainda é verdade, — eu grito de volta.

— Mentira, — ele grita. — Todas essas mentiras!

Jolene e eu caímos na gargalhada quando ele desaparece pelo portão. Compramos ingressos e entramos, nossos pôsteres debaixo do braço. Ficamos no parapeito em frente à primeira fila, embora alguns pais nos dêem olhares de reprovação. Essa é a coisa sobre os pais de Willow Heights. Eles vão resmungar e encarar, mas são educados demais para nos mandarem se foder.

Eu não prevejo que dure muito tempo, de qualquer maneira.

Um pequeno grupo de garotas está no parapeito no canto, todas vestindo as camisas pretas e douradas do nosso time, embora sejam em tamanhos minúsculos que ficam justas nelas. — Quem são elas? — Jolene pergunta, acenando para elas. Ninguém está dando-lhes olhares de reprovação.

— Essas são as fangirls do time, — eu digo. — Também conhecidas como as meninas Dolce. Supostamente elas atendem o time após os jogos.

Jolene suspira como se fosse a coisa mais romântica que ela já ouviu. — Eu quero ser uma garota Dolce.

— Você e eu — murmuro, embora tenha certeza de que meus motivos são diferentes dos dela. Eu quero entrar. Se eu tiver que estar na cama deles para fazer isso, é um preço que estou disposta a pagar. Mas meus serviços não se estendem além de Royal para o resto da equipe, não importa o quanto eles me defendam nos corredores de seus próprios companheiros de equipe ou quão bom Duke cheira quando estou quase pressionada contra ele.

Entrego a Jolene um dos pôsteres e pego o outro, e os seguramos do lado de fora da grade. As líderes de torcida os leram com reações mistas. Algumas delas nos dão olhares de reprovação, mas outras riem e se acotovelam. Gloria nunca quebra o passo, para seu crédito, continuando seus cânticos. Ela balança a cabeça um pouco quando nossos olhos se encontram, mas por um segundo, seu

sorriso se torna genuíno antes de voltar para o plástico de líder de torcida que ela cola.

Elas cedem o campo para as majorettes¹³, e Glória larga os pompons e corre para o nosso lugar. — Você é louca, — ela me chama. — Quer que eu diga a ele que você está aqui?

— Eu acho que ele vai notar, — eu chamo de volta, piscando um sorriso para ela enquanto ela sai correndo, seu rabo de cavalo loiro balançando.

Sinto-me alta e livre, como quando pulei na frente de um trem. É o que estou fazendo agora. Brincando de galinha.

Exceto que em vez de um trem, é Royal, que pode ser ainda mais perigoso. Ainda assim, me dá a mesma adrenalina, a mesma alegria. Sempre vale a pena — até não valer mais.

Alguns minutos depois, as majorettes saem correndo e a equipe de dança corre para o campo e toma suas posições. Levo um segundo para reconhecê-las em seus macacões pretos com glitter dourado, mas então vejo Dixie, Quinn, Gloria e algumas das garotas do Bitch Pack entre elas. Eu aceno para Dixie, e então a música começa, e elas entram em sua rotina, dançando uma música pop de Isaac Vega. Jolene e eu pegamos nossos cartazes e os seguramos acima de nossas cabeças, balançando nossas bundas e dançando.

A equipe sai, e a banda se move para a lateral. Estou um pouco decepcionada que o time não tenha aquecido em campo, mas não sei nada sobre como funcionam os jogos de futebol.

— E agora, — o locutor ressoa sobre o sistema de PA. — O momento que todos vocês estavam esperando. Sejamos bem-vindos ao campo, da Willow Heights Prep Academy, Royal Dolce e os the Knights!

Nosso lado do estádio ecoa com gritos e aplausos e pés batendo, e um segundo depois, Royal e a equipe vêm estourando pelo papel sobre o túnel no final da endzone e entram em campo. Meu coração dá um pulo quando o vejo, mas ele não nos vê. A equipe entra em campo e se alinha enquanto o locutor chama a outra equipe, os Hellstern Jalepenos.

Eles entram em campo e um árbitro faz algumas consultorias, e então as equipes começam a correr umas contra as outras. Apesar da minha falta de conhecimento sobre o jogo, não é difícil encontrar Royal, já que ele é o quarterback e um gigante. Mesmo que eu não dê a mínima para esportes, sei que nosso time está invicto este ano. É difícil não saber disso quando metade das conversas na escola são sobre isso. Mas até eu posso dizer que seu primeiro passe é questionável na melhor das hipóteses. Tem cerca de oitenta metros de comprimento e nem chega perto do cara que ele está mirando. Os próximos dois não são melhores.

— Oof, — Jolene diz. — Alguém está fora do jogo esta noite.

Eu só vi o Royal jogar uma vez, e me lembro dele ser bom, mas no primeiro tempo do jogo, ele não fez um único passe bom. Ele se joga em todas as jogadas como se estivesse determinado a se machucar e acaba em um engavetamento que tenho certeza que é realmente uma briga em um ponto. Hellstern também não está jogando bem. No final do quarto tempo, eles pegam Royal com tanta força que seu capacete voa, e quando ele se levanta, ele tenta dar

um soco, e com cinco treinadores e um árbitro têm que arrastá-lo de volta para a lateral.

Definitivamente algo está acontecendo com ele, embora eu não ache que ele tenha nos visto, então eu sei que não é sobre o nosso cartaz. Estou me sentindo um pouco culpada por isso, e estou começando a pensar que devemos guardá-los e não foder com ele esta noite. Parte de mim sente por ele, e a outra parte está com medo do que ele vai fazer se eu irritá-lo agora.

— Oh, bom, ele está entregando, — Jolene diz, me puxando de volta para o jogo.

— Isso é bom?

— Depende, — diz ela. — Quando é uma escolha entre isso ou jogar roleta russa com essa defesa e depois jogar todas as jogadas de Ave Maria, sim.

— Uau, — eu digo. — Você realmente gosta disso.

— Tenho muitos amigos homens, — diz ela. — Alguns deles gostam de esportes.

— Você *gosta* de esportes?

— Principalmente pelos os uniformes, — ela admite com uma risadinha.

Eu balanço minha cabeça, sentindo aquela pontada de arrependimento dentro de mim. Se tivéssemos ficado no estacionamento de trailers, Jolene provavelmente seria minha melhor amiga, do tipo que não tenho agora. Perder isso parece muito pior do que ganhar uma casa de verdade. Há uma exclusividade estranha no parque de trailers, no entanto. Você não pode realmente ser um deles se você for... embora.

Nós assistimos o resto do quarto, que vai melhorando, principalmente porque Royal continua entregando para Duke, que corre por lacunas invisíveis entre os defensores e até literalmente passa por cima das costas em um ponto.

— Você acha que ele realmente quis dizer o que disse antes do jogo? — Jolene pergunta pouco antes do intervalo, quando Duke acabou de marcar seu segundo touchdown e está fazendo palhaçadas na endzone.

— Difícil saber, — eu digo. — Ele faz muita palhaçada, mas é bem sério quando se trata de seu pau.

O apito soa, e a multidão começa a se levantar para pegar bebidas. Estou

prestes a perguntar a Jolene se ela quer lanches quando ouço algo bater na grade. No segundo seguinte, Royal pula e agarra a barra superior, elevando o seu corpo para se levantar, empurrando os pés para a beira da arquibancada sob o degrau inferior. Por uma fração de segundo, tudo o que posso fazer é observar com admiração o poder e o puro atletismo do movimento, como se ele fosse um maldito ginasta no corpo de um deus do futebol.

— Que porra você está vestindo? — ele exige.

— Oh, — Jolene diz, cobrindo seu coração e piscando para ele enquanto ele se eleva sobre nós. — Você me assustou.

Ele nem sequer olha na direção dela. Seu olhar está em mim, selvagem e feroz como um animal.

— Você me disse para me vestir como uma prostituta, — eu o lembro. — E trazer um anúncio deixando toda a cidade saber que eu sou sua vadia.

— Eu não queria que você aparecesse de tanga.

— Você não gosta do meu short? — Eu pergunto, gesticulando para a cobertura do jeans... que cobre Um pouco menos da minha área pélvica. É verdade, pelo menos um centímetro da bochecha da bunda fica paga trás, e eles são tão cavados quanto um biquíni nas pernas e tão baixos que eu tive que raspar meus púbis, mas ei, estou apenas seguindo ordens.

Suas narinas se dilatam, e ele olha para mim, uma veia na lateral de seu pescoço pulsando com seu batimento cardíaco. Sua voz é dura e cruel. — Você não tem classe.

Eu levanto uma sobrancelha. — Você parece surpreso com isso.

— Jogue fora os cartazes e vista uma porra de roupa, — ele diz, falando devagar como se estivesse sem paciência.

Eu seguro o pôster entre nós e sorrio para ele. — Você não gosta? — Eu pergunto. — Diz WAP 4 Royal. Que significa...

— Eu sei o que isso significa, porra, Harper.

— Você não queria que toda a cidade soubesse que minha boceta está molhada para você? — Eu pergunto, ficando na ponta dos pés e deixando meus lábios roçarem seu queixo. Eu falo baixo, então só ele pode ouvir, deixando meus lábios permanecerem em sua pele. — Ou você achou que isso significava que eu estava guardando essa boceta molhada só para você? De qualquer forma,

é o que meu rei ordenou. Eu simplesmente obedeci. Eu me vesti como uma prostituta e deixei todos saberem que é para você. Isso é o que você disse que queria.

Ele pega o cartaz, joga-o no chão e enfia os dedos na virilha do meu short, o que, na verdade, é apenas a costura. Eu posso sentir seus dedos pressionando contra a suavidade do meu montículo, e eu respiro, mas ele não parece notar. Seus olhos são frios e selvagens, do jeito que ficam quando ele está desferindo um golpes violentos. — Eu já sei que você está desesperada, — ele estala. — Todo mundo em Faulkner sabe que você está desesperada.

— Como eu poderia não estar? — Eu pergunto, agarrando seus bíceps grossos e piscando meus olhos. — Seu pau é tão impressionante que todas as garotas da cidade estão desesperadas por ele.

— Nem toda garota suga homens velhos e gordos porque isso é tudo o que ela pode conseguir, — ele resmunga. — Você não está desesperada por mim. Você está desesperada por atenção e qualquer pau que você possa conseguir.

As palavras picam, e minha garganta aperta.

Royal se inclina, ficando na minha cara e puxando meus quadris em direção a ele para que eu não possa recuar. — Entenda isso direito, — diz ele. — Você vale menos do que uma prostituta porque você dá de graça, e todo mundo sabe disso. Se eu te dissesse que ia te foder no meio do campo agora, você correria para lá como se fosse uma competição de atletismo, abriria as pernas e criaria uma fodida cachoeira para mim na frente de toda a cidade.

Eu engulo em seco, meu coração batendo de forma irregular, me perguntando se ele está certo, se é por isso que estou simultaneamente furiosa e excitada por suas palavras cruéis e cruas.

— Considere-se sortuda por eu estar falando com você agora, — ele continua, sua voz baixa e gelada. — Considere que ser meu brinquedo por até uma semana é o melhor que você vai conseguir em sua patética vidinha. E se você não pode ter mais respeito por si mesma do que isso, então considere se eu vou querer o que está aqui embaixo depois que todo mundo já viu.

As palavras da minha própria mãe ecoam na minha cabeça, tão parecidas com o que ele está dizendo. *Não me julgue. Garotas como nós, pegamos o que podemos conseguir. Bons homens não perdem tempo com gente como nós.*

Porra.

Royal solta meu short, mas eu agarro suas ombreiras antes que ele possa

descer. É a minha vez de falar o que penso.

— E talvez *você* devesse considerar o que é uma pilha fumegante de besteira que é isso que é, — eu estalo. — Eu não me considero sortuda por chamar sua atenção. Eu me considero amaldiçoada. Você acha que é tão especial que as garotas realmente *gostam* de ser atormentadas e torturadas por você? O melhor momento da minha vida será quando eu nunca mais ver seu rosto tóxico novamente.

— Coloque a porra de uma roupa, — ele rosna, levantando-se na minha cara até que nossos narizes se toquem. — O que está aqui embaixo é apenas para os meus olhos.

— Eu não terminei de falar, — eu rosno de volta, sem recuar um centímetro. — Eu não pedi, nem quero, ser seu brinquedo. Você não me deu escolha. Mas eu ainda tenho auto-respeito - o suficiente para não dar a mínima se você quer o que está sob minhas roupas, e saber que meu valor não diminui nem uma gota minúscula se uma pessoa ou toda a cidade viu meu corpo. É a porra do meu corpo, e seu valor não tem nada a ver com a sua opinião ou a de qualquer outra pessoa. Se é tão repulsivo para você, então pare de olhar.

Para meu horror, sinto meu lábio tremendo, mas não deixo cair o olhar de Royal. Ele está tão perto que posso sentir o calor de seu corpo se enrolando contra mim como se procurasse uma maneira de entrar, sua respiração rápida e quente contra minha boca, fazendo meu sangue estremecer em minhas veias.

Ainda estamos travados em uma competição de olhares quando Duke corre e pula no parapeito ao lado de Royal. — O treinador está prestes a ter um aneurisma por você ter perdido o intervalo, — diz ele ao irmão, apertando a mão em seu ombro. Pode parecer um gesto casual, mas posso ver seus dedos apertando até os nós dos dedos ficarem brancos. — E há batedores aqui esta noite, então você pode querer parar de foder seu brinquedo com os dedos e começar a impressioná-los.

Ele me entrega a jaqueta familiar de Royal e então agarra sua virilha. — E você. Pegue leve com meu garoto aqui. Você está matando ele. Você não tem ideia do quanto é chato estourar uma ereção enquanto usa uma dessas coisas. Se o fizesse, teria piedade de todos nós e colocaria isso antes que nos percamos o jogo na frente de um bando de olheiros da faculdade. Há muitos caras na equipe que precisam impressioná-los se quiserem deixar este pântano purulento.

A vergonha queima através de mim, mas eu apenas encaro Royal enquanto deslizo meus braços nas mangas de sua jaqueta. — Você poderia ter me contado.

— Como se você se importasse.

Eu me viro para Duke e sorrio para ele. — Obrigada, — eu digo. — Eu estava realmente ficando com frio, e esse idiota não mencionou que esta era uma noite importante quando ele me coagiu a vir. Eu certamente não gostaria de perder um jogo para você porque seu quarterback estrela não pode manter o pau em um cup.

Duke sorri e dá uma cotovelada em Royal. — Vamos. Mais moscas com açúcar. É uma coisa do sul.

— Você precisa trabalhar em seu açúcar, — eu digo, ficando na ponta dos pés para dar-lhe um beijo rápido na bochecha. — Mas eu aprecio a tentativa.

Duke pula e sai correndo. Todos nós o vemos partir. Então Royal se vira, uma carranca franzindo a testa. — Não brinque com meus irmãos porque você está chateada comigo, — diz ele. — Isso é baixo, mesmo para você.

Eu engulo em seco. — Você tem razão.

Ele dá de ombros. — Faça de novo, você vai pagar por isso mais tarde. Esse é todo o aviso que você receberá.

— Obrigada.

Ele me dá mais uma olhada, balançando a cabeça para minhas pernas nuas, então pula do parapeito e vai embora.

— Que diabos?, — diz Jolene. — Você está me segurando, garota!

— Não é o que você pensa.

— O que eu acho é que *Royal Dolce* quer foder você de seis maneiras diferentes a partir de domingo, e é tão ruim que ele está jogando fora seu futuro por isso também, devo acrescentar.

— Eu nunca pedi a ele para fazer isso, — murmuro.

— Bom luto, — diz ela, revirando os olhos. — Você não sabe nada sobre meninos, não é? Vamos fumar debaixo das arquibancadas. Tem algum dinheiro? Eu poderia tomar uma Coca-Cola também.

Eu a sigo até a barraca de comida, pensando naqueles olheiros da faculdade vendo minhas placas de mau gosto. Espero que tenham senso de humor. Mas o que Royal esperava? Ele sabe que não posso simplesmente rolar e obedecer. Ele deveria saber que eu puxaria alguma coisa. Por que ele me convidaria para um jogo, muito menos um grande jogo onde ele precisa impressionar alguém?

A não ser que...

Eu quero rir de mim mesma só por pensar nisso. Claro que ele não me queria ali para dar apoio moral, para torcer por ele e dar-lhe confiança quando ele mais precisa. Ele tem tanta confiança que pode explodir a qualquer minuto, como um balão que você continua enchendo até estourar. E ele tem um bando de líderes de torcida para torcer por ele, para não mencionar a seção de garotas Dolce vestindo o número de sua camisa, os locutores gritando suas jogadas pelo interfone como se ele fosse uma porra de uma estrela do rock, e um estádio inteiro que grita como fangirls em um show do *Just 5 Guys* quando ele corre de volta para o campo.

Porra. Eu esfrego a ponte do meu nariz, sentindo-me como a idiota real que eu sou. Isso é uma tonelada de pressão para qualquer um, e Royal não é exatamente o tipo calmo e controlado. Ele é volátil nas melhores circunstâncias. Talvez ele realmente me quisesse aqui para apoio. Por alguma razão, temos uma conexão louca, intensa e profunda de alma um com o outro, uma que está perfeitamente claro que ele sente também. Na verdade, ele tem sido muito mais honesto sobre isso do que eu, expondo tudo para mim.

Quando ele precisa de alguém, alguém que o entenda em um nível que não tem nada a ver com o lógico, ele me procura. E não posso deixar de responder, mesmo que isso me destrua um pouco a cada vez. Mesmo que nossa conexão se manifeste em tentarmos matar um ao outro, eu o entendo. Então, talvez esta noite, quando ele estava muito assustado ou sobrecarregado ou estressado, ou simplesmente não conseguia articular o que ele realmente precisava, ele esperava que eu o ajudasse. E porque, na maioria das vezes, ele está mostrando seu lado mais feio quando me chama, construí minhas próprias defesas contra ele e, em vez de aparecer para ele, o humilhei.

E assim segue nosso ciclo vicioso. Sua escuridão me chama, mas não me aceita quando eu chego, não me deixa entrar. Minha escuridão responde, mas vem com farpas, pronta para se defender. Em vez de deixar nossa escuridão se fundir, lutamos um contra o outro, ferindo um ao outro de maneiras sutis e contundentes, e nos afastamos ainda mais. Em seus momentos mais sombrios, ele desconta sua dor e raiva em mim e, em troca, fico mais endurecida e mais perdida para ele a cada vez.

Por isso somos impossíveis. Não porque eu sou pobre e ele é rico, ou mesmo porque ele pensa que eu sou um lixo. Nós nunca podemos ser nada porque nos entendemos muito bem, e nós dois temos muito medo de nos aproximar, de deixar alguém entrar nessa medida e, acima de tudo, de perder o controle.

Afinal, não é por isso que eu pressiono seus botões, mesmo sabendo o

quão perigoso ele é? Porque eu quero vê-lo explodir, perder aquele controle de ferro que ele tem sobre si mesmo. Eu quero quebrar essa represa dentro dele, mesmo que uma parte de mim saiba que quando sua escuridão inundar, ela vai me engolir inteira e me afogar completamente. Talvez, acima de tudo, eu queira acreditar que valerá a pena.

Charadas

Os batedores estão aqui esta noite

Eles dizem

Então certifique-se de estar no seu melhor

Jogo

Os batedores estão aqui esta noite

Eu ouço

Eles vão estar procurando a próxima

Grande estrela.

Os batedores estão aqui esta noite

Você diz

Vamos mostrar a eles o que significa carregar

O nome Dolce.

Eu vou mostrar a eles o que isso significa

Eu vou jogar seus jogos

eu serei a estrela deles

Finja que vai me deixar sair

Com seus segredos agarrados entre meus dedos

Para jogar para eles um dia

Mas todos nós sabemos a verdade, pai

Se você carrega o nome Dolce

Você não irá longe.

Depois do jogo, ficamos na beira do estacionamento, Jolene tentando pegar um cigarro de cada família que passa enquanto esperamos que Skeeter Bite nos pegue.

Ainda estamos esperando quando aplausos sobem da pequena multidão que se demora ao redor da entrada, principalmente crianças da nossa escola. O time de futebol vem saindo pelo portão, com as mãos levantadas para high fives. A segunda metade do jogo começou um pouco arriscada, mas depois que Willow Heights chutou a bola para longe, algo aconteceu que eu não quero pensar muito porque presenciá-lo parecia... Errado.

Royal estava saindo do campo, claramente chateado, quando Baron Dolce correu na frente dele e agarrou sua máscara, bem na frente, e puxou a cabeça de Royal para cima. Ele enfiou sua máscara contra a de Royal, e eles se abraçaram, e ficaram parados na lateral para a próxima posse. Eles estavam obviamente conversando, mas a intimidade não era sobre uma conversa estimulante. A maneira como eles se abraçaram me deu vontade de chorar, a ferocidade do aperto de Baron no capacete de Royal, a maneira como Royal se agarrou a ele como se todas aquelas almofadas fossem um bote salva-vidas.

Quando o ataque voltou ao campo, Royal parecia mais com a última vez que o vi – ele fazia passes arriscados, mas eram bonitos de se ver, mesmo quando Baron não os pegava. Ele geralmente fazia. Royal ainda jogava como se estivesse tentando ser pisoteado até a morte, jogando-se na frente da defesa como se estivesse desafiando-os a quebrar seu pescoço, jogando possíveis passes no chão como se ele fosse inquebrável.

Mas de alguma forma, o jogo terminou sem ninguém ser carregado para fora do campo em uma maca, embora Royal tenha levado uma surra como eu tenho certeza que ele nunca chegou a levar no Slaughterpen. Depois de ver o jogo de hoje à noite, nem sei por que ele precisa das lutas de sábado à noite. Se ele fizer isso na sexta-feira, lutar novamente no sábado é simplesmente masoquista.

Ele ignora as mãos levantadas tentando lhe dar High five e se dirige para seu carro. Duke absorve a adoração como se fosse oxigênio, levantando as mãos para todos baterem, correndo em círculo ao redor do grupo para conseguir mais, agarrando uma garota para beijá-la com força na boca, depois assinando os peitos de sua amiga com uma caneta Sharpie. Depois de receber todos os tapas nas costas que pode, Baron o puxa para o lado e acena para nós.

— Pelo amor de Deus, — murmuro enquanto eles começam a vir na nossa direção. — E agora?

— Você ainda está vestindo a jaqueta dele, — diz Jolene, dando uma baforada nervosa no cigarro que ela finalmente conseguiu. — Ele não vai deixar você ficar com isso se você não for a garota dele. Isso significa alguma coisa, Harper.

Eu arqueio uma sobrancelha. — Mas é mesmo?

Duke vem correndo, meio curvado, com os braços estendidos como se fosse uma criança brincando de avião. Ele pega Jolene, que grita tão alto que metade da multidão se vira para ver — a metade que ainda não estava observando cada movimento dos meninos Dolce.

Baron me agarra e me levanta sobre seu ombro, então minha bunda está no ar. — Vamos lá.

— Coloque-me no chão, idiota, — eu digo, chutando minhas pernas.

— Suas tentativas de lutar contra nós foram fofas no começo, mas foram inúteis na época, e são inúteis agora, — diz ele. — E elas estão começando a me irritar.

— Então me coloque no chão.

— Você não se cansa de lutar quando sabe que não vai ganhar? — ele pergunta.

Ele está certo em alguns aspectos. Essa luta com eles é exaustiva, e ele deve se perguntar por que continuo lutando quando eles sempre vencem. Mas, às vezes, há compromisso. Às vezes, há pequenas vitórias mesmo quando a grande batalha está perdida. Os pobres sabem disso. Por isso não rolo. Por que eu não posso.

— Royal me disse para vir ao jogo, então eu vim, — digo. — Cumpri minha obrigação. Foi tudo o que ele pediu.

— Há uma festa depois, — diz Baron, chegando ao Range Rover. — Sugiro que você se comporte melhor lá do que aqui. Ele abre a porta e me enfia na parte de trás, onde Duke acabou de depositar Jolene. Duke toma seu lugar no banco da frente, como de costume, e Baron entra conosco. Não pela primeira vez, eu me pergunto como os gêmeos descobriram quem leva a espingarda, e se Baron se ressentido que ele sempre fica literalmente no banco de trás de Duke.

— Hora da festa é hora da boceta, — Duke grita, abrindo a janela, embora o ar de novembro esteja pesado com um frio úmido, o tipo de frio que se instala nos dedos dos pés e fica lá por dias, então você sente que nunca consegue ficar quente. Ou talvez seja o fato de eu ter passado horas vestindo quase nada. Estou mais do que grata pela jaqueta de Royal.

Duke fica para fora da janela, gritando e gritando para todos que passamos no estacionamento, e depois jogando a mão para fora da janela como uma criança brincando com as correntes de ar enquanto aceleramos pela cidade.

— Nós vamos a uma festa com *os Dolces*, — Jolene sussurra em meu ouvido. — Eu teria vestido outra coisa. Eu nem raspei minhas pernas hoje!

— Contanto que você tenha raspado sua boceta, — diz Duke, girando no banco e balançando as sobrancelhas para ela. Jolene fica em silêncio, obviamente não querendo que os caras a ouvissem sussurrando.

Royal para do lado de fora da minha casa, bloqueando a entrada, onde o carro da minha mãe e um caminhão desconhecido estão espremidos. Ótimo. Ela tem companhia.

Por um segundo, acho que eles vão me deixar ir. Royal tem estado ameaçadoramente em silêncio durante todo o passeio. Se ele está chateado, talvez ele não me queira em sua festa, afinal. Eu alcanço a maçaneta da porta, mas Baron coloca uma mão firme no meu joelho. — Vá para dentro e mude de roupa, — diz ele. — Vista algo decente.

— Entendido, — eu digo rigidamente, empurrando meu joelho para longe. — E pare de me tocar como se você tivesse o direito.

— Preciso entrar com você e pegar algo da sua lixeira, ou você consegue se vestir? — ele pergunta.

— Foda-se.

— Não seja uma putinha e saia de moletom, piscando aqueles olhos de corça para mim e fingindo que você é inteligente. Uma saia um pouco acima dos joelhos, um top apertado. Sem muita pele. Não muito pouco. Sem gola alta. Que Pareça que você se esforçou um pouco, ok, Darling? Ou isso é pedir demais?

Eu olho para ele, desejando poder socar a garganta do idiota até a morte. Eu não acho que isso iria acabar muito bem, no entanto.

— Vou tentar o meu melhor, majestade, — digo com meu sorriso mais falso.

— Se você não sair em dez minutos, vamos entrar e ajudar.

Penso nos Dolces entrando no lixão que chamo de lar, com os tapetes sujos e o papel de parede horrível que era feio décadas atrás, as persianas empoeiradas e os ocupantes bêbados, e meu pulso lateja nas têmporas. De jeito nenhum. É vergonhoso o suficiente para eles verem a mim e o lado de fora da minha casa. Eles não precisam ver todo o funcionamento interno humilhante.

— Vou sair em cinco minutos.

Royal pigarreia baixinho, mas não fala. De alguma forma, parece uma ameaça, como se ele estivesse me avisando. Como se ele quisesse entrar e pegar mais munição contra mim.

Eu pulo para fora, mas Baron estende a mão, me impedindo de bater a porta. — E tire um pouco dessa maquiagem de palhaço. Menos é mais, Darling.

Eu cerro os dentes e corro pela passarela, batendo pela porta da frente. A fumaça me envolve, tão espessa que tudo é visto através de uma névoa. Mamãe está sentada no sofá entre dois homens tatuados, cada um com a mão em uma coxa, os três fumando maconha. A mesa de centro está cheia de latas de cerveja, cinzeiros transbordando e apetrechos de drogas. A música de metal alta chacoalha as janelas. Eu balanço minha cabeça e entro no corredor, ouvindo minha mãe gritar com uma risada bêbada mesmo sobre as guitarras tocando.

Eu considero sair com o moletom que Royal roubou da academia e dizer a eles que Royal os achou muito sexy no outro dia, mas isso apenas irritaria Baron ainda mais. E sim, eu posso ser uma punk, mas não sou burra. Eu sei quando parar... Pelo menos às vezes.

Em vez de desobedecê-los descaradamente e acabar com suas bundas ricas e polidas e brilhantes na minha casa, onde eles veriam a miséria de onde eu venho e provavelmente seriam atingidos por minha mãe, eu puxo meu melhor par de Levi's, esperando que eles irão considerar jeans apertados sexy o suficiente, mesmo que sejam de cintura alta. Vasculhando meu armário, não encontro nada remotamente adequado. No final, escolho um cropped justo, mas combino com uma jaqueta leve para não mostrar muita pele. Então, porque prefiro errar por muito pouco do que por muito, enfio os pés nas minhas botas de combate, uma das minhas melhores pontuações em brechós, já que são de couro de verdade.

Não tenho tempo para lavar o rosto e reaplicar a maquiagem nos dois minutos que me restam, então apenas lavo o rosto, pego um par de brincos e um batom e corro para o armário para tirar mais vinte do rolo. Nunca faz mal ter algum dinheiro no caso de eu precisar de uma carona ou o que quer que a noite

traga. Enfiando minhas coisas no bolso, eu saio, ignorando a forma como uma das conquistas de mamãe olha para minha bunda durante todo o caminho até a porta.

No segundo que saio, corro de cara no corpo endurecido do Baron Dolce.

— Não faz nem dez minutos, — eu estalo, puxando a porta fechada atrás de mim, para que ele não veja dentro.

— Você disse cinco.

— Mesmo você não conseguiria se trocar e lavar o rosto em cinco minutos.

— Você ficaria surpresa com o quão rápido um homem pode se despir, — diz ele com um sorriso. Ele estende a mão e abre minha jaqueta, olhando minha barriga nua antes de examinar o resto da minha roupa. — Bom o bastante.

Ele se vira e se dirige para o carro, e eu mordo minha língua e o sigo. Duke está no banco de trás, sua língua na garganta de Jolene, então Baron fica na frente enquanto eu me espremo ao lado do casal tateante. Talvez a disposição dos assentos não signifique nada. Talvez o meu pensamento diga mais sobre mim do que sobre eles. Eu preciso parar com isso, preciso recuar antes que seja tarde demais. Eu já estou toda enrolada em suas merdas, embora eu ainda não saiba tudo sobre eles.

Mas eu tenho que lembrar que eu não sou uma deles. Não importa o que aconteça, mesmo quando eu estiver com eles, nunca serei parte de sua família, de seu vínculo. Eu nunca vou me encaixar no mundo deles. Eu me encaixo com gente como Blue e Jolene, com caras como Skeeter Bite e Dodge e Shiner. Se eu jogar minhas cartas corretamente, sem nunca errar, e um pouco de sorte estiver do meu lado, posso conseguir um cara um pouco acima da minha classe, um cara como Maverick ou Zephyr. Eu não pertencço ao mundo de Royal mais do que ele pertence ao meu, não mais do que ele poderia entrar na minha sala e passar por aquela cena esta noite e olhar para o outro lado para mim, fingir que não viu, porque ele sabe como me deixar manter minha dignidade.

Royal nunca me deixaria manter minha dignidade. E quando estou com ele, não tento. Eu me visto de vadia e faço de mim um espetáculo, porque a verdade é que eu também não sei existir no mundo dele. E perder minha dignidade em meus próprios termos é melhor do que ele tomá-la. Do que admitir que estou perdida, que estou frustrada pra caralho e acho que nunca serei capaz de sair de debaixo de seu polegar, muito menos ganhar sua confiança ou entrar com sua multidão.

Eu ignoro Duke e Jolene chupando a cara até a festa. Não estou com

disposição para nada disso. Se eu tivesse amigos que me apoiassem, eu ficaria fodida. Eu beberia até ficar bêbada e vomitaria nos arbustos e esqueceria esta noite e toda a porra da minha vida por uma noite, assim como minha mãe está fazendo em casa, provavelmente deixando aqueles caras correrem atrás dela e dizendo a si mesma que isso a faz uma garota divertida, que os faz querê-la mais em vez de vê-la como lixo. Não é que eu não beba. Eu só não vou beber perto desses idiotas. Muita chance de eles usarem isso a seu favor.

Nós não somos amigos. Eu não tenho amigos. Eu tenho garotas como Jolene, que querem se divertir, mas quando a merda fica real, elas vão embora. É assim que eu gosto. Dessa forma, eu sei em quem posso confiar, e nunca há dúvidas de quem me protege. Eu tenho minhas costas. Eu confio em mim.

Entramos na estrada e passamos por trechos de campos de algodão em pousio e áreas baixas de árvores que ficaram na água da última tempestade, embora, na verdade, o pseudo-pântano nunca seque. Ele simplesmente não tem água suficiente para ter algo legal como crocodilos e ser rotulado como um verdadeiro pântano. Em vez disso, está repleto de mosquitos e bocas-de-algodão. Por um segundo, minha garganta fica seca, e me pergunto se eles vão me trazer até aqui e me abandonar no caminho para a festa. Tenho certeza de que não vou voltar para casa por aqueles campos.

Paramos na próxima saída, e eu me sento direita. Eu posso estar pirando um pouco, mas foda-se se eu vou ficar sentada aqui deprimida em vez de assistir para onde estamos indo. Nem por um segundo eu perdi a noção de onde estamos. Eu tenho meu telefone e vinte dólares para me levar para casa se eles me abandonarem, então é melhor eu saber onde estou e dizer a alguém para vir me buscar.

— Vamos para a pedreira? — Eu pergunto.

— Você sabe disso, — diz Baron, sem se virar no banco da frente.

— Vocês vão para a pedreira?

— Todo mundo vai para a pedreira, Jailbird.

A pedreira é exatamente o que parece – uma antiga pedreira – mas também é um lugar que as crianças Faulkner usam para nadar no verão, já que há uma bacia de água. E como não é na casa de ninguém, os pais de ninguém precisam estar fora da cidade para que alguém dê uma festa aqui, embora os policiais eventualmente venham prendê-los. Quando não há festa, também é um bom lugar para estacionar para garotas que têm o tipo de pais que se importam com o pau que está nelas.

Nós viramos para a velha estrada de terra que leva até lá, e eu finjo que não posso ver que Jolene tem o pau de Duke em sua mão e está o masturbando enquanto ela senta em seu colo, beijando seu pescoço. Ele deixa sua cabeça cair para trás, rolando em minha direção. Nossos olhos se encontram, e ele faz aquela coisa em que lentamente molha os lábios, um pequeno sorriso brincando sobre eles. Ele levanta as sobrancelhas apenas um pouco e olha para baixo em seu colo, fazendo um leve aceno com a cabeça. Um convite.

Eu reviro os olhos. De jeito nenhum.

Ainda assim, é um idiota, e é difícil não olhar para ele. É um pau bem legal, para ser honesta, longo e cheio como o de Royal. Mesmo que eu não pule para ajudar Jolene, ele continua me observando, seus olhos quase me desafiando. Eu olho de volta para ele, me recusando a deixar meu olhar cair, mesmo que eu possa sentir minhas bochechas corarem quando ele revira os quadris um pouco, empurrando seu pau para cima, como se ele estivesse tentando chamar minha atenção, então eu não vou perder nosso concurso de olhar.

Ele deveria saber que eu não tenho medo de um pauzinho. Ou um pau grande, conforme o caso. Esses garotos pensam porque são alfas, porque são enormes e dominantes, que toda garota vai se transformar em uma idiota risonha ou uma virgem corada quando ficam grosseiras. A visão de um pau parou de me chocar antes que eu chegasse à puberdade, e foda-se se eu vou ser intimidada por um agora.

Paramos na pedreira, e Jolene desce de seu colo, bloqueando nossa linha de visão e interrompendo nosso olhar. Eu saio do meu lado do carro e enfrento Baron, que acabou de sair pela porta do passageiro. — Então, você vai me colocar a par das minhas ordens, ou apenas me deixar foder tudo para que você possa me envergonhar publicamente quando eu quebrar as regras tácitas que eu não sabia que existiam? — Eu pergunto.

Ele agarra meu pulso, seus olhos intensos por trás das lentes de seus óculos. — Por um lado, você vai parar de foder com Royal se você sabe o que é bom para você, — diz ele, baixando a voz para que os outros não ouçam enquanto saem do lado do carro. — E confie em mim quando digo que nem toda garota recebe esse aviso.

— O que me torna tão especial?

— Essa é a parte fodida. Você não é nada de especial, não é? — ele pergunta, inclinando a cabeça e me estudando como se achasse que eu deveria ser fácil de entender. Com tantas mulheres com quem ele brinca, ele deve saber que nenhum de nós é.

— Nem um pouco, — eu digo, dando-lhe um sorriso apertado. — Então, apenas me diga o que fazer, e eu farei isso se isso significar que você vai me deixar em paz.

— Ah, agora você vai obedecer?

— Para esta noite, talvez. Depende do que você perguntar.

Ele sorri e deixa seus olhos passarem por mim. — Mesmo se você me oferecesse o que eu quero, eu não poderia aceitar.

— Porque eu sou o brinquedo de Royal, — eu digo, revirando os olhos.

— Por esta noite, talvez, — diz ele, imitando minhas palavras. — Mas não se você continuar com essa merda.

Eu cerro os dentes e olho para ele. — Como posso parar quando não sei o que estou fazendo de errado?

Ele se inclina, tão perto que eu poderia ficar na ponta dos pés e beijar este belo enigma de um menino. — Essa é a beleza do jogo, — ele sussurra, seu hálito quente acariciando meus lábios na noite fria.

Não tenho certeza se ele já falou comigo antes, além de elogiar minha arte de rua. Ele fala com seus irmãos sobre mim como se eu não estivesse lá, ou ele fala comigo de um jeito estranho que é realmente direcionado a eles. Eu não sei o que fazer com ele. Royal é um mistério, mas ele é um mistério que está na sua cara, que você não pode deixar de querer resolver, um que você fica obcecada quando não consegue dormir à noite. Baron é um mistério que você não viu, um que você não sabia que precisava ser resolvido. E Duke, bem, ele é um mistério que finge que já foi resolvido.

Quanto mais eu sei sobre esses garotos, menos eu *os conheço*. É enlouquecedor.

Damos a volta no carro e encontramos Duke e Jolene, que está toda corada e parece tão atordoada que você pensaria que ela teve um orgasmo apenas tocando o pênis de Duke. Olho ao redor procurando por Royal, apenas pegando um vislumbre de suas costas enquanto ele caminha em direção à festa.

Está bem então. Foda-se ele também.

— Acho que vou me misturar, — eu digo. — Considerando que eu nem queria vir aqui, e agora não tenho motivos para estar aqui, estou um pouco confusa, mas vou viver.

Baron agarra meu pulso novamente, seu aperto forte, mas não punitivo. Suas mãos são grandes e quentes em volta do meu pulso nu, quase reconfortantes. Depois de falar com ele e estar perto dele, posso sentir a atração que sinto por Royal, embora neste caso seja um pouco diferente. Principalmente é curiosidade, a emoção de encontrar um mistério que não foi resolvido. Estou começando a ver como uma garota poderia se apaixonar por ele se ele não a estivesse torturando.

— Vá pegar uma cerveja para ele e peça desculpas— , diz ele, sua voz lenta e calma, como se estivesse explicando isso para uma criança.

— Desculpar-me pelo quê? — Eu pergunto, embora eu esteja apenas sendo uma pirralha. Eu sei o que eu fiz. Quando ele não responde, mas apenas me mantém fixa naquele olhar escuro como se estivesse esperando que eu compreenda, eu suspiro. — Está Certo.

Eu puxo minha mão, mas seu aperto aumenta instantaneamente, prendendo meu pulso por apenas um segundo, como se ele só quisesse me ver me contorcer. Mas acabou rápido o suficiente para que qualquer um que estivesse assistindo da festa não pudesse dizer o que está acontecendo. Eu sei, no entanto. Ele quer que eu saiba que não tenho escolha, não tenho poder. Que ele me controla.

Ele me solta, e eu me viro e vou embora, irritada com seus jogos. Eu sou uma atiradora direta. Eu gosto de saber com o que estou lidando, assim, como tudo exposto diante de mim, para que eu possa traçar estratégias e planejar. Se a regra é, não há regras, eu concordo com isso. Eu só quero saber disso, então eu sei como vencer.

Confiando que Jolene está mais do que disposta a participar de qualquer coisa que Duke tenha em mente, eu a deixo e avalio a situação por conta própria. Abrindo caminho através do punhado de crianças que ainda permanecem perto dos carros estacionados ao longo da estrada de terra, eu observo a cena. Há duas grandes fogueiras, uma montada muito perto da borda do poço gigante onde eles extraíam pedras ou cascalho ou o que quer que eles tirassem de uma pedreira. A piscina fica à direita, fora de vista na escuridão, mas conheço o caminho até lá tão bem quanto qualquer outro garoto Faulkner. Não há muito o que fazer em uma cidade pequena e menos ainda de graça.

Eu me esquivo de alguns jogadores de futebol que podem me arrastar para o Royal antes que eu esteja pronta. Mesmo que ele esteja sendo um idiota mal-humorado, sou grata por ter um minuto sozinha para me orientar. Eu gosto de saber em que situação estou entrando antes de me meter nela. Os caras vão em direção ao fogo à direita, então eu vou para a esquerda, abrindo caminho entre a multidão reunida na fogueira menor, vendo alguns rostos familiares. Latas de

cerveja barata e copos de plástico vermelhos circulam. O ar está inebriante com a fumaça da maconha e o sabor amargo do tabaco. Alguém tem um caminhão encostado perto do fogo, as portas abertas e a música saindo, dois barris na parte de trás. Alguns caras ficam lá enchendo copos e entregando-os. Algumas garotas dançam bêbadas à luz do fogo.

Vejo Maisy Gunn conversando com alguns geeks de arte perto daquela lareira e, embora nunca tenhamos sido amigas, o alívio me inunda ao ver seu rosto familiar. Esta não é apenas uma festa WHPA. Há crianças Faulkner aqui. O que significa que não estou sozinha, a única ovelha em uma matilha de lobos famintos. Na verdade, olhando em volta, percebo que a maioria dessas crianças conhece a ESF. Esta é a festa deles, a fogueira deles. Os jogadores de futebol foram para o outro lado, o que significa que é o fogo de Willow Heights.

Bela Maneira de fazer do meu primeiro passo um passo em falso. Mas ei, se Royal ficar chateado por eu estar aqui, é culpa dele por não me dizer. Ele deveria saber que eu não iria atrás dele, que quando eu o visse indo para um lado, eu iria para o outro. Eu não sabia que esta seria a festa de outra escola, e mesmo que eles sejam rivais dele, eu sou desta escola. Essas são as minhas pessoas, mesmo que eu não conheça a maioria, já que a ESF é muito grande para conhecer todos de uma série, quanto mais a escola inteira.

Já estou perto o suficiente dos barris para pegar uma cerveja, então vou até a fila. Eu levanto dois dedos depois de chamar a atenção de um dos caras servindo. — Dez ou pele? — ele grita sobre a música.

— O que?

— Dez dólares ou mostre seus seios, — ele diz, como se fosse tudo a mesma coisa para ele. Provavelmente é.

Eu tiro os vinte do meu bolso e entrego, e ele me entrega meu troco e as cervejas um minuto depois. Tomo um gole e me afasto para deixar os outros tomarem meu lugar. A cerveja é uma merda, mas pelo menos está gelada. Como não quero abusar da sorte com Royal agora, caminho nessa direção. Minha ausência sem dúvida foi notada, mas aparecer com uma cerveja para ele pode suavizar as coisas.

Estou quase fora da multidão quando um cara esbarra em mim, fazendo minha cerveja espirrar pela lateral do copo e cair em sua camisa. Estou prestes a rosnar para ele quando olho para cima e me vejo olhando para os olhos esfumaçados de bourbon de Zephyr Hertz, gênio da arte de rua, vizinho da rua e ex-parceiro de mergulho em lixeiras e caça em brechós.

— Droga, se não é Harper Apple, minha pequena prodígio —, diz ele, me

abraçando com um braço enquanto segura um baseado entre dois dedos do outro. — Eu estava prestes a reclamar de você por derramar cerveja em mim, mas acho que você consegue um passe. Onde você esteve, garota?

— Eu estava prestes a reclamar de você por me fazer derramar minha cerveja —, eu digo, sorrindo para ele com felicidade genuína. — E eu acho que você é o prodígio. Talvez você quis dizer protegida?

— Ainda uma espertinha que pensa que sabe tudo, — diz ele, dando uma tragada em seu baseado.

— E eu estou supondo que você ainda é um habitante da noite e a ruína de todos os policiais da cidade, — eu digo. — Não te vejo há séculos.

— Certo? — ele diz, estendendo o baseado para mim. — Você desistiu?

Eu levanto os copos atualmente ocupando ambas as minhas mãos, e ele segura o baseado em direção aos meus lábios. Meu primeiro instinto é recuar quando alguém entra no meu espaço, e Zephyr me vê tensa, mas ele não fica todo magoado com isso. Ele me conhece. Ele aceita minha defesa e a respeita, da mesma forma que Blue faz. Eles entendem. Eles são meu povo, do meu mundo, pessoas que entendem os limites e não os pressionam quando não é o lugar deles. E sim, isso nos impede de chegar muito perto, mas esse é o nosso mundo.

Eu engulo e encontro os olhos quentes de Zephyr, e abro meus lábios. Ele coloca o baseado entre eles, e eu dou algumas baforadas e depois viro a cabeça, tossindo.

Antes que eu possa me recuperar da tosse e responder, um braço forte me envolve, me prendendo a um corpo enorme e musculoso. Royal. Claro, porra. Ele precisa deixar sua possessividade na porta. Ele deveria saber que não é meu dono e nunca será, não importa quantas declarações ele faça. Assim como ele pode me forçar a ficar de joelhos, mas eu nunca vou me curvar a ele.

— Que porra você pensa que está fazendo? — ele rosna para mim, mas seus olhos estão presos em Zephyr.

Meu ex-mentor de tinta spray é legal demais para ficar perturbado com o fogo nos olhos de Royal. Ele dá uma tragada no baseado e sorri. — Ei, — ele diz, balançando o queixo em reconhecimento. — Você é Royal Dolce.

— E quem diabos é você? - As palavras de Royal gotejam gelo, e ele inclina a cabeça para trás para poder olhar para nós com os olhos encapuzados, aquele movimento idiota que deve intimidar, mas me deixa louca, então não tenho certeza se quero estrangulá-lo ou montá-lo. De preferência os dois ao mesmo

tempo.

Zephyr, aparentemente, não compartilha desses desejos conflitantes. Ele apenas dá de ombros. — Zef, — diz ele. — Zephyr Hertz, na verdade. Meu pai é Thomas Hertz.

— E deixe-me adivinhar, ele é um grande fã? — Royal pergunta. — Você é muito legal para perguntar, obviamente, então você vai fingir que quer um autógrafo para o papai?

— O que? — Zephyr pergunta, seu comportamento amigável desaparecendo atrás de um olhar de confusão e decepção. Então ele balança a cabeça. — Você sabe o que? Deixa para lá. Eu não sou ninguém. Eu ia falar com você, mas não vou me incomodar. Vejo você por aí, Harper. Apareça se precisar de mais disso. — Ele levanta o baseado e então se vira e vai embora sem olhar para trás.

Eu me afasto de Royal e me viro para encará-lo. — Você vai ser um idiota com todos os caras com quem eu falo?

Royal apenas me encara de volta. — Por que você está falando com um cara solteiro?

— Hum, talvez porque ele seja meu vizinho e amigo.

— Você transou com ele?

Suspiro e entrego sua cerveja. — Por que você está tão obcecado com quem eu fodi? Eu não pergunto a todas as garotas nesta festa quem você fodeu.

Royal olha ao redor, carrancudo para a multidão. — Você quer saber quem eu comi?

— Você sabe, eu realmente não quero. Você não me deve merda nenhuma. Você é um menino grande, pode enfiar o pau onde quiser. Não é da minha conta.

Ele olha para mim, um sorriso idiota torcendo seus lábios carnudos. — Não é o que você disse quando aquela garota tentou pegar uma carona depois da corrida.

Aquela garota. Ou ele não se lembra de quem era, ou não se importa.

Eu me odeio por sentir qualquer coisa sobre esse fato.

— Isso foi há muito tempo, — eu digo. — Eu voltei a mim desde então.

Royal entra no meu espaço então ele está se elevando sobre mim, seus olhos queimando com intensidade, como se não houvesse mais ninguém, nenhuma festa acontecendo. Só nós. — Negue tudo o que quiser, mas você é uma cadela ciumenta, Harper Apple. Então eu vou te dizer de qualquer maneira. Eu não vejo uma única garota aqui que eu fodi.

Cruzando os braços, balanço em meus pés, segurando minha cerveja. — Você não fodeu uma única garota aqui.

Seu lado brincalhão desaparece atrás de uma carranca. — Não. Então, você transou com aquele cara ou não?

— Não, — eu digo. — Ele é brilhante, e eu admiro muito ele, mas nunca tivemos esse tipo de relacionamento. E quem é você para julgar? Só porque você não fodeu nenhuma dessas garotas não significa que você não chupou todas as garotas em Faulkner.

— Eu não como boceta, — ele retruca.

Duke aparece então, passando um braço em volta dos ombros de Royal, Baron alguns passos atrás — Não se preocupe, garota, — Duke diz, já falando um pouco. — Eu te pego. Algumas lambidas desta língua, e você estará gritando tão alto que quebrará a barreira do som. — Ele mexe a língua para mim, e Royal o empurra.

Reviro os olhos e me dirijo ao líder. — Oh, desculpe, você já me disse isso antes? Estou perdendo o controle de todas as suas regras. Conto nos dedos. — Você não goza, você não namora garotas do ensino médio, você não come boceta, você não responde perguntas... Mais alguma coisa que eu deveria saber?

— Você não precisa saber nada sobre mim, — ele rosna. — Você não é minha namorada. Você é apenas algo para brincar até quebrar e depois jogar fora. É isso.

— Seja como for, — eu digo com os dentes cerrados. — Quando há mais caras cujos paus eu chupei do que garotas que chuparam seu pau em qualquer grupo, você pode me dar merda. Até então, você pode querer reinar na misoginia. Tenho certeza de que isso não é fofo desde os anos 90.

— Oh merda, — diz Baron. — Tenha cuidado. Aí vem a feminista raivosa. O ápice da originalidade.

— Sabe o que é ainda menos original? — Eu pergunto. — Um homem

usando seu pau como arma para intimidar as mulheres.

— Eu não tenho que usar meu pau para isso, — diz Baron com um sorriso arrogante.

— Olha, eu entendo, vocês são todos psicopatas completos, — eu digo. — Você fez o seu ponto. Mas talvez você devesse parar de reinar na besteira Eu-Tarzan-Você-Jane de vez em quando. Eu sou zero por cento atraída por Zephyr, mas ele é um ser humano genuinamente bom. Ele ajudou a tentar encontrar sua irmã.

O ar sai do grupo. Por um segundo, minha respiração fica presa, como se o fantasma dela tivesse sugado todo o oxigênio ao nosso redor. — O que? — Royal pergunta, sua voz baixa e mortal.

— Se você tivesse falado com ele por um minuto, você poderia ter percebido isso, — eu digo. — É por isso que ele disse a você quem era o pai dele, idiota. Ele não queria uma porra de um autógrafo. Ele pensou que você poderia se lembrar do nome dele.

Apesar de todos os seus defeitos, o pai de Zephyr realmente tentou ajudar, mesmo que estivesse fazendo isso apenas por dinheiro. Ainda sim. Zephyr era a única pessoa do nosso lado da cidade que parecia dar a mínima para aquela situação de crianças ricas desaparecidas. Ele se sentiu de alguma forma responsável pelo que seu pai fez, e ele queria ajudar a consertar isso porque ele é Zephyr, e sob o registro de prisão e atitudes um tanto grosseiras em relação à autoridade, ele tem uma bússola moral feita de ouro puro.

— O que você quer dizer com ele tentou ajudar a encontrá-la? — Baron pergunta. — Tipo, ele estava nos grupos de busca?

Eu dou de ombros. — Sim. Bem, Zephyr estava. Ele não esperava que você se lembrasse dele por causa disso. Mas foi o pai dele que vendeu um carro para alguns adolescentes do lado de fora da loja de bebidas naquela noite.

— Que adolescentes? — Royal pergunta, e quando eu olho para ele, ele tem aquele olhar vazio em seus olhos.

Eu não vou dizer a ele que o pai de Zephyr estava bêbado, já que esse é o tipo de coisa que você finge que não vê e definitivamente não diz sobre o pai de um amigo, mas esses caras agem como se nunca tivessem ouvido falar isso antes. Eu engulo em seco. Eles não deveriam saber disso? — Ele disse que não conseguia se lembrar de como eles eram, mas poderia ter sido as crianças no noticiário — sua irmã e o namorado dela, eu acho. Ele contou tudo isso ao seu pai quando ofereceu dinheiro a qualquer pessoa com informações que pudessem

levá-lo a ela.

Ninguém diz nada por um segundo. Então Royal joga sua cerveja cheia no chão. — Nós vamos embora.

— Cara, acabamos de chegar, — diz Duke. — E eu totalmente teria tomado aquela cerveja.

Aquela cerveja me custou cinco dólares, mas eu mantenho minha boca fechada. Eu sei quando a merda não me diz respeito.

Baron coloca a mão no ombro de Duke. — Nós temos uma carona para casa, — diz ele, acenando para Royal. — Prossiga. Vou cuidar desse idiota.

Seus olhares travam por um longo momento, e eu me lembro daquele momento no campo esta noite, quando Baron o agarrou e o segurou firme. Eu pensei no carro que Duke poderia ser o favorito e é por isso que ele ocupa o melhor lugar, mas não é bem assim. Baron pode não ser tão barulhento ou chamativo quanto Duke, mas isso não significa que ele não seja tão ligado, e tão importante, para Royal. Ele apenas desempenha um papel diferente em sua família.

Sem outra palavra, Royal se vira e vai embora. Os gêmeos provavelmente vão para casa com qualquer pedaço de bunda que eles possam pegar, o que significa que eu vou ficar presa em encontrar minha própria carona. Não estou muito preocupada com isso. Com Faulkner High aqui, alguém vai me dar cobertura. Duke tropeça depois de uma garota balançando no cascalho de salto alto, e eu decido que é hora de encontrar Jolene. Logo a vejo com uma bebida na mão e um cigarro entre os lábios, cercada por um círculo de admiradores.

Eu juro, a garota é magnética. Não posso culpá-la por conseguir tudo o que pode com isso.

Eu pego outra cerveja, imaginando que o lado Faulkner não está fora dos limites se Royal não estiver aqui para ver, mas menos de dois minutos depois, Gloria Walton vem se aproximando e enlaça seu braço no meu, me puxando para fora da multidão. — Você simplesmente não pode ajudar a si mesmo, pode? — ela diz.

— Sério? — Eu pergunto, me afastando. — Agora não são apenas os Dolces que estão de olho em mim, é você também?

— Eu não estou de olho em você, diz ela. — Estou cuidando de você.

— Como, exatamente, isso é estar cuidando de mim?

— Porque há *pessoas* de olho em você, — diz ela. — E Royal não vai gostar de você se misturando com garotos Faulkner.

— O que há de errado com os garotos Faulkner? — Eu pergunto, colocando a mão no meu quadril e nivelando-a com um olhar. — Se bem me lembro, você me pediu o número de Maverick.

— Eu não sou de Royal... Tanto faz, — ela diz, gesticulando para o meu corpo. — Não há um cara em Willow Heights que tocaria sua bunda. Não enquanto estiver sob a proteção de Royal. Os caras do Faulkner podem não saber melhor.

— Proteção? — pergunto incrédula. — É assim que você chama isso?

— Chame do que você quiser. Enquanto você estiver fodendo Royal Dolce, ninguém fode com você.

— Exceto os Dolces, — eu digo, minha voz dura. — Não faça parecer que eles estão me fazendo um favor. Eu assumiria o resto da escola se isso significasse que eu estaria a salvo deles.

— Você não pode fazer essa escolha, — diz ela, começando pela borda da pedreira em direção à outra fogueira. — Quando ele terminar com você, você pode fazer o que quiser. Por enquanto, tenho três conselhos para você sobreviver a essas festas.

— Obedecer, obedecer e obedecer?

Gloria para e coloca a mão no quadril. — Você quer que eu seja sua amiga, ou você quer que eu seja uma vadia e deixe você descobrir da maneira mais difícil?

— O primeiro, — eu digo. — Desculpe, é automático.

Ela arqueia uma sobrancelha e marca nos dedos. — Um, nunca tire uma foto dos meninos Dolce.

— E se eu fizer isso?

— É melhor você deletar e esperar que eles nunca descubram.

— Ok...

— Dois, nunca tome uma bebida de Cotton Montgomery.

— Pensei que ele fosse seu amigo.

— Ele está no meu círculo e mora na casa ao lado, — diz ela. — Ele também é um completo idiota. Fique longe, a menos que seja sua fantasia ser violada enquanto estiver inconsciente, nesse caso, você o faz. Sem julgamento.

Eu mordo de volta um comentário sarcástico e aceno. — Obrigada. Essa é uma informação muito boa de se ter.

— Apenas olhando para fora.

— Estou muito agradecida.

— E não brinque com a cabeça de Royal, ok? Ele pode ser o maior valentão do playground, mas na verdade é meu amigo. E não serei tão legal se você o machucar.

Eu bufo. — Não tenho certeza se sou capaz disso. Então, qual é a regra número três?

— Não foda com o inimigo. Então, se você não quer começar uma briga entre as escolas agora, sugiro que venha comigo.

Não quero nada mais do que voltar para o meu povo, mas sei que ela está certa. Se o ataque de Colt me ensinou alguma coisa, não é para dar aos meninos Dolce uma razão para lutar.

Estamos a meio caminho entre fogueiras quando um grupo de caras que aparentam idade universitária ou um pouco mais velhos me interceptam a caminho da festa. — Ei, — diz um deles. — Você é a garota daquele vídeo?

— É ela, não é? — diz outro, um cara grosso com um boné de caminhoneiro e uma camisa que diz: *Stomp My Flag, I'll Stomp Your Ass*¹⁴. As mangas foram arrancadas, revelando tatuagens ao redor dos bíceps salientes.

— Ei, que tal isso, — diz um terceiro cara. — Com certeza é.

Há seis deles, todos eles me olhando como se eu fosse um coelho prestes a fugir, e eles estão prontos para perseguir. Sinos de alarme soam na minha cabeça enquanto olho para Gloria. A maneira como eles se dirigiram a mim, com suas vozes soando amigáveis, mas cobrindo uma ponta de agressão, me coloca instantaneamente na defesa. Aprendi a ler os tons dos homens muito bem ao longo dos anos, e esses são exatamente o tipo que minha mãe traz para casa. Homens que pensam que as mulheres lhes devem seus corpos porque lhes dão atenção. Homens que não te agarram de cara, mas te seguem à distância até que você faça uma curva errada e seja encurralada. Homens que não pedem para você sentar no colo deles até que sua mãe esteja no chuveiro e não os ouçam.

Bastardos sorrateiros e viscosos.

— Ela está comigo, — Gloria diz, sua voz um pouco alta demais. Ela vem em minha direção, mas eu levanto a mão.

— Não, eu não estou, — eu digo, sem tirar os olhos dos caras. — Glória, vá embora. Volte para sua festa. Eu cuido disso.

— Você é louca? — ela pergunta, sua voz subindo.

Não louca, mas eu posso me cuidar, e ela não é nada além de uma responsabilidade neste momento. Vai ser difícil o suficiente chutar suas bundas sem ter que me preocupar com um deles arrastando-a e estuprando-a enquanto estou ocupada.

— Vá, — eu digo bruscamente.

— Sim, vá em frente, — diz um dos caras. — Nosso negócio é com essa garota. A menos que você possa chupar como uma estrela pornô também.

Gloria engole em seco, seus olhos se arregalando. Então ela começa a recuar, não virando as costas para os caras. Estou feliz que ela está indo, que ela estará segura, mas estar sozinha de costas para uma cratera de trinta metros de profundidade e seis homens predadores na minha frente ainda faz meu coração acelerar.

— Boa jogada, cuidando disso, — diz o cara com tatuagens. — Ela parecia uma cadela burra que chamaria a polícia. Você parece uma garota esperta que sabe ficar de boca fechada.

Uma garota inteligente que sabe como chutar suas bundas. A adrenalina sobe através de mim, e eu jogo minha cerveja, feliz por não ter bebido, mesmo que isso signifique mais cinco dólares desperdiçados. Estou muito lúcida para lutar contra esses idiotas. Minhas mãos se fecham em punhos e dou um passo para trás, olhando por cima do ombro para avaliar exatamente o quão longe estou da borda.

Venham, vadias. Eu perdi minhas lutas de sexta à noite, e esta é uma maneira tão boa de me consertar quanto qualquer outra. Mal posso esperar para sentir a doce dor dos meus dedos ou o esmagamento satisfatório dos ossos quando quebro seus narizes. Eu salto na ponta dos pés, excitação misturada com a quantidade certa de medo, o nível que me mantém afiada, mas não me torna estúpida.

— Agora, onde estávamos, — diz o primeiro cara, avançando. — Que tal,

menina? Quer nos dar uma pequena demonstração? Mostre-nos que você é tão boa quanto parece naquele vídeo.

— Oh, confie em mim, — eu digo, recuando em direção à borda, meus punhos erguidos na minha frente. — Eu sou melhor. Venha descobrir.

Estou no meio do caminho para casa quando meu telefone toca, e porra, meu primeiro pensamento é que Harper está me mandando uma mensagem. Mas não, é apenas Lo.

ThatsLo: Onde você está?

Royal: O que você precisa?

ThatsLo: Nada. A imbecil da Harper está em apuros

Royal: O que está acontecendo?

ThatsLo: Alguns caras a cercaram, estou com medo por ela.

Eu piso no freio e puxo o volante com força, voando pelo canteiro central e dando um giro de 180 graus para voltar pelo caminho que vim. Porra. Levarei pelo menos cinco minutos para voltar, mesmo fazendo mais de cem. Eu piso no carro e pego meu telefone.

Royal: Porra, faça alguma coisa

ThatsLo: Eu tentei.

Royal: Tente mais idiota

ThatsLo: Foda-se não sou um mártir estou ajudando mais mandando txt do que me fazendo de vítima

Royal: Cadela

Porra, porra, porra. Por que eu a deixei naquela maldita festa? Toda vez que eu me viro, algum cara tem as mãos sobre ela. Eu deveria saber que ela não poderia ficar sozinha por cinco minutos, muito menos a noite inteira. Eu amaldiçoo meus irmãos por não manter os olhos nela, mas sou eu quem deveria estar observando. Se algo acontecer, é por minha culpa.

Uma sensação doentia toma conta das minhas entranhas, torcendo tudo em algo que eu não quero olhar, algo fraco, nojento, que não vai embora não importa o quanto eu tente esmagá-lo em um maldito diamante com a força de meu ódio. Eu sei que não devo me afastar de alguém que eu...

Eu paro esse pensamento. Eu não dou a mínima para Harper. Ainda. Ela é minha, e você não deixa algo que é seu e espera que esteja lá quando você voltar, não quando é algo precioso.

Royal: O que ela está fazendo?

ThatsLo: Eu não sei

Royal: DIGA-ME

ThatsLo: Ela nocauteou 1 e chutou um cara nas bolas, mas há como 8 deles. Você precisa voltar.

Royal: Que merda você acha que eu estou fazendo?

ThatsLo: Então pare de enviar mensagens de texto

Royal: Fique online, eu preciso saber que ela está bem

ThatsLo: Ela não está.

ThatsLo: Se apresse

Eu bato na estrada de terra muito rápido e quase giro. Quem disse que você pode dirigir rápido no cascalho nunca experimentou. Mas eu faço o meu melhor, e se eu escorregar na vala algumas vezes, não é nada que o Rover não possa lidar. Obrigado, porra, por eu não estou no Tesla do Baron. Chego à festa e piso no freio, lançando um jato de cascalho enquanto puxo o freio e saio de lá sem me preocupar em desligar o motor ou fechar a porta.

Vejo Gloria primeiro, do lado de Faulkner, mas não na festa. Claro que ela está fodendo do lado deles. Todos do nosso lado sabem melhor.

Corro pelo cascalho até onde ela está, longe de uma pequena multidão reunida na beira do poço. Harper está de costas para a borda, a menos de dois passos de cair. Sua blusa minúscula está rasgada na frente, seu cabelo está uma bagunça e sua boca está sangrando. Alguns caras estão de frente para ela, enquanto dois estão deitados no chão e outro se ajoelha perto, segurando seu pau e gemendo. Cerca de uma dúzia de pessoas ficam ao redor não fazendo merda nenhuma, mas vendo tudo acontecer.

— Saia do meu caminho, — eu rosno, empurrando, não me incomodando em olhar quem eu estou empurrando para o chão no meu caminho. Eu agarro as cabeças dos dois caras e os esmago, sentindo o esmagamento satisfatório de seus crânios se conectando. Sem me preocupar em ver se eles estão conscientes,

passo por Harper e os jogo no poço.

Isso faz com que a multidão se afaste. Algumas pessoas gritam.

— Que porra é essa? — Harper grita, limpando a boca com as costas da mão. — Eu estava tratando disso.

Estou muito chateado para falar qualquer coisa para ela, então eu a agarro e a jogo por cima do meu ombro. Ela luta, mas eu ignoro suas tentativas inúteis. Elas são apenas um show. Até ela sabe que não pode fugir. Ela é do tamanho de uma boneca comparada a mim.

Eu me viro para a pequena multidão, querendo arremessá-los todos pela borda também. Alguns deles têm a coragem de parecer chateados.

— Estou chamando a polícia, — diz uma garota, seu rosto todo contorcido e coberto de lágrimas. Aparentemente, ela gostava daquele babaca que estava batendo em uma garota. Boa sorte pra ela.

— Você sabe quem eu sou? — Eu pergunto, avançando alguns passos em direção à dúzia de pessoas paradas ali boquiabertas. — Vocês idiotas sabem quem eu sou?

Alguns balançam a cabeça, mas os outros apenas olham. Eles sabem.

— Eu sou Royal Dolce, e isso é meu, — eu digo lentamente, minha voz tremendo de raiva. — Se você tem algo a dizer sobre isso, sugiro que diga antes de se juntar aquelas carcaças no poço. Se você não fizer isso, então saia do meu caminho. Mas nunca me desrespeite e o que é meu de novo.

Todos eles fogem como baratas quando eu me aproximo, então eu passo. Gloria paira, seu telefone na mão. — Eu tentei encontrar seus irmãos, mas não sei para onde eles foram, e eles não responderam, — ela diz, parecendo em pânico e perto das lágrimas.

Eu quero dizer a ela para ir se foder por não ajudar, e eu estou muito chateado para agradecê-la, mesmo que uma parte de mim saiba que eu deveria. Ignorando-a, vou direto para o Range Rover e abro a porta do passageiro. Harper está se comportando o mais humanamente possível no meu ombro, o que só me faz querer rir. Eu poderia apertar a bunda dela.

Eu a coloco no banco, lutando contra a raiva que está fervendo dentro de mim como nuvens negras, tentando agitar minha mente.

— Eu tinha tudo resolvido, — ela rosna novamente, empurrando meu

peito. — Eu não precisava da sua ajuda.

Eu mal sinto suas mãozinhas me empurrando. Eu pego o cinto de segurança e o puxo ao redor dela, encaixando-o no lugar. Ela o pega, como se fosse pular e correr enquanto eu vou para o lado do motorista. Eu agarro sua mão, meu aperto esmagando até ver seu peito inchar enquanto ela suga uma respiração. Embora seu sutiã esteja completamente exposto, mal noto seus seios. Eu afrouxo meu aperto, mas não solto sua mão. Quero que ela se lembre do que posso fazer com ela.

— Você quer tentar alguma coisa? — Eu pergunto, baixo e ameaçador. Eu ouço minha própria voz através do barulho em meus ouvidos, mas soa como um estranho. Não sei quando comecei a soar como um homem perigoso.

Harper engole e relaxa a mão, e eu a deixo cair e bato a porta. Derrapamos em outro jato de cascalho, mas desta vez, eu controlo minha velocidade e o veículo na estrada de cascalho. Meus dedos doem com a força do meu aperto ao redor do volante. eu não falo. Não posso. Tudo em meu corpo está carregado de raiva tão profunda que pulsa em minhas veias, afunda na medula dos meus ossos. Conheço bem este lugar de escuridão. Eu tenho uma porra de casa aqui.

Sáímos da estrada de terra e entramos em uma estrada pavimentada, e Harper finalmente fala. — Você não precisava fazer aquilo.

— Como o inferno que não , — eu rosno.

— Só faltava dois, — diz ela. — Eu posso cuidar de mim mesma.

— De nada.

— O que, eu deveria ficar de joelhos e chupar seu pau com gratidão por você ter vindo para me resgatar como um cavaleiro galante? Foda-se, Royal. Eu não estaria nessa situação se não fosse por você.

— Toda vez que eu me viro, você está cercada por caras. Eu saio por cinco malditos minutos para lidar com a merda de família, e eles estão em você como moscas. Se você parasse de dizer que é uma prostituta, talvez eu não precisasse continuar resgatando sua bunda.

— *Você* compartilhou que eu sou uma prostituta, — diz ela calmamente. — Você compartilhou o vídeo. Eles viram e queriam o que ele conseguiu. Isso é com você, Royal. Não eu.

— Eles disseram isso?

Ela dá um pequeno suspiro. — Sim, eles disseram isso. Você não precisava matá-los por isso.

Eu quero arrancar o volante, rasgar o carro em pedaços, voltar e passar por cima de cada um desses idiotas. Eu deveria tê-los matado. Eles não vão morrer, no entanto. As bordas daquele poço de mineração não são ângulos de noventa graus. Eles são mais como setenta e cinco. Eles vão rolar pela encosta de cascalho de trinta metros e, mesmo que não tenham sido derrubados, não há nada em que se agarrar para parar o deslizamento. No momento em que chegarem ao fundo, eles podem desejar estar mortos.

— E o que eu deveria fazer? — Eu pergunto.

— Deixar-me lidar com meus próprios problemas, — diz ela, jogando as mãos para cima. — Eu estava indo bem. Eu teria derrubado os dois últimos.

— Você não deveria, — eu digo baixinho. Fui eu que fodi tudo. Mas dizer essa parte em voz alta é impossível.

Ela apenas balança a cabeça. — Você não entende. Você tem irmãos que sempre te apoiam. Não importa o que você diga, eles respeitam. Eles pegaram você. Nem todo mundo tem esse luxo apenas embutido em suas vidas, automaticamente, sem dúvida. Algumas pessoas aprendem cedo a cuidar de si mesmas, porque sabem muito bem que é a única pessoa que o fará.

Eu me sentiria uma putinha chorona se dissesse alguma coisa sobre meus irmãos agora, se dissesse que eles são uma responsabilidade e não apenas um apoio. Mas ela está certa. No final do dia, eu sou sortudo.

— Você tem sua mãe, no entanto, certo? — Eu pergunto, mesmo que eu não deva dar a mínima se ela tem alguém ou não. Não importa. Nada sobre ela importa. Ela é algo para aguentar o peso da minha raiva quando preciso destruir algo bonito. Isso é tudo. É tudo o que ela pode ser.

Ela bufa e se vira para a janela. — Sim. Claro.

Eu não pressiono por mais. Eu sei melhor do que ninguém que pais e até irmãos nem sempre estão lá quando você precisa deles. Às vezes, eles desaparecem sem deixar vestígios. Eles te detonam. Eles seguem em frente com suas vidas. Eles só se importam quando há algo para eles.

— Eu vejo sua mãe de merda, — eu digo, olhando para ela. — E eu crio uma irmã morta para você.

Surpresa pisca em seu rosto, e então ela ri. Ela ri. Isso acaba comigo, aquela

risada gutural e genuína dessa cadela durona, chata e que não precisa de ninguém. Eu deveria encostar e estrangular a vida dela por isso, mas quando ajusto meu aperto no volante, percebo que não estou chateado. De alguma forma, estou mais calmo, a raiva voltando ao nível normal. Não sei como ela fez isso. Eu até abro um pequeno sorriso.

Também não sei como ela me fez falar sobre Crystal. Ainda é cru como um dente arrancado mencionar ela, mesmo depois de dois anos. Nesses dois anos, pude contar nos dedos o número de vezes que ouvi o nome dela. As pessoas andam na ponta dos pés sobre isso, é como se eles mencionassem, e eu poderia me lembrar que sim, eu já tive uma irmã. Como se eu pudesse esquecer. Como se nem sempre estivesse lá, a ausência dela como um tumor pressionando meus pulmões, então eu nunca mais posso respirar, não do jeito que eu costumava fazer.

Também nunca falei sobre isso com ninguém. O que eu diria? Que eu a reneguei e disse que ela estava morta para mim, e então ela estava. Que essas foram as últimas palavras que eu disse a ela. Que se ela pudesse me ver agora, ela ficaria enojada e devastada pela pessoa que me tornei. Ninguém precisa ouvir essa merda, e não há mais nada a dizer.

Embora eu deva continuar até chegar à saída que leva à parte de merda e abandonada de Faulkner, onde Harper mora, eu saio da estrada na saída para a estrada sinuosa em direção ao nosso bairro. Não quero que ela ouça a merda que tenho a dizer ao papai, mas também não quero perder mais trinta minutos. Isso precisa ser dito agora. Ela pode esperar no carro.

Depois de um longo silêncio, ela balança a cabeça. — Droga. Eu não posso vencer isso. Tudo o que me resta na mão é um pai que nunca conheci.

— Eu gostaria de nunca ter conhecido meu pai.

Outro silêncio cai.

— Como ela era? — ela pergunta baixinho.

Essa é a porra da pergunta dela. Ela poderia ter perguntado para onde a estou levando ou pedido uma carona para casa. Mas ela quer saber sobre Crystal.

E eu quero saber por quê.

Quando olho, ela está olhando para frente, trabalhando sobre o lábio cortado com a língua. Eu vejo sua língua molhada e rosa provocando o corte irregular e sangrento e meu pau pulsa no meu jeans, e eu quase perco uma curva e saio correndo da porra da estrada. Levá-la para minha casa é uma péssima ideia.

Eu empurro o carro e o endireito e verifico para ter certeza que ela não percebeu. Ela não.

— Ela era... Tudo, — eu me ouço dizendo.

— Ela era muito parecida com você?

— Um monstro?

— Suas palavras, não minhas.

— Não, — eu digo baixinho. — Ela não era como eu.

Espero que ela diga que sente muito, do jeito que todo mundo faz quando ouvem que tenho uma irmã morta. Mas ela não diz nada. Ela ainda está lambendo a fenda em seu lábio como se fosse uma porra de uma boceta.

Instintivamente, sei que esta é minha única chance, a única vez que me permitirei, a única vez que qualquer outra pessoa me permitirá. Não tenho o direito de dizer o nome dela depois do que disse a ela pela última vez. Peguei a família dela, o nome dela, e disse que não era mais dela. Que direito eu tenho de falar isso agora?

Assim que saímos deste carro, a realidade nos fará voltar a ser o que somos — inimigos.

Então eu tento pensar em algo para dizer, deixando meu pé no acelerador um pouco para que dure mais, para manter a ilusão apenas mais alguns segundos. Mas tudo o que eu pudesse dizer para descrever Crystal levaria mais tempo do que temos ou soaria clichê como o inferno — que ela era suave, mas forte, inocente, mas inteligente, generosa, mas egoísta, ansiosa para agradar, mas desafiadora, inteligente, mas crédula.

Antes que eu encontre algo real para dizer, estamos no portão do nosso bairro. — Ela era... Uma contradição, — eu digo, colocando o código do portão.

— A maioria das mulheres são, — Harper diz simplesmente.

Não digo nada enquanto entramos na estrada de cascalho branco que atravessa o bairro. Eu odeio que ela me faça pensar nela como uma mulher, tão humana, como alguém cuja vida é tão complexa — tão importante — quanto a da minha irmã. Ver os escombros queimados da casa de Devlin após o último incêndio de Duke e a monstruosidade espalhafatosa que papai comprou traz a realidade de volta como um tapa. Nós nem conseguimos sair do carro antes que ele batesse.

— Fique no carro, — eu digo. — Eu vou te levar para casa em um minuto.

Ela me dá um olhar. — Você me conhece melhor que isso.

Eu fecho meus olhos e descanso minha cabeça contra o assento, reunindo minha paciência. Ela está certa. Ela vai bisbilhotar, não importa o que eu faça. — Você pode se limpar no meu banheiro, — eu digo finalmente. Talvez ela esteja muito ocupada tirando o sangue do rosto para escutar minha conversa.

Ela dá de ombros e sai do carro, e eu faço o mesmo, passando na frente dela para destrancar a porta traseira. Ainda bem que é tarde o suficiente para que a empregada não esteja por perto. Eu começo a subir as escadas, mas assim que chegamos ao final, uma porta se abre no corredor atrás de nós.

— Eu pensei ter ouvido um carro na entrada, — papai diz, soando tão normal que você pensaria que ele não era o pior de todos nós.

Eu me viro e agarro a frente da jaqueta de Harper, fechando-a sobre sua pele exposta. — Mantenha isso fechado, — eu murmuro para ela, mas meus olhos estão em papai, que está ocupado fodendo ela por trás.

— Você está em casa cedo, — papai diz, me dando um olhar conhecedor. — Os gêmeos ainda estão fora?

— Sim, — eu digo. — Eu só estou levando Harper para cima para se limpar.

Eu coloco um braço em torno de Harper, que fica tensa, mas se vira relutantemente para encarar meu pai, segurando sua jaqueta fechada.

— Ah, — papai diz, vindo pelo corredor para nos encontrar. — Então esta é a garota com quem você está passando o tempo.

— Fique fora do meu negócio, — eu estalo.

Ele sorri e estende a mão para Harper, que desajeitadamente muda o aperto na frente de sua jaqueta da mão direita para a esquerda para que ela possa apertar a mão dele.

— Oi, Sr. Dolce, — diz ela, e caramba se ela não parece nervosa. Nunca pensei que ouviria esse tom em sua voz.

— Tony está bem, — diz ele, ainda segurando a mão dela. — Isso é uma contusão desagradável em seu rosto. Espero que meu filho não tenha feito isso. — Ele ri, como se fosse engraçado, e levanta uma sobrancelha para mim, como

se eu precisasse de um lembrete para não dar um soco na cara de uma garota.

Harper olha para mim e tira sua mão da dele. — Não, eu acabei de cair.

Papai arrasta seu olhar sobre ela. — Bem, se há uma pessoa que sabe como cuidar de um nariz sangrando, é meu filho, — ele diz, sorrindo como se ele fosse algum tipo de papai orgulhoso e não um pai de merda.

— Isso é o que estou tentando fazer, — eu digo.

— Você pode precisar de pontos para esse lábio, — papai diz, estendendo a mão como se fosse tocar o rosto dela, virando-a em direção à luz para examinar as feridas.

Eu bloqueio sua mão, puxando Harper até a metade atrás de mim. — Mantenha suas mãos longe dela, — eu rosno.

Papai levanta as duas mãos e ri. — Vocês, crianças, sabem onde estão o gelo e as bandagens, — diz ele. — Acho que você não precisa mais de mim para consertar você.

A raiva pulsa em minhas têmporas, e eu agarro Harper e a arrasto escada acima. Toda a leveza do passeio de carro se foi, e eu só quero acabar com isso e tirá-la da minha casa.

— Seu pai parece legal, — diz ela, suas palavras medidas.

— Você é apenas o tipo dele, — eu rosno. — Quase legal. — Eu a puxo pelo corredor até o meu quarto, destranco a porta e a puxo para dentro.

— Você tem uma fechadura na porta do seu quarto? — ela pergunta. — É interessante.

Eu acendo a luz do banheiro e a puxo para dentro. — Todas as outras portas também têm fechaduras, então não se preocupe em bisbilhotar. Se Limpa. Você pode tomar banho também. Você cheira a lixo.

Ela revira os olhos. — Tem uma camiseta que possa emprestar?

Pego para ela uma camisa da escola e a entrego no banheiro. — Eu estarei de volta em dez minutos. Não vá a nenhum outro lugar, e mantenha suas mãos longe da minha merda. Eu não preciso de suas impressões digitais gordurosas em tudo.

Encontro papai no andar de baixo em seu escritório, uma dose de uísque

em um copo na mão como se estivesse esperando por mim. — Ela é atraente, — diz ele quando eu entro.

— Quem é Thomas Hertz? — Eu pergunto.

Papai franze a testa. — Quem?

— Thomas Hertz, — eu grito. — Um idiota que vendeu um carro para dois adolescentes na noite em que ela desapareceu. Aparentemente, ele veio até você com essa informação, então por que diabos eu não ouvi sobre isso?

Papai agita seu uísque em seu copo, seus olhos nunca deixando os meus. — Oh, — ele diz finalmente, recostando-se na cadeira. — Um daqueles.

— Um do quê? — Eu pergunto, lutando contra o desejo de estrangulá-lo em sua mesa.

— Um dos abutres, — diz ele categoricamente. — Você sabe quantas pessoas deram dicas inúteis quando oferecemos uma recompensa de um milhão de dólares? Centenas de vigaristas sem escrúpulos vieram correndo com histórias de merda que não levaram a lugar nenhum. Você esperava que eu compartilhasse cada uma com vocês, garotos? Você estava de luto. Eu tinha que protegê-lo.

— Eu merecia saber, — eu rosno para ele. — Ela era minha gêmea.

Ele fica de pé, batendo o copo na mesa. — Ela era minha filha, — ele grita. — Eu segui cada dica sem saída até onde podia, e todas elas não levaram a lugar nenhum. Você quer ficar aqui e me dizer que eu não tentei?

Ele está respirando com dificuldade, furioso comigo do outro lado da mesa, seu próprio temperamento encontrando o meu e amortecendo minha explosão impulsiva. Claro que ele olhou. Claro que ele seguiu a dica, embora fosse um pobre idiota do lado de Harper da cidade que estava apenas atrás de um dinheirinho rápido. Só porque ele não compartilhou todos os detalhes conosco não significa que ele não tentou. Ele não é a pessoa com quem estou realmente chateado, de qualquer maneira. Como sempre, essa honra vai para o meu próprio maldito eu.

— Eu sei que você tentou, — eu digo baixinho. Eu mal me lembro de uma coisa pelos seis meses em torno de seu desaparecimento. Papai e King cuidaram de tudo. Eu era inútil. Antes e depois, eu estava vivendo em algum tipo de pesadelo do piloto automático. Lembro-me de olhar, como tudo parecia desesperado e imediato na época, como se cada momento fosse um soco no estômago. Agora é apenas um borrão escuro, uma página arruinada na história da minha vida onde a tinta se junta e sangra em todas as páginas depois.

Papai se senta pesadamente, puxando a rolha de seu uísque para se servir de outra dose. Ele pega um copo do carrinho de bebidas e me entrega um também. — Não me lembro dos nomes de nenhum deles, — diz ele. — Eu ofereci uma recompensa por informações que levassem à sua recuperação, e nada disso aconteceu. Se tivesse, eu teria escrito um cheque de um milhão de dólares para alguém, e você pode apostar sua bunda que eu me lembraria disso.

— E ela estaria aqui, — eu digo, afundando na beirada da cadeira ao lado de sua mesa antes de tomar a dose e pegar a garrafa.

Por um raro momento de paz, sentamos em silêncio, sem culpar um ao outro por tragédias que não fazem sentido, que não têm fim, nem vilão e nem vencedores. Quando não há ninguém para culpar, mas o peso é grande demais para suportar sozinho, cada um de nós encontra alguém para apontar o dedo.

Lembro-me de uma confusão quando algumas das pessoas que tinham “informações” não foram pagas, que alguns deles se reuniram e tentaram processar o papai, porque esse é o tipo de idiota que mora nesta cidade. Do tipo que processa um pai que acabou de perder a filha porque não deu dinheiro por informações inúteis e mentirosas. Papai ganhou quando eles desistiram do processo, e muitas pessoas na cidade se juntaram a nós porque todo mundo adora uma boa tragédia, e nós tivemos muitas.

Ninguém quer ser conhecido como uma tragédia, especialmente um homem tão orgulhoso quanto papai. Como qualquer um de nós, realmente. Ninguém quer sua dor em exibição para a cidade passear e se maravilhar, oferecendo simpatia enquanto secretamente aliviada por não ser sua vida por trás do vidro. Talvez estejamos todos fazendo a mesma coisa que Duke faz, criando um caos tão grande ao nosso redor que os verdadeiros momentos de dor não estão se destacando para todo o mundo ver. Em vez disso, eles estão enterrados em uma centena de outros contos e histórias verdadeiras. Se continuarmos dando-lhes merda para olhar, para distraí-los, eles vão parar de saciar sua sede de fofoca no poço sem fim de nossa dor.

Papai é quem quebra o silêncio. Ele balança a cabeça em direção ao teto, gesticulando com os olhos. — Você está gostando da garota?

Eu empurro para trás e coloco meu copo para baixo, evitando seu olhar astuto. — É melhor eu ir ver como ela está antes que ela plante um inseto na minha luz.

— Apenas observe o que você diz ao redor dela, — diz ele. — Todo mundo está atrás de alguma coisa.

E Eu não sei porra.

No banheiro de Royal – sim, ele tem seu próprio banheiro, e eu aposto que todos os outros cômodos da casa também – eu cuido do meu lábio o melhor que posso. Não há muito que eu possa fazer sobre isso, apenas deixá-lo se curar por conta própria. Se eu fosse rica como os Dolces, provavelmente pagaria para dar pontos como o pai deles disse. Mas eu já estive pior, e eles se curaram, então eu sei que este também vai. Eu penso em pular o banho, já que ficar nua na casa de alguém é muito vulnerável, mas eu tenho certeza que nossa água foi cortada em casa hoje, então eu posso não tomar banho por alguns dias se eu não tomar um agora.

Uma pequena emoção passa por mim quando tiro minhas roupas. Eu tento esmagá-lo de volta para baixo, para parar de imaginá-lo entrando, do jeito que seus olhos escureceriam de desejo quando ele visse meu corpo nu para ele pela primeira vez. Eu afasto o pensamento e tomo banho rapidamente. Quando termino, visto sua camiseta e meu jeans e saio do banheiro.

Estou surpresa ao encontrar o quarto ainda vazio. Meu cérebro me diz para aproveitar esta oportunidade para passar por sua merda, mas na verdade, estou intimidada como o inferno. Uma coisa é saber que é rico, ver seu carro e roupas chiques, e olhar sua casa da varanda ao lado. Agora Estar dentro dela... É como se eu tivesse sido engolida pela fera e estou na barriga dela. Finalmente estou *dentro*, pelo menos fisicamente.

Em vez de querer bisbilhotar, me pego querendo dar o fora de lá, fugir dessa realidade me dando um tapa na cara. Seu quarto é enorme, com uma cama gigante, duas cômodas com espelhos, um armário, duas mesinhas de cabeceira, uma mesa de computador com um laptop, outra longa mesa na frente da janela e uma mesinha no canto com duas poltronas reclináveis e uma TV montada na parede. É praticamente tão grande quanto a minha casa. No caminho, ele me apressou pela porta dos fundos e pelo corredor, mas eu peguei um vislumbre da sala de estar, todos os tetos altos e móveis de couro que provavelmente custam mais do que a minha casa. É muito. Estou fora do meu elemento, praticamente tonta com o fedor da riqueza ao meu redor.

Antes que eu possa colocar minha cabeça no lugar, passos soam no corredor e a porta se abre. Eu pulo, embora eu o tenha ouvido chegando. Este lugar me faz rastejar para fora da minha pele. Royal está lá, me fixando com um olhar acusador. De repente me sinto culpada, como se eu realmente tivesse passado por sua merda em vez de apenas pensar nisso. Esta casa é tão rica que me dá vergonha só de existir dentro de suas paredes.

Ele entra e puxa a porta fechada. Sua expressão é ilegível.

— Como foi? — Eu pergunto, me afastando dele. Posso sentir o cheiro de uísque em seu hálito, e não tenho certeza se quero ver como é o Royal bêbado. Royal sóbrio é assustador o suficiente.

— Não foi nada, — diz ele, sua voz plana. — Uma pista falsa como todas as outras.

Eu quero mais detalhes, mas eu sei melhor do que esperá-los. Royal não compartilha merda pessoal. O que ele me disse no carro é como uma fodida revelação, muito mais do que eu esperava. Ainda não consigo acreditar que foi real, que tudo isso é real. Eu caí na toca do coelho no País das Maravilhas esta noite, e não tenho certeza se gosto disso.

— Você está pronto para me levar para casa? — Eu pergunto.

— Vou levá-la de manhã, — diz ele. — Estou indo tomar um banho.

Ele agarra a barra de sua camisa e a tira sobre a cabeça, e mesmo que eu nunca tenha querido ter filhos na minha vida e provavelmente nunca vou querer, eu juro que a visão faz meus ovários se contraírem. Ou algo muito mais profundo dentro de mim do que minha boceta. Meu cérebro desliga, toda a razão desaparece enquanto ele arrasta a bainha sobre as profundas e grossas cristas de músculo em seu abdômen. E então a absurda trilha sonora de pornô em câmera lenta na minha cabeça guincha até parar quando ele a puxa sobre seus peitorais, cada um deles uma fatia de músculo do lado de uma porra de um prato de jantar.

Um deles sendo uma placa comemorativa com o rosto de uma linda garota. Assim como eu reconheceria a arte de Zephyr sem ver sua etiqueta, reconheço o trabalho de Maverick quando o vejo na pele de alguém – a atenção dolorosa aos detalhes, a emoção capturada em cada linha. Seu rosto é delicado e etéreo, fios de cabelo flutuando ao redor dele, seus lábios carnudos levemente entreabertos e seus olhos assombrados olhando para mim da tela do peito de Royal.

Ele sorri quando me vê cobiçando seu corpo como uma maldita idiota. — Gostando do show? — ele pergunta, puxando lentamente o cinto com uma mão.

Eu rasgo meus olhos e finjo indiferença. — Eu só não esperava que você fosse o tipo de cara que tatuava o rosto de uma garota em seu coração.

— O coração está no meio, Cherry Pie, — diz ele, tocando o centro de seu peito, sobre seu esterno, e correndo dois dedos lentamente entre seu abdômen, em direção ao umbigo. Seu cinto está aberto, seu jeans escorregando

perigosamente para baixo em seus quadris, até que eu posso ver os músculos que se projetam sobre os ossos do quadril, o V afiado esculpido abaixo deles, a ponta levando para a sugestão de cabelo escuro espreitando acima de seu jeans. Sua pele é lisa e escura, mas cheia de veias, e uma trilha leve de cabelo vai do umbigo para baixo, como se cada linha de seu corpo levasse o olho direto para seu pênis.

Eu engulo em seco, lembrando do calor de parar o coração, o tamanho dele na minha mão, o gosto dele quando eu corri minha língua sobre sua pele. Meu pulso pulsa, e o calor floresce em minhas bochechas e entre minhas pernas quando ele alcança o botão de sua calça jeans, lentamente desabotoando-a e deixando-a cair. Mesmo quando ele não está duro, é impossível não olhar, não se maravilhar. Cada centímetro dele é intimidante, autoritário e vertiginosamente masculino.

Ele ri baixinho. — Vá para a cama se você quer que eu te foda.

Ele entra no banheiro e fecha a porta na minha cara. Meu coração está gaguejando no meu peito, e eu balanço minha cabeça, tentando limpá-la. Que porra. Eu preciso me recompor, não agir como minha mãe, seduzida por suas próprias fantasias desesperadas para escapar da mão que ela recebeu. Sim, Royal irradia poder, exala sex appeal, e provavelmente iria explodir minha mente.

Ele também destruiria meu coração, tiraria minha vida e sairia ileso. Mesmo se eu conseguisse sair viva, ele é o tipo de homem que você nunca esquece, o tipo que muda você tão profundamente que está em seu DNA. A conexão que sinto com ele, a atração obsessiva de seu magnetismo, o conhecimento que estala em meu cérebro, meu coração, meus ossos... Isso me diz que é isso, que esse tipo de coisa é raro e aparece apenas uma vez, ou nunca.

Também me diz para não ser estúpida, e há uma razão pela qual só aparece uma vez - porque se você ceder a isso, deixar que isso o leve, você nunca se recuperará. Você nunca mais vai se sentir assim porque depois da devastação, você é incapaz de sentir isso de novo. Sua alma sabe que você não vai sobreviver de novo, que a parte que você deu a ele morreu quando ele foi embora.

Porque ele vai embora. Os homens sempre fazem. Eles têm feito isso toda a minha vida. Inferno, antes mesmo de eu nascer, eles já estavam indo. E eu, eu acabaria igual a ela, uma mulher quebrada que escolheu o homem errado, que nunca olhou para trás, que a deixou para limpar a bagunça que ele fez na vida dela. Ela nunca se recuperou completamente, nunca encontrou seus pés ou encaixou as peças novamente, e embora ela não o odeie por isso, às vezes eu odeio.

Sento-me à mesa de Royal e considero minhas opções. Este é um daqueles momentos em que minha decisão de não ter amigos parece realmente estúpida.

Eu poderia ligar para Jolene, mas eu realmente não quero que sua caminhonete cheia de caipiras venha aqui para ficarem boquiabertos na casa de Royal. Ele pega essa merda o suficiente na escola. Eu poderia esperar os gêmeos chegarem em casa, supondo que eles estivessem voltando para casa hoje à noite. Ou eu poderia descer e pedir uma carona ao Sr. Dolce.

Considerando que Royal está obviamente chateado por nos conhecermos, não acho que seria tão bom se ele sáísse e me encontrasse no andar de baixo com seu pai. Eu poderia andar, mas é um longo caminho, e não tenho nenhuma defesa a não ser meus punhos machucados. Seria muito estúpido para uma garota ir para casa sozinha a esta hora da noite sem pelo menos um spray de pimenta, e mesmo assim, uma vez que você cruza os trilhos, não é uma coisa certa.

Se ele realmente não está me levando para casa, eu durmo em uma das poltronas reclináveis. Elas provavelmente são mais confortáveis do que a minha cama, de qualquer maneira. Este era seu plano o tempo todo, se recusando a me levar para casa para que ele pudesse me foder? Mas isso é estúpido. Ele poderia me foder e depois me levar para casa, ou me foder em seu carro. Ele está realmente preocupado com o fato de que ele bebeu alguma coisa agora? Eu me pergunto o quanto ele bebeu. As palavras de Duke da ponte piscam em minha mente - ele não se importa se ele vive. Ele é o tipo de cara que faria algo imprudente como dirigir depois de beber, então por que não agora?

É porque ele não quer dirigir bêbado comigo no carro? Por alguma razão fodida, ele me defendeu esta noite. Claro, eu provavelmente poderia ter terminado a luta sozinha, mas ele me protegeu. Ele voltou apenas para nocautear aqueles caras. Estou aqui porque ele não quis me deixar na festa, pensando que eu não estaria segura. O que é tão fodido que nem consigo compreender o porquê. A cama dele é cem vezes mais perigosa que uma festa.

Eu já decidi que vou dormir com ele em algum momento. É inevitável. Mas isso não significa que vai ser fácil, que não vai significar nada. Não tenho certeza se estou pronta para fazer isso ainda, mesmo que isso nos aproxime.

Quaisquer que sejam suas razões para me trazer aqui, eu preciso fazer alguma coisa. Estou explodindo de energia e nervos, e estou *fodendo*. Talvez não realmente, não em sua confiança, mas este é o mais próximo que vou chegar da vida real de Royal. Estou dentro de sua casa, seu quarto, seu covil. Quando ele estava na minha casa, o pensamento dele entrando era instantaneamente abominável, e há uma razão para isso. As casas das pessoas, seus quartos, suas coisas, isso diz algo sobre elas. Torna-se parte deles, parte de sua história. Mesmo um quarto como o de Mabel Darling, sem nenhum sinal dela, a não ser o que está escondido em seu armário, diz algo sobre ela.

Eu giro na cadeira de couro ergonômica e abro meu laptop, mas é claro que requer uma senha, então eu o fecho novamente. Então eu abro as gavetas de sua mesa, não procurando nada em particular. Não é como se eu fosse encontrar um decodificador secreto para a psique ferrada da Royal Dolce. Embora seu quarto esteja arrumado, suas gavetas estão bagunçadas e caóticas, como se ele enfiasse todas as suas porcarias aleatórias lá quando seu pai lhe mandasse limpar seu quarto – papéis, canetas, balas, um celular velho, Chapstick¹⁵, embalagens de chiclete, uma brochura amarelada de *O Grande Gatsby*.

Pego o livro e folheio as páginas, mas não há nenhum bilhete escondido, nenhum compartimento secreto dentro. É apenas um livro sobre um cara rico com problemas com champanhe.

Ouçoo a água ser desligada e bato a gaveta, não querendo que Royal me veja bisbilhotando.

Ele emerge em uma nuvem de vapor vestindo nada além de uma toalha em volta dos quadris. Eu engulo em seco ao vê-lo, mas não estou prestes a perder a cabeça novamente, mesmo que apenas olhar para seu corpo me deixe molhada. Ele olha de mim para a cama, levantando uma sobrancelha. — Achei que você estaria esparramado na cama quando eu saísse.

— Desculpe decepcionar, — eu digo com um encolher de ombros, meu olhar seguindo o caminho de uma gota de água que escorre de seu cabelo molhado, traçando a linha graciosa e forte de seu pescoço até seu ombro, parando em sua clavícula. Como a Cadela com sede que eu sou, tudo que eu posso pensar é lambe-la a água de sua pele.

— Como quiser, — diz ele, virando-se para a cômoda. Até suas costas são gloriosas, com sulcos de músculos flexionando quando ele se move, e aquelas covinhas nas costas que tornam as garotas inteligentes estúpidas. Ele puxa uma calça cinza de algodão com cordão, cada movimento fluido e casual, dotado da graça de um cara que possui cada centímetro de seu corpo impressionante, que reconhece e desfruta de seu poder.

Deus, é como se ele estivesse tentando me torturar. Cada linha de sua bunda musculosa aparece através das calças, e quando ele se vira, posso ver seu pau pendurado contra elas, apenas o suficiente para atormentar. O tecido mal sugere a crista ao redor da cabeça de seu pau, mas ainda faz meus joelhos se apertarem involuntariamente.

— Fodida provocação, — eu murmuro.

Ele me dá um sorriso arrogante e desliga a luz, nos mergulhando na escuridão. Eu fico tensa, mas um segundo depois, ouçoo seu corpo bater na cama.

Meus olhos começam a se ajustar, e eu me levanto e me movo para a poltrona mais próxima.

— O que você está fazendo? — ele pergunta.

— Você espera que eu durma no chão como um cachorro?

— Não seja estúpida, — ele estala. — Vem para a cama.

— Sim, não está acontecendo.

Ele suspira. — Já estabelecemos que você é a única interessada em sua boceta. Apenas fique do seu lado e tente manter suas mãos longe do meu pau pelo menos uma vez, e nós dois podemos dormir um pouco.

— O que isso deveria significar?

— É tarde, eu levei uma surra esta noite, e estou muito cansado para lidar com o seu drama, — diz ele. — Vá para a maldita cama, Harper.

Eu me movo cautelosamente para a cama e subo, ciente de que ele pode mudar o roteiro a qualquer momento, que ele pode alegar que isso é algum tipo de consentimento, já que ele me disse para entrar na cama se eu quisesse ser fodida.

Seu peso muda na cama enquanto ele rola, virando as costas para mim. Fico perfeitamente imóvel, bem acordada, embora deva ser bem depois da meia-noite. O quarto está cheio de um silêncio tão pesado quanto a escuridão que nos engole. Eu pisco para o teto, considerando se devo me deixar adormecer ao lado de um cara que tentou me matar apenas uma semana atrás. Eu posso senti-lo respirando, posso ouvir cada farfalhar nos lençóis quando ele ajusta sua posição. Eu me pergunto se ele está pensando em sua irmã, a dor fresca novamente. Eu penso no quanto isso deve doer, que elas nunca conseguiram se fechar, e qualquer pequeno comentário pode abrir a ferida novamente.

Desta vez, ainda que inadvertidamente, fui eu quem rasgou a pele e a fez sangrar novamente.

Por fim, viro para as costas de Royal. — Sinto muito, — eu digo baixinho.

Ele fica em silêncio por um minuto, e acho que talvez ele esteja dormindo, afinal.

Por via das dúvidas, acrescento: — Sei melhor do que ninguém que a falsa esperança é pior do que nenhuma esperança.

— O que, você está esperando seu querido papai aparecer?

— Talvez, quando eu era muito pequena, — eu admito. — Mas eu nunca o conheci. Foi fácil deixar essa esperança morrer. São os que ficam por perto que causam mais danos.

— Sua mãe?

— Sim, — eu digo, mudando minha posição para deitar de costas. — É difícil deixar a esperança morrer quando a pessoa ainda está lá, e você vê os bons momentos junto com os ruins. Quando eles fazem grandes coisas de vez em quando, como tirar você do estacionamento de trailers e entrar em uma casa de verdade. Você continua pensando que talvez um dia eles larguem as muletas e dêem outro salto gigante para a frente, buscando algo melhor.

— Harper?

— Sim?

— Isso é uma merda poética, mas cale a boca e vá dormir.

Eu rio baixinho, então rolo, fugindo cautelosamente pela cama para envolver meus braços ao redor dele. Eu enrolo meu pequeno corpo em torno do seu grande e pressiono meus lábios no centro de suas costas. Ele não fica tenso quando eu o toco, mas depois de um minuto, ele rola, me aconchegando na curva de seu corpo. Seus braços são enormes, e eu me sinto ao mesmo tempo delicada e vulnerável com todos aqueles músculos ao meu redor. Então eu sinto seu pau duro contra minha bunda, e sou eu quem fico tensa.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto.

— Você fez isso primeiro.

— Por que você está duro?

— Porque você está me tocando, — diz ele, dobrando o braço superior em volta de mim, então ele está segurando meu seio em uma mão enorme. Meus mamilos estão instantaneamente, dolorosamente eretos, e meu clitóris pulsa com a sensação de seu hálito quente de uísque na parte de trás do meu pescoço. Uma vez pensei que uma garota precisaria de alguns peitos enormes para fazer um punhado para ele, e estou certa. Meu peitinho não enche metade da mão dele. Ele não parece se importar, no entanto. Ele solta um gemido suave e sonolento, passando o polegar sobre meu mamilo e apertando seus quadris contra os meus.

Ele se aconchega na minha orelha, e eu acho que estou tão fodida que não

vou conseguir parar com isso se for o que ele quer. Eu deixo cair minha cabeça para trás, e ele desliza seus lábios pela coluna da minha garganta e no meu ombro, enviando espirais de calor enrolando pelo meu corpo.

Ele deita a cabeça no travesseiro e geme. — Agora, pela última vez, por favor, cale a boca e vá dormir?

Eu não consigo dormir, no entanto. Estou toda tensa em todos os sentidos, e assim que sinto o corpo de Royal relaxar ao redor do meu e sua respiração fica profunda e pesada com o sono, eu deslizo debaixo de seu braço e deito do outro lado da cama. Há muito nesta casa, e estou me afogando nela – a sombra de sua irmã morta, a memória do que vi os gêmeos fazendo em outro quarto, o ódio de Royal por seu pai e o mistério em tudo isso.

Finalmente, eu me levanto e vou na ponta dos pés até a porta, prendendo a respiração. Eu verifico por cima do ombro, esperando que ele esteja bem atrás de mim, pronto para me agarrar, seus olhos todos mortos e vazios. Mas ele não se moveu. Saio pela porta e a fecho com cuidado, certificando-me de que não esteja trancada por fora.

A curiosidade mórbida guerreia com o desejo de descobrir algo útil enquanto estou no amplo corredor, imaginando para onde ir agora. Luzes estilo lanterna cobrem as paredes entre os quartos, mas o único quarto que conheço é o que vi da porta ao lado, que suponho ser o de Duke.

Royal me disse que todas as portas estavam trancadas, mas isso não significa que seja verdade. Não consigo entrar no quarto de uma garota morta, especialmente quando a memória do quarto vazio e estéril de Mabel volta para mim. Penso em bisbilhotar nos quartos dos gêmeos, mas qual é o sentido? Eu nem sei o que estou procurando. Apenas algo para trazer de volta ao Sr. D, já que eu não reporteí a ele hoje.

Mas o melhor lugar para obter informações não é vasculhar gavetas velhas da mesa ou mesmo entrar no laptop de alguém. Claro, eu poderia ler e-mails e olhar suas mídias sociais e essas coisas, mas essas coisas são todas feitas para serem vistas, pelo menos por alguém. Não quero saber de coisas que posso encontrar online. Eu quero conhecê-los, esses meninos Dolce perigosos e danificados que me confundem, principalmente porque eu não consigo ficar longe deles mais do que eles podem ficar longe de mim.

Eu vou na ponta dos pés descalço de volta para as escadas. A casa é tão grande que parece vazia, embora eu saiba que pelo menos duas outras pessoas estão aqui. Pelo que ouvi, os gêmeos não voltaram para casa, mas podem estar lá embaixo. Meu estômago vibra com o pensamento, mas não tenho certeza se a sensação é medo ou excitação, pavor ou esperança.

Eu piso na madeira fria ao pé da escada e me viro para a enorme sala de estar. Não consigo ver a maioria dos detalhes, mas consigo distinguir a lareira de pedra em uma parede, um candelabro pendurado no alto e muitos móveis de couro. À minha esquerda há uma porta que leva ao que parece ser uma longa e formal sala de jantar com candelabros acima da mesa e uma clarabóia embutida em um teto que nem consigo descrever. De onde eu venho, os tetos são planos ou pipocados. Este tem uma moldura e esculturas malucas e guarnições douradas. Isso me faz sentir como se estivesse sonhando de novo, como se isso não pudesse ser real. As pessoas não podem realmente viver assim.

— Harper, certo? — vem uma voz profunda e com sotaque atrás de mim.

Eu giro ao redor, meu coração batendo forte. — Senhor Dolce, — eu digo, tentando soar normal, como se eu não estivesse apenas bisbilhotando sua casa ridícula. — Você me assustou. Eu não ouvi você.

Ele está parado do lado de fora da porta aberta da mesma sala de onde veio mais cedo, a luz quente atravessando o corredor e iluminando as bordas de sua forma em silhueta. Ele desliza as mãos nos bolsos e me observa do corredor mal iluminado. Não consigo ver seu rosto claramente, mas imagino a suspeita gravada ali. — Você está procurando por algo? — ele pergunta.

Merda. Ele provavelmente pensa que estou aqui para roubar um pouco de prata.

— Não, — eu digo rapidamente. — Quero dizer, eu simplesmente não consegui dormir.

Percebo que ele provavelmente pensa que estou transando com o filho dele. Merda.

Eu não tenho pais. Por que estou conhecendo todos os pais desses caras ricos e por que eles parecem realmente querer falar comigo? Conheço Zephyr há anos, estive em sua casa uma dúzia de vezes e posso contar em uma mão o número de palavras que seu pai me disse. Talvez os pais ricos realmente se importem com a vida social de seus filhos. Mais provavelmente, eles estão tentando proteger seus filhos dos garimpeiros que devem atrair diariamente. Quando você não tem quase nada, é fácil escolher as pessoas que querem usar você, porque você só tem uma coisa que elas querem. Quando você tem tudo...

— Entendo, — diz Dolce.

— Royal me instalou no quarto de hóspedes, — eu deixo escapar. Certamente uma casa deste tamanho tem pelo menos uma dessas. — Caso você esteja se perguntando.

Mesmo eu não esperava que eu surtasse tanto quando conheci os pais dele. Não que eu já tenha pensado em conhecer seus pais, mas caramba. Eu posso jogar fora a atitude de vadia para qualquer um na escola, até mesmo os administradores e professores. Eu não sou o tipo de pessoa que é jogada fora de seu jogo tão facilmente, que fica nervosa. Mas, aparentemente, pais ricos são uma linha que não posso cruzar sem me tornar uma completa idiota.

— Entendo, — Sr. Dolce diz novamente.

Deus, ele iria parar de dizer isso? Minhas palmas estão suando pra caralho, e tudo que eu quero fazer é virar e correr de volta para cima. Essa foi a pior ideia de todas. Quem eu estava mesmo querendo encontrar aqui? Os gêmeos, sim, mas eu não tinha certeza se eles estavam em casa. Eu não esperava que o pai deles estivesse acordado tão tarde. Talvez eu estivesse apenas andando por aí, assombrando os corredores como o fantasma de sua irmã, esperando que ela falasse comigo, para me dizer se ela realmente comprou um carro de merda de um cara do lado de fora de uma loja de bebidas no meio da noite. Olhando ao redor desta casa, é difícil acreditar que alguém que viveu aqui iria querer a pilha velha do Sr. Hertz.

— Gostaria de uma bebida? — Sr. Dolce pergunta.

Não, eu não quero uma porra de uma bebida. Eu quero acabar com a dolorosa estranheza que está zumbindo no ar ao nosso redor com tanta força que eu juro que posso sentir isso deixando meus membros rígidos enquanto eu silenciosamente sigo o Sr. Dolce para a sala em que ele estava.

Quando chego à porta, vejo um grande escritório, as paredes forradas de livros. Agora isso, eu poderia ficar para trás. Talvez tenhamos lido alguns dos mesmos. Porra sabe que não temos mais nada para falar, nada em comum. O que posso dizer a um cara que perdeu sua filha, cujo filho o odeia, cuja esposa, se os rumores forem verdadeiros, fugiu e o deixou sem dizer uma palavra.

Eu puxo meus olhos para a mesa de madeira longa e elegante onde ele está de pé, servindo uísque em dois copos geométricos de paredes duplas. Deus, até os copos deles parecem custar uma fortuna. Essa estranha sensação de irrealidade me desequilibra novamente, me fazendo sentir como se estivesse em uma casa de diversões onde os espelhos fazem o chão parecer inclinado. O País das Maravilhas não é o meu doce.

Pego o copo sem pensar quando o Sr. Dolce o estende. Eu estava esperando que ele me servisse um copo de água e me mandasse para a cama, não me desse uma bebida de verdade. Instinto me chuta, e foco meus lasers nele.

Ele é atraente de uma maneira mais experiente do que seus filhos, mas é

fácil ver de onde eles tiram sua aparência divina. Minha atenção vai mais fundo do que a superfície, passando por seu cabelo cortado curto e penteado para trás para revelar um bico de viúva, suas feições esculpidas e mangas arregaçadas para mostrar antebraços bronzeados ostentando um Rolex em um braço e uma pulseira masculina simples no outro. Eu leio as pessoas — é o que eu faço. Então eu estreito em seus olhos, uma cor avelã clara que ele obviamente não passou para seus filhos, uma qualidade de vidro ligeiramente desfocada para eles.

Sr. Dolce bate seu copo contra o meu e toma um gole. — Gostou do que está vendo? — ele pergunta.

— Eu estava notando o quanto você se parece com seus filhos, — eu digo, forçando uma risada, meu corpo inteiro em alerta máximo. Assim como ele se segura, ele está bêbado, ou a caminho de lá. Não que eu esteja surpresa — deve ser por volta das duas da manhã agora, e ele está sentado sozinho. Ele deve ter bebido com Royal mais cedo, e é por isso que Royal voltou cheirando a uísque. Ele provavelmente já estava bebendo, e se eu tivesse que adivinhar, aposto que ele não parou. De repente, não estou apenas nervosa porque ele é um cara rico e pai dos meninos que me atormentam e me fascinam.

Ele é um homem mais velho bêbado, e embora eu tenha muita prática em evitar isso, essa não é uma das conexões da minha mãe. Esse cara tem poder. Não apenas porque ele é adulto ou homem. Ele é podre de rico e, mais do que isso, é dono de Faulkner. Ele derrubou uma família inteira, os pais fundadores da cidade, que tinham muito dinheiro e poder para lutar contra ele. E eles eram uma grande família, com primos e tios e parentes distantes por toda parte. Por meio de suborno e acordos internos, ele colocou sua própria família em seu lugar e reivindicou a cidade como sua. Ele pode fazer qualquer coisa, ter qualquer coisa, que ele quiser.

As palavras de Royal passam pela minha cabeça ... *Você é o tipo dele. Quase legal.*

Se ele me quisesse... Bem, eu estou sóbria e provavelmente poderia levá-lo, mas se eu não pudesse, não há nada que eu pudesse fazer sobre isso depois. Ninguém acreditaria em mim. Eu nem me incomodaria em ligar para os policiais cujos salários ele paga, levando isso ao tribunal antes de um juiz que ele tenha eleito, para convencê-los. O próprio prefeito beija a bunda desse cara. Talvez ele próprio seja um chefe da máfia. Ele é quieto, mas o poder espregueia dentro dele, ainda mais assustador porque está escondido como um segredo.

Esse cara criou os três monstros que dirigem as ruas e impõem seu governo como bandidos contratados. Sei melhor do que dizer que a maçã não cai longe da árvore, mas também sei que nenhuma criança pode crescer ilesa pela influência de seus pais. Até o pai que nunca conheci me afeta, quer eu goste de

admitir ou não. Eu internalizei sua ausência, categorizei isso como parte do meu valor. Todos os dias vejo maneiras de ser como minha mãe e conscientemente faço um esforço para não cair nas mesmas armadilhas. Tudo o que faço é influenciado pela influência dela, e pelo menos parte do que esses garotos fazem é influenciado pela influência do Sr. Dolce.

A questão é, qual parte?

— Não seja tímida, sente-se, — diz o Sr. Dolce naquele sotaque de Nova York que soa tão forte em comparação com os sotaques do sul que estou acostumada. Há algo nele que exige obediência, assim como o de seu filho. Eu posso ver onde eles conseguiram sua coisa de domínio alfa. Eu quero ir embora, mas algo me segura aqui, alguma ponta em sua voz que diz que ele não vai tolerar nenhuma besteira. Nunca tive problemas em desobedecer a autoridade quando precisava, mas esse cara... Ele não é apenas um adulto, uma figura de autoridade. Ele é como um maldito deus.

Também me impressiona que esta seja uma grande chance de obter uma perspectiva diferente para o Sr. D. Não estou falando apenas com os filhos de seu inimigo. Afinal, estou na barriga da fera. Estou olhando para o coração vivo, a cabeça, da família. Eu afundo na beirada da cadeira, certificando-me de ter uma linha direta com a porta se ele fizer um movimento. Em vez disso, ele se senta atrás de sua mesa, inclinando-se para trás e me estudando tão atentamente quanto eu o estudei quando entrei. — Então, — diz ele, lentamente circulando seu copo no ar com uma mão. — Você é o pequeno brinquedo de Royal.

Eu tremo com o termo. Já é ruim o suficiente quando Royal o usa. Ouvir seu pai usá-lo, sabendo que ele disse a seu pai algo assim sobre mim, é todo tipo de assustador.

Ele ri da minha expressão. — Meus filhos não namoram muito, — diz ele. — Ou seja lá como vocês chamam hoje em dia. Tenho certeza que você já sabe disso.

Talvez não namorando, mas eles fazem muita merda.

— Então, sendo o brinquedo de Royal, é o mais perto que você pode chegar, — diz Dolce. — É um privilégio que a maioria das meninas daquela escola só sonha.

Eu mordo minha língua para não dizer a ele exatamente o que eu acho de sua incrível capacidade de ser condescendente com um perfeito estranho.

Ele me encara por um longo momento, como se eu devesse responder.

— Bem, tenho certeza de que estou lisonjeada, — digo, forçando outro sorriso.

— Você deveria estar, — diz ele. — Sabe, eu imaginei você loira. Você realmente se parece um pouco com minha filha. O cabelo, eu acho. Seus olhos eram mais escuros, porém, como os de Royal. E ela se vestia melhor.

Está bem então. Ele é um atirador direto, eu vou dar isso a ele. Considerando os jogos mentais que seus filhos jogam, é um pouco revigorante. A maioria dos adultos não vomita nada além de besteira, chavões vazios e sutilezas falsas. Esse cara não puxa nenhum soco.

— Sinto muito por sua filha, — eu digo, terminando a dose de uísque e colocando o copo sobre a mesa. — Eu provavelmente deveria voltar para a cama.

— Fique, — diz ele, acenando com a mão preguiçosa e me servindo outra dose no fundo do copo chique. — Eu insisto. Normalmente, só vejo as amigas dos meus filhos saindo de manhã.

— Adorável, — eu murmuro.

— Ah, não fique nervosa, — diz ele. — Royal não traz garotas para casa como os outros dois. É por isso que é bom finalmente conhecer a pessoa com quem ele está passando o tempo, ver do que ela é feita. O que ela está procurando.

Eu sei que ele está apenas cuidando de seu filho, mas ainda é ofensivo.

Ou seria se não fosse cem por cento verdade. Enquanto não estou atrás de dinheiro, andei até aqui procurando respostas. Por sujeira. Então eu não posso reclamar exatamente quando ele me chama de merda.

— Eu só quero entendê-lo, — eu digo honestamente.

O Sr. Dolce ri e se levanta da cadeira, dando a volta na mesa. Eu dou um pulo deslizando para trás quase instintivamente, colocando espaço entre nós. Ele para bem na minha frente, parando sua bunda na beirada da mesa, então estou no nível dos olhos com sua virilha. Descansando as mãos na borda da mesa ao lado de seus quadris, ele se inclina para mim. — Sua menina Darling, — diz ele com um sorriso condescendente. — Homens Dolce são muito complicados para você entender. Há apenas uma coisa que você precisa se lembrar. Dê-nos o que queremos, enquanto quisermos. Quando terminarmos, fique de boca fechada, deixe-nos esquecer sua existência, e sua vida pode continuar como quiser.

Eu engulo em seco, reconhecendo uma ameaça quando ouço uma, mesmo que venha de lábios sorridentes e seja entregue em um ronronar de voz. Agarro os braços da cadeira, amaldiçoando-me por deslizar para trás nela, então não posso mergulhar sem ficar bem perto do Sr. Dolce, perto o suficiente para que ele possa me agarrar. Mas se ele espera que eu dê a ele o que ele quer e mantenha minha boca fechada, ele terá uma surpresa. Eu não dou às pessoas nada que elas não tenham merecido, e mesmo assim, só quando eu quero.

O Sr. Dolce se inclina para trás para não ficar na minha cara e pega seu copo de uísque novamente. — Você parece alarmada, — diz ele. — Não é isso que todas as meninas da escola fazem pelos meus meninos?

Eu quero dizer a ele para ir se foder, que eles são garotos de Royal, não dele. Mas eles são seus meninos, incluindo Royal. E ele está certo. Isso é tudo que eu ouvi desde que comecei em Willow Heights — como você tem que obedecer aos Dolces, que se eles ligarem, você tem que deixá-los fazer o que quiserem com você. E embora eles devam ter fodido quase todas as garotas da escola, eu realmente não ouço muito disso da boca dessas garotas. Então elas devem ficar de boca fechada, deixando que outras pessoas falem e espalhem a fofoca. Mesmo as Waltons, que aparentemente estão buscando a posição de namoradas oficiais, nunca me disseram que transaram com os Dolces.

O mais próximo que alguém chegou foi quando Gloria me disse como se recuperar de um boquete de todos os três, obviamente mentindo quando disse que não estava na minha situação. E essa foi uma conversa particular entre nós duas, e ela sabia que eu não falaria. De repente, eu me pergunto o quanto as fofocas sobre os garotos Dolce são verdadeiras, e o quanto são rumores e especulações baseadas no que uma pessoa de fora vê. Eles viram os Dolce me levarem para o porão, e todo mundo presumiu que eles estavam correndo atrás de mim. Eles não fizeram nada para combater esse boato, mesmo que tudo o que aconteceu foi um boquete. Eles deixaram seu conhecimento crescer.

Se eu não tivesse visto Duke e Baron fazendo dupla com uma garota, eu me perguntaria se tudo isso foi fabricado. E mesmo aquela era uma garota. Um tempo.

Mais uma vez, a frustração brota dentro de mim, e tenho a sensação de que toda vez que descubro algo, acabo ainda mais no escuro do que antes. Eu sei alguma coisa real sobre eles?

— Eu devo ir, — eu digo. — Obrigada pela bebida.

— Ah, mas mal começamos, — diz Dolce, inclinando-se para frente e apoiando as mãos nos braços da cadeira desta vez, me prendendo. — Só porque você é o brinquedo do meu filho não significa que não podemos nos divertir um

pouco também.

Eu levanto minhas mãos para empurrar o Sr. Dolce para longe, mas antes que eu possa, uma mão dispara na minha frente, jogando-o do outro lado da sala. Sr. Dolce voa para trás, batendo em sua mesa e cambaleando para o lado, caindo no chão. Royal agarra meu braço e me puxa para fora da cadeira com tanta força que meus pés saem do chão. — Qual diabos é o seu problema? ele se enfurece, ignorando o gemido de seu pai no chão do outro lado da mesa.

Enquanto ele me arrasta para fora do escritório e de volta pelo corredor até as escadas, considero dizer a ele que não sou eu quem tem o problema, e ele talvez devesse estar mais chateado com o fato de que seu pai estava dando em cima de sua namorada, mas então, ele me avisou. Eu só *tinha* que saber mais, porém, só tinha que meter o nariz no negócio dele. É uma maldição, realmente, esse querer saber o que motiva as pessoas.

— Você está realmente tão desesperada que se eu não te foder, você vai dar em cima do meu pai? — Royal rosna enquanto ele sobe as escadas, me arrastando atrás dele. Eu luto para libertar meu pulso de seu aperto de ferro, mas ele não parece notar enquanto ele me puxa pelo corredor até seu quarto como se eu não fosse mais do que uma boneca de pano.

Ele me empurra pela porta em seu quarto escuro, me liberando tão de repente que tropeço para frente. Antes que eu possa recuperar o equilíbrio, ele agarra meu braço e me arrasta para trás. Eu não tenho tempo para me orientar antes que ele me jogue contra a parede ao lado da porta. Seus olhos são selvagens, loucos, desfocados enquanto ele enfia uma mão entre minhas coxas, a outra mão fechando em volta da minha garganta.

— Afaste-se de mim, — eu rosno, empurrando em seu peito. Ele não parece sentir isso, se aproximando, seus olhos brilhando enquanto ele puxa o cordão de sua calça. Ele bate a porta com a palma da mão, mergulhando-nos na escuridão completa.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto, minha respiração engatando. Não sei dizer se estou com medo de que ele escute, ou com medo de que não. Estou apavorada com o que ele vai fazer comigo, mas ao mesmo tempo, vê-lo perder o controle é viciante. Há uma emoção assustadora nisso, como assistir a um trem em direção a você e saber que não pode pará-lo, que é tarde demais para sair dos trilhos.

É isso que eu sempre quis, por que eu continuei apertando botões,

esperando encontrar aquele que acabei de apertar?

— Estou fodendo você, — diz ele, agarrando meu jeans com as duas mãos e puxando-o para baixo com um movimento rápido.

Eu começo a protestar, mas antes que eu possa me curvar para pegá-los de volta, ele está me prendendo na parede novamente, seus ombros largos me segurando no lugar enquanto ele puxa minhas coxas abertas e empurra seu pau contra minha abertura.

— Royal, não, — eu suspiro, empurrando para ele enquanto meu corpo aperta, bloqueando-o. — Eu não estou preparada.

— Você não está molhada para aquele idiota? — ele rosna, uma pitada de triunfo em sua voz. Ele cospe em sua mão, passando-a sobre a cabeça de seu pau antes de empurrá-la para a minha abertura. Um pulsar quente de desejo dispara direto para o meu núcleo com a sensação de sua pele lisa e quente sobre a dureza inflexível abaixo. — Se você não estava planejando ser fodida hoje à noite, por que sua boceta está raspada?

— Espere, — eu grito, mas ele empurra para cima, rasgando minha carne resistente. Um grito estrangulado sai da minha garganta, lágrimas de dor brotam dos meus olhos enquanto minhas paredes se apertam ao redor dele. Ele apoia o antebraço na parede acima da minha cabeça e deixa cair a testa contra ela, sua respiração irregular, seu corpo tremendo. Ele não se move, mas eu posso sentir seu pau grosso me esticando, esticando-se contra minhas paredes enquanto elas se contorcem em torno de seu comprimento. Tremo ao saber que ele está apenas na metade, que a dor está apenas começando.

— Oh Deus, — eu suspiro. — Royal, pare. Você está me machucando.

Com um impulso brutal, ele se força ao máximo dentro de mim. — Você achou que eu ia ser gentil? Você me conhece melhor do que isso, Harper.

Meu corpo se enrola em si mesmo, um soluço engasgando de mim, sufocando minhas palavras, meu ar. Não consigo respirar, não consigo falar. A dor espirais do meu núcleo, até o meu estômago, envolvendo seus tentáculos ao redor do meu coração e apertando até cortar todos os outros sentimentos. Eu não esperava gentileza, mas também não esperava isso. Aconteceu tão rápido, eu nem consigo compreender o que está acontecendo, que ele está mesmo me fodendo.

Ele fez, porém, não se move além da penetração. Ele me mantém presa à parede como uma borboleta, aberta e empalada em seu pau. Parte de mim sabia que isso iria acontecer, estava esperando por isso, resistindo tanto quanto ele. E

agora está acontecendo. Eu tento respirar através da dor, me ajustar a este novo mundo em que eu fodi Royal Dolce.

— Isso é o que você queria, não é? — ele pergunta, sua voz afiada com provocação. — Você está em cima do meu pau a cada chance que tem. Você pediu por isso. Agora você vai conseguir. — Ele balança lentamente, moendo ritmicamente seu osso pélvico contra meu clitóris enquanto fala, até que a dor diminua e formigamento de prazer começar a sair de onde ele está trabalhando em mim como o profissional que ele é. A extensão das minhas paredes em torno de sua espessura me deixa tonta, e o jeito que ele está balançando faz seu pau bater em todos os lugares certos dentro de mim. Eu odeio meu corpo por reagir, por sentir qualquer coisa menos dor. Eu quero gritar, enfiar uma faca na porra do seu coração para mostrar a ele como é.

Mas a excitação lateja dentro de mim enquanto me ajusto ao seu tamanho, à sensação de um pau enorme e duro enterrado dentro de mim.

— Baby, você é tão apertada que vai ordenhar o esperma todo o caminho para fora das minhas bolas, — ele canta. Sua voz está completamente mudada, e se eu não o conhecesse, eu poderia pensar que era sexy e persuasivo. Mas eu posso ouvir a ponta de crueldade provocante sob isso, a amargura, o ódio. O vazio.

As palavras soam como se ele as tivesse dito uma centena de vezes, para todas as garotas.

— Eu não estava pronta, — eu engasgo, apoiando minhas mãos em seu peito para afastá-lo. Ele os empurra para o lado, agarra meus pulsos e os prende na parede de cada lado da minha cabeça. Ele puxa para fora apenas uma polegada, então dirige rápido e afiado. Eu posso ouvir o som molhado da minha boceta, como um beijo. Risos reais.

— Você está pronta agora, — diz ele, aquela cadência altiva e arrogante ainda entrelaçada em suas palavras. Ele recua e bate em mim novamente, me esmagando contra a parede. Eu estremeço quando ele atinge o lugar mais profundo e terno dentro de mim, onde ninguém esteve antes. Mas ele está certo, meu corpo está pronto agora, quer eu queira ou não. Estou molhada, e ele desliza para trás até que apenas sua ponta esteja dentro de mim, então entra profundamente novamente, enterrando-se ao máximo dentro de mim. Eu luto para soltar minhas mãos, mesmo quando minhas coxas trêmulas se abrem para ele, desejando o contato, o fim do tormento de desejá-lo por tanto tempo.

— Você queria que eu te fodesse, certo? — ele pergunta, sua voz uma provocação cruel, seu aperto se tornando mais forte ao redor dos meus pulsos quanto mais eu luto. — Você pediu o tratamento real. Se você queria um boceta,

você deveria ter fodido uma garota. — Ele pontua cada frase com um impulso profundo e vicioso. Eu pedi, pedi, mas não queria assim. Ele está me dando exatamente o que eu queria, o que eu pensei que queria. Deve ser bom ceder, deixar-nos ter o que temos negado a nós mesmos desde o momento em que nos conhecemos.

Mas parece mais vazio do que todas as outras vezes juntas. Não sei onde Royal está, mas ele não está neste quarto comigo. Eu tento não me importar, dizer a mim mesma que não importa enquanto ele bate em mim forte e rápido, me batendo na parede com força contundente. Minha respiração escapa em pequenos suspiros, e ele adiciona um grunhido baixo com cada impulso brutal, os sons molhados do nosso sexo o único outro ruído na escuridão.

Eu me pergunto onde ele está, onde está sua mente, mas não por muito tempo. Minha cabeça cai para trás e eu fecho meus olhos, cedendo. Um bom pau é bom, e está escuro o suficiente na sala que eu posso fingir que ele é outra pessoa também.

Eu poderia se houvesse mais alguém que eu quisesse foder, isso é. Eu não quero mais ninguém, no entanto. Eu quero Royal. Quero tocá-lo, trazer alguma intimidade ao momento. Eu quero correr minhas mãos sobre seus ombros nus, sentir o poder tremendo em seus músculos esculpidos, em seu corpo enorme que supera o meu e paira sobre mim, me prendendo enquanto ele me possui a cada golpe, controlando a profundidade, o ritmo, o ritmo que canta através do meu sangue e me liga a ele em algum prazer escuro e doentio.

Por fim, ele solta minhas mãos, agarrando minhas coxas. Seus polegares cortam minha carne enquanto ele gira minhas coxas, moendo em mim. Então ele me agarra pela cintura, me levantando e me jogando contra ele. Ele agarra minha bunda com força suficiente para deixar hematomas, me forçando para baixo enquanto ele se move para cima em mim com um gemido gutural. Eu grito em choque quando ele puxa para fora, pressionando seu pau molhado e duro na minha pele nua. A sensação me enche com uma emoção erótica de calor úmido. Por um segundo, um minuto, não nos movemos. Eu posso sentir seu coração martelando e a rápida subida e descida de seu peito enquanto sua respiração fica curta e rápida contra meu pescoço. Seu pau pulsa a cada poucos segundos, enviando um pulso de calor para o meu centro, e espero o fogo líquido de seu esperma jorrar contra mim, mas não vem.

A realidade volta lentamente, meus sentidos retornando. Eu posso sentir o cheiro do suor em sua pele, e o uísque no meu hálito, e o cheiro do nosso sexo no ar ao nosso redor. Eu descanso minhas mãos em seus ombros como se quisesse me firmar e sentir a umidade em sua pele, a forma como pequenos tremores percorrem seu corpo. Eu não me afasto, embora pudesse agora que ele soltou seu aperto punitivo. Eu o deixei lutar sua batalha interna pelo controle.

Depois de alguns minutos, ele tropeça para frente, me jogando contra a parede como se tivesse esquecido que eu estava lá. Ele levanta a mão e se atrapalha no meu rosto como um cego tentando reconhecer alguém que acabou de conhecer, como fez no porão.

— É Harper, seu idiota, — eu digo, batendo em sua mão. Eu empurro seu peito, e desta vez, ele dá um passo para trás. Meu corpo grita com frustração insatisfeita, como sempre, mas desta vez, há uma dor aguda junto com ele. Eu nunca peguei um tão grande antes, e estar seco em cima disso...

— Eu sei quem você é, — ele estala. Ele se vira e entra no banheiro, acendendo a luz antes de bater a porta atrás dele.

Eu puxo minha calça jeans, meu corpo inteiro de repente tremendo novamente. Quando o tecido atinge minha pele, eu respiro. Entre minhas pernas está mais do que sensível, está mutilado e inchado, e cada movimento que faço envia uma facada de dor em mim. Eu aprecio a dor, segure-a. É apenas físico, e eu posso lidar com isso. Eu não posso lidar com qualquer merda que está acontecendo na minha cabeça. Não agora, quando ele está bem aqui. Vou pensar nisso mais tarde.

Abro a porta do quarto dele, sabendo que é impossível descer as escadas para chamar um Uber como se nada tivesse acontecido, mas também sabendo que é exatamente isso que vou fazer.

Antes que eu dê um passo para fora, a porta do banheiro se abre, e Royal fica lá como um gigante, tomando todo o batente da porta e bloqueando a luz que se espalha atrás dele. O olhar em seus olhos me faz encolher para longe dele antes mesmo que ele fale. Eles não estão vazios agora. Eles são piores.

— Onde você pensa que está indo?

— Longe de você, — eu estalo. Essa sensação horrível brota dentro de mim e, de repente, tenho certeza de que vou chorar se tiver que olhar para ele mais um momento. Eu corro para fora da porta, batendo-a atrás de mim, tendo um pouco de alegria no pensamento de que se ele tentasse me seguir, eu provavelmente apenas bati na cara dele com ela. Não dou dois passos antes que ele a abra e agarre meu braço.

— Harper.

— Deixe-me ir, — eu aviso, puxando meu braço.

Claro que ele não escuta. Ele me gira e me agarra pelos ombros como se estivesse prestes a sacudir a merda fora de mim. Em vez disso, ele respira fundo,

olha para o final do corredor atrás de mim e abaixa a voz. — Harper, — diz ele, sua testa franzida, seus olhos escuros procurando os meus. — Você era... virgem?

Eu bufo e me afasto. — Eu pensei que eu era uma prostituta que estava tão desesperada por pau que eu pegaria do seu pai se você não desistisse.

Ele olha para trás de mim novamente, para as luzes que revestem as paredes até as escadas, onde eu preciso ir antes que eu perca o controle. Eu preciso sair. Agora.

— Houve... Sangue.

— Eu te disse que não estava pronta pra caralho, — eu estalo. — Você não sabe nada sobre o corpo de uma mulher? — Para meu horror, meu lábio começa a tremer. Eu o mordo ferozmente, esperando tirar sangue. Ele verá meu sangue antes que eu o deixe ver minhas lágrimas.

O olhar de Royal não perde o movimento. Ele olha para os meus dentes mordendo meu lábio.

— Eu... eu sinto muito, — ele diz. — Deixe-me fazer as pazes com você.

— Por que? — Eu exijo. — Tudo o que você sempre quis fazer foi me machucar, então por que isso deveria ser diferente? É apenas mais uma maneira de você conseguir o que quer, como sempre faz.

— Eu machuquei você? — ele pergunta. Ele parece tão confuso, isso parte meu coração. Como alguém pode ser tão completamente ignorante?

Eu suspiro. — Claro que não. Não sou uma pessoa, Royal. Eu sou apenas um pedaço de lixo, lembra? Lixo não tem sentimentos.

Eu me viro para ir, mas Royal passa por mim, bloqueando meu caminho. Eu tento passar, mas ele descansa a mão na parede ao meu lado, me prendendo. — Eu não disse isso.

— Você não precisou.

— Eu sei que você tem sentimentos, — diz ele lentamente. — Eu só não sabia que poderia machucá-los.

— Você não feriu meus sentimentos, — eu digo, porque é mais do que isso. Ele machucou algo muito mais profundo do que sentimentos. — Apenas esqueça, ok? Vamos apenas esquecer que isso aconteceu.

— Não sei se consigo fazer isso.

Nós nos encaramos por um momento. Meu coração bate forte, tão forte que posso ouvi-lo.

— Por que não? — Eu pergunto, procurando em seus olhos, doendo para encontrar algo que simplesmente não está lá. Nunca estará. Assim como no Halloween, ele não poderia me dar uma razão para ficar. Ele nunca vai. Eu não sei se ele é capaz de me dar o que eu preciso, muito menos o que eu quero.

Um sorriso lento puxa seus lábios, e eu sei que nunca vou encontrar o que estou procurando neste garoto assombrado, não importa o quanto sua escuridão chame a minha. — Não posso deixar uma garota ir embora achando que não conheço o corpo de uma mulher.

— Tudo bem, eu não vou contar a ninguém, — eu digo, abaixando sob seu braço. — Eu não ia, de qualquer maneira.

Mais uma vez, Royal agarra meu braço. Eu paro, e por um segundo, ele não me puxa de volta. Lentamente, sua mão se move pelo meu braço, seus dedos entrelaçados nos meus. Eu não posso olhar para ele, então eu mantenho meu rosto para frente. Eu fecho meus olhos e respiro trêmula, tentando chegar ao meu coração que isso não significa nada. — Por favor, — ele diz baixinho.

Sua voz é suave, atada com tanta emoção que eu não posso começar a desembaraçá-la. Tudo o que sei é que isso parte meu coração. Que ele disse por favor, e que estava arrependido de ter me machucado. Talvez nunca signifique o que eu quero, mas significa alguma coisa. Quando ele puxa a minha mão, eu cedo. Ele me leva de volta ao seu quarto sem dizer uma palavra, fecha a porta com o pé e a tranca atrás de nós. A luz do banheiro se espalha pelo quarto, e quando nossos olhos se encontram, ele dá um passo à frente, deslizando a mão sob minha orelha para embalar minha cabeça. — Harper, eu...

Um baque alto vem do andar de baixo, talvez a porta da frente batendo, e seu olhar se move naquela direção antes de retornar ao meu.

— O que? — Eu sussurro, meu coração batendo contra minhas costelas. Eu preciso que ele me dê algo, apenas uma vez, depois do que aconteceu. Eu preciso que ele me dê uma razão para ficar.

— Eu - eu vou pegar algo para limpar você, — diz ele. — Tire a roupa.

Ele se vira e entra no banheiro, me deixando ali com minha mente girando. Ouço a água correndo e, um segundo depois, ele reaparece com um pano enrolado na mão. Ele pega minha mão e me leva para a cama, puxando os

cobertores e me empurrando suavemente sobre os lençóis brancos e frios. Eu não protesto. Eu me sinto entorpecida, e meus membros estão tremendo quando ele me empurra de volta para a cama e levanta minhas pernas sobre ela. Não sei como vou suportar o sexo agora, mas não consigo formular a coisa certa a dizer. Se eu abrir a boca, vou chorar.

Ele tira meu jeans, deixando-o cair no chão. Minhas pernas tremem mais, mas ele não me dá um cobertor. Ele se ajoelha e abre meus joelhos, pressionando a toalha quente entre elas. Eu sugo uma respiração, a água picando a carne rasgada e macia. Ele me limpa, então olha para o pano. — Tem certeza que já fez sexo antes?

— Se o que acabamos de fazer foi isso, então sim, eu já fiz isso antes, — eu digo, defensiva por ser interrogada por sua merda.

— Curtiu isso? — ele pergunta, seu olhar caindo no meu.

— Mais ou menos, — eu digo, encolhendo os ombros e desviando o olhar.

— Quantas vezes?

— Algumas, — eu digo. Eu poderia perguntar a ele o mesmo, mas não sou tão estúpida. Eu sei que não quero a resposta.

— Você sempre sangra? — ele pergunta, colocando a toalha na mesa de cabeceira.

— Não, — eu digo, me levantando para sentar contra os travesseiros e observá-lo. Deus, ele é lindo, cada centímetro de seu corpo esculpido com perfeição como se esculpido em mármore por um dos grandes artistas. Concentro-me na visão de seu corpo divino para não ter que pensar no fato de que estou nua da cintura para baixo enquanto ele ainda está vestindo calças. — Algumas vezes, quando eu não estava pronta, ou fazia muito tempo desde... A última vez.

Ele se move para frente e alcança minha camisa. — Você já gozou?

— Não, — eu admito, deixando-o tirar minha camisa. — Quero dizer, sim, mas não durante.

Ele acena com a cabeça, alcançando atrás de mim e desabotoando meu sutiã sem mais esforço do que eu coloquei.

Eu engulo em seco, deixando cair meu olhar para a frente de suas calças. Ele me tem nua na cama, e ele nem está duro. Talvez eu estivesse errada sobre

ter o mesmo efeito sobre ele. Meu próprio coração está acelerado no meu peito, e a pressão aumenta entre minhas pernas em antecipação e medo enquanto seus olhos se movem pelo meu corpo. Meus mamilos endurecem sob seu olhar, e a fome aumenta enquanto ele continua a me beber com os olhos, demorando-se nas tatuagens na minha coxa.

— Eu não... eu só dei, — eu digo. Não quero lhe dizer a verdade, que ter alguém tão próximo do meu centro me deixa mais vulnerável do que gostaria. Então eu desvio. — Eu cuido de mim mesma.

— Esta noite, eu vou cuidar de você, — diz ele, deslizando para baixo da cama em um movimento suave.

— Royal, espere, — eu protesto, mas ele está entre minhas pernas, empurrando-as mais largas. Não o quero lá embaixo, me vendo, me cheirando. Ele odeia o meu cheiro, e mesmo que eu tenha tomado banho mais cedo, ainda estou constrangida. Ninguém nunca esteve lá embaixo, olhando para minha boceta aberta como um sacrifício. Eu me contorço, mas ele desliza os braços sob minhas pernas, envolvendo-os em torno de minhas coxas por baixo. Ele me agarra bem na dobra dos meus quadris, espalhando minhas coxas no topo. Ele levanta seu olhar para o meu, e não há nada vazio em seus olhos agora. Eles estão cheios de calor, de desejo.

— Eu pensei que você não comia boceta, — eu sussurro, minhas coxas tremendo em suas mãos.

— Isso não é boceta, — diz ele. — É você.

Ele cai mais baixo, e eu agarro seus ombros, de repente mais aterrorizada com essa vulnerabilidade do que com um Royal irritado. Eu prefiro que ele me foda de novo, não importa o quanto doa, do que ele me deixar vulnerável assim.

— Você não precisa... — Minha voz falha, interrompendo-se quando um choque de puro êxtase erótico me percorre quando sua boca me toca. Sua língua quente e molhada acaricia lentamente meu clitóris, e toda razão me deixa. Tudo o que resta é a sensação dolorosamente requintada de sua boca habilidosa e faminta contra minha carne nua.

Meus dedos se emaranham em seu cabelo, e com o pouco de poder cerebral que resta para mim, eu tento afastá-lo porque é muito íntimo, muito, e este é o fodido Royal Dolce, meu inimigo até a morte.

— Apenas relaxe, — ele murmura, me beijando suavemente. — Deixe-me deixá-la tão louca quanto você me deixa.

Sem esperar por uma resposta, ele mergulha novamente, deixando escapar um som que é meio suspiro, meio gemido enquanto sua língua desliza entre meus lábios, em direção à minha entrada.

— Não, — eu respiro, mas eu mal ouço o som porque estou derretendo, enfraquecendo, enquanto seus lábios, língua e respiração combinam forças, me sobrecarregando. Eu deixo cair minha cabeça para trás nos travesseiros, agarrando seu cabelo como se pudesse me ancorar a este mundo, mesmo quando sua boca se move contra mim como mágica. Ele me explora lentamente no início, provando e sugando, seus dentes mordiscando suavemente em mim, sua língua me acariciando até que eu não consigo respirar, e meus quadris começam a sacudir involuntariamente contra sua boca.

Ele agarra minhas coxas com mais força, seus dedos cortando minha carne, me segurando ainda enquanto sua língua se move mais rápido. Deixo escapar um grito suave quando sua língua áspera rompe minha abertura, raspando contra a pele crua e quebrada. Mas sua boca está molhada, e eu estou molhada, e logo a sensação de queimação está muito entrelaçada com o prazer rodopiante para dizer onde termina um e começa o outro.

— Royal, — eu suspiro. — Pare, é demais, eu não posso...

Ele solta um gemido áspero e aperta minhas coxas com mais força, abrindo-as ainda mais, todo o seu corpo se contorcendo nos lençóis enquanto ele empurra mais fundo, enfiando sua língua em mim até que estou tonta com isso. Eu mexo debaixo dele, agarrando os travesseiros, em qualquer coisa, porque eu vou explodir se ele não parar. Mas ele não para. Ele continua e continua, gemendo em mim, me comendo, até que eu não consigo segurar os gritos suaves e ofegantes que foram crescendo dentro de mim com o prazer. Ele me fode implacavelmente com sua boca, sua língua, até que ele me empurra sobre o limite.

É como nada que eu já senti, nem mesmo quando eu me dei uma boa. Este é diferente, quase sem querer, enquanto ele o arrasta do meu corpo indefeso. Uma onda de calor úmido flui de mim de uma maneira que eu nunca senti, e eu grito, humilhação queimando através de mim mesmo quando o orgasmo me aperta em seu aperto. Ele geme fundo em sua garganta, empurrando sua língua mais fundo mesmo enquanto eu grito sem palavras, não tenho certeza se estou dizendo a ele para parar ou continuar, não tenho certeza de nada, exceto as ondas de prazer profundo e liberação me levando para longe em uma corrente que eu sei que vai me levar além do limite do mundo para o abismo da escuridão de Royal, para ser engolida por seu mundo, seu vazio sugador de almas.

Quando isso diminui, sua boca ainda está em mim, mas se move lentamente, sua língua responde preguiçosamente a cada pulso da minha carne

com um dos seus. Eu o quero fora, caso ele não tenha notado como eu gozei, tanto que quase parecia que eu me irritei, tanto que é grosseiro e humilhante e gosto de tudo sobre mim, foda demais. Eu fiz uma bagunça que nenhuma garota deveria fazer, e a vergonha dói atrás dos meus olhos enquanto espero pela alegria, pelas provocações degradantes. Isso é Royal. Haverá sorrisos triunfantes e se gabando de que ele provou que sabe uma coisa ou duas sobre o meu corpo depois de tudo, seguido por palavras mordazes sobre como eu sou uma aberração nojenta que goza como um homem.

Ele finalmente levanta o rosto, os lábios brilhantes, os olhos selvagens e desfocados. — Deus, você tem um gosto tão bom, Harper, — ele geme, sua respiração tão rápida quanto a minha. — Eu quero morder a porra da sua boceta.

— Não, — eu choro, empurrando sua testa.

Ele solta as mãos das minhas coxas doloridas, que certamente estarão machucadas até o inferno amanhã. Em vez de subir em cima de mim como eu esperava, ele apoia as mãos na parte interna das minhas coxas e as abre bem, olhando para mim com aquela expressão nebulosa e paralisada. Não há como ele perder o que eu fiz agora. Quando ele se inclina, eu fico tensa, tentando me afastar.

— Eu não vou te morder, — ele retruca, forçando minhas pernas. — Deixe-me lamber o creme da sua boceta. — Sua língua é gentil desta vez, lentamente enrolando uma espiral de prazer cada vez mais fundo em meu núcleo enquanto ele lambe a bagunça de esperma da minha boceta destruída até que eu juro que até meu coração está tremendo por ele. Quando eu acho que não aguento mais um segundo, ele desliza um dedo longo em mim. — Goza na minha mão desta vez, Cherry Pie, — ele murmura. — Eu quero sentir você jorrar de novo. — Então sua boca desce, me acariciando em direção a um limite que eu sei que não posso voltar. Desta vez, nem tento. Deixo que ele me carregue.

Quando ela goza

Quando ela goza

As montanhas tremem

Com seus gritos

Com suas coxas

Aberta bem larga

Implorando para eu entrar.

Quando ela goza

Suas chuvas despertam as flores do deserto e

Oceanos mudam suas marés

Para vê-la chegar

Para ver o divino

Pôr do sol por dentro.

Quando ela goza

Todo o mundo perde a cabeça

O pôr do sol nasce

Em céus tempestuosos

Estrelas na noite de veludo

Esqueça de brilhar.

Quando ela goza

eu me desfaço

e diga-lhe a verdade:

Onde quer que você vá,

Me leve com você,

Eu quero gozar também.

Quando Royal finalmente termina comigo, acho que não conseguiria me levantar da cama nem se tentasse. Eu sou uma piscina gigante de gelatina, e quando ele me puxa de volta para a curva de seu corpo e se enrola em volta de mim, não ofereço resistência. Ele suspira, longo e profundo, como se ele tivesse acabado de ter seis orgasmos seguidos, e enterra o nariz no meu cabelo. Estou exausta demais para pensar em me levantar de novo, tão além do contentamento que sou realmente culpada por quão bem me sinto, por quanto prazer deixo que ele me dê.

Eu não sou alguém que normalmente chafurda no prazer ou tem facilidade em se desapegar, mas não pude evitar. Foi muito bom, ele se sentiu muito bem. Não apenas o jeito habilidoso como ele me toca, mas o jeito que ele fala comigo, o jeito que ele parece gostar tanto quanto eu, como se ele não se cansasse, é viciante. Mais viciante do que qualquer droga, penso enquanto caio no sono forte e rápido. Talvez seja isso que minha mãe realmente quer, porque ela persegue homens e usa drogas e não dá a mínima para mais nada. Pela primeira vez na minha vida, acho que realmente entendi. Eu entendo como perseguir essa altura pode tomar conta de sua vida inteira, se tornar a única coisa que você queria ou precisava até ser tudo o que restava.

Eu acordo antes de Royal. A luz do sol entra pela janela, e eu me viro, escondendo meu rosto em seu peito e tentando bloqueá-lo, bloquear a realidade. À luz do dia, vem gritando em minha direção como um trem.

Eu fodi Royal Dolce.

Eu posso ter entrado na casa dele, mas ele entrou em *mim*. Eu o deixei cair em cima de mim. E não apenas vá para baixo em mim, mas me faça gozar. Depois, eu descaradamente o deixei fazer isso de novo e de novo.

Eu começo a me levantar, e seus braços apertam como se ele não pudesse me soltar ainda, mesmo que ele não tenha aberto os olhos ou se movido. Eu me liberto e uso o banheiro e me refresco, usando enxaguante bucal para me livrar do hálito de uísque e cerveja da noite passada. Mesmo enquanto estou fazendo isso, eu sei que estou sendo uma vadia burra. Há apenas uma razão para me limpar de manhã antes que ele se levante.

Então, sim, talvez eu seja uma prostituta. Eu gosto de sexo. É incrível, mesmo quando eu não desço. E ontem à noite... Bem, Royal é o único cara que

já se incomodou. Então, se eu quiser um pouco mais antes de ir, foda-se quem me julgar.

Deslizo de volta para a cama e jogo minha perna sobre Royal. Ele ainda pode estar dormindo, mas seu pau não está. Ele lateja contra meu umbigo quando deslizo para perto, já de pé e orgulhoso, fazendo meu núcleo tremer. Eu envolvo meus dedos em torno dele, meus olhos quase revirando na minha cabeça, é tão bom. Eu acaricio minha mão sobre ele algumas vezes, e ele me dá um gemido lento e sonolento, ainda sem se preocupar em abrir os olhos.

Lembro-me de como ele foi rude comigo, do jeito que tocou meu rosto como se não soubesse quem eu era, do vazio em seus olhos quando ele acendeu a luz. Mas isso não é uma foda de raiva. Este é um sábado preguiçoso quando dormimos muito tarde depois de ficar acordado até provavelmente as 4 da manhã Royal está calmo agora, e mesmo que eu esteja dolorida pra caralho, estou excitada só de olhar para o corpo dele, cada centímetro dele nu e bonito e de tirar o fôlego.

Eu me mexo na cama, empurrando-o de costas e montando nele. Suas pálpebras tremem, e seu polegar se move distraidamente contra minha panturrilha, mas ele não faz nenhum movimento para despertar. Eu agarro seu eixo e o levanto, esfregando a cabeça ao longo da costura dos meus lábios. Seu pau pulsa, molhando minha pele, e meu núcleo pulsa com umidade em resposta.

Seu queixo se inclina para trás, e ele solta um profundo suspiro de excitação, suas mãos se atrapalhando até que pousam preguiçosamente em meus quadris. Abro mais os joelhos, deixando sua ponta tocar a carne inchada e molhada da minha entrada machucada. Ele se mexe um pouco, mas não assume o controle, deixando-me afundar nele lentamente. Quando a dor diminui e me ajusto ao seu tamanho dentro de mim, começo a me mover, observando seu corpo enorme como uma montanha sob o meu, seus ombros impossivelmente largos, sua pele morena e mamilos escuros, os músculos gravados tão profundamente em sua pele. Eles são como suas próprias formas de relevo no mundo de seu corpo.

Mas o destaque, a parte mais bonita dele que eu não consigo tirar os olhos por mais de um momento, é o seu rosto. É relaxado, pacífico, até mesmo feliz enquanto eu o monto lentamente, bebendo-o como se fosse a última vez que eu o veria. Sua mandíbula poderia cortar vidro. Seus cílios grossos e escuros lançavam sombras sobre as cavidades sob seus olhos. Maças do rosto salientes emolduram seu nariz forte e lábios carnudos e masculinos que me deram tanto prazer na noite passada que eu não aguentei mais.

— Isso mesmo, — ele murmura quando eu começo a me mover mais rápido. — me Foda, minha putinha.

Mais uma vez, eu me pergunto em quem ele está pensando, se ele está tão longe quanto estava na noite passada.

— Royal, — eu digo, querendo ver seus olhos, para saber se é o mesmo Royal que estou fodendo.

— Hmmm? — ele diz, sua mão dando um pequeno aperto encorajador no meu quadril.

Eu não continuo, no entanto. Eu me inclino para frente e afasto seu cabelo escuro de sua testa, passando meus dedos sobre sua testa e cobrindo sua bochecha. — Abra os olhos, — eu sussurro, roçando meus lábios sobre os dele.

Lentamente, suas pálpebras se erguem, e vejo que não é nada de Royal, apenas aquela casca oca, o menino-boneco sem nada dentro. Parte meu coração que ele não esteja aqui, que ele não possa aproveitar isso.

Eu me movo lentamente em cima dele, mantendo meus olhos fixos nos dele. Minhas mãos encontram cada lado de seu rosto, como se eu pudesse segurá-lo aqui comigo, ancorá-lo de alguma forma. — Onde você está? — Eu pergunto, minha voz quase um sussurro. — Volte para mim, Royal. Esteja aqui comigo.

Por um minuto, eu apenas me movo em cima dele, segurando seu rosto e sentindo nossos corpos se encaixarem, mesmo que apenas um pouco. Eu continuo falando com ele, dizendo seu nome, e depois de um tempo, a escuridão em seus olhos se enche, e ele está comigo, e todo o calor daquele olhar escuro me devora de uma forma que o vazio nunca pode. Suas mãos deixam meus quadris, e ele as enterra no meu cabelo, seu olhar selvagem e quase em pânico.

Depois de apenas alguns segundos dele estar presente, bem aqui comigo, movendo-se comigo, ele se senta ereto, agarrando meus quadris e empurrando seus quadris para cima de mim com tanta força que eu grito. Calor líquido explode dentro de mim, se espalhando pelo meu núcleo e fazendo minhas paredes apertarem com felicidade, apesar da ternura por dentro. — Ah foda-se, — ele geme sem fôlego. — Porra, me desculpe, Harper. Eu sou um merda. Não acredito que fiz isso.

— Está tudo bem, — eu digo, rindo enquanto recupero o fôlego. — Isso é meio que o que você deveria fazer, certo?

— Sim, mas não antes de você, — diz ele, me levantando e deslizando para fora da cama. — Deus, eu sou um fodido. Eu juro que nunca fiz isso antes. Você me faz parecer a porra de uma virgem de novo.

— Quero dizer... Isso não é pornô, — eu digo, puxando seus lençóis sobre o meu colo enquanto ele entra no banheiro. — Essas coisas acontecem. O sexo é confuso. Eu não espero que você seja perfeito.

Ele fecha a porta em resposta. Ok, então não a fantasia que eu poderia ter quando acordei, mas tanto faz. Eu sou uma garota grande. Não é como se eu nunca tivesse dado uma rapidinha antes.

Ele sai do banheiro um minuto depois, sua expressão tempestuosa. — Desculpe, eu sou inútil quando se trata de você, — diz ele, agarrando suas calças e puxando-as. — Vista-se. Vou levá-la para casa.

— Royal...

— Eu disse para se vestir, — ele retruca, virando-se para amarrar as calças, seu corpo inteiro uma espiral de tensão raivosa, como uma cobra se preparando para atacar.

Já senti seu veneno antes, e sobrevivi a isso. Eu saio da cama e envolvo meus braços em volta dele por trás, beijando o centro de suas costas. — Royal. Você está em espiral. Eu preciso que você pare, porra. Ok?

Seu corpo permanece tenso, uma parede gigante de músculos tensos, mas ele não se afasta.

Eu pressiono meus lábios em sua pele quente novamente. — Isso não é grande coisa. Sério. Sim, eu estava gostando disso, e teria continuado gostando, mas considerando que não posso nem gozar durante o sexo, não é como se eu realmente me importasse com quanto tempo você leva.

Eu sinto suas costelas se expandirem enquanto ele respira fundo, e então ele começa a relaxar contra mim. — Você deveria se importar, — ele murmura. — Você merece mais do que cinco minutos.

Reviro os olhos atrás de suas costas, me perguntando quando ele começou a pensar que eu merecia qualquer coisa, menos o pior que a vida tem a oferecer. Eu corro minhas unhas pelo seu peito e abdômen, levemente arranhando-as sobre a trilha sexy de pelos finos abaixo de seu umbigo. — Se você realmente sente muito, você poderia me compensar como você fez ontem à noite...

— Você quer que eu desça lá em você?

Eu corro minha palma levemente sobre a frente de suas calças. — Ou talvez você possa me deixar te mostrar como é um boquete de verdade?

Ele ri e puxa minha mão, virando-se em meus braços para olhar para mim com aqueles olhos encapuzados que me deixam toda furiosa e quente ao mesmo tempo. — Você acha que eu não sei como é um boquete?

Eu sorrio para ele. — Você não sabe como um dos meus se sente.

Ele morde os lábios, e eu posso dizer que ele está escondendo um sorriso. — Você é uma cadela com sede, você sabe disso?

Sento-me na cama, lentamente desfazendo o nó na frente de suas calças. Eu os deslizo sobre seus quadris, correndo meus dedos sobre aquela crista de músculo acima deles que faz minha cabeça girar. E talvez ele esteja certo sobre o meu status de cadela com sede porque minha boca está salivando positivamente enquanto eu os abaixo até que eu possa ver o cabelo escuro em seu osso pélvico, aquelas veias em seu abdômen inferior e, em seguida, a base de seu pênis. Eu enfio minha mão na parte superior de sua calça e olho para ele. — Antes de fazer isso, — eu digo. — Eu não mordo, porra. Francamente, é ofensivo você me acusar dessa merda obscura. Se você precisa foder minha garganta em carne viva, faça isso, mas mantenha seus malditos dedos fora da minha boca. Eu vou mordê-lo.

— Droga, Cherry, — ele geme, circulando a mão em volta da minha cabeça e trazendo minha cabeça para baixo. — Faça bom uso dessa boca.

Eu abaixo minha cabeça e sorrio, deixando suas calças caírem. Seu pau está duro, cheio e longo e primal de dar água na boca. Eu envolvo minha mão em torno de seu eixo e puxo meu cabelo para um lado antes de correr minha língua ao longo de seu comprimento, molhando-o com minha boca. Eu posso me provar em seu pau, e uma emoção suja corre por mim. Fico de joelhos e cotovelos na beirada da cama, segurando seu pau enquanto circulo a cabeça como uma casquinha de sorvete, deixando-o sentir a parte plana da minha língua antes de levar minha boca até a ponta. Eu quase me esqueci do meu lábio partido, já que quase não nos beijamos até este ponto, mas agora ele queima quando se estende ao redor de sua circunferência.

Royal enterra a mão no meu cabelo, assumindo o controle como eu sabia que ele faria. Ele balança seus quadris no ritmo de sua mão, puxando minha cabeça para cima e, em seguida, empurrando-a para baixo até que eu o estouro profundamente a cada golpe. Eu não me importo. É mais fácil, e mais do que isso, eu sei que é exatamente o que ele precisa agora — se sentir poderoso, estar no controle e me dominar. Por isso ofereci.

— Cristo, — ele respira, batendo em mim rudemente enquanto eu tento respirar entre as estocadas, e não engasgar enquanto as lágrimas borram minha visão. — Sua garganta está tão apertada.

Eu gemo em resposta, e seu pau pulsa dentro da minha boca, pré-sêmen salgado molhando minha língua. Seu gosto envia uma emoção de prazer e triunfo brilhando através de mim. Ele estava mentindo sobre nunca gozar? Ou foi uma linha que pega as meninas, em um desafio? De qualquer forma, eu me sinto muito especial por ter feito ele gozar e que estou prestes a fazer isso de novo.

Calor pulsa entre minhas coxas com suas palavras. Eu deslizo uma mão sob meu corpo, afundando-a entre minhas pernas, trabalhando meu clitóris com meus dedos enquanto ele usa minha boca para seu prazer.

Meu lábio se abre novamente, sangue vazando junto com saliva, escorrendo pelo meu queixo, mas concentro toda a minha força de vontade em não engasgar enquanto ele saqueia minha garganta, mais áspera a cada estocada. Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto luto contra meu reflexo de vômito, deixando-o ir mais fundo, forçando-se a descer pela minha garganta.

— Eu vou gozar nessa linda garganta, — ele rosna, passando os dedos pelo lado do meu pescoço e deixando-os descansar levemente na frente, para que ele possa sentir-se me fodendo profundamente.

Eu balanço minha cabeça em um aceno, tudo que eu posso controlar.

— Você está se tocando? — ele pergunta, puxando minha cabeça para trás, me dando uma chance de respirar. Seus olhos queimam com luxúria primal e febril, e seu pau está brilhando na frente do meu rosto, pré-sêmen vazando da ponta. Um estremecimento de desejo passa por mim, e eu afundo um dedo mais fundo dentro de mim e fecho meus olhos. Minha voz não passa de um sussurro gutural, sufocado de desejo e rouco pela força contundente de sua dominação.

— Sim.

Ele me arrasta para cima e me vira de costas em um movimento, arando seu pau até o cabo dentro de mim com um impulso brutal. Eu grito com a invasão repentina e dolorosa na dor da noite anterior, minhas costas arqueando e meus pés cavando na beirada da cama. Ele agarra meu quadril com uma mão, descansando seu peso na outra enquanto bate em mim novamente. Estou além de pronta desta vez. Seu tamanho é doloroso, mas deliciosamente, e estou tão molhada que posso ouvir os sons escorregadios de seu pau escorregando em mim, o tapa de suas bolas batendo na minha bunda quando ele começa a bater forte e rápido.

Eu alcanço, empurrando meus dedos em sua boca. — Prove-me —, eu respiro, envolvendo minhas pernas em torno de seus quadris, querendo mais depois de cada golpe punitivo. Ele chupa meus dedos, sua língua passando entre

eles enquanto ele me fode com mais força, me esmagando na cama.

Eu me ouço implorando por mais, e ele dá, me pegando e me jogando contra ele. Nós caímos de volta na cama, rolando para que eu fique por cima.

— Seus seios são tão perfeitos, — ele rosna, agarrando meus seios e apertando meus mamilos até eu chorar. — Eu quero gozar em cima deles e em seu rosto. Você gostaria disso, não é, minha putinha?

— Sim, — eu suspiro, saltando sobre ele forte e rápido, saboreando a profundidade dolorosa que ele pode alcançar dentro de mim enquanto nossos olhos estão travados juntos, nossos corpos guerreando para fazer o outro quebrar primeiro. — Eu quero engolir você até engasgar. Afogue-me em seu esperma, Royal.

— Cala a boca, sua puta suja, — ele rosna. — Você vai me fazer gozar de novo.

Eu agarro seu queixo, minhas unhas cavando em suas bochechas. — Eu sou sua puta, — eu digo entre respirações ofegantes.

— Muito bom porra, — ele ordena, agarrando meu quadril e me esmagando sobre ele.

— Estou tentando, — eu rosno de volta para ele.

— Sua boca está sangrando, — diz ele. — Eu vou lamber seu sangue, Harper.

Ele nos rola de novo, prendendo meus joelhos com os dele e levantando em seus punhos. Ele se inclina para baixo, apertando os dentes no meu lábio sangrando e chupando com força. Algo sobre o ângulo, a forma como a cabeça de seu pau empurra para trás e a base se move em direção ao meu clitóris, combinado com a dor do meu lábio que puxa meu foco para longe de tentar gozar, me desfaz. Meu controle, aquele que eu tenho tentado soltar mesmo quando uma parte teimosa de mim se agarra, se despedaça. Eu me ouço gritar sem palavras, sinto meu corpo arquear, cada músculo tenso como se estivesse eletrificado, como aconteceu na noite passada. Minhas unhas arranham sua pele, meus dedos dos pés se curvam, minha cabeça cai para trás e o orgasmo me suga para baixo. Minhas paredes se fecham em torno de seu pau, e ele suga uma respiração alta, moendo mais fundo enquanto seu pau lateja mais espesso, seu esperma derramando em mim em ondas pulsantes de calor.

Quando finalmente minha visão clareia e posso respirar novamente, olho para Royal. Seu peito maciço está subindo e descendo enquanto ele respira

rápido, seu lábio inferior brilhante com o meu sangue enquanto ele recupera o fôlego. Por um minuto, apenas nos observamos. Minhas pernas ainda estão travadas em torno dele, e eu posso sentir seu pau empurrar dentro de mim a cada poucos segundos. Eu aperto minhas paredes ao redor dele, apertando-o em resposta, apreciando a forma como seus olhos se arregalam e ele suga uma respiração rápida quando eu faço isso. Eu faço isso de novo, e ele mói seu osso pélvico lentamente contra meu clitóris sensível, fazendo meu núcleo tremer ao redor dele. Seus olhos estão cheios de calor e desejo, e *eu*. Ele está aqui comigo o tempo todo, observando meu rosto, lambendo meu sangue de sua boca.

Eu nunca quero deixá-lo ir.

— Ver você gozar é a coisa mais quente que eu já vi na minha vida, — diz ele, abaixando-se sobre mim. Sua testa está coberta de suor, e posso sentir minha própria pele vitrificada com a umidade do esforço.

— Então, é disso que se trata todo o alarido, — eu digo, rindo através da minha respiração difícil.

— Nah, Darling, esse *é* o alarido, — diz ele, passando a língua suavemente sobre a fenda no meu lábio. — Posso ficar dentro de você para sempre?

— Porra. Sim.

Ele deita a cabeça na cavidade do meu ombro, os braços cruzados para me segurar. Nenhum de nós se move por um longo tempo. Eu posso sentir seu coração batendo contra o meu, posso sentir o cheiro do suor em sua pele, me deixando quente de novo.

— Harper Apple, — ele respira no meu pescoço finalmente. — Quando eu sinto você gozar, eu absolutamente me desfaço.

Eu engulo em seco, cutucando a dor que aquela pequena mentira causou. Talvez eu não seja tão especial assim. — Achei que você não fizesse isso.

Ele ri baixinho no meu ouvido, e eu tenho que fechar os olhos e respirar fundo enquanto um arrepio quente corre por mim. — Faz muito tempo, — ele admite, esfregando o nariz levemente ao longo da concha da minha orelha.

— Por que? — Eu pergunto. — É, tipo, uma coisa de controle? Ou uma coisa física?

— Sem perguntas, lembra? — Ele sopra suavemente contra o lóbulo da minha orelha, e minha pele se arrepia deliciosamente. — Mas foda-se, Cherry Pie. Mesmo antes... eu nunca gozei assim.

— Como o quê?

— Tão difícil, — diz ele. — E dentro de você...

Eu sinto seu pau pulsar dentro de mim com as palavras, mas meu cérebro parou completamente. Um balde de água gelada não poderia ter me esfriado mais rápido. Eu congelo sob ele, meu sangue gelando.

— Foda-se, — eu sussurro, pânico batendo no meu peito. Eu empurro os ombros de Royal, e ele se senta. Eu empurro meus cotovelos e olho para baixo, como se eu pudesse estar errada, como se uma camisinha pudesse aparecer magicamente em seu pênis longo, grosso e perfeito. Maldito seja ele e seu corpo impecável. Maldito pai e aquelas doses de uísque ontem à noite. Acima de tudo, maldito seja meu pobre e fraco eu animal que perdeu a cabeça ao primeiro sinal de bom pau e fez exatamente o que eu sempre jurei que nunca faria, exatamente o que minha mãe fez.

— Eu nunca fodi ninguém sem uma antes, — diz Royal, obviamente tomando minha expressão aflita para uma pergunta sobre sua reputação. — Eu estou limpo. Você?

Eu balanço minha cabeça, tentando limpar os pensamentos em espiral de pânico. Eu não posso engravidar, oh meu Deus, eu simplesmente não posso. Não posso ficar pressa a esse psicopata para sempre. Eu nem gosto dele. Um bom pau não faz um bom homem. Eu sei disso com certeza.

Quando eu continuo olhando para ele, balançando minha cabeça lentamente para frente e para trás, a verdade surge em seus olhos. — Você não... Não está no controle de natalidade?

Ele deve saber antes mesmo de perguntar, porque agarra o cabelo com as duas mãos. — Foda-se, — ele grita depois de um minuto, virando e batendo o punho no travesseiro ao meu lado.

Eu pulo involuntariamente, e seu olhar se move para mim, raivoso e calculista, como se ele estivesse tentando pensar em uma saída para isso. Claro que ele está. Não é problema dele, afinal. Eu sou literalmente a prova viva de que é assim que os caras pensam.

— Obviamente, eu não estou na porra do controle de natalidade, — eu estalo, sentando e puxando o lençol sobre o meu corpo. — Eu sou um pobre pedaço de lixo, lembra? Eu não posso pagar o controle de natalidade, muito menos uma consulta médica para obter uma receita. Qual é a sua desculpa?

Ele me dá um olhar azedo. — Você me deixa louco pra caralho, Harper, — diz ele. — Você me faz todo tipo de estúpido. Eu estava tão chateado ontem à noite, eu não estava pensando. E esta manhã, *voce* subiu em *mim*.

— Ah, então a culpa é minha? — Eu pergunto, jogando fora o lençol e me

levantando. Eu posso sentir seu esperma ainda dentro de mim, vazando de mim, uma gota escorrendo pela minha coxa. Vergonha e nojo me invadem. Fui eu. É tudo culpa minha. Ele não usou um ontem à noite, mas também não gozou. As chances são pequenas. Esta manhã, ele gozou dentro de mim duas vezes. Porque eu trepei nele como a cadela excitada que fui criada para ser. O que eu fiz?

— Eu não disse isso, — diz Royal, olhando para mim de onde ele ainda está sentado na cama.

— Você não precisava, — eu estalo, entrando no banheiro e batendo a porta atrás de mim. Eu a tranco e afundo no vaso sanitário, minhas pernas tremendo.

Porra. Porra. Porra. Eu posso sentir seu esperma escorrendo de mim, e eu me dobro, com certeza que vou vomitar. Tudo que eu sempre quis desde que eu tinha idade suficiente para querer qualquer coisa racional era dar o fora desta cidade. Vá para a faculdade. Não ficar presa aqui como minha mãe, desesperada e desamparada, com uma criança que não quero de um homem que nunca conheci. A dor atrás dos meus olhos se torna insuportável, e um soluço me atravessa antes mesmo de eu saber que está vindo. Eu mordo meu punho, sufocando-o. Não vou deixar Royal Dolce me ouvir chorar.

— Harper, — diz ele do lado de fora da porta, sua voz afiada. Ele sacode a maçaneta.

— Vá embora, — eu digo, minha voz áspera com lágrimas. Outro soluço sacode meu corpo, e enterro meu rosto em meus braços para silenciar minha angústia.

— Deixe-me entrar, Harper, — diz ele, uma ponta de advertência em sua voz agora.

— Vai se foder! — Eu grito. Lágrimas escorrem pelo meu rosto porque, oh meu Deus, isso não pode estar acontecendo. O que eu vou fazer? Eu não posso fazer isso.

Um baque soa quando o ombro de Royal bate na porta, e todo banheiro treme. Com um estrondo, a fechadura cede na segunda tentativa e a porta se abre. Royal está na porta, respirando com dificuldade, olhando para mim. Eu me afasto, mas ele já viu. Eu não sou feita de titânio. Eu sou apenas humana feita de carne e sangue, lágrimas e ossos. Eu sou uma garota vivendo seu pior pesadelo.

— Harper, — diz ele, sua voz mais suave. E então ele está me levantando, me puxando para seu colo enquanto ele afunda no chão e embala meu corpo nu e machucado que de repente é uma bomba-relógio. Não quero sua piedade, sua

bondade. Eu quero sua violência, sua nitidez. Eu entendo isso melhor do que suavidade.

Eu tento me afastar, mas ele me segura mais apertado, seus braços me embalando. — Vai ficar tudo bem, — diz ele, pressionando a testa no meu cabelo úmido. Por um longo tempo, não posso fazer nada além de soluçar impotente em seus braços. Ele não fala, apenas senta e me abraça forte como se pudesse me segurar enquanto estou sendo dilacerada por dentro. Quando finalmente paro, ele beija meu ombro nu. — Ficaré tudo bem.

— Como isso vai ficar bem? — Eu pergunto, levantando minha cabeça, não me importando que meu rosto esteja uma bagunça feia. Eu não me importo. Eu quero que ele veja toda a feiura dentro de mim. Para me odiar tanto quanto eu o odeio agora. — Você acha que eu quero estar aqui, Royal? Você acha que eu gosto do que você faz comigo? Você não acha que eu deixaria esta cidade no segundo que eu tivesse a chance? Não posso fazer isso, Royal. Eu vou morrer antes de ser o tipo de mãe que minha mãe é.

— Não se atreva a dizer isso, — ele retruca, agarrando meu queixo e forçando meu olhar para o dele. Seus dedos cortam minhas bochechas, e seus olhos brilham com uma emoção que eu nunca vi nele.

— O que eu vou fazer? — Eu pergunto, a luta se esvaindo de mim. Estou muito desesperada para lutar com ele agora. O inimigo não está mais nele. Está dentro de mim.

— Eu vou cuidar disso, — diz ele.

— Como você vai cuidar disso? — Eu pergunto. — Você acha que vamos ter um bebê juntos? Ou você vai me dar dinheiro para um aborto? Isso é o que as pessoas em seu mundo fazem quando não querem um bebê, certo?

— Não, — diz ele lentamente. — Vou levá-la para tomar uma pílula do dia seguinte. E então vamos marcar uma consulta para você tomar anticoncepcional.

— Por que você faria isso? — Eu pergunto, me afastando e estreitando os olhos. Se ele vai me dar uma pílula, provavelmente é cianeto.

— Porque Harper, — ele diz, ainda falando comigo como se eu não entendesse a explicação mais básica. — Posso ser um idiota, mas não sou esse tipo de idiota.

— Só para eu saber, para referência futura, das milhões de maneiras de ser um idiota, qual não é coberta?

— Aquele em que eu me afasto e ajo como se fosse um problema seu.

— É o meu problema. — Eu olho para ele, desejando que ele me contradiga.

Ele suspira. — Sabe, não vai te matar deixar alguém te ajudar de vez em quando.

— Eu sei que você pensa que é tudo isso porque é mais rico que Deus, mas você não pode simplesmente sair por aí jogando dinheiro em todos os problemas e achando que vai acabar.

— Nem todos os problemas, — diz ele. — Mas este? Sim, é exatamente isso que vou fazer.

— Eu não quero o seu dinheiro.

— Você quer criar um filho comigo, então? Porque essas são as opções agora.

Eu odeio que ele esteja certo, mas desta vez, vou ter que dar a vitória a ele.

— Tudo bem, — eu digo. — Vamos lavar nosso erro com uma pílula, e então podemos esquecer que isso aconteceu.

— Tudo bem por mim, — diz ele, empurrando-me rudemente para fora de seu colo e de pé. Se eu não o conhecesse melhor, eu pensaria que o machuquei. Se eu pensasse que ele possuía um coração e a capacidade de sentir, eu poderia me enganar pensando que aquele olhar em seu rosto era exatamente o que parecia – a expressão perplexa de um garotinho perdido que via apenas indiferença quando olhava para eles, que deveriam amá-lo. De repente, minha garganta está apertada novamente, e eu tenho que me afastar dele.

É estúpido ler minha própria falta em sua expressão. Não apenas estúpido, mas perigoso.

— Vou tomar um banho, — diz Royal. — Pela primeira vez na sua vida, você vai ficar parada porque eu pedi?

— Tudo bem, — eu digo. — Vou esperar no seu quarto como uma boa garotinha.

Enquanto ele toma banho, visto minhas roupas de ontem – não adianta fingir que não estou fazendo a caminhada da vergonha hoje – e sento na cadeira em sua mesa. Depois de um minuto, abro uma das gavetas que não vasculhei na

noite passada. Está cheio de recibos de hotéis e fichas de apostas e dinheiro solto. Meu coração quase para. Deve haver alguns milhares de dólares ali, centenas de vinte e um par de cinquenta, jogados lá como lixo. Acho que essa pílula não vai machucá-lo.

Um porta-retratos está meio enterrado sob outras coisas, do tipo que se dobra ao meio e tem duas fotos no meio, uma de frente para a outra. Eu a puxo e abro sem pensar. Minha garganta aperta quando vejo que um lado tem uma foto dele e da garota da tatuagem, ambos sorrindo de um jeito que Royal nunca sorri para mim, suas bochechas apertadas enquanto sorriem para a câmera. Por um segundo, isso parte meu coração. Eu não sei o que dói mais — que ele estava feliz com outra garota, ou que ele nunca mais vai sorrir daquele jeito. Aquele menino está morto.

Royal sai do banheiro, e meu primeiro instinto é empurrar a foto de volta, mas ele já me viu olhando. Eu não vou ser uma daquelas vadias idiotas que assumem merda e ficam chateadas com isso, fugindo com ciúmes porque ele gostou de outra garota. Eu sou uma garota crescida, então usei minhas palavras. — Quem é? — Eu pergunto, olhando para os dois, ambos tão dolorosamente lindos que não sei para quem olhar.

Royal está ao meu lado em um segundo, puxando a moldura da minha mão e empurrando-a de volta para a gaveta, que ele fecha com a coxa. — Mantenha seus dedos pegajosos fora do meu negócio, — ele estala.

— Ah, então você pode se meter nos meus negócios sempre que quiser, mas eu não posso perguntar sobre sua irmã morta?

— Agora você está pegando, — diz ele, sorrindo para mim. Ele não se afastou, e seu pênis está muito perto do meu rosto. Eu engulo em seco, tentando não salivar com o pensamento de levá-lo em minha boca novamente.

— Nenhum acordo, — eu digo, me forçando a parecer normal e não como se meu cérebro fosse um ovo mexido. — Diga-me quem era.

— Você sabe quem é, — diz ele. — Você acabou de dizer isso.

Abro a gaveta, mesmo sabendo que estou brincando com fogo irritando-o. Eu puxo a foto novamente e abro. Em vez de arrancá-lo, ele balança a cabeça e vai embora, escolhendo se vestir em vez de se envolver com minha bunda malcriada.

Eu deveria saber que era sua irmã. Suspeitei quando vi seu peito, mas não tinha certeza. Ambos são lindos, ambos com o mesmo cabelo escuro e olhos escuros luminosos, os mesmos cílios grossos e escuros.

No outro quadro há uma foto de mais longe, e eu localizo a garota nessa foto também. Há cinco deles naquela, todos de pé na grama em frente a uma igreja feita de pedra e vitrais em vez de tapume branco como os daqui. Seus braços estão em volta dos ombros um do outro, seus corpos formando uma corrente. Reconheço Royal à esquerda do centro, parecendo menor do que agora, não tão musculoso ou alto, o cabelo enrolado em volta das orelhas. Ao lado dele está um dos gêmeos, embora eu não possa dizer qual deles, já que nenhum deles está usando óculos e seu cabelo é cortado da mesma forma. No centro está um cara que se parece quase com Royal, mas mais alto, e depois a garota novamente, e depois o outro gêmeo. Estão todos sorrindo, apertando os olhos para o sol, vestindo camisas brancas com gravata e calças sociais, exceto a garota, que está com um vestido modesto.

A família dele.

Agora meu peito aperta por outro motivo. Eu me pergunto como deve ser ter tanto amor embutido em sua vida. Que muitas pessoas que te apoiam, que fazem de seu trabalho mantê-lo vivo, pessoas prontas para cavalgar ou morrer por você.

— Pronta?— Royal pergunta, pegando suas chaves do bolso do jeans da noite passada. — Ou você quer continuar vasculhando o passado como se fosse importante?

Descemos as escadas, onde Royal me arrasta para a cozinha. Os gêmeos estão sentados em uma copa, ambos vestindo calças de pijama e nada mais, ambos parecendo quase tão lindos quanto Royal. Ambos estão usando óculos e, por um segundo, não consigo diferenciá-los. Então um deles olha para cima e levanta a mão como se estivesse esperando um high-five. Eu localizo uma tatuagem de cisne na parte de baixo de seu braço e automaticamente verifico o outro. Eu só posso ver a borda dele, mas está lá.

Royal não tem. Interessante.

— Você finalmente tocou nisso, — Duke canta, um sorriso desleixado no rosto.

Está na expressão. É assim que você sabe a diferença. Duke é o palhaço. Baron... não sei bem o quê. O lado sério, eu acho. Lembro-me daquela cena no campo de futebol, do jeito que Royal o segurou como se fosse a única coisa que o impedia de se afogar.

Ignorando a mão de Duke, Royal pega alguns bagels da bandeja no meio da mesa redonda e me entrega um. — Nós vamos sair, — diz ele. — Tudo correu bem na noite passada?

— Não tão bem quanto aqui, — diz Duke, balançando as sobranceiras para mim.

— Como você saberia? — Eu pergunto. — Você não estava aqui.

— Porque eu não estou com a minha garota, — diz ele. — Você ainda está aqui, então, por padrão, sua noite foi melhor.

Se ele soubesse a razão de eu ainda estar aqui, e o que estamos prestes a fazer, ele mudaria de ideia. Mas não vou contar a ele.

— Você terminou com isso? — ele pergunta, virando-se para Royal. — Porque eu estou morrendo de vontade de mergulhar meu pau nela tanto quanto você está.

Royal coloca um braço casual sobre meu ombro. — Você quer pegar ele? — ele pergunta, levantando uma sobranceira para mim.

— Você sabe, eu estou bem, — eu digo, inclinando-me para ele e enganchando um braço em torno de seus quadris. — Vou pegar uma página do seu livro e não me envolver.

— Droga, — diz Baron, falando pela primeira vez, embora ele esteja assistindo com grande interesse o tempo todo. — Você fodeu a boceta dela.

— Vamos, — diz Royal, um pequeno sorriso puxando seus lábios. Nós nos viramos e nos dirigimos para a porta, e apesar do meu surto anterior, na verdade estou sorrindo.

E então o pai deles entra pela porta dos fundos assim que chegamos.

— Partindo tão cedo? — ele pergunta, tirando seus óculos espelhados bregas, mas caros.

— Vou levar Harper para casa, — diz Royal, apertando o braço em volta de mim.

— Sabe, posso fazer isso por você, — diz Dolce. — Se você quiser tomar café da manhã com seus irmãos.

— Isso não é necessário, — eu digo, dando-lhe um sorriso apertado.

— Isso não é um problema. Eu já estou saindo, — ele diz, segurando suas chaves. Ele baixa a voz e me dá uma piscadela conspiratória. — Estou acostumado a limpar a bagunça dos meus meninos.

— Sim, eu não sou a bagunça de ninguém para limpar, — eu digo. — Mas obrigada.

Royal ri e me aperta contra ele, me puxando por seu pai e saindo pela porta dos fundos. Subimos no Rover e descemos o caminho de cascalho. Cruzo os braços e olho pela janela. — Você já teve namorada? — Eu pergunto.

Ele suspira e se aproxima do portão. — Você não é minha namorada, Harper.

— Eu sei, — eu digo. — É só que... Você parece saber exatamente o que fazer nesta situação. E seu pai disse que limpou sua bagunça...

— Eu te disse que nunca transei com uma garota sem camisinha antes.

— Você nunca teve um susto de gravidez?

— Não. — Entramos na estrada sinuosa de duas pistas. — Você teve?

— Não, e eu nunca tive um namorado, — eu digo. — Se você se perguntou.

— Eu não. — Dirigimos em silêncio por alguns minutos.

— Eu tive uma namorada uma vez, por tipo um mês, — eu digo. — Mas eu tenho certeza que ela só queria que os caras pensassem que ela era uma lésbica gostosa, porque se ninguém estivesse olhando, ela não estava realmente interessada em dar uns amassos.

— E quanto a Maverick? — ele pergunta.

— Não foi um namoro.

— Você sabe o quão fodido é que eu tenho que olhar para a tinta de outro cara em todo o seu corpo toda vez que eu transo com você? Sabendo que as mãos dele estavam em você, que ele estava dentro de você... Está lá toda vez que olho para você.

— Você sabe o quão fodido é que eu tenho que olhar para o rosto da sua irmã morta toda vez que eu transo com você? — Eu atiro de volta. — Vendo seus olhos grandes e assombrados olhando para mim toda vez que olho para você.

Ele sorri, sua mandíbula subindo daquele jeito idiota dele. — Quem disse que ela é minha irmã?

Eu bufo e dou a ele um olhar como, *por favor, garoto. Eu não nasci ontem.* — Você não é o tipo de cara que tatua o rosto da namorada no peito. E você me contou.

Não foi? Ou ele contornou a questão e me deixou supor?

Ele balança a cabeça e muda de marcha, acelerando. — Eu nunca tive uma namorada de verdade, — diz ele depois de um minuto. — Mas isso não significa que eu esteja procurando. Então pare de tentar me fazer dizer algo estúpido.

— O que significa 'namorada de verdade'? — Eu pergunto. — Tipo, não é um amigo de merda?

— É isso que Maverick era para você?

Eu dou de ombros. — Nós realmente não definimos isso. Não era o tipo de coisa que precisa de um rótulo. Era o que era. Casual. Nada demais.

Ele se mexe em seu assento. — Olha, Harper. Eu não namoro. Eu tenho um monte de merda na minha vida que não tem nada a ver com você, ou outras garotas, mas isso significa que eu não posso ter uma namorada. Entendeu?

— Não, — eu digo. — Mas eu estou supondo que você não vai responder a perguntas sobre isso.

— Isso está correto, — diz ele, parando em um semáforo. — Você só vai ter que confiar em mim quando eu disser que não estou apto para ser namorado de ninguém. Você não precisa saber todas as minhas merdas para saber disso.

— Verdade, — eu digo. — E eu não estou te convidando para sair, então pare de pensar que foi isso que eu quis dizer. Eu só queria saber por que você é o herói de ação do susto da gravidez agora. É tão diferente de você. Achei que você devia ter experiência.

Ele balança a cabeça. — Só porque você me fez gozar, não vá pensando que você é especial. E só porque eu te fiz gozar, não se apegue. Ok? Não vou te levar ao médico porque sou um cara decente, mas *estou* te dizendo isso porque talvez não esteja totalmente sem esperança.

— E por que você está me levando de novo? Podia ter-me dado dinheiro. Sabe, acho que você é muito mais decente do que deixa transparecer.

— Eu não confio em você, — diz ele, sua voz endurecendo. — Você é pobre e desesperada. Podia ter pegado no dinheiro e me dito que foi ao médico. Eu não deixaria passar por você para me prender nisso, então você estará pronta

para a vida. É por isso que estou levando você.

Eu engulo em seco, voltando para a janela, toda a diversão sedutora do carro se foi. — Entendi — digo, minha garganta apertada. Ele realmente acha que eu sou esse tipo de pessoa?

Mas por que ele não iria? Isso é exatamente o que minha mãe teria feito se ela pudesse encontrar um cara rico para fazer sexo desprotegido. Em vez disso, ela tinha meu pai caloteiro para fugir dela, e eu acho que ele nem valia a pena persegui-lo por pensão alimentícia. Pelo menos ela amarrou as trompas para não ter que se preocupar com mais crianças arruinando sua vida.

Royal continua porque, aparentemente, ele tem que realmente levar para casa o ponto de que ele ainda pensa que eu sou uma merda, apesar do que aconteceu neste fim de semana. — Eu estou colocando você no controle de natalidade porque eu vou foder você de novo, e eu gosto de foder você crua, — diz ele. — E não uma namorada de verdade, quero dizer não desde que eu estava no ensino médio. Uma vez que eu tivesse idade suficiente para foder uma garota, eu não queria ser amarrado. Isso nunca mudou, e nunca mudará. Estamos claros agora?

Eu me viro para ele e sorrio, olhando-o diretamente nos olhos. — como Crystal, — eu digo, mordendo a palavra, meu pequeno coração vingativo saboreando o jeito que o faz recuar.

Ele estaciona e para no estacionamento de uma clínica, as únicas abertas em uma tarde de sábado. Ele se inclina para mim, sua expressão quase terna enquanto levanta meu queixo e passa o polegar pelo meu lábio inferior. — Lembre-me de parar em um sexy shop e comprar uma mordaca antes que eu te foda de novo, — diz ele, atirando-me sob o queixo. — Isso deveria te calar.

Ele salta do carro e vai para a clínica sem se preocupar em verificar se eu vou segui-lo. Ele conhece os limites da minha estupidez.

O que quer que tenha acontecido entre nós, não mudou o que somos um para o outro — inimigos. Isso está claro. Ele ainda pensa em mim como lixo, e eu ainda sei que ele é um monstro que precisa ser derrubado.

Eu sou tão idiota. Fui eu que me empolguei, que esqueci isso por um minuto. Fui eu quem caiu em seu feitiço e pensei que poderíamos estar do mesmo lado por uma vez só porque ele está me levando ao médico. É tudo culpa minha. Ele nem gozou quando me fodeu ontem à noite. Ele perdeu o controle primeiro, por um minuto, mas conseguiu voltar a tempo, para não terminar e se perder completamente para mim.

Ele estava chateado por ceder primeiro, e é por isso que ele insistiu em devolver, para nivelar o campo de jogo? Por um momento, eu tive a vantagem. Ele perdeu o controle, e eu não. Ele me machucou. Ele me devia. E eu nem vi porra.

Em vez disso, deixo que ele tenha a vantagem novamente, deixo que ele me dê meia dúzia de orgasmos, para que ele não tenha nada para se sentir mal, mesmo depois do jeito brutal que ele me levou contra a parede. Afinal, eu aproveitei a noite passada, chegando ao clímax várias vezes, e ele não. Claro, talvez ele quebrou suas regras para mim e comeu boceta, mas eu quebrei a minha e deixei. Eu perdi o controle, e ele não. Eu cedi, e ele não. Eu deixo Royal me controlar, deixo que ele me faça seu brinquedo, uma escrava do prazer que ele pode me dar.

Tanto que perdi a cabeça esta manhã. Ele disse que eu o fiz todo tipo de idiota, mas fui eu que subi no pau dele sem camisinha. Ele mal estava acordado. E como a vadia sedenta que sou, só queria mais, sem pensar nas consequências. E aqui estou eu na manhã seguinte, assim como minha mãe, pagando por um erro porque deixei meu corpo me governar.

É por isso que estamos aqui. Não porque eu estava tentando pender a balança para trás e fazê-lo perder o controle, mas porque eu o queria comigo enquanto eu gozasse, queria a intimidade e a conexão. Isso é o que o fez gozar. A percepção faz algo engraçado se contorcer dentro de mim, felicidade, culpa e triunfo, tudo em um. Eu sei como fazê-lo gozar. E ele quer fazer isso de novo. Ele quer estar comigo de novo, sem camisinha, tantas vezes que ele está me colocando no controle de natalidade e não apenas dizendo que vai desistir.

Poderia ser este o caminho que eu estava procurando? Estou quase com medo de ter esperança enquanto sigo Royal até a clínica. Mas eu espero. Espero porque ele ainda está aqui. Surpreendentemente, ele não me chutou para fora da cama esta manhã e me disse para sumir. Ele nem me entregou e deixou seu pai bajulador cuidar disso. Ele está aqui, e quer ele admita ou não, ele está cuidando de mim. Será que o monstro encontrou seu par na única garota que revida, uma maníaca por controle como ele que o fez perder o controle finalmente? Todas aquelas pessoas que dizem que o caminho para o coração de um homem é pelo estômago estão cheias de merda. O caminho para o coração de um homem é através do seu pau. Acho que finalmente cheguei lá.

Ela usa seu nome

Como uma arma

me provocando

Me desafiando

Para alcançar através do assento

E enrolar minha mão em volta do pescoço dela

E apertar

Até que ela esteja tão sem vida quanto você.

Ela não diz seu nome

Como um tabu

Como se ela fosse a primeira pessoa

Para falar aquela palavra

No o meu rosto

Sem vacilar

Desde que eu fui embora

E deixe o rio te levar.

Ela não sabe que seu nome

Caindo de seus lábios

É um presente

Que traz partes iguais de

Agonia e alívio.

Seja qual for a intenção,

Ouvindo-a blasfemar para falar em voz alta

Me faz querer silenciá-la para sempre

Mas também ordena que ela diga de novo

E de novo

Valorizando até mesmo a doce agonia

No alívio esmagador de ossos.

Apesar do que Royal disse sobre não ser um material de namorado – e que eu não estava esperando que ele fosse – ele age como um na clínica. E mesmo que ele esteja certo sobre eu não gostar de deixar outras pessoas ajudarem, é um grande alívio pra caralho deixá-lo assumir enquanto eu estou pirando de novo. Uma vez que há médicos bisbilhotando dentro de mim, parece muito foda como todas as cenas de programas de TV em que alguém está dando à luz.

Na verdade, estou muito grata por Royal estar lá, mesmo entrando na sala comigo e respeitando minhas exigências para que ele fique de pé ao lado da minha cabeça enquanto o médico faz sua coisa entre as minhas pernas. Royal insiste que eu pegue todas as coisas na clínica - a pílula do dia seguinte, todos os testes de DST que eles têm e uma receita de controle de natalidade que pode ser preenchida por seis meses de uma só vez. Ele até se inscreve em todos os testes sem eu pedir, o que é um alívio porque o pênis dele viu muito mais ação do que a minha vagina, e eu posso ter me sentido muito culpada para perguntar, já que ele está sangrando dinheiro para pagar toda essa merda.

Depois, vamos à farmácia, onde ficamos na fila do drive-thru esperando as pílulas anticoncepcionais. — Você não tem que pagar por todos os seis meses de uma vez—, eu digo. — Eu poderia ter feito isso mensalmente.

— Jesus fodido Cristo, Harper, — diz ele, esfregando as têmporas.

— Sinto muito, — eu digo. — Não estou tentando ser ingrata. Eu realmente aprecio tudo o que você fez hoje. Eu não sei o que eu teria feito sem você lá. Muito obrigada.

— Veja, isso não foi tão difícil, foi?

— Eu quero dizer isso, — eu digo, pegando sua mão e apertando. — Você é a porra do meu herói hoje, Royal.

— Não seja uma dessas garotas, — diz ele, soltando sua mão da minha e colocando-a no volante, onde eu não posso pegá-la. — Eu odeio essas garotas.

— Você já me odeia, então qual é o mal? — Eu pergunto, sorrindo para ele. — E eu acho que você gosta disso. Todo mundo quer ser um herói de vez em quando.

— Eu tenho que ser o herói toda sexta à noite, — ele resmunga. — É exaustivo.

— Mas aposte que você não consegue ser o herói todo sábado de manhã.

Ele fica quieto enquanto nos dirigimos para a janela da farmácia. Ele pode não admitir, mas estou começando a conhecer esse garoto, e acho que ele parece um pouco menos entediado e irritado enquanto fala com o farmacêutico. É estúpido pensar que um garoto que dirige a escola inteira e tem garotas caindo de joelhos para adorar seu pau, garotas entrando na fila para estar em seu pelotão e adultos segurando-o como salvador de futebol de Willow Heights poderia precisar de afirmação de sua grandeza. Mas ser cobiçado e até admirado pela grandeza não é o mesmo que ser apreciado pela compaixão.

Me assusta um pouco, o quão bem eu o conheço, como estou começando a antecipar seus humores e dar a ele o que ele precisa quando ele provavelmente nem mesmo sabe disso. Eu queria saber todos os seus segredos, mas conhecê-lo desse jeito meio que me assusta. Porque eu posso ter chegado ao seu coração, mas enquanto eu estava ocupada tentando encontrar uma maneira de entrar, para desbastar suas paredes, ele já havia escalado o meu e roubado meu coração.

Porra.

Eu não posso pensar assim. Eu não quero que ele me entenda do jeito que estou tentando entendê-lo. Eu prefiro que ele seja um idiota que só me quer para sexo.

E talvez ele me conheça bem o suficiente para saber disso, porque enquanto nos afastamos, ele coloca o saco de papel branco no meu colo e diz: — Tente não usar isso como um passe livre para foder todos os caras de Faulkner.

— Eu vou fazer o meu melhor, — eu digo, revirando os olhos. — Embora, para ser honesta, estou um pouco surpresa que você queira repetir. Você parece mais o tipo de cara de uma só vez. Essa é uma das suas regras?

— Eu sou o tipo de cara sem tempo.

— Eu pensei que você estava tentando ter certeza de que eu não me sentia especial.

— Eu comi você, e eu vou foder com você de novo, — diz ele. — Você pode simplesmente deixar assim?

— Tanto faz, — eu digo, virando-me para a janela com um pequeno sorriso. Eu me pergunto quanto tempo faz desde que ele gozou. Ele faz isso sozinho? Ou não? É provavelmente por isso que ele disparou tão rápido na primeira vez. Eu me sinto um pouco convencida pelo fato de que eu desbloqueei o que quer que estivesse segurando ele. Eu o fiz perder o controle. Sim, foi assustador no

começo, mas valeu a pena.

Essa é a única razão pela qual ele quer me foder de novo, porque ele acha que eu sou a única que pode fazê-lo gozar? Ou é mais porque ele já se deixou levar comigo, e ele confia em mim de uma maneira estranha, então ele prefere continuar fazendo isso comigo do que arriscar ser vulnerável com outra pessoa? Ou foi algum tipo de represa que eu quebrei, e agora ele vai poder gozar com qualquer uma?

Por que esse pensamento me incomoda tanto? Eu deveria querer que ele gostasse de sexo como uma pessoa normal. Mas o pensamento dele fodendo outra pessoa me faz querer cortar a porra do seu pau inteiro para que ele nunca possa enfiá-lo em mais ninguém.

Ele estaciona na minha casa, mas deixa o motor ligado. A porra do carro dele provavelmente custava três vezes mais do que a minha casa – quando foi construída. Eu poderia viver no luxo nesta coisa. Mas não é o carro que está me fazendo demorar mais um minuto em vez de entrar.

— O que você está esperando? — ele pergunta. — Você acha que eu vou acompanhá-la até a porta e dar-lhe um beijo de boa noite?

— Eu só estava me perguntando se o que você fez comigo... Se você pudesse fazer isso com outras pessoas agora. Tipo, eu soltei alguma coisa? Ou você está se segurando de propósito?

— Sem perguntas, — ele retruca. — E saia do meu carro. Se eu ficar estacionado aqui por muito tempo, seus vizinhos provavelmente vão desmontá-lo pelas peças.

Eu bufo e olho ao redor. Blue e Olive estão sentadas do lado de fora nas velhas poltronas de plástico trançado dos anos oitenta, e o velho Sr. Thomas está varrendo sua calçada. Ninguém mais está fora. — Eles? — Eu pergunto, gesticulando antes de voltar. — Por que você não responde às perguntas?

— Confie em mim quando digo que, se você mexer nos meus negócios, encontrará coisas que não quer saber. — Ele se inclina sobre mim para puxar o trinco da porta, seu ombro me pressionando contra o assento enquanto ele o abre. Ele começa a se afastar, depois faz uma pausa. Seu rosto está a centímetros do meu, tão perto que posso ver a barba crescendo em sua mandíbula, a escuridão inebriante que rodopia em seus olhos, me atraindo, a plenitude daqueles lábios que me fizeram gozar com tanta força que acho que chorei um pouco. De repente, o ar sai do carro e não consigo respirar. Quando eu rasgo meu olhar de seus lábios, o dele segue, subindo dos meus lábios no mesmo momento. Nossos olhos se encontram, e meu coração gagueja no meu peito.

Os dedos de Royal encontram meu queixo, levantando-o suavemente. — Saia do meu carro, — diz ele novamente, sua voz baixa e fria agora. — Você está fazendo com que cheire a lixo.

Eu me afasto e deslizo para fora da porta, grata que ele a abriu para mim, tornando a fuga fácil. Eu realmente cheiro ruim? Fizemos sexo e brincamos por horas na noite passada e esta manhã. Ele tomou banho depois, e eu não. De repente, tenho certeza de que cheiro como um pântano, e ele não me contou o dia todo até agora. — Você é um verdadeiro pedaço de merda, você sabe disso, Royal?

— Foi o que me disseram, — diz ele, parecendo um pouco entediado.

— Vá para o inferno, — eu estalo.

— Vejo você lá, Cherry Pie.

Cerro os dentes, determinada a não lhe dar a satisfação das últimas palavras. — Então, eu acho que a hora divertida e sexy do Royal se aposentou por um dia, — eu digo, dando-lhe um pequeno aceno fofo, embora eu esteja fervendo por dentro. — Se ele voltar, diga a ele para me ligar, e talvez façamos isso de novo algum dia. Se esse cara vier bater, temo não atender. — Eu bato a porta, com a intenção de ir embora com um pequeno balanço nos quadris para dar a ele algo em que pensar esta noite.

Mas a janela desce e ele joga a bolsa fora. — Não se esqueça do seu controle de natalidade, — diz ele. — Quando eu ligar, você terá essa boceta pronta para mim. Se você não atender quando eu bater, usarei a porta dos fundos.

Ele muda de marcha e vai embora, e eu juro que posso ouvir o bastardo rindo para si mesmo.

Eu me viro para entrar, mas Blue acena. — Quem era aquele? — ela pergunta, inclinando a cabeça e apertando os olhos para o sol da tarde.

Eu dou de ombros. — Ninguém. Apenas um cara.

No momento em que digo as palavras, sei que são uma mentira. Royal não é apenas um cara para mim. Não mais. Eu sabia que estaria fodida se fodêssemos, e aqui estou eu. Fodida. De volta onde eu jurei que nunca estaria. Depois de Colin, jurei que nunca cairia nas doces mentiras de um lindo saco de merda. Depois de Maverick, decidi que casual não funcionava para mim. E com Royal, eu disse que não seria seu segredinho sujo.

E eu quebrei todas as regras para ele.

Pelo menos eu sei que ele está quebrando tudo por mim também. Isso é um consolo, por menor que seja.

— Um cara *rico*, — diz Blue. — Um Range Rover é como o carro mais caro que existe.

— Não, não é, — diz Olive, olhando para cima de onde ela está dirigindo pequenas Hotwheels ao longo do braço de sua cadeira.

— Eu não sei nada sobre carros, — eu digo com um encolher de ombros. É verdade. Não sei quanto custa um Range Rover porque não tem nada a ver com a minha vida. Mas pelo jeito que ele anda, os assentos de couro e o luxo parecem dentro dele, eu poderia ter adivinhado, mesmo que não fosse dirigido por Royal Dolce.

— Eu sei muito sobre carros, — diz Olive. — Um Range Rover é um dos SUVs mais caros, dependendo do modelo. Quando eu crescer, vou dirigir um Bugatti. Isso é mais caro.

Eu levanto uma sobancelha para Blue, que dá de ombros. — É por isso que você estava se arrumando ontem à noite?

— Sim, — eu digo. — Ele joga futebol.

— Bem, me foda de lado, — diz ela, puxando um maço de cigarros do bolso de sua jaqueta jeans. — Nunca pensei que veria o dia em que Harper Apple estaria saindo com um jogador de futebol rico.

— Oh, nós não estamos saindo, — eu digo. — Estamos apenas conversando.

Ela dá de ombros e acende. — Como uma coisa de *uma linda Mulher*?

— Talvez algum dia, — eu digo, incapaz de esconder um pequeno sorriso. Esse é o conto de fadas que conhecemos. Esqueça Cinderela. Nosso tipo não pode se relacionar com aquele.

Blue me estuda pelo canto do olho, então me entrega o pacote. — Você entendeu mal, — diz ela. — Você vai precisar de um desses.

— Obrigada, — eu digo, enganchando um polegar de volta para minha casa. — Mas é melhor eu ir tomar banho. Eu sinto que estou cheirando mal.

Ela corta os olhos para Olive. — Venha conversar mais tarde?

Eu entro e tomo banho, me perguntando o quão patética eu sou agora. Por um lado, Royal não teve nenhum problema em ficar com o nariz no meu negócio por uma hora na noite passada. Ele não parecia se importar com o meu cheiro até então. Na verdade, ele ficava dizendo como era bom, e pelo jeito que ele agia, não eram apenas palavras. Ele era a cadela sedenta, não eu. Ele não conseguia o suficiente.

Por outro lado, ninguém quer cheirar mal. E quando você é uma garota, e você não pode fazer muito sobre certos odores que todo mundo diz para você encobrir, é ainda pior. Eu continuo dizendo a mim mesma que ele está apenas sendo um idiota, me batendo com o golpe mais baixo, como se eu dissesse a ele que seu pau era pequeno. A diferença é que ele sabe que está bem. Eu não sei se ele realmente odeia o meu cheiro ou não. E eu me odeio por me importar.

Saio do chuveiro e vou para a cozinha. Não há um único pacote de macarrão no armário. Os amigos da mamãe devem ter limpado o que sobrou das compras da mercearia da semana passada, porque o único sustento em toda a casa vem na forma de cerveja quente em latas meio vazias.

Suspiro e começo a limpar. Eu não posso fazer muito sobre viver em uma casa de tijolos de merda que cheira a um bar, mas isso não significa que o interior precisa parecer o resultado de uma festa de fraternidade.

Eu lanço vasilhames, limpo os cinzeiros e esfrego tudo com limpador. No momento em que termino, a casa está montada novamente, e meu estômago está roncando como um leão. Como o carro se foi, não posso ir à loja, então me distraio sentando no computador. Sem surpresa, tenho várias mensagens do Sr. D perguntando por que perdi meu check-in de sexta-feira.

Fecho os olhos, sentindo-me mais culpada do que nunca quando começo a enchê-lo de informações. Toda vez que faço isso, parece pior do que na semana passada. Especialmente agora, quando me importo com Royal, mais do que quero. Mas ele deixou claro que eu deveria ser apenas seu saque, então foda-se. Ele não me deu uma bolsa de vinte e cinco mil dólares. Quando ele estiver pronto para me tratar tão bem quanto o Sr. D, deixarei de dever ao Sr. D informações sobre ele. Então, eu passo o dia na sexta-feira, o jogo e a festa. Hesito antes de mergulhar no resto, mas sei que tenho que contar a ele.

As coisas sobre o Sr. Dolce serão o que ele mais quer. Essa é a informação que pode causar mais problemas à família, que pode derrubá-los. É o mais perto que cheguei do coração pulsante da fera. Então, eu continuo, porque eu sou uma lutadora e isso é o que eu prometi fazer, não importa o quanto isso me machuque. Ninguém sai de uma boa luta sem algumas cicatrizes, distintivos que

diziam que você era forte o suficiente para aguentar a dor não apenas dos socos deles, mas também dos seus.

BadApple: Ele me levou para a casa dele e eu conheci o pai dele

MrD: Como ele era?

BadApple: Total rasteiro

MrD: O que ele fez?

BadApple: Basicamente disse que nos damos bem e eu deveria ficar quieta sobre isso

MrD: Você fez isso?

BadApple: Bruto não. Ele tem uns 40. Eu ainda sou uma menor

MrD: 17 é legal aqui.

BadApple: claro que você sabe disso

MrD: Claro que sim. ;)

BadApple: talvez você devesse parar de lutar contra os Dolces e unir forças. Como melhores amigas pervertidas.

MrD: Você foi tentada?

BadApple: Claro que não

MrD: Você disse que me deixaria te foder, e você nem sabe quem eu sou. Eu poderia ser horrível.

BadApple: havia mais que isso

MrD: O que mais?

BadApple: Ele pode ser um bêbado. Ele sente falta da filha. Ofereceu me levar para casa hoje. Diz que limpa a bagunça dos filhos. Talvez abortos??

MrD: E quanto ao Royal?

BadApple: Ele me levou para casa

Eu não estou prestes a entrar na coisa do susto da gravidez. Algumas coisas são pessoais.

MrD: Você deixou ele foder você?

BadApple: Como isso é relevante?

MrD: Eu faço perguntas, você responde. Lembra?

Bad Apple: sim

MrD: Sim, você se lembra, ou sim, ele te foden?

Bad Apple: sim

MrD: Ambos?

Bad Apple: sim

MrD: Fale-me sobre isso.

BadApple: Acabei de fazer

MrD: Eu quero detalhes.

BadApple: Eu não vou te dar uma fantasia de masturbação. Use sua imaginação. Nós fodemos. Foi bom. Nós dois gostamos. Fim da história.

MrD: Ele é grande?

Bad Apple: Irrelevante

MrD: Não é assim que funciona, Harper.

Fecho os olhos e respiro fundo pelo nariz. Eu odeio ficar devendo as pessoas. Eu nunca deveria ter feito isso. Mas é tarde demais para voltar atrás agora. E contar a ele sobre uma experiência sexual pode ser deselegante, mas não é como se fosse prejudicar a família. Informações sobre o problema de bebida do Sr. Dolce provavelmente afetarão a família, mas é claro que o Sr. D está pouco interessado nisso. Ele prefere saber se eu queria foder pai e filho.

Bad Apple: sim

MrD: Qual o tamanho?

BadApple: Eu não sei, não peguei minha fita métrica

Por um minuto, me pergunto se ele não é o Sr. Darling. Se ele é Duke ou Baron, e eles estão fodendo comigo agora. Ou se é Royal, e ele está tentando

obter uma crítica honesta. Mas não. Se eles soubessem que eu estava contando tudo isso a alguém, mesmo que fosse realmente eles, eles me matariam. Respiro fundo e limpo as mãos no jeans.

MrD: Doeu quando ele afundou naquela boceta apertada e jovem?

BadApple: você precisa de ajuda

BadApple: Sim. É isso que você quer ouvir? Sobre o pau de outro homem e como ele quase me rasgou pelas costuras, como era mais profundo dentro de mim do que qualquer um jamais esteve, e eu gritei quando ele gozou dentro de mim?

MrD: Você fez?

BadApple: como uma estrela pornô

MrD: Você estava nua?

Bad Apple: sim

MrD: Que posição?

BadApple: não lembro

MrD: Merda. Eu quero todos os detalhes. Dê-me um jogo por jogo. Deixe-me imaginar como se eu fosse o único a fazer você gritar.

BadApple: você é tão mandão quanto ele

MrD: Ele é dominante então?

Bad Apple: sim

MrD: Ele exigiu um boquete?

Bad Apple: sim

MrD: Você fez isso?

Bad Apple: sim

MrD: De joelhos na frente dele ou na cama?

Bad Apple: sim

MrD: Estou tão duro agora.

BadApple: não é esse o ponto de você se meter na minha vida sexual?

MrD: Ele te fodeu no estilo cachorrinho?

Bad Apple: não

MrD: Eu te foderia no estilo cachorrinho. Aposto que você ficaria bem em suas mãos e joelhos.

BadApple: hora amadora

MrD: O que?

BadApple: Mãos e joelhos. Ninguém faz isso. Não são mais os anos 90.

MrD: Você não faz cachorrinho? Você não sabe o que está perdendo.

BadApple: cachorrinho, mas não assim

MrD: Como você quer que eu te foda no estilo cachorrinho?

BadApple: Eu não faria

MrD: Então Royal. Como você gostaria que ele te fodesse no estilo cachorrinho?

BadApple: Com a mão no meu cabelo segurando meu rosto no travesseiro

Há uma longa pausa, então eu tenho que assumir que o Sr. D está soltando sua carga. Eu me sinto suja e um pouco doente. Eu me levanto e checo a geladeira novamente, debatendo se devo comer maionese do pote. Pelo menos eu vou saber se é Royal da próxima vez que transarmos. Ele definitivamente vai querer fazer isso se gostar de imaginar. Volto para o computador. Ele leva cinco minutos completos para escrever de volta.

MrD: Que posição?

BadApple: ainda estamos nisso?

MrD: Você não terminou.

BadApple: em pé, missionária, vaqueira

MrD: Você montou nele?

Bad Apple: sim

MrD: Ele era bom?

Bad Apple: sim

MrD: Ele fez você gozar?

Bad Apple: sim

MrD: Quantas vezes?

Bad Apple: 10

Isso é um exagero, mas ele nunca saberá. A menos que seja realmente Royal...

Minha pele se arrepia com aquela sensação assustadora de novo, como se estivesse sendo observada. Verifico as cortinas, mas elas já estão fechadas.

MrD: Ele fez cunilíngua?

Bad Apple: sim

MrD: Ele era bom?

Bad Apple: sim

MrD: Ele ficou de joelhos?

Bad Apple: não

MrD: O que você mais gosta na sua boceta, boca ou pau?

Bad Apple: idk ambos iguais

MrD: E os gêmeos?

Bad Apple: o que dizer deles?

MrD: Você pode fodê-los e relatar de volta?

Bad Apple: hum não

MrD: Por que não?

Ele está falando sério? Eu não fodi Royal para agradar sua bunda velha pervertida. Mas por alguma razão, eu não quero dizer isso a ele. Uma coisa é

passar pelos detalhes físicos, mas não vou dizer a ele que gosto de Royal. Primeiro, ele pode desistir do acordo. Eu deveria estar do lado dele. E em segundo lugar, isso não é algo que eu queira falar, mesmo com Blue, que é a coisa mais próxima que tenho de um amigo de verdade. Definitivamente não para um velho pervertido se masturbando atrás de um teclado.

BadApple: porque eu sou o brinquedo do Royal e ele não vai deixar.

MrD: Ah, sim. Isso mesmo. Você me disse isso. Bem, eu gostei imensamente deste relatório. Deixe-me saber como ele joga com você da próxima vez.

BadApple: Isso só vai me transformar em um pornô grátis para você?

MrD: Algumas pessoas conseguem fazer isso, outras têm que viver indiretamente.

BadApple: Você não pode assistir pornô como uma pessoa normal?

MrD: Você é muito melhor do que pornografia.

Ui, bruto. Eu desligo e vou tomar outro banho, me sentindo mais suja do que quando eu tinha o sêmen de Royal pingando de mim. Talvez eu devesse fazer merda com antecedência da próxima vez. Eu realmente não quero ele todo no meu negócio, especialmente agora. E eu me sinto estranha contando a ele sobre o pau de Royal. Funciona. Por que ele precisa saber mais do que isso? Aliás, por que ele precisa saber tanto? Por que ele está vivendo indiretamente através de mim em vez de sair para pegar um pouco para si mesmo? Mesmo que ele seja horrível, como ele sugeriu, ele é rico. Não importa a aparência dele, ele poderia contratar uma prostituta por muito menos que vinte e cinco mil. Inferno, por isso ele provavelmente poderia comprar uma escrava sexual inteira no mercado de tráfico humano.

Eu tremo e desligo a água, uma ideia me vem enquanto saio do chuveiro. E se ele não puder contratar uma prostituta onde está? Há um lugar onde mesmo um cara rico não consegue uma garota, e tenho certeza que o Sr. Dolce enviou alguns Darlings para lá. Minhas mãos estão tremendo enquanto coloco meu pijama, e não é apenas de fome. É apenas um palpite, mas pode ser a resposta. Se eu estiver certa, posso descobrir quem ele é. Tudo o que tenho a fazer é descobrir qual Sr. Darling está na prisão.

Ele tem acesso ao dinheiro dele, de alguma forma, já que ele forneceu minha bolsa de estudos. Não posso arriscar falar com Colt e matá-lo, mas há outros Darlings nesta cidade. O pai de Colt, por exemplo. E há outro menino Darling, um que quase ninguém fala. Devlin desapareceu com a irmã Dolce, mas e Preston, a Dixie disse que era fácil rotular como mal? Ele poderia me ajudar? Se eu desse ao Sr. D a informação que ele precisa, e ele realmente está na prisão,

quem faria o trabalho sujo de derrubar os Dolces?

Ele espera que eu faça isso? Ou ele tem alguém de fora para agir por ele?

Porque eu acho... eu realmente ousou esperar... que finalmente estou dentro.

Royal baixou a guarda. Ele confia em mim o suficiente para me deixar dormir lá, em sua casa. Se eu voltar, terei acesso a seu pai novamente, a ele, a seus irmãos. Ele pode achar que não confia em mim, mas está começando a confiar.

Eu desbloqueei algo e o fiz gozar, e agora ele quer me manter. Isso é exatamente o que eu queria - chegar perto. Claro, eu tive que desistir do meu corpo e provavelmente do meu coração por isso, mas vai valer a pena no final, quando eu vencer. Mesmo quando estamos lutando, mesmo sendo inimigos, algo mudou.

Royal cuidou de mim hoje para que ele possa me ter novamente. Contanto que eu o faça voltar para mais, posso descobrir o que preciso saber sobre ele. Estou na casa dele. Na cama dele. É apenas uma questão de tempo até que eu esteja na cabeça dele, até que eu ganhe sua confiança e seus segredos. Então, ele será meu para derrubar.

— Então deixe-me ver se entendi, — diz Duke no caminho para casa da escola na quarta-feira. — Você vai arruinar Harper sozinho? Não podemos ajudar *em nada*?

— Se eu precisar de ajuda, eu te aviso.

— Ela está te pegando, cara, — Baron diz, balançando a cabeça. — Você quase fodeu com os olheiros porque ela usava uma roupa de sacanagem. Você perdeu um jogo por causa dela.

— Você também, — eu indico.

— Porque você quase morreu, — diz Duke. — Isso poderia ter esperado até domingo.

— Não, — eu digo. — Não podia.

— Tudo bem, — diz Baron. — Mas saiba que você não pode ficar com ela. Ela não é sua boneca Darling.

— Eu sei disso, — eu estalo. — Deixa para lá.

Ele e Duke fazem aquela dupla troca de olhares. Eu quero matá-los toda vez que eles fazem isso. Se eu já não tivesse assassinado minha própria gêmea, estaríamos olhando um para o outro, sabendo o que os gêmeos não sabem.

Eu quero ficar sozinho, mas no momento em que entro pela porta, a porra da empregada está no meu pau.

— Senhor Dolce, — ela diz, agitando seus invisíveis cílios loiros para mim e torcendo as mãos na frente dela como algo saído de um desenho animado. — Você precisa de comida?

— Eu preciso de um pouco de paz do caralho na minha própria casa, — eu estalo. — E eu não sou o Sr. Dolce. Este é meu pai.

— Um pouco de água, então? — ela pergunta, parecendo tão esperançosa que eu desisto com um suspiro, e ela sai correndo.

Duke bate no meu ombro. — Jogue um osso para a pobre Helga, — diz ele, sufocando o riso. — Ela fica com a boceta molhada toda vez que vê você.

— O papai exige que ela use aquele uniforme ridículo? — Eu pergunto. — Parece que ela está fazendo um teste para um anúncio da St. Pauli Girl¹⁶.

— E todos nós nos beneficiamos, — diz Duke, jogando um braço sobre o ombro de Baron. — O que você disse? Quer colocar seus contatos e puxar o velho switcheroo¹⁷ nela? Ou o time duplo?

Se papai parasse de contratar estrangeiras gostosas com menos de vinte anos para trabalhar em nossa casa, ele teria uma rotatividade menor. Com esses dois por perto, nenhuma delas dura muito. Mas então, tenho certeza que ele fodeu tantos delas quanto os gêmeos. Inferno, é provavelmente parte do processo de entrevista.

Depois de pegar a água de Helga, subo as escadas, chuto os sapatos para debaixo da cama e me espreguiço. Eu estive fora do meu jogo a semana toda. *Maldita Harper*. Mesmo que todos saibam e tenham deixado a em paz agora, e saibam que ela é minha, ainda tenho que pensar no que ela faz quando sai da escola. Quem já viu o vídeo? Quem sabe que é ela? As pessoas estão se metendo com ela, do jeito que fizeram naquela festa?

A culpa é minha. Isso é o pior de tudo. Eu fodi tudo, e agora estou pagando.

E se estou pagando, ela está pagando dez vezes pior.

Eu pressiono meu polegar e dedo nas órbitas dos meus olhos, tentando não pensar na merda que fiz com ela. A coisa é, eu deveria fazer coisas de merda com ela. Tudo faz parte do plano.

Pego um travesseiro e enterro meu rosto nele, procurando o cheiro que ela deixou nele no sábado. Eu nem vou pensar em quão fodido é que isso me acalma. Isso não faz parte do plano. Eu puxo os cobertores e rastejo procurando pelo cheiro dela como um cachorro farejando uma cadela no cio. Eu preciso dela como uma correção. Isso não vai me impedir de destruí-la, mas significa que vou amar cada momento da destruição, mesmo que ela me destrua também. Porra, espero que sim.

Eu amonto o lençol para que eu possa enterrar meu nariz nele, tentando encontrar um rastro dela. Sim, eu sou o maldito idiota que não deixou a empregada lavar meus lençóis depois do sexo porque eu queria mantê-la neles o máximo que pudesse. Mas ela se foi.

Folheio meu telefone, abrindo o *OnlyWords*.

Começo a digitar: *Venha*. Eu olho para ele por cinco malditos minutos,

como se eu tivesse acabado de escrever um soneto e não tenho certeza se é perfeito. Então eu retrocedo, excluindo todas as letras. Eu não deveria querê-la assim. Eu não deveria me importar que estou deitado aqui pensando nela, e ela provavelmente está fora fazendo qualquer merda que as pessoas pobres façam na tarde de quarta-feira depois que o treino de futebol terminar.

Royal: O que você está fazendo?

Meus polegares perfuram as palavras antes que eu pense sobre isso. Então eu os apago também.

Royal: E aí?

Meu telefone toca na minha mão, e eu me atrapalho, com certeza é ela, que ela vai dizer algo sobre o quão idiota eu sou por não falar com ela nos últimos três dias na escola. É só que ela me surpreendeu e ficou toda estranha, amiga e risonha depois do sexo, e eu tinha que ter certeza de que ela sabia que eu estava falando sério. Eu não sou um cara legal, e eu não sou há muito tempo. Estou tão longe disso que me faz rir, o tipo de riso que dói. Tenho segredos que ela não pode saber, que nem meus irmãos sabem. E se machucá-la agora significa que ela vai ficar longe, então é isso que eu vou fazer. Posso estar disposto a destruir sua vida e destruir seu corpo e alma, mas não vou tocar seu coração. Isso é algo que ela deve guardar para si mesma, e até mesmo um monstro como eu pode reconhecer isso. Eu só preciso que ela faça o mesmo.

Pai: Desça. Eu preciso falar com você.

Eu suspiro e jogo meu telefone na cama e desço. Ele está em seu escritório com a porta aberta. Eu a fecho atrás de mim. — O que você precisa?

Ele balança a cabeça e coloca o telefone virado para baixo em sua mesa. — Você faz parecer que eu só falo com você quando preciso de algo.

— Você disse que precisava falar comigo.

Ele se recosta na cadeira e coloca as mãos atrás da cabeça. — Como vão as coisas com a menina Darling?

— Bem.

— Seus irmãos, — diz ele. — Eles se apegaram demais a última. Você vai se certificar de que isso não aconteça de novo?

Eu olho para ele. — Eu vou ter certeza.

Ele move os lábios para um lado e depois para o outro. — Eu acredito que você não terá esse problema?

— Saia da porra das minhas costas, — eu estalo. — Você conseguiu o que queria. Todos os pais estão fora do caminho. Dissemos que cuidaríamos das crianças, e vamos cuidar.

— Ok, — ele diz. — Não tenha uma atitude comigo.

— Então fique fora da minha vida, — eu digo. — Terminamos por aqui?

Ele me olha por um longo momento, então abre a gaveta de cima de sua mesa e tira um envelope. — Recebi os resultados de DNA que você pediu. Só pra ter certeza.

Minha mandíbula aperta involuntariamente. Eu sabia que estava chegando. Papai já me disse quem ela era, a filha de um dos Darlings renegados que viviam envergonhados em um estacionamento de trailers há dezessete anos. Nós conhecíamos sua linhagem. Por isso a escolhemos. Inferno, fui eu que peguei o DNA dela para ele enviar. Mas eu não queria saber o que isso diria ainda.

Papai o desliza sobre a mesa, com os lábios apertados. — É uma confirmação.

Acabou agora. Eu tenho que admitir a verdade que eu sabia o tempo todo.

Eu me viro e saio, sem me preocupar em responder. Helga vem correndo perguntar se preciso de alguma coisa e pisca. Eu mando ela se foder. Meu sangue ferve de raiva enquanto eu volto para o andar de cima.

Eu pego meu telefone, pronto para mandar uma mensagem para Harper e dizer a ela o que vai acontecer agora.

O aplicativo ainda está aberto no meu telefone, minha última mensagem ainda digitada, mas não enviada. Eu a apago antes de ver que já há uma mensagem lá.

Bad Apple: Sei que não estamos nos falando, mas espero que você esteja bem

Uma hora atrás, eu teria ficado tão tonto quanto uma criança de doze anos quando sua primeira paixão lhe mandasse um nude. Mas eu tive uma boa dose de realidade desde então. Harper não é uma garota que me faz sentir uma merda que não sinto há anos. Ela é a cria de um desses homens. A família dela me destruiu, e quando eu estava no ponto mais baixo que um homem pode estar, preso no inferno mais escuro de sua criação, eles levaram minha irmã, só para ter

certeza de que eu nunca sairia.

O que aconteceu no fim de semana passado... Foi um erro. Isso é tudo. Ela me pegou, como Baron disse. Eu deveria fodê-la e deixá-la devastada. Eu não deveria esquecer a porra de uma camisinha. Eu não deveria gozar dentro de sua boceta apertada Darling, não uma, mas duas fodidas vezes.

Como eu pude ser tão estúpido?

E se ela não estivesse disposta a tomar aquela pílula? Se houvesse um bebê Dolce-Darling no mundo? Sento-me, com certeza vou ficar doente. Não consigo nem pensar nisso sem querer vomitar. De jeito nenhum. Isso nunca pode e nunca vai acontecer. Eu a cortaria e afogaria os dois antes de deixá-la trazer tal monstro, tal abominação, ao mundo.

Erros como esse não podem acontecer. Eles não vão acontecer. Eu serei mais forte. Não me permitirei esquecer o plano ou viver em alguma fantasia onde ela não seja a inimiga. A prova está na mesa do papai. Ela nunca pode ser nada para mim além de uma posse, um brinquedo que é feito para ser quebrado e jogado fora, como uma piñata.

Eu a odeio não apenas por quem ela é, mas pelo que ela fez comigo. Ela me fez perder o controle. Ela me fez acreditar que ela se importava, que ela me viu. E o pior de tudo, ela me fez algo que eu jurei que nunca seria – fraco. Então eu não vou fazer isso rápido e indolor. Vou mostrar a ela o que significa se sentir fraco. Ser vulnerável. E eu vou mostrar a ela o que realmente significa ser um inimigo dos Dolces.

Se eu me importasse um pouco com ela, se eu fosse alguém misericordioso, eu a destruiria rapidamente e nunca mais falaria com ela. Mas não sou misericordioso. Vou extrair o pagamento dela lentamente, desfrutando - sem *saborear* - cada momento de seu tormento como o doce mais doce.

Afinal, ela é uma Darling, e todo Darling deve pagar.

Continua...

Notas

[←1]

Filme de terror, em português Escolhida.

Pé Grande. O protagonista de uma série de anúncios publicitários de Jack Link's Beef Jerky . Sasquatch é descrito como um humanóide grande e peludo que está sempre sendo enganado por humanos comendo carne seca de Jack Link. Isso leva Sasquatch a ficar furioso e retaliar seus antagonistas, com resultados hilários.

[←5]

Deshaun é um garoto engraçado , bonito e inteligente, ele é leal e nunca vai te trair , ele é difícil de falar com alguma coisa, mas ele é um cara legal e ama todos os seus amigos

[←7]

Uma pessoa com muitos alter egos e que não sabe nada. Nunca acredite no que Jailbird lhe diz porque provavelmente está errado.

Fora dos registros.

Gíria de gangue para qualquer tipo de arma, principalmente glocks e pistolas

[←10]

Um pequeno recipiente portátil no qual você coloca qualquer tipo de bebida para manter sua temperatura constante enquanto você a bebe

Marca de cigarros

[←12]

Uma baihna protetora usada por homens em esportes para cobrir seus genitais.

Uma majorette é uma dançarina que gira bastões cuja performance é frequentemente acompanhada de movimentos ou ginásticas, elas são primariamente associadas a bandas marciais durante desfiles.

Pise na minha bandeira, eu vou pisar na sua bunda

Hidratante labial.

[←16]

St. Pauli Girl é uma cerveja alemã fabricada pela Brauerei Beck GmbH & Co. KG em Bremen, na Alemanha.

Quando se envolve em sexo estilo cachorrinho com alguém em um quarto escuro , você sai rapidamente, enquanto um amigo toma seu lugar, com seu parceiro nem um pouco mais sábio . enquanto seu amigo está fazendo sexo, você corre pela casa e acena para seu parceiro pela janela .